



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIANA RODRIGUES FERREIRA FANTINELLI DELECRODE

**ENTRE SAUDAÇÕES, ABRAÇOS E BÊNÇÃOS:  
UM PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO E GENÉTICO-  
ESTILÍSTICO NAS CORRESPONDÊNCIAS DA FAMÍLIA  
CAMBARAENSE RODRIGUES FERREIRA**

MARIANA RODRIGUES FERREIRA FANTINELLI DELECRODE

**ENTRE SAUDAÇÕES, ABRAÇOS E BÊNÇÃOS:  
UM PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO E GENÉTICO-  
ESTILÍSTICO NAS CORRESPONDÊNCIAS DA FAMÍLIA  
CAMBARAENSE RODRIGUES FERREIRA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Orientador: Profa. Dra. Edina Regina Pugas Panichi.

Londrina  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Delecrode, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli .

Entre saudações, abraços e bênçãos : um percurso epistológico e genético-estilístico nas correspondências da família cambaraense Rodrigues Ferreira / Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode. - Londrina, 2025. 251 f. : il.

Orientador: Edina Regina Pugas Panichi.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Crítica Genética - Tese. 2. Documentos de processo - Tese. 3. Epistolografia - Tese. 4. Estilística - Tese. I. Pugas Panichi, Edina Regina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

MARIANA RODRIGUES FERREIRA FANTINELLI DELECRODE

**ENTRE SAUDAÇÕES, ABRAÇOS E BÊNÇÃOS:  
UM PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO E GENÉTICO-  
ESTILÍSTICO NAS CORRESPONDÊNCIAS DA FAMÍLIA  
CAMBARAENSE RODRIGUES FERREIRA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Profa. Dra. Edina Regina Pugas Panichi  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Eva Cristina Francisco  
Instituto Federal de São Paulo - IFSP

---

Profa. Dra. Marilúcia dos Santos Domingos  
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Londrina, 12 de dezembro de 2025.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, supremo criador e mantenedor, pelas inúmeras vezes que senti sua presença e sua guia, desde o processo seletivo até a concretização desta tese. “Graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo, e por nosso intermédio exala em toda parte o bom perfume do seu conhecimento, porque para Deus somos o aroma de Cristo (...)” (2 Coríntios 2:14-15).

Aos meus pais, Dorivaldo Fantinelli Junior e Gabriela Rodrigues Ferreira Fantinelli, os agradecimentos mais puros do meu coração. Vocês me prepararam para a realização desta produção. Obrigada por terem oferecido o seu melhor, em todas as instâncias da vida, a fim de garantirem a minha felicidade. Espero que a minha trajetória seja motivo de orgulho diário!

À minha orientadora, Profa. Dra. Edina Regina Pugas Panichi, pela confiança depositada em mim, pelos apontamentos, resolução de dúvidas, orientações e liberdade concedida para o desenvolvimento desta tese.

À Profa. Dra. Eva Cristina Francisco e ao Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello, pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições apresentadas no debate do Seminário de Dissertações e Teses em Andamento (SEDATA).

À banca examinadora composta pelas Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro, Profa. Dra. Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira, Profa. Dra. Eva Cristina Francisco e Profa. Dra. Marilúcia dos Santos Domingos, pela alegria e educação, desde o nosso primeiro contato, ao aceitarem a incumbência de analisar e apontar os direcionamentos teóricos para a melhoria desta tese.

A todos os entrevistados nominados nesta tese — membros da família Rodrigues Ferreira e Dona Leiva — pela pronta participação, pela emoção verbalizada em cada palavra e por terem relatado memórias históricas e afetivas tão significativas que, com toda certeza, possibilitaram resgatar informações e dados relevantes que puderam comprovar os documentos de processo utilizados, os quais foram arquivados pelas mãos amorosas da família.

À minha avó paterna, Neusa Bergamaschi Fantinelli, mulher admirável, meu exemplo do que significa amor e cuidado, pelas orações e por entregar a minha vida, diariamente, nas mãos de Deus. Eu tenho certeza de que as suas preces foram e têm sido atendidas!

À minha avó materna, Helena M. Rodrigues Ferreira, por sempre ter uma mesa de lanche me esperando em nossos encontros e por ter me ensinado a colocar Jesus à frente de

tudo, porque Ele sabe o que é melhor para nós.

Aos meus irmãos, Marina R. F. Fantinelli Vilela e Gabriel R. F. Fantinelli, porque são meus parceiros de vida. Lutam as batalhas comigo e comemoram minhas vitórias. Vocês são os melhores irmãos do mundo!

Ao meu marido, Danilo Gustavo Delecrode, que me mostra, diariamente, o que é o amor prático. Obrigada, meu amor, pelo apoio emocional e por estar “nos bastidores” junto com a minha família, sempre que foi necessário. O seu suporte foi fundamental para a conclusão desta etapa. Agora, celebramos a vida do maior amor que Deus nos concedeu, descoberto ainda no processo de qualificação desta tese: o nosso bebê, que vem como “cheiro de vida para a vida” (2 Coríntios 2: 16) e fecha com chave de ouro a produção desta tese!

À minha sogra, Eunice L. Delecrode, aos meus cunhados, Priscila A. M. Fantinelli, Kleber E. Vilela, Daniel A. Delecrode, Camila Barroso Rosa, Daniely Serrato e Sidebel Serrato, pelas conversas, risadas e momentos de descontração em família. Vocês ajudaram a amenizar os momentos tensos de leitura e produção do texto!

Aos meus sobrinhos, Rael M. Fantinelli, Maria Eduarda L. Serrato e Maria Luiza L. Serrato, crianças que trouxeram alegria e cor aos encontros! Vocês são a parte mais linda da vida da tia Mari. Amo vocês!

À amiga-irmã e “dinda”, Rosali P. Garcia, pelo cuidado, preocupação e amor sempre que estávamos juntas.

Às amadas amigas que a UEL me deu de presente, Angélica Bertolazzi, Ana Carolina Bernardino e Susannah Yoshimi, pelos conhecimentos partilhados, pela companhia nas aulas e, principalmente, pelas oportunidades que tivemos de estar juntas, seja em eventos, cafés ou jantares. Eu aprendi muito com vocês! Obrigada por tudo!

Ao grupo Edina 3, meus agradecimentos pela amizade verdadeira que construímos ao longo desta caminhada. Estabelecemos parcerias não só para as produções acadêmicas, mas para a vida, porque sei que posso contar com cada um de vocês. Que possamos ter muita história para lembrar e viver juntos!

Aos meus tios e primos, pelo apoio, carinho e por acompanharem, com interesse e amor, o desenvolvimento desta tese.

À Eduel, representada pela figura do diretor, Prof. Gilmar Altran, pelos conhecimentos técnicos adquiridos para subsidiarem a produção deste texto, além de todo o apoio para a participação dos eventos e das etapas constitutivas do Doutorado.

À UEL e ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) meus agradecimentos, em especial, aos professores, Secretaria e Coordenação, por estarem de

prontidão na resolução das dúvidas, por proporcionarem momentos de crescimento acadêmico durante as disciplinas, a despeito das adversidades enfrentadas pela educação pública, pela atenção e por tornarem possível a realização desta tese.

**A todos, meu muito obrigada!**

*“O homem que não estiver disposto a lutar pela conservação dos valores que lhe legaram seus antepassados e para proteger sua casa é indigno desse lar e dessa herança”.*

Thomas Jefferson

DELECRODE, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli. **Entre saudações, abraços e bênçãos: um percurso epistolográfico e genético-estilístico nas correspondências da família cambaraense Rodrigues Ferreira.** 2025. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

## RESUMO

Consideradas verdadeiros memoriais de criação, as cartas oferecem valiosos elementos para os estudiosos das diversas artes, especialmente para a literatura, além de fornecer subsídios para as percepções teóricas da Epistolografia, um dos campos de estudos da Crítica Genética. Também é possível encontrar em seu conteúdo substanciais recursos estilísticos, responsáveis pela construção da expressividade ao caracterizar os momentos de afetividade e de carinho e a linguagem utilizada para marcar as relações comerciais e políticas nas mensagens trocadas entre remetente e destinatário. Esta tese perscruta as correspondências recolhidas e arquivadas do acervo da família Rodrigues Ferreira a partir dos aportes teóricos selecionados, a saber, a Crítica Genética — Ostrower (1987), Panichi (2016); Salles (1998, 2000) —, a Epistolografia — Haroche-Bouzinac (2016); Malatian (2009); Miranda (2000); Moraes (2007); Passos (2014); Roquette (1997 [1845]) — e a Estilística — Bally (1951); Câmara Jr. (1972, 1978, 1997); Guiraud (1978); Henriques (2018); Lapa (1998); Martins (2012); Melo (1976) e Monteiro (2005) —, com o propósito de comunicar a sua importância para a história do município de Cambará (PR), com destaque para o seu patriarca, Octavio Rodrigues Ferreira, e encontrar, nestes documentos de processo, marcas de estilo e de expressividade que ajudarão a compor os perfis dos assinantes das missivas. Além das correspondências, serão apurados jornais de época, fotografias, entrevistas e dados de encontros realizados com membros da família e com familiares e amigos dos demais correspondentes encontrados nas cartas, como requisito de constituição do *corpus*. A observação e a organização dos dados recolhidos são analisados com o auxílio do aporte interpretativista que privilegia a interpretação e a subjetividade como formas legítimas e necessárias de conhecimento e se concentra em compreender o contexto e a perspectiva dos sujeitos envolvidos no fenômeno estudado. As cartas analisadas comprovaram ser um rico material de análise histórica, além de um monumento de memórias que possibilitaram direcionar o olhar às circunstâncias de produção do gênero, regulando as trocas de informações entre os correspondentes, medindo seu grau de relacionamento por meio da seleção lexical, do comportamento da escrita e do trabalho com a linguagem.

**Palavras-chave:** Crítica Genética; Documentos de processo; Epistolografia; Estilística.

DELECRODE, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli. **Among greetings, embraces and blessings: an epistolographic and genetic –stylistic journey through the correspondences of the Rodrigues Ferreira family from Cambará.** 2025. 230 f. Thesis (Doctorate Degree in Language Studies) – State University of Londrina, Londrina, 2025.

## ABSTRACT

They are considered true memorials of creation, the letters offer valuable elements to the scholars of various arts, specially for the literature, besides they supply subsidies to the theoretical perceptions of the Epistolography, one of the fields of studies of Genetic Criticism. It is also possible to find in their substantial stylistic resources, responsible for the construction of the expressivity whether in characterizing the moments of affection and tenderness and the language used to trace the commercial and political relations from messages changed between sender and receiver. This thesis scrutinizes the correspondences collected and filed from the Rodrigues Ferreira family's collection from theoretical aspects selected, namely, The Critical Genetic — Ostrower (1987), Panichi (2016); Salles (1998, 2000) – the Epistolography — Haroche-Bouzinac (2016); Malatian (2009); Miranda (2000); Moraes (2007); Passos (2014); Roquette (1997 [1845]) — and the Stylistic — Bally (1951); Câmara Jr. (1972, 1978, 1997); Guiraud (1978); Henrique (2018); Lapa (1998); Martins (2012); Melo (1976); Monteiro (2005) — with the proposal to communicate their importance for the history of the city of Cambará (PR), highlighting his patriarch, Octávio Rodrigues Ferreira, and to find, in these documents of the process, marks of style and expressivity that will help to compose the profiles of the subscribers of the letters. Besides the correspondences, newspapers of that time, pictures, interviews and data of the meetings made with family members and friends of other correspondents found on the letters will be analyzed, as a requirement of the corpus constitution. The observation and organization of the collected data are analyzed with the support of the interpretivist approach, which privileges interpretation and subjectivity as legitimate and necessary forms of knowledge, focusing on understanding the context and perspective of the subjects involved in the phenomenon under study. The analyzed letters proved to be a rich source of historical analysis, as well as a monument of memories that made it possible to direct attention to the circumstances surrounding the production of the genre, regulating the exchange of information between correspondents and gauging their degree of relationship through lexical selection, writing behavior, and linguistic choices.

**Key-words:** Genetic Criticism; Process Documents; Epistolography; Stylistics.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> –	A pesquisadora e a entrevistada Dona Leiva .....	43
<b>Figura 2</b> –	Foto de casamento dos pais, Benigno e Hilda .....	43
<b>Figura 3</b> –	A família Benigno, Hilda e Leiva indo a um encontro festivo .....	44
<b>Figura 4</b> –	Joaquim Rodrigues Ferreira, pai de Octavio.....	48
<b>Figura 5</b> –	Bodas do casal.....	48
<b>Figura 6</b> –	Manoel Maria Leal, o “Leal” .....	49
<b>Figura 7</b> –	Recortes da ata de instalação do município de Cambará.....	49
<b>Figura 8</b> –	Provável local de internação de Verginia .....	50
<b>Figura 9</b> –	Correspondência enviada por Octavio a Verginia, em 6 de maio de 1942 .....	51
<b>Figura 10</b> –	Primeira linhagem dos Rodrigues Ferreira .....	53
<b>Figura 11</b> –	Bandeira e brasão de Jundiá do Sul .....	56
<b>Figura 12</b> –	Cópia do canhoto de anuidades e despesas devidas pelos alunos chamados de “Irmãos Rodrigues Ferreira” .....	57
<b>Figura 13</b> –	Contribuição semestral dos alunos Benedito e José Rodrigues Ferreira no Colégio Diocesano e Escola Técnica de Comércio “Nossa Senhora de Lurdes” .....	57
<b>Figura 14</b> –	Correspondência que comunicava o desligamento de Octavio Filho do “Nossa Senhora de Lurdes” .....	59
<b>Figura 15</b> –	Major Antonio Barbosa Ferraz Júnior .....	63
<b>Figura 16</b> –	Octavio em um dia de trabalho em um dos terreirões da Fazenda Santana.....	64
<b>Figura 17</b> –	Patrimônio da Fazenda Santana .....	65
<b>Figura 18</b> –	Timbres utilizados pelo sr. Leal em seus papéis comerciais .....	67
<b>Figura 19</b> –	Correspondência enviada de Manoel Maria Leal a Octavio Rodrigues Ferreira.....	67
<b>Figura 20</b> –	O agricultor José Rodrigues Ferreira passa em revista as lavouras de trigo.....	70
<b>Figura 21</b> –	Erradicação da lavoura de café .....	70
<b>Figura 22</b> –	Lavouras de café de 1 e 2 anos da Fazenda Santana.....	71
<b>Figura 23</b> –	Hélio Manfrinato, Mário Conselvan, Otávio Rodrigues Ferreira e Oswaldo Leal .....	72

<b>Figura 24</b> – O prefeito e o agricultor desatam a fita simbólica .....	72
<b>Figura 25</b> – <i>Card</i> produzido pela UDN.....	73
<b>Figura 26</b> – Vencendo em Cambará, e ganhando em Sertanópolis.....	75
<b>Figura 27</b> – Cartão de saudações enviado por Othon Mader a Octavio .....	76
<b>Figura 28</b> – Convite ao povo – Inauguração da Casa de Misericórdia de Cambará .....	78
<b>Figura 29</b> – Membros da diretoria .....	78
<b>Figura 30</b> – Posse da diretoria, do Conselho Consultivo e do corpo clínico da Santa Casa de Cambará, em 1943.....	79
<b>Figura 31</b> – Cartão-convite para Octavio e família participarem da homenagem prestada à Reverendíssima Madre .....	85
<b>Figura 32</b> – Primeira página do <i>Cambará Jornal</i> , de 19 de agosto de 1945 .....	86
<b>Figura 33</b> – Convite do banquete oferecido a Octavio Rodrigues Ferreira, em 12 de agosto de 1945 .....	87
<b>Figura 34</b> – Programa do banquete oferecido ao intemerato chefe Octavio Rodrigues Ferreira .....	89
<b>Figura 35</b> – Rebeldes ocupando a rua por ocasião da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana .....	94
<b>Figura 36</b> – <i>Card</i> da campanha presidencialista de Eduardo Gomes.....	95
<b>Figura 37</b> – “Santinho” e card distribuídos para a campanha de Octavio .....	102
<b>Figura 38</b> – Representação da chapa de candidatos a vereador para as eleições municipais de 16 de novembro de 1947, em Cambará .....	104
<b>Figura 39</b> – Boletim de urna das eleições de 16 de novembro de 1947 .....	105
<b>Figura 40</b> – Relação de prefeitos eleitos pela UDN, em 1947 .....	106
<b>Figura 41</b> – Prefeitos que atuaram em nosso município .....	107
<b>Figura 42</b> – Matéria de primeira capa do jornal <i>Cidade de Cambará</i> .....	110
<b>Figura 43</b> – Ficha semanal de caixa .....	111
<b>Figura 44</b> – Correspondência enviada por Newton Carneiro a Octavio Rodrigues Ferreira .....	114
<b>Figura 45</b> – Cronologia das eleições recortadas até o ano de 1954 .....	115
<b>Figura 46</b> – Fotografia de Newton Isaac da Silva Carneiro (1914-1987) .....	116
<b>Figura 47</b> – Representação de Octavio Rodrigues Ferreira e Miguel Dinizo em desfile cívico em Cambará .....	118
<b>Figura 48</b> – Lista para deputados à Assembleia Legislativa do Estado, pela UDN .....	119
<b>Figura 49</b> – Suplentes de deputados à Assembleia Legislativa do Estado.....	119

<b>Figura 50</b> – Resultados das eleições municipais de Cambará, realizadas em 4 de outubro de 1959 .....	122
<b>Figura 51</b> – Entrega do título de cidadão honorário de Cambará e fotografia do diploma .....	122
<b>Figura 52</b> – Enlace matrimonial de Hilda de Castro e de Benigno Bittencourt Moraes.....	126
<b>Figura 53</b> – Timbre utilizado pelo sr. Benigno em seus papéis comerciais.....	129
<b>Figura 54</b> – Anúncios publicitários do comércio de Benigno Bittencourt Moraes .....	129
<b>Figura 55</b> – Telegramas enviados por Benigno Bittencourt Moraes enquanto presidente da Câmara de Vereadores de Cambará.....	131
<b>Figura 56</b> – Benigno Bittencourt Moraes (esquerda) e Octavio Rodrigues Ferreira.....	133
<b>Figura 57</b> – Pé de café com frutos filipe.....	134
<b>Figura 58</b> – Cleyde, Maria Helena e D. Hilda.....	135
<b>Figura 59</b> – Correspondência enviada por Benigno Bittencourt Moraes a Octavio Rodrigues Ferreira.....	137
<b>Figura 60</b> – Carta escrita por Maria Helena à mãe, Verginia, em 15 de dezembro de 1946 .....	141
<b>Figura 61</b> – Carta escrita por Benedito à mãe, Verginia, em 17 de abril de 1952 .....	143
<b>Figura 62</b> – Correspondência de Octavio para Verginia, em 25 de maio de 1943.....	145
<b>Figura 63</b> – O avô Octavio, na varanda da casa da Fazenda Santana, como lembram os netos.....	149
<b>Figura 64</b> – Espaços rememorados pelos depoentes em suas entrevistas .....	150
<b>Figura 65</b> – Bodas de Prata de Octavio e Verginia, em 31 de janeiro de 1949 .....	152
<b>Figura 66</b> – Bodas de Esmeralda de Octavio e Verginia, em 31 de janeiro de 1964 .....	153
<b>Figura 67</b> – Aniversário de 88 anos de Verginia, em 15 de dezembro de 1990.....	154
<b>Figura 68</b> – Aniversário de Octávio comemorado em 21 de novembro de 1985, na companhia dos filhos e dos netos.....	154
<b>Figura 69</b> – Bodas de Ouro de Octavio e Verginia (1974).....	155
<b>Figura 70</b> – Retratos dos casamentos dos filhos de Octavio e Verginia, na ordem apresentada.....	156
<b>Figura 71</b> – Reportagem arquivada pela família Rodrigues Ferreira .....	158
<b>Figura 72</b> – Café da manhã da 1ª Festa de Santana (julho de 1992) ....	161
<b>Figura 73</b> – Café da manhã da Festa de Santana (julho de 1993) .....	162
<b>Figura 74</b> – Missa na Paróquia Nossa Senhora das Graças (julho de 1993) .....	162

<b>Figura 75</b> – Missa na sede da Santana que antecedia a Festa de Santana (julho de 1993) .....	163
<b>Figura 76</b> – Tela para estampar as camisetas.....	163
<b>Figura 77</b> – A primeira geração dos Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (25 de julho de 1992) .....	164
<b>Figura 78</b> – Família campeã da Festa de Santana de 1992 .....	166
<b>Figura 79</b> – Família de Joaquim Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (julho de 1997) .....	166
<b>Figura 80</b> – Família de David Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (julho de 1997) .....	167
<b>Figura 81</b> – Família de Maria Helena Rodrigues Toledo Barros na Festa de Santana (25 de julho de 1992) .....	167
<b>Figura 82</b> – Família de Otávio Rodrigues Ferreira Filho na Festa de Santana (25 de julho de 1992) .....	168
<b>Figura 83</b> – Família de Lorivaldo Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (julho de 1997 e 25 de julho de 1992) .....	168
<b>Figura 84</b> – Família de Benedito Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (25 de julho de 1992 e julho de 1997) .....	169
<b>Figura 85</b> – Família de José Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (25 de julho de 1992 e julho de 1997) .....	170

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	– Documentos de processo arquivados .....	37
<b>Quadro 2</b>	– Descrição da busca realizada na Hemeroteca Digital Brasileira .....	39
<b>Quadro 3</b>	– Quadro contendo artifícios retóricos e metáforas .....	96
<b>Quadro 4</b>	– Recursos estilísticos extraídos da matéria “Justa homenagem” .....	109
<b>Quadro 5</b>	– Súmula das atividades desenvolvidas entre 3 de dezembro de 1947 a 3 de dezembro de 1951 .....	112

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAC	Associação Paranaense de Cafeicultores
Arena	Aliança Renovadora Nacional
CPDOC-FGV	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas
CHEPP	Companhia Hidro-Elétrica Paranapanema
CNSG	Colégio Nossa Senhora das Graças
CREO	Clube Recreativo Esportivo Operário
DCT	Departamento dos Correios e Telégrafos
ECT	Empresa Brasileira dos Correios
Esalq/USP	Escola Superior de Agronomia Luis de Queiroz da Universidade de São Paulo
EUA	Estados Unidos da América
IBC	Instituto Brasileiro do Café
ITEM	Institut des Textes et Manuscrits Modernes
PCB	Partido Comunista do Brasil
PL	Partido Libertador
PR	Partido Republicano
PRT	Partido Republicano Trabalhista
PSD	Partido Social Democrático
PSP	Partido Social Progressista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
NEEB-CNPq	Núcleo de Estudos da Epistolografia Brasileira
R.V.P.S.C	Rede de Viação Paraná-Santa Catarina
SCVE	Sagrado Coração do Verbo Encarnado
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRE-PR	Tribunal Regional Eleitoral do Paraná
UDN	União Democrática Nacional
UFPR	Universidade Federal do Paraná

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO - QUERIDO E GENTIL LEITOR!</b> .....	01
<b>1</b>	<b>CRÍTICA GENÉTICA E EPISTOLOGRAFIA</b> .....	05
<b>1.1</b>	<b>Delimitação histórica do gênero correspondência</b> .....	08
<b>1.2</b>	<b>Meios práticos de entrega – a importância dos correios</b> .....	11
<b>1.3</b>	<b>Estrutura e características do gênero correspondência</b> .....	13
<b>2</b>	<b>ESTILÍSTICA</b> .....	23
<b>2.1</b>	<b>As contribuições estilísticas para a seleção lexical</b> .....	26
<b>2.2</b>	<b>A estilística sintática: conceitos e perspectivas</b> .....	31
<b>3</b>	<b>AO ABRIR UM ARMÁRIO... LEVANTAMENTO DE DADOS</b> .....	36
<b>4</b>	<b>A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA DE OCTAVIO RODRIGUES FERREIRA</b> .....	46
<b>4.1</b>	<b>Infância e adolescência da primeira linhagem dos rodrigues ferreira</b> .....	52
<b>4.2</b>	<b>O desbravador das terras – correspondências comerciais</b> .....	61
<b>4.3</b>	<b>“O general das campanhas” – correspondências de poder</b> .....	73
<b>4.3.1</b>	<b>Trajetória política de Octavio Rodrigues Ferreira em Cambará</b> .....	76
<b>4.4</b>	<b>Querido papae, prezado amigo – construção da memória afetiva por meio das correspondências familiares</b> .....	123
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	171
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	176
	<b>ANEXOS</b> .....	186
	<b>ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Leiva Castro Moraes</b> .....	187
	<b>ANEXO B – TCLE – Regina Toledo Barros Gaspar</b> .....	188
	<b>ANEXO C – TCLE – Vilma Lúcia Rodrigues Ferreira Amadei</b> .....	189

<b>ANEXO D</b> – TCLE – Otávio Rodrigues Ferreira Neto.....	190
<b>ANEXO E</b> – TCLE – Virginia Alice C. R. Fernandes de Oliveira.....	191
<b>ANEXO F</b> – TCLE – Carlos Alberto Rodrigues Ferreira.....	192
<b>ANEXO G</b> – TCLE – José Octávio Haggi Rodrigues Ferreira.....	193
<b>ANEXO H</b> – TCLE – Maria Helena Sales Rodrigues Maia.....	194
<b>ANEXO I</b> – TCLE – Fábio Rodrigues Ferreira.....	195
<b>ANEXO J</b> – TCLE – Gabriela Rodrigues Ferreira Fantinelli.....	196
<b>ANEXO K</b> – Transcrição completa da entrevista com Leiva Castro Moraes (LCM), realizada em 14 de abril de 2023.....	197
<b>ANEXO L</b> – Reprodução completa da entrevista com Otávio Rodrigues Ferreira Neto (ORFN), realizada em 9 de fevereiro de 2025 .....	207
<b>ANEXO M</b> – Reprodução completa da entrevista com Regina Toledo Barros Gaspar (RTBG), realizada em 11 de fevereiro de 2025 .....	209
<b>ANEXO N</b> – Reprodução completa da entrevista com Carlos Alberto Rodrigues Ferreira (CARF), realizada em 13 de fevereiro de 2025.....	211
<b>ANEXO O</b> – Reprodução completa da entrevista com Virginia Alice Carvalho Rodrigues Ferreira (VACRFO), realizada em 14 de fevereiro de 2025.....	214
<b>ANEXO P</b> – Reprodução completa da entrevista com Maria Helena Sales Rodrigues Ferreira (MHSRF), realizada em 19 de fevereiro de 2025.....	218
<b>ANEXO Q</b> – Reprodução completa da entrevista com José Octávio Haggi Rodrigues Ferreira (JOHRF), realizada em 21 de fevereiro de 2025.....	220
<b>ANEXO R</b> – Reprodução completa da entrevista com Fábio Rodrigues Ferreira (FRF), realizada em 21 de fevereiro de 2025.....	223
<b>ANEXO S</b> – Reprodução completa da entrevista com Gabriela Rodrigues Ferreira Fantinelli (GRFF), realizada em 21 de fevereiro de 2025.....	229

## INTRODUÇÃO – QUERIDO E GENTIL LEITOR!

É com este exórdio que Lady Whistledown — identidade secreta de Penelope Featherington, personagem do livro *Os Bridgertons*, de Julia Quinn, que dá nome à série de sucesso mundial *Bridgerton* (2020) — inicia a sua coluna de fofocas vinculada a um jornal publicado para a sociedade inglesa do século XIX. E foi por lembrar do impacto que nos causou, à época, que o escolhemos como título destas considerações iniciais.

A proposta desta tese originou-se a partir das observações relacionadas aos estudos epistolográficos e estilísticos empregados em um conjunto de cartas preservadas nos arquivos pessoais da família Rodrigues Ferreira, uma das pioneiras da cidade de Cambará-PR. Estas cartas revelam grande importância enquanto materiais de estudo por permitirem a reconstrução do contexto de produção, ao mesmo tempo que contribuem para recontar a história de desenvolvimento do município, especialmente durante o período em que Octavio Rodrigues Ferreira administrou o Paço Municipal.

A pergunta norteadora desta tese, e que pretendemos responder no decorrer da escrita, é a que segue: é possível encontrar, nos documentos de processo<sup>1</sup> levantados, indícios que constituem o personagem Octavio Rodrigues Ferreira enquanto comerciante, político, pai e amigo, como também entender o contexto sócio-político e as marcas de estilo empregadas, a fim de reconhecer a importância que ele teve para a história do município de Cambará?

Três aportes teóricos basilares foram empregados para perscrutar os assuntos abordados: a Crítica Genética, a Epistolografia e a Estilística. A Crítica Genética permite reconstituir a trajetória de Octavio Rodrigues Ferreira e tecer hipóteses a respeito de sua atuação como prefeito do município de Cambará, com base nos documentos de processo arquivados pela família Rodrigues Ferreira, documentos datados das décadas de 1945 a 1967. A Estilística dá especial atenção aos textos que desenvolvem os estudos sobre a rede de sociabilidade, o grau de relacionamento mantido entre os correspondentes, bem como em que contexto sócio-histórico ocorreram as trocas das correspondências, a fim de compreendermos a mensagem tratada nas cartas selecionadas.

Ao aplicarmos os estudos estilísticos, vamos nos debruçar especialmente na seleção lexical empregada para realizar a troca mútua de informações: cabeçalho, apostos e vocativos, ortografia aplicada, termos carregados de valor afetivo, marcas pessoais do remetente, entre outros itens observados na análise do *corpus*.

---

<sup>1</sup> A expressão “documentos de processo” foi cunhada por Salles (1998).

Estabelecemos como objetivo geral para a consolidação da tese, aliar os aportes teórico-metodológicos da Crítica Genética, em especial a Epistolografia, uma de suas modalidades de pesquisa, e a Estilística, em seus níveis lexical e sintático, com o propósito de favorecer a construção do gênero textual correspondência e alcançar os efeitos de sentido pretendidos pelos correspondentes, quando do momento de recepção e envio das cartas.

Destacam-se como objetivos específicos: a) reconstituir o percurso formativo da família Rodrigues Ferreira por meio dos documentos de processo arquivados e que podem sinalizar pistas de sua importância frente à história do município de Cambará, dadas as contribuições desenvolvimentistas e melhorias estruturais durante a gestão de Octavio Rodrigues Ferreira enquanto prefeito; b) remontar os perfis sociobiográficos dos correspondentes ao analisar a linguagem e as marcas de estilo empregadas em seus textos, uma vez que será possível compreender o contexto histórico, político e familiar nos quais se deram as trocas epistolares; c) mapear, nos três momentos biográficos — comercial, político e familiar —, as redes de sociabilidade e os vínculos existentes entre os correspondentes a partir da confrontação dos documentos de processo selecionados: correspondências, reportagens jornalísticas da época e fotografias.

O primeiro capítulo “Crítica Genética e Epistolografia” aborda uma das bases teóricas que fundamentam a análise das cartas enquanto objeto de estudo. Abordamos, em um primeiro momento, as principais características da Crítica Genética e a importância dos documentos de processo. Além disso, delimitamos historicamente o gênero correspondência, observando as transformações ao longo do tempo e quais fatores impactaram a sua evolução. O papel dos correios — meios práticos de entrega para a circulação das correspondências — será contemplado, em linhas gerais, com a finalidade de entendermos a materialidade e a recepção dessas mensagens. Por fim, damos ênfase à estrutura composicional e às características que envolvem o gênero correspondência.

O segundo capítulo concentra-se na Estilística e no papel fundamental que a linguagem desempenha para a investigação do estilo e suas múltiplas possibilidades interpretativas. Trazemos à discussão as diversas perspectivas que sustentam os estudos estilísticos, evidenciando que as escolhas linguísticas não são empregadas ao acaso, mas têm propósito em seu uso e refletem aspectos expressivos e comunicativos do discurso.

Dadas as divisões da Estilística, a Estilística lexical irrompe como a que apresenta maiores recursos no corpo das correspondências, uma vez que a escolha de palavras favorece a construção de sentidos, marca o discurso e demonstra a intencionalidade dos correspondentes das cartas. Ao tratarmos da Estilística da frase, mostramos que são vários os conceitos sobre

estruturas frasais, ressaltamos o papel da sintaxe, especialmente para veicular valores afetivos e lógicos à mensagem e destacamos as inúmeras possibilidades de arranjos que as palavras podem oferecer para a ordem direta ou inversa das sentenças. Dessa forma, o capítulo atesta a importância da abordagem estilística para a interpretação de textos e para a compreensão das estratégias de escrita. Ao contemplarmos os estudos estilísticos, juntamente com a Crítica Genética, potencializam-se a qualidade e a relevância dessa pesquisa, visto que das cartas selecionadas podem ser recolhidos exemplos de recursos expressivos e impressivos da língua, empregados pelos remetentes e destinatários das missivas.

O terceiro capítulo “Ao abrir um armário... levantamento de dados” concentra a organização dos dados e dos materiais recolhidos que subsidiaram a produção desta tese. O aporte interpretativista foi escolhido para auxiliar a compreensão da realidade social, que é influenciada pelo conhecimento de mundo e pelas ações sociais. Realizamos uma linha temporal para explicarmos como se deu cada etapa de levantamento dos documentos de processo arquivados e justificamos a escolha ou não de determinados documentos, dada a sua relevância temporal ou temática para a constituição dos *corpus*. Com vistas a (re)construir as memórias afetivas dos netos que conviveram com Octavio Rodrigues Ferreira, escolhemos realizar uma entrevista de natureza aberta para colhermos a maior quantidade de informações que pudessem servir de escopo para registrar os três perfis biográficos delineados nesta tese.

O quarto capítulo “A formação da família de Octavio Rodrigues Ferreira” compreende a base da árvore genealógica da família Rodrigues Ferreira e apresenta o início da vida do casal Octavio e Verginia, em Cambará-PR, cidade onde construíram sua vida comercial, política e familiar. Passamos à infância e adolescência da primeira linhagem dos Rodrigues Ferreira, delineando a criação dos filhos de Octavio e Verginia entre a Fazenda Santana e os estudos em Botucatu-SP e Jacarezinho-PR. Em seguida, delineamos o primeiro perfil biográfico de Octavio: o desbravador das terras, discorrendo sobre a sua contribuição enquanto agricultor/fazendeiro para o município de Cambará, e como se davam as suas trocas comerciais.

Chamado de “O General das Campanhas” — segundo perfil biográfico de Octavio —, comprovamos a grande influência política que ele exerceu frente ao Executivo Municipal, sob a bandeira da União Democrática Nacional (UDN), um dos partidos políticos mais influentes da época. Sua notoriedade pública se estendeu aos municípios circunvizinhos e à sede da Assembleia Estadual do Paraná, visto ter estreitado suas relações políticas com diversos correligionários. Esta seção concentra o maior número de documentos de processo e periódicos que nos proporcionaram a construção da trajetória política de Octavio Rodrigues Ferreira e a comprovação do arranque desenvolvimentista que Cambará experimentou enquanto ele foi

prefeito.

Sobre a construção da memória afetiva por meio das correspondências familiares, podem ser levantadas as seguintes questões:

a) Quantas presenças e quantas ausências podem ser encontradas em uma correspondência?

b) Os elementos que marcam os relacionamentos também podem ser verificados no corpo das cartas?

c) Os contextos que circundam a vida privada e a vida pública dos correspondentes podem ser extraídos das linhas das mensagens enviadas e recebidas?

Os vínculos firmados entre Octavio e seus amigos e entre Octavio e seus filhos perduraram durante toda a vida dos participantes desses elos emocionais, sendo transmitidos para os seus descendentes. A família Rodrigues Ferreira é amante de encontros, reencontros e festas e transformou cada oportunidade na manutenção de um legado que alcançasse todas as gerações, aquelas que foram testemunhas oculares dos eventos e aquelas que virão a conhecer a história por meio da produção desta tese.

## CRÍTICA GENÉTICA E EPISTOLOGRAFIA

*Toda correspondência é uma espécie de sobrevivência milagrosa.*

Haroche-Bouzinac (2016, p. 23).

A Crítica Genética busca observar no processo de gênese de uma obra, em seu “vir a ser”, a reconstituição da história presente no texto, a partir de sua construção ou dos princípios que a caracterizam, a fim de contribuir para a compreensão do percurso criador. Ao tratar do assunto, Salles (1998, p. 13) argumenta:

Quando falo em percurso, refiro-me aos rastros deixados pelo artista e pelo cientista em seu caminhar em direção à obra entregue ao público. Essa arqueologia da criação tira esses materiais das gavetas e dos arquivos e os põe em movimento, reativando a vida neles guardada.

A Crítica Genética não emprega pontos-finais absolutos, ou seja, não existem obras “acabadas”. O ato criador é processual: a obra não é, ela se torna. A criação aceita a mutabilidade e as constantes interferências, visto que as intenções criativas do artista podem ser influenciadas por diversos fatores internos e/ou externos. Vários são os *insights*, tempo de dedicação, horas gastas e planejamentos que permeiam as atividades do executor do projeto *in status nascendi*. De acordo com Panichi (2016, p. 15),

As interconexões que estabelecem os liames dessa criação emergem das ligações entre as muitas ações do fazer artístico. Penetrar no ambiente de criação do escritor e nas fontes que mobilizam a sua escrita, permite perceber que o processo criativo se inscreve e se orienta por múltiplas ações. São muitas relações de tensão que orientam o expandir e a retração na construção da linguagem.

Em *Criatividade e processo de criação*, Ostrower (1987, p. 43) discorre acerca da realidade social que circunscreve as atividades humanas, visto que são impactadas diretamente por recursos materiais e carências que formam os contextos de vida dos indivíduos.

São esses aspectos, transformados em valores culturais, que solicitam o indivíduo e o motivam para agir. Sua ação se circunscreve dentro dos possíveis objetivos de sua época. Assim, o conceito de materialidade não indica apenas um determinado campo de ação humana. Indica também certas possibilidades do contexto cultural, a partir de normas e meios disponíveis. Com efeito, para o indivíduo que vai lidar com uma matéria, ela já surge em algum nível de informação e já de certo modo configurada — isso, em todas as culturas; já vem impregnada de valores culturais.

É possível exercitar a compreensão do universo criador por meio da metáfora da cebola:

cada camada revela o poder da mente em criação, cada movimento escolhido tem um propósito, quais ferramentas são pertinentes àquele fazer artístico e que caminhos foram traçados para alcançar o projeto pretendido, que continuará em constante processo de metamorfose.

O homem é a única criatura da Terra que tem a vontade de olhar para o interior de outra. Ele detecta a fenda, a fissura pela qual se pode violar o segredo das coisas ocultas. [...] Transpondo os limites exteriores da obra, quão espaçoso é o interior! A intimidade da obra guarda uma movimentação intensa e uma vasta diversidade de possibilidades de obras (Salles, 2000, p. 28-29).

Os vestígios de criação encontrados nos chamados documentos de processo são as pistas necessárias que o pesquisador precisa para compreender em que contextos determinada obra foi concebida. São eles os responsáveis por encaixar as partes que constituem a criação de uma obra e, assim, desvendar as belezas da criação ao público. A referida autora elucida:

O artista é visto em seu ambiente de trabalho, em seu esforço de fazer visível aquilo que está por existir: um trabalho sensível e intelectual executado por um artesão. Um processo de representação que dá a conhecer uma nova realidade, com características que o artista vai lhe oferecendo. A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente (Salles, 2000, p. 27).

“Os documentos de processo são [...] registros materiais do processo criador. São retratos temporais de uma gênese que agem como índices do processo criativo” (Salles, 2000, p. 35-36). Tendo em vista a explicação, entendemos que eles têm duas funções primordiais ao longo deste processo: a primeira é *armazenar* informações, registros, memórias e reflexões, que serão propulsores para o ato em si, e a segunda refere-se ao *registro de experimentação*: as hipóteses serão testadas e validadas ou retiradas, de acordo com o momento e a intencionalidade.

Tais documentos favorecem que o pesquisador trabalhe por meio de condições como a confrontação, a complementação e a investigação de um suporte sobre o outro, a fim de analisar de que forma as inferências podem direcionar a sua construção, quer seja artística ou textual, já que existe limite na potencialidade interpretativa, não sendo permitido extrapolar a sua concretude.

No contato com diferentes percursos criativos, percebe-se que a produção de uma obra é uma trama complexa de propósitos e buscas: problemas, hipóteses, testagens, soluções, encontros e desencontros. Portanto, longe de linearidades, o que se percebe é uma rede de tendências que se inter-relacionam (Salles, 1998, p. 36).

A criatividade inerente ao ser humano pode ser definida como uma espécie de rearranjo estrutural de si para os que lançam proveito dela.

Compreendemos que todos os processos de criação representam, na origem, tentativas de estruturação, de experimentação e controle, processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a identificar-se com a matéria. [...] Formando a matéria, ordenando-a, configurando-a, dominando-a, também o homem vem a se ordenar interiormente e a dominar-se. Vem a se conhecer um pouco melhor e a ampliar a sua consciência nesse processo dinâmico em que recria suas potencialidades essenciais. [...] A criatividade é, portanto, inerente à condição humana (Ostrower, 1987, p. 53).

A artista plástica trabalha com a noção de *ordenações perceptivas* para explicar que quando nos deparamos com alguma vivência, logicamente vários dados nos atingirão. Alguns nos serão familiares, outros serão considerados novidade e, ainda, há aqueles desconexos. Nossa tarefa imediata é uni-los a fim de avaliarmos e interligarmos este conjunto conosco e entre si. A ordenação interior compreende o conteúdo da situação.

As ordenações filtram aspectos que podem ser relevantes ou irrelevantes, a depender da importância que terão para o sentido. Então, é necessário que o artista se aproprie do emprego do *insight*, ferramenta intuitiva assim definida por Ostrower (1987):

As conclusões muitas vezes nos surpreendem como um resultado original. O seu sentido novo pode até mesmo ser inesperado e, no entanto, formula uma visão de certo modo pressentida. Confirma essa visão. Sentimos que a ordenação concreta a que chegamos abrange a razão de ser da situação, abrange toda a sua lógica íntima, o verdadeiro sentido. É o *insight*, a visão intuitiva. Sabemos de repente, temos inteira certeza, que desde o início era esse o seu significado (p.67).

Salles (1998, p. 55), diferentemente, mas em consonância com Ostrower, emprega a noção de o artista funcionar como “receptáculo de emoções”:

Essas imagens que agem sobre a sensibilidade do artista são provocadas por algum elemento primordial. Uma inscrição no muro, imagens de infância, um grito, conceitos científicos, sonhos, um ritmo, experiências da vida cotidiana: qualquer coisa pode agir como essa gota de luz. O fato que provoca o artista é da maior multiplicidade de naturezas que se possa imaginar.

Desde a concepção dos seus estudos, a Crítica Genética focalizou seu olhar sobre as manifestações escritas, especialmente aquelas que contemplavam a literatura e as suas abordagens. Atualmente, os estudos genéticos ganharam extensão para diversos outros processos criativos, cada qual com sua singularidade, agregando novidades e múltiplas direções às pesquisas. Passa-se a contemplar a “morfologia da criação” que, resumidamente, “oferece

mais do que um simples registro de um estudo, mas um modo de ação: tirar objetos do isolamento de análise e reintegrá-los em seu movimento natural” (Salles, 1998, p. 23).

Ao levantarmos o *corpus* para a redação desta tese, deparamo-nos com correspondências organizadas, consideradas objetos de intenso teor investigativo e não apenas meras fontes de informações, também avaliadas como ricos documentos para o estudo genético. É possível analisar em suas linhas, conforme explica Malatian (2009, p. 207), os chamados “tempos fortes”, comemorações e festividades e falecimentos, e os “tempos mortos” ou momentos sem novidades, aqueles que apenas contam assuntos triviais e contribuem com a manutenção da vontade de receber notícias sobre os acontecimentos recentes, estabelecendo a continuidade da coesão familiar.

A nossa intenção, ao nos apropriarmos da Crítica Genética, não é remontarmos, via de regra, nenhum percurso criativo, na essência do termo, mas utilizarmos os seus pressupostos para comprovar que uma porção da história da cidade de Cambará e da narrativa política do município — quer seja, o período em que Octavio Rodrigues Ferreira, nosso bisavô, foi prefeito — foram diretamente afetadas pela personalidade, pelos valores e princípios que pautavam suas vivências, bem como o contexto sócio-histórico, que influenciaram o seu ofício enquanto fazendeiro e político.

Adotaremos, para tanto, a análise, a confrontação e as inferências de múltiplos documentos, os quais atestam que o crescimento progressivo de Cambará durante os anos 1947-1951 teve como marca registrada os três perfis do mesmo personagem: Octavio comerciante, Octavio político e Octavio pai/chefe de família. Antes, porém, delimitaremos historicamente o gênero correspondência para melhor nos situarmos, posteriormente, em suas linhas.

## 1.1 DELIMITAÇÃO HISTÓRICA DO GÊNERO CORRESPONDÊNCIA

Três estudos pioneiros colaboraram para que a Crítica Genética direcionasse o interesse em estudar as cartas: “Correspondances & Genèses”, de Alain Pagès (1985), “Quelle génétique pour les correspondances”, de José-Luis Diaz (1999), e o “Avant-Propos” de *Genèse et Correspondances*, de Françoise Leriche e Alain Pagès (2012). Essas produções caracterizam-se pela profundidade das perspectivas teóricas, críticas e interpretativistas, além de abordarem o discurso epistolar como registro de processos criativos — englobando conceitos como “exogênese”, “caixa registradora” e “testemunhos”. Os textos também destacam termos relacionados à própria criação: “endogênese”, “laboratório”, “prototexto”, iluminando a vitalidade e os desafios envolvidos na exploração desse discurso produzido no âmbito da vida

pública ou privada, marcado por sua natureza relacional/dialógica.

Em virtude do profícuo trabalho de equipes dedicadas a se aprofundarem nos estudos epistolográficos, como a Équipe Autobiographie et Correspondances, do Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM), na França, liderada por Jean-Marc Hovasse e Véronique Montémont e, no Brasil, o Núcleo de Estudos da Epistolografia Brasileira (NEEB-CNPq), coordenado por Marco Antonio de Moraes e Telê Ancona Lopez, é que esse campo de estudos teve possibilidade de se constituir, multiplicar as investigações e teorizar perspectivas interpretativistas.

O objeto carta pode ser apontado como material testemunhal para retratar em que conjunto de circunstâncias se dá/deu o ato da comunicação: o contexto social, o espaço, a reconstituição histórica que liga remetente-destinatário, o grau de relacionamento e o *status* dos participantes, bem como a imagem que cada interlocutor tem de si, os temas abordados, o meio utilizado, ou seja, será possível encontrar pontos considerados essenciais para compreendermos como se deram as discussões em torno dos fenômenos sociais, das transformações culturais, de momentos íntimos, relacionais ou comerciais e a relação com o mundo ao qual pertenciam e interagiam.

O transcorrer da linha temporal comprova a importância da carta e de seus usos e até mesmo a retração do seu emprego. Os séculos XI e XII são considerados a idade áurea da epistolografia porque havia intensa troca de correspondências. Segue-se a este período o século XIII, quando houve redução de envios. Gilles Constable, em sua obra *Letters and letters collection* (1976), levanta uma hipótese para este infortúnio: “o sucesso das correspondências que ameaçavam o isolamento monástico poderia ter representado um perigo para a ascese<sup>2</sup> religiosa” (p. 37).

O Classicismo reduziu a literatura à noção de “discurso trabalhado” (Varga, 1970, p. 8) —, “mesmo sendo a carta considerada um gênero secundário, seu pertencimento ao campo da literatura não causava problema. A existência independente de um estilo próprio às cartas é perfeitamente reconhecida” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 20). Enquanto gênero literário, ou como atividade reservada a alguns privilegiados, o uso de escrever cartas

conheceu notável impulso entre os homens do Renascimento. Expressão de uma maior importância dos laços que se estabeleciam para além da célula familiar; do ideal de civilidade: gênero propício ao melindroso comércio de idéias, ou a confidenciar experiências de encanto, beleza e amor (Miranda, 2000, p. 42).

---

<sup>2</sup> De acordo com o dicionário Michaelis online (c2025), ascese é o “conjunto de rígidas normas disciplinares de conduta, pautadas pela austeridade e pela renúncia aos prazeres corporais e desejos mundanos, como forma de atingir a iluminação espiritual e a perfeição moral e religiosa, atendendo às leis sagradas e aos desígnios divinos”.

No período renascentista, o vínculo entre os correspondentes conheceu um ar fetichista, de forte valor devocional: “No Renascimento, as cartas eram conservadas como talismãs, num pequeno saco de couro suspenso no pescoço ou no corpete. Escondia-se por entre as roupas uma carta preferida” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 65).

A noção de escrita epistolar, na Idade Média, levou em consideração que a mensagem confidencial deveria ser comunicada de maneira oral, de forma a supor que as cartas limitavam-se a instruções para que o mensageiro memorizasse o teor. A carta tinha a função de representar, quase que de maneira real, a presença entre os comunicantes.

No século XVIII são empregadas para finalidades educacionais, quando utilizadas na formação dos jovens, por serem vistas como “arte formadora da existência” (Pineau, 2006, p. 41). Malatian, autora do artigo “Narrador, registro e arquivo” (2009, p. 218), pontua que

a compreensão da correspondência como arte formadora da existência direciona-se para a abordagem de estratégias de reajuste permanente do indivíduo às intensas e velozes transformações sociais do mundo contemporâneo, de modo a preservar sua própria historicidade e sua posição de sujeito histórico pela constante utilização de referentes identitários. Fornece também elementos para que as correspondências constituam um território de pesquisa em educação nos estudos das vivências pedagógicas por indicarem a interiorização de normas e valores.

É neste mesmo século que as cartas vão assumir expressivo valor para demonstrar sentimentos, emoções e trocas de experiências. Receber e enviar correspondências passa a ser corriqueiro entre as diversas camadas sociais e o hábito passa a ser apreciado tanto na Europa quanto na América. Cartas de amor, amizade, pedidos, recomendações, família, conselhos, louvor, censura e agradecimentos são amplamente disseminadas entre os correspondentes. A partir do século XIX, as cartas começam a ser transformadas em objetos de coleção e é quando podem ser encontrados os tesouros autógrafos.

Percebe-se que a escrita de cartas passa por um acelerado processo de transformação, fortemente influenciado pelo crescente desenvolvimento tecnológico e a apreensão cada vez mais ligeira de modernas técnicas de comunicação e informação. Atualmente, é possível enviar e receber mensagens por aplicativo, instantaneamente, fazendo com que a agonia pela resposta de dias seja reduzida a poucos segundos ou minutos. O encanto e a magia de receber e enviar epístolas em papel bem escrito, protegido por um envelope e postado em uma agência de correios ou entregue em mãos, passam a ser abandonados ou tornam-se restritos a algumas situações de comunicação, menos afetivos e mais burocráticos, à medida que outros meios de comunicação oferecem maiores vantagens frente à comunicação tradicional. Entretanto, foi o

sistema postal o responsável pelo surgimento, consolidação e transmissão da circularidade das correspondências, permitindo que alcançasse um sem-número de comunicantes que primavam pela comunicação corrente entre si.

## 1.2 MEIOS PRÁTICOS DE ENTREGA – A IMPORTÂNCIA DOS CORREIOS

*É uma bela invenção conversar a cento e cinquenta léguas por 20 tostões.*

Voltaire, 27 de fevereiro de 1761  
(Haroche-Bouzinac, 2016, p. 96).

O sistema dos correios favoreceu a organização postal para a realização das trocas entre os correspondentes. Graças à regularidade e à segurança deste sistema é que existe um ritmo e um ritual epistolar. Ao rememorar os dados históricos, compreendemos que muitos artifícios foram empregados para que uma carta chegasse ao seu destinatário. Na França do século XIV, por exemplo, havia o sistema de transporte das mensagens monásticas entre as abadias e os correios universitários.

A profissão dos *jurés* — mensageiros municipais — e os mensageiros particulares movimentavam o envio quer seja de cartas, quer seja de caixas e/ou objetos. O grande problema era que tais sujeitos não imprimiam grande confiança e, muitas vezes, tais bens eram roubados.

Haroche-Bouzinac (2016, p. 68) traça, resumidamente, a continuação desta linha do tempo:

Em 1479, Louis XI nomeia um controlador-geral dos ‘cavalgadores reais’ e, em 1585, o reino possui catorze estradas ‘equipadas com correios assentados’, ou seja, providos de hospedagem. Seria preciso esperar 1603 para que o primeiro correio de cartas à disposição do público fosse organizado, 1630 para que fosse criada a Superintendência Geral dos Correios e Hospedarias, cuja operação seria concedida a Jérôme de Nouveau. Louvois, ministro de Luís XIV, comprou a concessão em 1668 e transformou os correios em uma empresa eficaz e rentável.

Os correios internacionais não possuíam grau de segurança elevado durante o século XVII. Em 1653, Paris inova implantando o sistema de correios interurbano, com a criação de um serviço chamado Pequeno Correio intramuros e a aplicação do serviço de porte pago. Uma dificuldade se revelou: os parisienses optavam pelos meninos mensageiros e pelos viajantes de passagem porque os donos dos correios praticavam preços exorbitantes.

A partir de 1792, foi implantado um sistema de cobrança de tarifas que considerava a distância e o peso do material e em 1849 passou-se a utilizar os primeiros selos com preço fixo, instituindo formalmente o porte pago e eliminando a responsabilidade de pagamento por parte

do destinatário. Um hábito comum até 1810 era a violação de correspondências por parte dos oficiais públicos. Atualmente, configura-se prática delituosa.

Conforme o fluxograma “Crescendo e evoluindo desde 1663”, organizado pelo site institucional dos Correios (c2025), o início oficial do serviço postal no Brasil é datado de 25 de janeiro de 1663, por meio da criação do cargo de Correios-Mor (nome dado ao carteiro).

Malatian (2009) corrobora a importância destes profissionais para a difusão do gênero:

A melhoria dos serviços postais, decorrente das inovações dos meios de transporte como o trem e o navio a vapor, teve também sua influência sobre a prática epistolar ao encurtar distâncias e agilizar contatos. O envio e o recebimento de notícias, com frequência e regularidade, constituíram-se em dimensão da vida cotidiana e, nela, a figura do carteiro passou a ocupar papel de destaque: era o ‘mensageiro esperado e recebido com alegria’ (p. 197).

A Diretoria-Geral dos Correios é criada em 1829 para fiscalizar as atividades postais no país e, em 1969, a Empresa Brasileira dos Correios (ECT) seria criada em substituição ao Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT), a fim de alternar os serviços postais no Brasil. O Código de Endereçamento Postal passa a valer em território nacional a partir de 1970 para agilizar o envio, a localização e a distribuição das cartas. O auge do progresso alcança os Correios em 1982 e, posteriormente nos anos 2000, quando é lançado o SEDEX e o SEDEX 10, respectivamente, — serviços de entrega expressa, este último em até 10 horas do dia útil seguinte à postagem —, diminuindo drasticamente o tempo de recebimento de uma carta e/ou encomenda. A Lei 12.490, de 16 de setembro de 2011, ampliou as atividades dos Correios em nível internacional, por meio de “serviços de logística integrada, financeiros e eletrônicos”. Finalmente, a tecnologia alcança os Correios a partir de 2012, quando o *site* dos correios é insituído; em 2013, os carteiros passam a utilizar *smartphones* para atualizar em tempo real os dados das entregas; em 2019, há o lançamento do aplicativo dos Correios, solução para gerir suprimentos e matérias-primas, com aprimoramento da versão em 2021. Em 2025, com 362 anos de existência, fica o questionamento: que outras novidades postais ainda nos alcançarão?

É inegável que o serviço postal tenha remodelado a logística e a materialidade do envio e da entrega das correspondências durante os séculos de circulação do gênero. Resulta evidente que o uso deste serviço essencial é impossível de ser extinto, porque continuará a projetar modificações benéficas para o futuro próximo. Em seguida, passaremos a apresentar a estrutura e as características que modelaram o gênero correspondência, com o propósito de entendermos a sua configuração social, histórica e cultural, dada a relevância comunicativa das convenções expostas.

### 1. 3 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CORRESPONDÊNCIA

Conforme o período histórico, é possível demarcar um conjunto de etapas que configuram a redação das cartas. A Era Medieval propunha cinco fases, denominadas: a) *salutatio* (saudação), *benevolentiae captatio* (busca da benevolência) , *narratio* (narração) , *petitio* (mensagem em si) e *conclusio* (conclusão).

O Classicismo tratou de condensar os passos formativos das cartas, empregando apenas três: exórdio, narração e conclusão. O primeiro refere-se à função de entrar em contato com o destinatário; o segundo, desenvolver o corpo da mensagem e, o último, despedir-se do interlocutor .

Para além das etapas, lida com três qualidades que devem ser empregadas a fim de tornar a carta redigida produto agradável e interessante ao leitor: a) a *simplicidade* deveria ser externalizada por meio da clareza dos discursos: “O estilo simples e natural é uma maneira de falar engenhosa e familiar, porém nobre na sua familiaridade, e que contendo a clareza como qualidade essencial, exige em todas as coisas compreender, construir e colocar as palavras segundo seu significado próprio e natural” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 82); b) Se se conseguir aliar a *brevidade* à simplicidade, temos um produto excelente, pois o ser sucinto era considerado louvável; e c) a carta deveria ser *agradável*, dizendo respeito às reações que causaria no destinatário e, para tanto, era necessário adequar o tom a esta pessoa: “Consideram-se na pessoa a quem se escreve a situação física, do espírito, da fortuna, suas virtudes, suas riquezas, seu natural, seu estudo, sua qualidade e seu nome. Observam-se na essência o sexo, a nação, o mérito e a pátria” (Jacob, 1646 apud Haroche-Bouzinac, 2016, p. 84).

O acadêmico italiano Isidoro Nardi, autor de manuais de epistolografia, recomendava que as cartas fossem compostas de quatro parágrafos: 1º) Apresentação do tema da correspondência, respeitando as qualidades de quem escrevia e para quem escrevia, primando por equilíbrio e elegância; 2º) Extensão dos agradecimentos ao correspondente; 3º) Solicitar favores e 4º) Despedida.

Dentre os portugueses, destaca-se a figura de Francisco Rodrigues Lobo, primeiro teorizador do século XVII sobre o modo de escrever cartas. O autor explica que a palavra carta

teria caráter genérico e encontraria a sua origem no nome da cidade de onde nascera a rainha Dido, fundadora de Cartago. [...] Logo a seguir, explica-se que, sem atributo particular, o substantivo ‘carta’ designava muito simplesmente o seu tipo mais comum: a missiva. Fórmulas judiciais requeririam, por outro lado, a distinção de adjetivos. Assim haveria as precatórias, as demissórias, as citatórias, de liberdade e de venda — entre outras (Miranda, 2000, p. 47).

A estrutura composicional da carta organiza um modo de dizer, de acordo com os elementos constitutivos: o papel pode sinalizar o ofício do destinatário, bem como o cabeçalho traz a indicação do lugar e a data em que se deu a enunciação. O vocativo constrói no texto a figura do destinatário e a relação que tem com o remetente, do mesmo modo que a despedida e a assinatura identificam o grau de relacionamento ou de proximidade com o remetente. O assunto, isto é, o tema específico, objeto da troca comunicativa, também é requisito da forma composicional.

O exórdio geralmente é composto por um vocativo. Tais expressões introdutórias e finais têm o propósito de apresentar as habilidades de escrita e o *status* social do remetente. Nas correspondências selecionadas, será possível destacar exemplos e explicar a sua importância para o início das correspondências. Em *Candidatus Rhetoricae* (1720) — obra ampliada, corrigida e aprimorada pelo padre Josepho Juvencio, utilizada como espécie de material didático no Real Colégio de Luiz, o Grande, da Sociedade de Jesus — encontramos a seguinte definição para exórdio: “Exordium fermè ducendum ab aliqua circumstantia, temporis, loci, personæ, ac potissimum rei, & causæ propter quam scribitur. Nonnumquam est abruptum, nempe in vehementiore aliquo affectu doloris, gaudii, admirationis, &c”<sup>3</sup> (p. 350).

A narração, segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 35),

pode compreender todos os tipos de outras formas de relatos, descrições, diálogos reproduzidos ou encenados, anedotas, enigmas para prender a atenção do correspondente. A narração inclui eventualmente as respostas ‘artigo por artigo’ a uma carta anterior ou a uma indagação. Cada artigo corresponde a uma parte que constitui a unidade mínima da mensagem.

O termo artigo, na citação, pode ser corretamente compreendido como o tema da carta. A análise da narração permite compreender a qual categoria pertence o que foi dito: se é uma queixa, um pedido, uma felicitação, uma mensagem de consolo, um desabafo. A conclusão retoma o exórdio e/ou as questões fundamentais do escritor.

Caso houvesse por parte do redator das missivas dificuldade em redigi-las de forma clara ou elegante, podia-se lançar mão dos chamados *Secretários* — livros de caráter prático que serviam para ensinar a arte de escrever as cartas. O apogeu destas publicações foi alcançado na segunda metade do século XVII. Sua proliferação aconteceu, de fato, no século XVIII, mais precisamente em seu final, quando adentram as casas da elite francesa, disposta a adotar regras

---

<sup>3</sup> O exórdio é extraído quase sempre de alguma circunstância de lugar, de pessoa, e sobretudo do fato ou motivo pelo qual se escreve a carta. Às vezes o exórdio é brusco, como em circunstâncias em que necessitamos expressar uma grande dor ou um excesso de alegria, de admiração, de espanto (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 60, tradução nossa).

e padrões à mesa, bem como para espaços públicos, onde havia certa convenção social.

Era necessário remodelar a expressão de sentimentos e emoções, as formas de cumprimento, a maneira de estender felicitações ou condolências, tudo em nome de uma cortesia que regravava os comportamentos sociais e que pretendia ser distinguida do restante da multidão. Ao organizar o “Prefácio” de *Código do Bom-Tom* (1997 [1845]), escrito pelo cônego português José Ignácio Roquette, Lilia Moritz Schwarcz valida os dizeres de Norbert Elias em *O processo civilizador*, ao dizer que

Em sociedades como essas, rigidamente estruturadas, cujas marcas exteriores convertiam-se em símbolos de status, demonstração de hierarquia e de regras de prestígio, desenvolve-se uma determinada sensibilidade ritual, uma ‘maquinaria do cerimonial’, cujo resultado, além de uma regulamentação de influências e posições, era o controle e a contenção dos sentimentos e da manifestação das sensações (p.10).

Estes manuais que ensinavam primariamente a civilidade, impondo determinadas regras e modelos de etiqueta, foram “pulverizados” graças ao aprimoramento do mercado editorial e ao maior índice de alfabetização nas escolas, especialmente na França e em Portugal. Veremos despontar nomes como Boitard Pierre (1), Napoleon Raison Horace (2) e o próprio Roquette (3), que escreveram, respectivamente, sobre os seguintes temas:

(1) *Novo manual do bom-tom, contendo modernismos, preceitos de civilidade, política, conduta e maneiras em todas as circunstâncias da vida indispensáveis à mocidade e adultos para serem benquistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo*<sup>4</sup> (p.12). (2) [...] advertindo aqueles que possuem línguas muito compridas devem evitar pô-las em demasia para fora da boca para não incomodar os demais convidados. A obra continua versando sobre o uso da gramática, da conversação e das mãos [...] (p.14-15). (3) Embora tenha sido escrita por um cônego — J. I. Roquette —, sua autoria é, contudo, atribuída a um bom pai, um aristocrata que saíra de Portugal em 1834 quando, tendo perdido a esposa, resolveu educar os dois filhos em Paris (p. 16).

Em terras brasileiras, estas obras ganham atenção em meados do século XIX, quando as cidades passam a receber os fazendeiros que saem de suas propriedades rurais para viver nos centros urbanos e, conseqüentemente, passam a fazer parte das programações sociais como bailes, teatros, jantares e concertos. Com a chegada da Família Real em 1880, há um destaque para essa microssociedade e seus hábitos de sociabilidade.

O *Código* separa o capítulo 13 para tratar exclusivamente das cartas — “Das cartas”, motivo de nosso interesse em examiná-lo. Com o propósito de mostrar que a matéria é de suma importância aos filhos, Roquette apresenta que

---

<sup>4</sup> Optamos por manter a escrita com aplicação de itálico para corresponder à forma original da escrita do texto.

o laço social mais extenso e variado é a comunicação epistolar. Admirável invento que aproxima os ausentes dos presentes, encurta as distâncias, mitiga as saudades, adoça o dissabor da separação, estreita os vínculos da amizade, nutre na alma o fogo da esperança, e ainda depois da morte conserva um monumento durável de afeição e ternura com que dois corações se amaram (1997 [1845] ,p. 266).

Em seguida, o cônego trata de determinadas negociações para aqueles que pretendem ingressar neste “negócio epistolar” (p. 268): a letra deve ser inteligível, “porque as pessoas a quem escreveis não estão obrigadas a adivinhar o que lhes quero dizer, ou a perder o seu tempo a decifrar o que lhes escreveis” (p. 268). Sempre que possível, fazer um “borrão”, espécie de rascunho, para evitar erros de ortografia, ou se necessitar rasurar o texto ou aprimorar o estilo ou a linguagem. Primava-se pela escrita de próprio punho e nunca era aconselhável terminar a escrita sem ler e reler várias vezes.

A escolha do papel era determinante da classe social, da idade e do sexo dos correspondentes: os criados utilizavam meia folha de um papel grosso; o papel “dourado e perfumado, o guarnecido de tarjas de cor, ou transparentes, o de cor terna” (p. 270) era escolhido pelas moças e as pessoas cujos hábitos de vida supõem este luxo. As pessoas distintas geralmente usavam um papel de boa qualidade, sem nenhuma ornamentação. Acerca do suporte material, Malatian (2009) complementa:

A indústria da carta desenvolveu-se desde o século XIX com a diversificação dos papéis utilizados, em seus inúmeros tipos, formatos e cores, aos quais se acrescentava muitas vezes o requinte dos monogramas ou timbres, que de um lance de vista permitiam a identificação de sua procedência e constituíam sinais de distinção (p. 199).

A data é de suma importância, especialmente para a organização: “[...] nas de negócio, põe no alto da primeira página, o que não é sem utilidade, porque devendo-se guardar estas cartas, e pôr por ordem, melhor se lhes sabe a data estando ela no alto da primeira página” (p. 276).

Com relação ao vocativo, “ao título da pessoa, ou tratamento de que já falei, põe-se no alto da página, um pouco à direita, de modo que venha a terminar no fim” [...]. O tratamento respeitoso entre amigos podia usar da seguinte fórmula: “Ilustríssimo Senhor, Prezado amigo; [ou] prezado amigo e companheiro ou colega [se alguma destas qualidades nele concorre]; [ou] prezado amigo do meu maior respeito e veneração [se as circunstâncias o pedem]” (p. 272-273).

Conselho importante foi dado aos filhos com relação à conclusão: Seria de bom gosto que não se empregasse a mesma forma de concluí-las e “sobretudo se, quando vos achardes em relação com outras pessoas bem-criadas, observardes como elas concluem suas cartas” (p. 275).

A assinatura “[...] deve pôr-se no fim da página, à direita, quando se escreve a pessoa de grande qualidade; para pessoas menos autorizadas põe-se um pouco abaixo da conclusão; e para amigos, quase ao pé” [...] Para pai, mãe, parentes chegados, deve pôr-se somente o nome da pia<sup>5</sup>; isto também muitas vezes entre amigos íntimos que se tratam por ‘tu’ (p. 276-277).

Miranda (2000, p. 48) confirma a explicação ao afirmar haver uma “fórmula de cortesia”:

O respeito pelas fórmulas de cortesia começava na boa disposição das diferentes partes do texto sobre o papel e na adequada confecção do sobrescrito. Este deveria indicar a identidade e a morada do destinatário, sem artificios de lisonja, nem demasiada generalidade. Na própria carta, esperava-se que se observasse uma distância razoável entre a invocação e o início do texto, e que o nome se assinasse pouco abaixo das últimas ‘regras’, mais inclinado à direita, denotando ‘uma certa modéstia e humildade de quem escreve’.

No momento em que o J. I. Roquette (1997 [1845]) compõe regramentos para a composição geral das cartas, percebemos semelhança com o pensamento de Haroche-Bouzinac (2016), principalmente no sentido de comunicar-se com os ausentes, “e transmitir-lhes por escrito o que lhes diríamos de viva voz se estivessem presentes (1997 [1845], p. 280). Das sete regras, daremos enfoque a três delas, respectivamente, a 1, 3 e 4, porque versam sobre a linguagem e o estilo:

1. O estilo há de ser natural e singelo quanto seja possível, porque a afetação e demasiado adorno assentam tão mal numa carta como na conversação ordinária. [...]
3. A linguagem e o tom hão de ser familiares naquele grau que corresponda à maior ou menor intimidade que haja entre os dois correspondentes. [...]
4. A singeleza, a naturalidade, e o tom familiar que vos recomendo tenhais nas cartas, não querem dizer um total descuido, e desalinho. Deveis pôr toda a atenção no estilo, ainda que escrevais ao amigo mais íntimo, escrevendo sempre com pureza e correção; e se um ou outro ligeiro descuido é desculpável, será coisa mui repreensível uma constante negligência (1997 [1845], p. 281-282).

Dessa forma, é possível depreendermos que a escrita foi uma das práticas que mais sofreu interferências dos comportamentos ditados pelos manuais de civilidade voltados aos nobres e burgueses. O legado destas produções biliográficas pode ser interpretado, com prudência, como o reflexo de uma sociedade conservadora, a qual primava por normas em seu padrão comunicativo.

A prática de escrever cartas centra-se na figura do emissor/remetente, de quem se pode fazer uma leitura, pois baseia-se nos “bastidores”, nos acontecimentos cotidianos, nas

---

<sup>5</sup> Nossas leituras sobre a expressão não trouxeram um significado apaziguado. A melhor definição é que se refere ao nome dado a um bebê, na cerimônia de batismo.

movimentações do que acontece ao seu redor para comunicar-se com o interlocutor/destinatário, indivíduo com o qual é preciso ter certo grau de intimidade e parcela de credibilidade e confiança para receber as correspondências. Desta forma, é possível atar as pontas da correspondência, para se criar um valioso quadro analítico.

Bernard Bray (1966 *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 125) observa o contrato epistolar existente entre os dois “personagens” ao afirmar que

As exigências de sentimento recíproco, as trocas de certo tipo de informações preciosas solicitadas por ambas as partes, a fixação de uma cadência mais ou menos regular no envio das missivas constituem o objeto exclusivo de um acordo no qual a voz de nenhuma das partes poderá ser esquecida.

O “eu”, centrado no remetente, carrega constantes retomadas para si. Há de ser contínua a procura pela posição ideal na busca de uma comunicação eficaz com o “outro”, aqui representando o destinatário. Eis porque há um peso em se redigir correspondências. Quando o destinatário tem em mãos o objeto de envio, é possível que “ouça” o remetente, faça uma imagem visual desta figura. O processo de criação de uma carta leva em conta “a capacidade de absorver a palavra de seu correspondente para em seguida devolvê-la, a capacidade de se transformar em ‘esponja’, para usar a palavra de Henry Miller, é uma das características que distingue a escrita epistolar de todas as outras formas de criação [...]” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 139).

Segundo Passos (2014, p. 191), durante a escritura da carta, compartilha-se um momento de intensa proximidade com o destinatário, uma forma de preencher o vazio da solidão, sentimento e sensação que, ciclicamente, assolavam o íntimo do escritor, levando-o a escrever ainda e sempre.

A interação na escrita acontece na ausência entre os participantes das trocas; portanto, há um hiato entre o tempo de escrita, o tempo de envio, o de recebimento e o de leitura. Carvalho (2005, p. 18) diz que a carta

deixa mais evidente a disjunção pragmática, impossibilitando a partilha do tempo e do espaço entre os participantes da cena comunicativa. Isso a torna interessante como forma de interação [...], obrigando o enunciador a convocar recursos de ordem não-tecnológica (diferentes dos recursos tecnológicos utilizados nos meios virtuais), para construir uma cenografia que o presentifique ao outro, presentificando-o a si.

Esta defasagem temporal e espacial se projeta no movimento de contramão entre destinatário e remetente. Haroche-Bouzinac (2016, p. 114) explica que o relógio epistolar assim se configura: “qualquer remetente sabe que o presente da escrita corresponde ao futuro da

recepção, qualquer destinatário sabe igualmente que o presente da recepção remete ao passado da expedição”.

O primeiro estará situado no passado. A mensagem chegará “desatualizada”, com decisões já tomadas e eventos apresentados já realizados. O segundo, estará voltado para o futuro, e deve antecipar as reações do receptor. Esta troca só será bem-sucedida se ambos aceitarem essa noção de descompasso de forma descontraída.

Por ter caráter múltiplo, as cartas são veículos capazes de abarcar discussões de várias ordens, fundamentadas em linguagem nova, “bastante sedutora porque recusa a retórica vazia e a afetação” (Moraes, 2007, p. 30). Encontram-se atadas a um contexto da vida de seu produtor. Percorrer o caminho das trocas epistolares leva à reconstrução da vida pública e privada dos comunicantes, além do mapeamento do cenário histórico, social e cultural da sociedade em questão.

As cartas podem ser destinadas a um correspondente privado, com quem se pretende comunicar em segredo, ou podem ser redigidas para um grupo ou a um destinatário que comunicará aos outros o assunto abordado no desenvolvimento. Essa modalidade não contempla inconveniências, caso seja descoberta por terceiros. É conhecida como carta ostensiva. Conforme explicação de Haroche-Bouzinac (2016, p. 53),

a carta ‘ostensiva’ conserva as características da forma familiar. São cartas autênticas redigidas por um remetente para um destinatário único, destinatário porta-voz, indivíduo encarregado de representar ou transmitir a mensagem a um grupo maior, ou para um destinatário já identificado como coletivo, classe, ex-alunos de uma escola, conjunto de pessoas ligadas por interesses comuns (políticos, intelectuais, etc.).

A maleabilidade torna possível a adaptação a diversos usos e a diversos interlocutores. Esta característica permite a infinidade de ramificações que o gênero possui.

A carta, forma bastante diferenciada dentro dos seus próprios limites, caracteriza-se pela instabilidade de suas formas e flexibilidade de seu uso. É a combinação desses fatores histórica e socialmente variáveis e de fatores invariantes (destinação, subscrição) que determina o modo de funcionamento do gênero epistolar (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 12).

Trazemos um exemplo conhecido pela comunidade cristã: as epístolas do apóstolo Paulo. Na introdução do livro 1 Coríntios, lemos que a primeira carta escrita à Igreja de Corinto é datada apontando para a primavera de 55 d.C, momento em que passa a ser lida e estudada publicamente. O documento paulino endereçado aos coríntios

é eminentemente de ordem prático-doutrinária e trata de problemas espirituais e morais como se fosse um manual de teologia pastoral. [...] Esta carta de Paulo tem a preocupação básica de resolver os problemas enfrentados pelos crentes em Corinto quanto à verdadeira prática cristã, ou seja, em relação à santificação progressiva de cada crente, mediante o controle absoluto do Espírito Santo, que se expressa através de uma fé santa e de um caráter santo (Bíblia, 2012, p. 2184).

Diferentemente de uma carta familiar, cujo valor estético centra-se em tons espontâneos, vemos que a epístola bíblica tem como atividade primordial educar, chamar a atenção do público-leitor para uma mudança de comportamento, por meio de súplicas como a encontrada em 1 Coríntios 1, versículo 10: “Suplico-vos, queridos irmãos, pelo nome do nosso SENHOR Jesus Cristo, que concordeis uns com os outros no que falam” [...], ou no capítulo 4, versículo 14: “Não vos escrevo dessa forma com a intenção de vos envergonhar, mas para vos advertir, como a meus filhos amados”.

A infinidade de temas e a variedade de contextos sócio-históricos presentes nas cartas é assim explicado, respectivamente, por Haroche-Bouzinac (2016) e por Malatian (2009):

A cada assunto da carta corresponde um florilégio de temas, cujo aspecto repetitivo não escapa a quem está acostumado a sempre ler várias correspondências. A trama da escrita epistolar é quase sempre uma teia marcada por repetições. Porém, tais retomadas, que ocorrem de várias maneiras, se reinventam, renovam-se pelo caráter único de cada situação epistolar. O destinatário as espera, quando não as deseja (p. 99).

[...] a análise das correspondências possibilitará esclarecer a difusão das ideias, [...] a fixação de certas visões como dominantes numa dada época e seu poder de influir nos acontecimentos. A compreensão dessa dinâmica de influências, matrizes, interpretações, e estratégias, assim como da constituição de redes e do peso da afetividade na difusão de ideias, poderá ser mapeada pelas cartas (p. 209).

Conforme a época retratada são apresentadas notícias da vida política, da vida privada, relatos agradáveis, confidenciais, análises, reflexões, expressões de sentimentos, ou seja, de acordo com as evoluções, o conteúdo das cartas também evolui.

Também torna-se possível compreender a construção do imaginário de mundo, das percepções e das experiências de indivíduos ou de comunidades. A carta tem o potencial de associar o vínculo entre o social e o subjetivo, porque guarda a característica de ser “livre ou codificada, íntima ou pública, pressionada entre segredo e sociabilidade” (Chartier, 1991, p. 9 e 12). Cada época, cada grupo social, desta forma, equilibra, à sua maneira, a problemática entre mim e o outro. O historiador francês reconhece que

esses diversos modos de manejar a aptidão a corresponder é, sem dúvida, compreender melhor o que faz com que uma comunidade exista, cimentada pelo compartilhamento dos mesmos usos, das mesmas normas, dos mesmos sonhos [...]

faz da carta o refúgio privilegiado do sentimento, do desabafo e da verdade do eu comunicado a quem for digno de os conhecer (p. 9 e 12).

As trocas podem ser situadas em dimensões históricas, culturais, experimentais e são capazes de retratar o *habitus*, ou seja, “comportamentos, regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num entre indivíduo e contexto que constitui a dimensão da individualidade” (Malatian, 2009, p. 207).

É como se o historiador enxergasse por uma fenda a pulsante vida privada, que só pode ser entendida quando se juntam os fragmentos das conversas e se aplicam a elas as dimensões histórica, socioeconômica, cultural, e por que não a vida pública, já que ambas se entrelaçam. A identidade do indivíduo é constantemente definida e redefinida, ou seja, não é possível que sejam reproduzidos os mesmos comportamentos, atitudes e opiniões, diariamente.

A complexidade das realizações textuais se explica por meio das várias etapas preparatórias à redação definitiva das cartas. Estas fases nos levam a compreender o “bastidor” de criação, o “vir a ser”, fundamentais para constituir o gênero: primeiro, realiza-se o *esboço* — de preferência a lápis — para ser possível corrigir intensa e continuamente; em seguida, passa-se a limpo, mantendo poucas rasuras e, por fim, tem-se o produto autógrafo isento de inadequações, objeto de minuciosos cuidados que deixam transparecer a importância do destinatário.

É patente que a perspectiva crítico-genética relativa ao estudo das correspondências possibilita investigar aspectos, características e elementos que geram novos caminhos investigativos à epistolografia, favorecendo a formulação de novas hipóteses, a exploração de novas formas de análise e o estímulo da criticidade quando da confrontação deste gênero com outros suportes de comunicação, aos quais foram atribuídos o “fim da produção epistolar”. É o que conclui Haroche-Bouzinac (2016) nas linhas finais de sua obra, e que julgamos fulcral aplicar integralmente.

Obviamente, em vez de sempre se atribuir ao telefone, e agora ao *e-mail* ou Skype, o presumido fim da produção epistolar, seria mais proveitoso analisar a gama de possíveis interações, deslocamento de conteúdos, as modificações formais da escrita epistolar provocados pela presença dos novos suportes de comunicação. Assim, uma nova ‘sociabilidade’ da carta continua testando a concepção erasmiana da forma (p. 215).

Apesar da comunicação digital (e-mail e mensagens de WhatsApp) ter substituído grande parte das correspondências trocadas entre as pessoas, as cartas, hoje, ainda são utilizadas e classificadas com base em seu propósito, como por exemplo, as cartas comerciais empregadas

em contextos profissionais, tanto empresariais como jurídicos. As cartas de recomendação, assim como cartas de rescisão de contrato ou declarações de emprego ainda subsistem.

Uma carta de recomendação é geralmente utilizada para validação de competências de uma determinada pessoa, oferecendo aos recrutadores maior segurança em processos seletivos. Já a carta de rescisão de contrato é um documento formal que tem por objetivo encerrar um acordo, seja ele de trabalho ou de prestação de serviços. Em casos de pedido de demissão voluntária, por exemplo, a carta é a forma oficial de comunicação e geralmente obrigatória para formalizar o processo, servindo como prova jurídica da decisão do empregado frente ao empregador. Algumas empresas solicitam que a carta seja escrita à mão, pelo funcionário que está se demitindo, para comprovar que a iniciativa partiu do empregado assegurando, juridicamente, o cálculo de verbas rescisórias e evitando disputas futuras.

As cartas argumentativas, publicadas em jornais como “carta ao leitor”, têm como objetivo apresentar um ponto de vista, buscando persuadir os destinatários sobre determinado assunto, embora seja uma carta que apresenta um formato diferente das cartas tradicionais. Também são comuns, hoje, as cartas de reclamação sobre um produto comprado, por exemplo.

Longe de esgotarmos este capítulo que pretendeu contemplar a ascensão e o estabelecimento da correspondência como um dos principais meios de comunicação, reafirmamos a demonstração de um campo fecundo aos estudos genéticos, porque revelou que as práticas e os contextos sociais e culturais são diretamente responsáveis por impactarem transformações, especialmente no padrão de escrita e de comunicação. Adentraremos nas discussões que envolvem a Estilística — campo teórico-metodológico que favorecerá nos debruçarmos aos efeitos de sentido que um termo pode indicar, bem como a influência das escolhas lexicais, a construção fraseológica e outra série de recursos expressivos da escrita epistolar que participam da constituição do gênero e de sua permanência histórica.

## CAPÍTULO 2 - ESTILÍSTICA

A concepção de linguagem desempenha papel fundamental na consolidação dos estudos estilísticos, constituindo-se como campo inesgotável de análise devido às incessantes transformações que a permeiam. A dinamicidade inerente à linguagem permite que ela se renove constantemente, sendo influenciada por diversas disciplinas que dela se apropriam para expandir seus respectivos domínios do conhecimento.

Além disso, a linguagem sofre impactos sociovariacionistas derivados de aspectos históricos, culturais e intergeracionais, bem como de fatores como idade, gênero e condição socioeconômica, o que sustenta a sua natureza mutável e adaptável. Compreende-se que a linguagem é uma expressão intrínseca ao ser humano, uma vez que evolui em consonância com seus hábitos, processos cognitivos e interações sociais. Melo (1976, p. 15) ressalta essa complexidade ao afirmar que

Realmente, o homem é um ser complexo: inteligente, racional, livre, sentimental, apaixonado, impressionável, escravo de sua sensibilidade; reflete o mundo e quer refletir-se no mundo; sofre influência de todos os que o rodeiam ou que o precederam, e pretende influir — tanta vez sem disso se aperceber — em todas as pessoas com quem convive.

Evidencia-se que o ser humano manifesta suas emoções, inquietações e subjetividades por meio da linguagem, que se configura como sua principal via de comunicação e expressão identitária. O autor enfatiza essa perspectiva ao mencionar que a linguagem traduz as "oscilações, todas as ondulações, todas as cintilações e todas as capitulações do sujeito-falante ou emissor" (p. 15).

A investigação estilística ressalta a importância da adequação do contexto social e histórico para se compreender a linguagem. Bakhtin e Volóchinov (2006) destacam que a língua é uma entidade viva, em constante evolução histórica na comunicação concreta. Ela extravasa os limites do psiquismo individual e do sistema linguístico abstrato.

A construção e a percepção do mundo também são perpassadas pela linguagem. Segundo Galiazzi (2003, p. 96), "a realidade é construída pela linguagem que utilizamos para descrevê-la; nós mesmos somos produtos da linguagem que aprendemos". Quanto maior for o estímulo para que o falante construa suas conexões sociais e verbais, maior e melhor serão as escolhas das palavras para, de fato, se comunicar efetivamente.

A linguagem também poderá se apropriar dos valores, os quais são intrínsecos em nossos relacionamentos, nossas escolhas, decisões e ações, bem como para avaliarmos

internamente os problemas, os anseios e as vivências. É uma característica inata ao ser humano; porém também existirão aspectos valorativos que extrapolarão a individualidade e encontrarão os valores coletivos que se originam de um determinado contexto histórico. Estes são chamados atualmente de valores de uma época, representando um padrão básico a ser seguido pelo indivíduo, a fim de qualificar sua experiência e suas aspirações.

O indivíduo fraciona o ser social em formas culturais por meio do estilo, como observa Ostrower (1987, p. 102):

O estilo não se refere só a determinada terminologia. Abrange a maneira de pensar, de imaginar, de sonhar, de sentir, de se comover, abrange a maneira de agir e reagir, a própria maneira de o homem vivenciar o consciente e as incursões do inconsciente. O estilo é forma de cultura. Seria de todo impossível preordenar as formas estilísticas, inventá-las, tão impossível quanto seria inventar formas de cultura ou modos de viver. Os estilos correspondem a visões de vida. Nelas confluem os conhecimentos e as técnicas disponíveis a uma sociedade em um dado momento, os costumes, os ideais, as necessidades materiais e espirituais e certas possibilidades de satisfazê-las material e espiritualmente.

Martins, em sua *Introdução à Estilística* (2012, p. 17), logo no primeiro capítulo, interroga o leitor interessado em investigações estilísticas com importantes questionamentos:

O que é Estilística? Eis uma pergunta a que não se responde fácil e prontamente. Pode-se dizer, como princípio de explicação, que Estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo, o que remete a outra embaraçosa e infalível pergunta: o que é estilo?

Inúmeros são os estudos e estudiosos que se debruçaram em investigar novas abordagens, tendências e concepções sobre a Estilística e sobre o estilo. Ambos os termos, para serem plenamente elucidados, também são dependentes da postura metodológica, epistemológica e teórica de seus autores e das tendências de estudos que abraçaram.

A noção de estilo para Guiraud (1978) centra-se na figura do homem: “Vê-se perfeitamente [...] que a palavra estilo [...] ultrapassa seu sentido tradicional; já não é somente a arte do escritor, mas todo elemento criador da linguagem que passa a pertencer propriamente ao indivíduo e a refletir sua originalidade: o estilo é o homem” (p. 49).

Bally (1951) condena o ensino da língua baseado apenas na gramática normativa de textos literários, pois não correspondem à realidade da vida social e psíquica e amplia os estudos de Saussure, voltando-se para os aspectos afetivos da língua falada, língua viva, espontânea, mas gramaticalizada, lexicalizada, possuidora de um sistema expressivo. Segundo Melo (1976, p. 20), “o que Charles Bally tem em mira é a sistematização dos meios que a língua oferece ao

sujeito-falante para a exteriorização de suas ressonâncias afetivas, do acompanhante emocional do enunciado”.

Câmara Jr., linguista brasileiro, em sua obra *Contribuições à estilística portuguesa* (1978), comenta os usos expressivos da língua, baseando-se nas três funções de linguagem tomadas de Karl Bühler, as quais não são excludentes, mas podem predominar em um ou outro aspecto:

- Representação (*Darstellung*): apreciação do conteúdo disseminado pelo autor sem julgamento de valor, apenas informativo, típico dos textos de caráter épico;
- Expressão (*Kundgabe*): há revelação do autor, ele se dá a conhecer. A expressão se encontra com maior relevância na poesia lírica;
- Aliciamento (*Appell*): o autor busca convencer o leitor. O texto publicitário e a poética dramática apresentam esta função da linguagem em predominância.

Ao assimilar a complementaridade da Gramática e da Estilística, torna-se claro perceber as ligações com o léxico, sintaxe, fonética e morfologia, daí a classificação em Estilística lexical, Estilística sintática, Estilística fônica e Estilística morfológica. É possível encontrar, principalmente nas cartas e nos periódicos selecionados, marcas de expressividade dos remetentes/produtores, transmitidas coesiva e coerentemente ao seu destinatário/leitor, como em um processo de “negociação de entendimento”, pois

ler ou escrever um texto é muito mais do que apenas compreender ou organizar palavras em frases e parágrafos. É algo que envolve um amplo mecanismo a partir do qual o pensamento e as pretensões comunicativas do autor se apresentam para a reflexão e avaliação do leitor. Como se constroem esses textos? Com palavras, sintagmas, termos e orações — elementos que mantêm entre si um relacionamento interno de concordância, de regência de atribuição (Henriques, 2018, p. 93).

Melo (1981), linguista e filólogo brasileiro, dedicou-se a abordar em suas produções bibliográficas a distinção entre a Gramática e a Estilística, apontando que

a Gramática sistematiza os fatos da língua literária atual: é apenas um rol, um catálogo honesto, estabelecido com rigor e método. A Estilística é mais fina e vai mais longe: busca descobrir o porquê da escolha que fez este e aquele falante, quando preferiu entre duas ou três possibilidades uma; busca descobrir a adequação entre expressão e a situação linguística concreta, a ver se a escolha bem se ajustou a tal situação concreta [...]; busca estudar ordenadamente os processos de que dispõe a língua para que o falante, de par com o conceito que emite, exteriorize a sua emoção, a impressão afetiva que nele causa o enunciado (p. 54).

Bechara (1999, p. 615) adverte que “ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das idéias e sentimentos ou do

conteúdo do pensamento designativo”, lembrando que as irregularidades gramaticais servem de motivação para o aporte estilístico.

A “Introdução” de *Estilística: manual de análise e criação do estilo*, obra composta por Monteiro (2005), apresenta o papel da Estilística frente ao que a Gramática pode abarcar em seus estudos normativos.

A descrição gramatical pode até dar conta das possibilidades de escolha que o sistema lingüístico oferece ao usuário, porém não parece adequada para a explicação dos aspectos relacionados aos componentes emotivos, responsáveis por freqüentes rupturas ou desvios que, como não se enquadram em regras bem definidas, costumam ser interpretadas como erros ou construções viciosas quando, na realidade, representam o exercício criativo da linguagem, a prova mais cabal do pleno domínio da expressão (p. 9).

A Estilística oferece, assim, mais acuidade, clareza e sistematização para se construir uma relação entre os textos e suas interpretações, sendo, portanto, uma abordagem que permite a construção de estratégias interpretativas sólidas e eficientes.

A partir deste ponto, passaremos a contemplar as categorias da Estilística que puderam ser identificadas nos gêneros textuais elencados e que permitiram desenvolver as estratégias argumentativas e os efeitos de sentido pretendidos nos atos comunicativos. Evidenciaremos duas das quatro divisões apresentadas: A Estilística da palavra ou lexical e a Estilística sintática. Na primeira, adentraremos em sua conceitualização, separando as palavras gramaticais das lexicais e recolheremos exemplos das tonalidades emotivas das palavras, já que os documentos de processo favorecem um extenso estudo neste sentido. A segunda permitirá concentrarmos a nossa atenção à ordem dos termos, posição de verbos, advérbios, ordem direta e indireta das frases, concordância, entre outros recursos oferecidos pelos textos em discussão.

## 2.1 AS CONTRIBUIÇÕES ESTILÍSTICAS PARA A SELEÇÃO LEXICAL

Ao contemplarmos os estudos estilísticos, será possível potencializar a qualidade e a relevância dos documentos de processo selecionados, visto que significativos exemplos relacionados à seleção lexical poderão ser extraídos durante as análises.

Iniciaremos esta seção trazendo a contribuição de Melo (1976) sobre o léxico, quando afirma que “é o outro campo de exploração da Estilística, ora para considerar-se a significação, e só ela; ora para relacionar o significado com a massa sonora do vocábulo ou o eventual valor subjacente dos fonemas iterados ou combinados; ora para considerar a expressividade como geradora de palavras” (p. 47).

Segundo Martins (2012, p. 97), “a estilística léxica ou da palavra estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais”. Monteiro (2005) complementa a colocação acima ao afirmar que

alguns resultados agradam mais pelo ritmo e sonoridade, concentram um maior poder de visualização, excitam a capacidade imaginativa, abrindo um leque de conotações que outros não conseguem estabelecer. Isto significa dizer que a expressividade é, muitas vezes, um achado: de uma pluralidade de meios de expressão alguém de repente encontra a forma lingüística que mais sintoniza com o texto ou situação, que surpreende ou encanta, que gera um acúmulo de evocações (p. 102).

Câmara Jr. (1997, p. 110) argumenta que a Estilística lexical

estuda a seleção vocabular e os fenômenos de conotação e polissemia, referentes aos valores afetivos, emotivos, ou socialmente convencionais que se aderem à significação das palavras. Assim, entram aí a exploração do vocabulário, o emprego de diminutivos e aumentativos afetivos, o emprego de diminutivos pejorativos ou maliciosos, a exploração da polissemia, da sinonímia e da paronímia, mais a exploração dos antagonismos entre determinados campos semânticos. Somem-se ainda a coesão semântica obtida a partir da seleção vocabular, os fenômenos de denotação e conotação, a monosseμία ou a monossignificação *versus* a polissemia ou plurissignificação, as figuras de linguagem tais como as comparações, as metáforas e metonímias, as hipérbolos e as sinestésias, os neologismos (criação estilística de novas palavras) e a adequação vocabular.

Esses elementos recebem especial atenção dos estudos estilísticos porque, quando utilizados, vão se aliar a um contexto sócio-histórico, à entonação (se oralizados), ou a recursos gráficos, caso o enunciado seja escrito. Por meio da escolha feita pelo enunciador, ele conseguirá transmitir emocionalmente os efeitos de sentido que pretende comunicar.

O conceito de léxico não é definitivo. Josette Rey-Debove, lexicógrafa francesa, aplica três conceituações, as quais são desenvolvidas por Martins (2012, p. 97-98):

a) *Conjunto de morfemas*: unidades significativas mínimas. Possuem natureza lexical ou gramatical. O primeiro tipo constitui classe aberta, com possibilidade de acréscimos ou perdas, designados como radicais, semantemas ou lexemas. No segundo grupo, de classe fechada, estão os gramemas. Exemplo: o artigo definido “o” é morfema masculino ou gramema.

b) *Conjunto de palavras*: referente a uma língua, termos dicionarizados, é a convenção tradicional do que se entende por léxico.

c) *Conjunto de unidades ou palavras de classe aberta*: podem ser considerados os morfemas ou as palavras lexicais.

A escolha lexical é uma questão de âmbito estilístico, porque lida com as inúmeras

possibilidades que cada unidade lexical possui de aliar-se a uma série virtual e, desta união, resultar múltiplas variações. Segundo Lapa (1998),

Em presença das coisas, o nosso espírito reage da seguinte maneira: ou as *percebe* ou as *sente*. Quase sempre estas duas operações, a percepção e o sentimento, andam ligadas, mas, por via de regra, em proporções diferentes. Praticamente há objetos que despertam mais a nossa inteligência, outros que chocam mais a nossa sensibilidade. Assim também as palavras: umas têm uma dominante afetiva, outras uma dominante intelectual (p. 24).

É importante focalizarmos as possibilidades expressivas da língua em dois grupos de palavras: as gramaticais e as lexicais. O primeiro grupo é pouco numeroso, mas altamente empregado nos enunciados. Seu significado só é completamente compreendido ao entendermos o contexto linguístico. Possui dupla função: organização do discurso/texto ou estruturação de uma frase.

São palavras gramaticais: I) os dêiticos – pronomes pessoais, possessivo e demonstrativos; II) os anafóricos; III) os determinantes – artigos, pronomes adjetivos e numerais; IV) os indicadores de quantidade e intensificação, como numerais, pronomes indefinidos quantitativos, advérbio quantitativos; V) as preposições, as conjunções e os pronomes relativos.

Há um caso que deve ser ressaltado: “o processo de nominalização, que permite a transformação de qualquer vocábulo em substantivo, faz de palavras gramaticais corriqueiras e apagadas, embora importantíssimas, palavras lexicais de cunho afetivo” (Martins, 2012, p. 101).

Adentrando o universo das palavras lexicais, o vislumbre é diferente: seu significado é extralinguístico, pois diz respeito ao que está fora da língua, ou seja, faz parte do mundo físico, psíquico ou social. São em quantidade indeterminável. São palavras lexicais: os substantivos — classe aberta, em constante mutação —, os adjetivos, os advérbios e os verbos. Em sua obra *Language y Contexto*, a professora e psicolinguista romena Slama-Cazacu (1970, p. 202-205) explica o risco que haveria se cada um, hipoteticamente, começasse a emprestar significados sempre novos às palavras:

Ninguém pode dar às palavras sentidos inteiramente ‘pessoais’, segundo seu agrado. Os diferentes significados móveis e cambiantes, os significados figurados, por exemplo, se desenvolvem a partir do significado central e fundamental, que é estável, e cimenta por isso os outros significados secundários da palavra. A língua oferece amplas possibilidades de continuar criando, para as mesmas palavras, novos significados.

A tonalidade afetiva das palavras é um dos elementos fundamentais da expressividade e da construção de sentidos afetivos, conferindo ao texto escrito ou oralizado nuances subjetivas que ultrapassam a mera transmissão de informações. De acordo com Spitzer (2011), as cargas afetivas das palavras não têm origem em si, mas são dependentes do contexto e da intencionalidade do enunciador. Ela se manifesta, portanto, em diferentes gêneros discursivos, contribuindo, também, para a estilização da linguagem, sensibilizando a recepção do leitor e garantindo compreensão eficaz dos textos.

A Estilística da palavra categoriza a tonalidade emotiva das palavras em grupos, a saber:

- a) *Palavras de significado afetivo*: responsáveis por exprimirem emoções, sentimentos, estados de espírito. As classes gramaticais mais empregadas são os substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios.
- b) *Palavras que exprimem julgamento*: São principalmente marcadas pelo emprego dos substantivos e dos adjetivos, os quais são carregados de afetividade. Em especial, os adjetivos têm potencial de atribuir qualidades positivas, negativas, valorativas ou depreciativas a um substantivo, verbo ou advérbio. A depender da sua seleção em uma determinada sentença, será possível imprimir cargas semânticas diferentes para o sentido pretendido. Exemplos: há maior força expressiva em “esbanjar” do que em “gastar” ou “despedaçar” e “partir”.
- c) *Palavras evocativas*: têm a função de remeter o leitor a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural. São os estrangeirismos, arcaísmos, termos dialetais, neologismos ou gírias.
- d) *Linguagem figurada*: Será observada principalmente quando o enunciador lançar mão do uso de figuras de palavras ou tropos, tais como metáfora e metonímia, ou das figuras de construção ou pensamento. Conforme explica Guiraud (1978, p. 27),

as figuras constituem a base de uma teoria do ‘ornamento’. Distinguem-se o ‘ornamento fácil’, que repousa sobre o emprego de ‘cores de retórica’, isto é, das figuras de construção ou de pensamento, e o ‘ornamento difícil’, caracterizado pelo emprego dos tropos.

Ao tratar da Estilística de Chales Bally, Guiraud (1978) considera haver valores evocativos, ou seja, formas que refletem situações comunicativas, a depender do grupo social que as emprega. Estes valores concentram: a) *O tom*: adequamos a língua aos contextos dos quais participamos — familiar, ambiente profissional, relacionamentos sociais, dentre outros;

b) *Línguas de época*: há vocábulos próprios da época, responsáveis por rememorarem termos característicos de um período; c) *As classes sociais*: a sintaxe e o estilo afetam diretamente a comunicação das diferentes classes sociais, por meio do uso de termos mais ou menos formais; d) *Os grupos sociais*: cada qual cria uma linguagem propícia às suas necessidades interacionais, geralmente compreensíveis para o seu contexto; e) *As regiões*: conservam os traços dialetais compreensíveis também pelos participantes daquele ato comunicativo.

Comprendemos, dessa forma, que o estilo comunica ao leitor/pesquisador o valor hierárquico dos participantes do processo de comunicação, o grau de proximidade entre os interlocutores, manifestando-se como uma reunião de traços linguísticos particulares. O estilo varia conforme os papéis desempenhados pelos sujeitos, a posição social de cada um, bem como as respectivas idades. De acordo com Santos, Ferreira e Batista (2019), a correspondência tem o potencial de intercambiar saberes, tradições e conhecimentos:

Além do aspecto estritamente pessoal, a utilização de vocábulos informais e característicos, a carta é uma opção que leva consigo diversas outras manifestações, como fotografias, poemas, letras de músicas, trechos de documentos, dentre outros gêneros ligados ao domínio documental ou artístico. Ou seja, uma carta não é meramente um manuscrito, e sim um registro de épocas e pessoas, com suas particularidades. Logo, a troca de correspondências [...] testemunha o intercâmbio dos reais valores intelectuais e humanos, sejam relacionados à esfera do conhecimento popular, seja à do erudito (p. 91).

Ao aconselhar a destinatária Louise Colet, com quem trocava intensamente cartas entre 1851 e 1854, Flaubert aconselha-a, na correspondência enviada em 22 de julho de 1852, a pensar e preocupar-se com questões estilísticas: “Medita mais antes de escrever e prende-te à palavra. Afinal, todo talento para escrever consiste unicamente na escolha das palavras. É a precisão que faz a força. Assim é no estilo como na música: o que há de mais belo e raro é a pureza do som” (s.p.). A recomendação do escitor francês concentra-se em mostrar a potência que há por trás de cada seleção lexical, revelando a necessidade de uma escolha criteriosa, que prezasse também pela beleza e pureza. A metáfora se inscreverá como um importante recurso do estilo, pois amplia a possibilidade dos efeitos de sentido do texto, além de tecer aproximações inesperadas e conferir densidade estética que ultrapassa a comunicação literal, já que adentra o imaginário do interlocutor.

Considerada figura por excelência, na metáfora as palavras assumirão um sentido distante do seu significado real. Martins (2012, p. 126-127) trabalha com a tese de que

a metáfora é o emprego de um significante com um significado secundário ou a aproximação de dois ou mais significantes, estando, nos dois casos, os significados

associados por semelhança, contiguidade, inclusão. A metáfora resulta de uma busca, da qual participam a sensibilidade e a imaginação, controladas pelo espírito crítico do poeta. Ela faz o jogo complexo do significante e do significado; pode ser traduzida, parafrazeada, pois é um desvio em relação à linguagem comum, transferência ou mudança de sentido. Transmite uma mensagem complexa semanticamente polivalente.

Melo (1976, p. 220-221) traz uma definição objetiva da metáfora: “Consiste a metáfora em identificar dois termos diversos, à base de uma comparação mental, não explicitada. Ou segue a fórmula A é B, ou a mais breve, e pura, B em vez de A: ‘a vida é uma série de cachações’; ‘houve um *Gloria in excelsis Deo* no interior de todos os convidados”.

Câmara Jr. (1992) entende a metáfora como um importante mecanismo linguístico que auxilia a construção de significados e expressões estilísticas e que “transfere um termo para o âmbito de significação que não é o seu; ao contrário da metonímia, não se fundamenta numa relação objetiva entre a significação própria e a figurada, mas sim numa relação toda subjetiva, criada no trabalho mental de apreensão” (s. p.).

Kristeva (1974), que volta suas produções à poética e à linguagem, compreende a metáfora como uma forma de romper com a linguagem cotidiana. Por meio dela, é possível quebrar os significados estabelecidos e criar novas formas de expressão, uma espécie de funcionamento como um mecanismo de subversão do senso comum: "A metáfora é uma ruptura da linguagem ordinária, que destrói os significados preexistentes e cria uma nova ordem de significação" (p. 48).

Assim, compreendemos que a metáfora tem por papel apresentar a expressividades dos enunciados relacionando tanto concretude quanto dissimulação nos fatos apresentados. É possível, também, utilizá-la para ironizar, depreciar ou exagerar nas construções textuais, pois está presente em usos e aplicações ilimitadas da linguagem, favorecendo variados graus de expressividade, a fim de dar vivacidade e emoção às produções textuais.

A seguir, exploraremos a Estilística da frase, os conceitos empregados pelos teóricos e as perspectivas linguísticas, já que se dedica à análise das estruturas sintáticas e suas implicações expressivas.

## 2.2 A ESTILÍSTICA SINTÁTICA: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

A Estilística não deve ser vista como um simples estudo das variantes estéticas da linguagem, mas como uma abordagem que investiga a relação entre forma e significado na comunicação. Câmara Jr. (1972, p. 89) defende que "as estruturas frasais são determinantes na

construção da intenção comunicativa, pois modulam a percepção do receptor".

O linguista divide essas estruturas frasais em dois pares opostos à estrutura sintática: a relação necessária em contraste com a livre; e a cerrada em contraste com a solta. Por exemplo, refere-se à “concordância do adjetivo com seu substantivo é uma relação necessária, mas ao mesmo tempo solta, pois o adjetivo pode referir-se a mais de um substantivo e colocar-se antes ou depois, longe ou próximo dele. Ao contrário, a relação entre a preposição e o nome regido é cerrada. Já o emprego dos tempos verbais é muitas vezes uma relação livre [...]” (1978, p. 64).

Câmara Jr. defende ainda a importância da construção lógica da frase, como ensina a Gramática normativa, mas faz um adendo significativo sobre a expressividade inata ao ser humano:

A luta pela construção lógica da frase, em que hoje faz fincapé o ensino escolar, é útil, por certo, como contribuição para dar ao espírito humano a objetividade intelectual e à sua linguagem a qualidade de informar plena, nítida e conscienciosamente. É preciso não esquecer, entretanto, que assim se contrariam tendências essenciais da alma o da faculdade lingüística do homem, e que se faz imprescindível, pois, dar bastante elasticidade à disciplina da construção sintática para não deformar e mutilar a capacidade de uma expressão ampla através da formulação verbal (1972, p. 71)

Ao tratar das generalidades sobre a sintaxe, Melo (1976) a define como o estudo da frase, especialmente da frase organizada, que sistematiza “as relações que se estabelecem entre as palavras na frase” (p.142). O seu papel é “discriminar e caracterizar rigorosamente as funções, isto é, o papel que as palavras e os grupos de palavras desempenham na frase organizada” e, ainda, “examinar que funções e que valores podem ser desempenhados ou atribuídos a este ou àquele tipo lexical” (p. 141-142). O saber identificar um sujeito em uma oração, seu núcleo, um objeto direto ou indireto não são os fatores de maior interesse nos estudos da Estilística, mas

o emprego das formas, a regência, a concordância e a colocação fornecem matéria sobeja ao investigador dos valores, das conotações afetivas, dos elementos expressivos e impressivos, da adequação ou inadequação do enunciado à situação lingüística concreta [...]. Haverá diferentes colorações afetivas nesta e naquela regência; neste ou naquele modo de concordar o adjetivo com o substantivo, o verbo com o sujeito; nesta ou naquela realização concreta da ordem das palavras na frase A ou B (p. 144).

Na sintaxe, dependendo da intenção do falante ou do escritor, escolhe-se por uma estrutura frasal mais ou menos rígida, aplicando escolhas lexicais que favorecerão um sem-número de possibilidades de frases novas, pois “é a frase que veicula os valores expressivos em potencial nas palavras, as quais, somente nela, têm o seu sentido explicitado e adquirem o seu

tom particular — neutro ou afetivo” (Martins, 2012, p. 164).

Câmara Jr. define frase como

a unidade do discurso marcada por uma entonação ou tom frasal que lhe assinala o começo e o fim. A frase não tem estrutura gramatical própria, podendo ter uma formulação extensa e elaborada ou ser apenas uma interjeição, vagamente articulada (*Hum!*); mas tem uma estrutura fônica particular, sendo a entonação que faz a frase (1972, p. 162-164).

Monteiro (2005) trabalha a sintaxe afetiva e a lógica mediante o processo de combinação, que se realiza em duas modalidades:

Pode operar-se num sistema de coordenação, no qual as funções dos termos se nivelam, ou de subordinação, em que as unidades se dispõem numa desigualdade funcional. As relações no nível da coordenação são paratáticas e constituem significantes de uma linguagem prevalentemente afetiva, mais apropriada para a transmissão de estados emocionais. Ao contrário, as construções no nível de subordinação são hipotáticas e implicam necessariamente uma rigidez de raciocínio lógico, sendo significantes de linguagens especificamente informativas (p. 107-108).

A frase completa simples, um dos tipos de frase, é constituída por apenas um verbo principal, que pode ser de significação gramatical (verbos de ligação) ou nocional (restritos a um sujeito ou relacionados entre o sujeito e outro ser).

As sentenças de predicado nominal, cuja fórmula geralmente é composta por sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito possuem valor emotivo por expressarem juízos de valor ou por vincularem imagens de constituições pessoais da realidade. Se pensarmos na composição estrutural da metáfora, teremos a mesma fórmula para dar um sentido estilizado à ideia pretendida. Nos vários documentos de processo que analisaremos, principalmente no capítulo quatro, será possível concretizarmos a aplicação desta teoria.

Outro aspecto significativo para ser deslindado dentro da Estilística da frase é a sua extensão. Majoritariamente perceberemos que “a preferência por períodos mais curtos ou mais amplos, pela simetria ou assimetria dos seus membros, está relacionada com o gosto pessoal do escritor, com o estilo em voga na sua época, e ainda com o gênero da composição” (Martins, 2012, p. 178). O leitor e/ou ouvinte será aproximado do texto oral ou escrito quando o produtor souber combinar e organizar a estrutura gramatical e lexical que está ao seu serviço, para garantir a construção de efeitos de sentido no texto.

A ordem dos termos também oferece à Estilística da frase a possibilidade de ditar o ritmo e a valorização das ideias e sentimentos por meio da disposição escolhida para os

vocábulos, visto concederem uma margem de liberdade, da qual se aproveita a expressividade, para ditarem o tom afetivo ou repulsivo de um enunciado. Martín (1973) tece um questionamento que enfatiza uma importante discussão que deve ocorrer, permanentemente, em torno da ordem das palavras:

Em primeiro lugar, o que é que se chama a ‘ordem das palavras’? Não é, certamente, uma cadeia de ferro na qual se fixou para sempre a respectiva secessão de elos... Mais ainda: uma mesma pessoa emprega ordens de palavras de tipos muito diferentes conforme o ouvinte a quem se dirige, a intenção expressiva em um momento dado, ou a intensidade dos sentimentos que expressa. [...] Quantas são as ordens possíveis em cada idioma, segundo as necessidades expressivas de quem fala (ou escreve)? [...]

Seguiremos tratando sobre a ordem dos termos no sintagma nominal, destacando a relevante explicação de Martins (2012, p. 205):

O artigo não admite nunca a posposição, mas os demonstrativos, os possessivos, os indefinidos e os numerais, em casos especiais podem ser pospostos; os adjetivos especificativos e os pátrios normalmente se pospõem ao substantivo; e os adjetivos qualificativos tanto se podem pospor como antepor, com sentidos diversos ou com matiz afetivo particular. De modo geral, coloca-se antes do substantivo o adjetivo que exprime valor depreciativo [...] e coloca-se depois o adjetivo que enuncia particularidade que caracteriza o objeto, definindo-o, distinguindo-o de outros, classificando-o [...]. A colocação depende da preferência do falante, da natureza do discurso, da constituição fônica do substantivo e do adjetivo, do seu emprego em sentido literal ou figurado etc.

Na infinidade de textos escritos e/ou oralizados com os quais tivermos contato, será possível perceber a alternância entre adjetivos antepostos e pospostos, com predominância para este último grupo. A adjetivação consolida a construção dos sentidos do texto e a argumentatividade, especialmente nas correspondências e nas matérias e/ou recortes de periódicos que foram selecionados para subsidiar as três faces de um mesmo Octavio: “O desbravador das terras”, “O general das campanhas” e o “Querido papae, prezado amigo”. Este recurso estilístico é predominante nestes gêneros textuais, porque destaca a expressividade do discurso, além de qualificar e empregar juízos de valor com relação ao referente.

Ao serem empregados, intensificam a carga subjetiva do texto, aproximando o leitor ou repelindo-o da cena comunicativa. Como não existe neutralidade discursiva, é possível entendermos se o tom é elogioso ou pejorativo.

A advérbio também permite certa liberdade de posição, a depender da referência a apenas um adjetivo, verbo ou outro advérbio ou a uma frase no todo, indicando padrão de julgamento (pejorativo ou afetivo) a respeito daquilo que enuncia.

A Estilística da frase também compreende a colocação dos termos na oração, fator

relevante para considerarmos as inúmeras possibilidades que o arranjo de palavras pode oferecer para garantir expressividade aos enunciados. A chamada ordem direta é composta por sujeito + verbo + complemento (objeto direto, indireto) ou sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito. Esta é a ordem consagrada, privilegiada pela norma gramatical. Segundo Monteiro (2005), “nem toda alteração nessa ordem constitui um desvio. Na maioria dos casos, a deslocação de um termo é uma questão de escolha entre duas ou mais variantes incorporadas na norma, que se caracteriza por uma certa mobilidade nesse aspecto” (p. 124).

O que se distancia desta ordem é denominado genericamente de inversão ou alteração da ordem direta, “processo de colocar em evidência um termo que se deseja privilegiar, rompe a monotonia da ordem usual, podendo favorecer um ritmo mais adequado ou propiciar um tom mais elegante. [...]” (Martins, 2012, p. 209). Monteiro (2005) lida com a ideia de desvio quando existir “inversão violenta ou inusitada” (p. 124).

O linguista explica, de um modo geral, que

a ordem direta se presta bem para enunciados lógicos, de caráter informativo, peculiares à linguagem denotativa. As figuras de inversão indicam a participação de conteúdos emocionais, o intuito de enfatizar um termo, atribuindo-lhe significados afetivos. Nesse sentido, as palavras situadas no início ou no fim dos enunciados têm maior destaque que as demais (p. 124).

Ao refletir sobre o emprego da Estilística e a sua importância para os estudos da linguagem, torna-se claro o entendimento de que sua função é romper limites, permitir uma infinidade de aplicações com as palavras e expressões, trazer ao texto novos efeitos de sentido e estimular a criatividade do escritor, além de tornar possível que se remonte e reconte o momento histórico, social, cultural e político, pontos observados nos documentos de processo contemplados.

### CAPÍTULO 3 – AO ABRIR UM ARMÁRIO... LEVANTAMENTO DE DADOS

O *corpus* desta tese se originou a partir da avaliação das correspondências recebidas por Octavio Rodrigues Ferreira, que revelam os círculos de convivência dos quais participava: relações mercantis e políticas e familiares. A observação e a organização dos dados recolhidos serão realizadas com o auxílio do aporte interpretativista.

O interpretativismo é uma abordagem epistemológica e metodológica que evidencia a compreensão dos significados subjetivos atribuídos pelos indivíduos, ou seja, a realidade social é construída por meio das interações humanas, de suas experiências, do mundo ao seu redor e dos significados atribuídos aos fenômenos sociais. Privilegia a interpretação e a subjetividade como formas legítimas e necessárias de conhecimento e se concentra em compreender o contexto e a perspectiva dos sujeitos envolvidos no fenômeno estudado.

Max Weber (1949, p. 88) argumenta que a ciência social deve focar na "compreensão do sentido das ações sociais" e que essa compreensão deve estar ancorada nos significados atribuídos pelos próprios indivíduos.

É importante pontuar, em linhas gerais, as principais características desta abordagem:

- a) *Compreensão contextual*: os fenômenos são compreendidos a partir das perspectivas dos indivíduos envolvidos, considerando o contexto histórico, cultural e social. Segundo Berger e Luckmann (1966), "a realidade da vida cotidiana é constituída por um mundo intersubjetivo, experimentado e interpretado por meio das interações humanas" (p. 34);
- b) *Enfoque no significado*: há prioridade em compreender os significados subjetivos em vez de generalizações estatísticas;
- c) *Métodos qualitativos*: utiliza predominantemente métodos como entrevistas, análise documental e observação participante, que permitem acesso a narrativas aprofundadas e pormenorizadas. Denzin e Lincoln (2018) ressaltam que "a pesquisa qualitativa é, em essência, uma atividade que localiza o observador no mundo social, enfatizando o caráter subjetivo da experiência humana" (p. 19);
- d) *Construção social da realidade*: o mundo social é interpretado e recriado constantemente pelas interações humanas. Para Geertz (1973), "o que chamamos de cultura é, na verdade, um conjunto de textos interpretáveis, tecidos pelas próprias pessoas e que os pesquisadores precisam ler e decifrar" (p. 5).

Resta claro que o aporte interpretativista, ao privilegiar a subjetividade e a interpretação contextual, oferece um arcabouço teórico-metodológico para compreender fenômenos sociais de maneira profunda e significativa. Sua ênfase nos significados construídos socialmente

qualifica-o como pertinente para explorar áreas em que a experiência humana e os valores culturais desempenham um papel central.

O primeiro semestre de 2020 pode ser considerado o período do despertar de nosso interesse pelo tema desta tese e pelos materiais que a compõem. Lembremo-nos que vivíamos dias desafiadores sob a influência da Covid-19 e, por esse motivo, foi necessário permanecermos em Cambará, nossa cidade natal, por um período de aproximadamente cinco meses.

A facilidade de acesso à sede da Fazenda Santana, de propriedade da nossa família, proporcionou a busca pelo acervo de documentos. Uma de nossas memórias de infância é que quando íamos à propriedade, costumávamos ver os parentes sentados, na sala, observando álbuns de fotografia e conversando horas a fio, relembando com saudade a história da família e os feitos do patriarca e das primeiras gerações.

Um dado vital, que deve ser destacado, é que os depositários (membros diretos da família Rodrigues Ferreira) tinham por obrigação “prazerosa” fazer a seleção de folhas ou recortes de jornais, fotografias, esquemas biográficos, anotações e outra série de suportes e arquivá-los em álbuns e pastas para, dessa forma, possibilitarem que as futuras gerações viessem a conhecer a gênese familiar.

Neste ínterim, houve um primeiro contato com alguns membros da família que fazem parte de um grupo de WhatsApp denominado Fazenda Santana. Esta mensagem teve por intuito apresentar aos familiares a justificativa e os objetivos em pesquisar os documentos de processo e, num segundo momento, pedir a anuência de pelo menos um representante de cada núcleo familiar para iniciarmos o levantamento dos dados necessários para a elaboração da tese.

Felizmente as respostas foram afirmativas e, então, pudemos recolher os arquivos. Julgamos pertinente realizar a apuração de cada gênero textual, com o propósito de inventariar a quantidade de materiais que foram conservados. O Quadro 1 traz os respectivos números.

**Quadro 1 – Documentos de processo arquivados**

01	Abaixo-assinados	2
02	Ata	1
03	Bilhetes	14
04	Boletins escolares	21
05	Caderno com dados biográficos	1
06	Cards	4
07	Carteira de motorista	1
08	Cartões telefônicos	4
09	Convites de casamento	5

10	Convocação	1
11	Correspondências	60
12	Declaração	1
13	Diploma	1
14	Exames médicos	3
15	Folha de cheque	3
16	Fotografias	679
17	Informativo	2
18	Mensalidades escolares	7
19	Notas fiscais	2
20	Periódicos	13
21	Planta de divisão municipal	1
22	Programa festivo	2
23	Propagandas políticas impressas	5
24	Recibos	8
25	Talão de cheques	2
	TOTAL	843

Fonte: Elaborado pela autora da tese.

Dada a catalogação, foi necessário filtrar aqueles gêneros que tinham maior relevância temática com os objetivos da tese. Não descartamos, futuramente, aproveitar os demais documentos para novas produções bibliográficas, uma vez que apresentam grande potencial analítico para contribuir com o crescimento dos aportes teóricos aqui empregados.

Uma base de dados que se mostrou altamente frutífera para recolhermos dados sócio-históricos que sustentam a análise das correspondências e que nos concedem registros — principalmente sobre o período que Octavio foi prefeito de Cambará — foi o acervo da Hemeroteca Digital, portal abrigado no *site* da Biblioteca Nacional Digital<sup>6</sup>. O espaço digital é responsável por armazenar e preservar periódicos nacionais e oferecê-los como fonte de pesquisa gratuita aos usuários/pesquisadores.

Filtramos nossa busca de acordo com os campos oferecidos: 1) em Período, selecionamos 1940-1949 e 1950-1959, porque os intervalos de tempo são contados por décadas; 2) em Local, optamos por não selecionar nenhum, a fim de que pudéssemos verificar se outros periódicos — que não apenas os regionais (Paraná) — arquivavam alguma notícia relevante sobre o prefeito em exercício; 3) em Periódico, também não marcamos nenhuma opção, pois dentre as 11 oferecidas, tínhamos a intenção de saber quais teriam dados registrados; e 4) em

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

Pesquisar, seguimos a orientação da página e colocamos a frase a ser pesquisada entre aspas, para uma busca exata.

Com relação à frase pesquisada, é importante salientar que utilizamos o nome do prefeito: Octavio Rodrigues Ferreira. Ao pesquisarmos por “Octavio Rodrigues Ferreira” ou “Octávio Rodrigues Ferreira”, obtivemos apenas uma ocorrência, presente no periódico *Correio Paulistano*, edição de 11 de julho de 1947. Esta reportagem foi descartada, porque não contemplava os objetivos da tese. No entanto, não houve diferença numérica na quantidade de ocorrências quando pesquisamos por “Otavio Rodrigues Ferreira” ou “Otávio Rodrigues Ferreira”. Ambas as buscas resultaram em 71 ocorrências, distribuídas de acordo com o Quadro 2.

**Quadro 2** – Descrição da busca realizada na Hemeroteca Digital Brasileira

Título do periódico/Local	Duração	Quantidade de páginas pesquisadas	Ocorrências
Jornal de Noticias (SP)	1946 a 1951	19.169	1
Correio Paulistano (SP)	1940-1949	45.386	1
	1950-1959	51.961	1
Correio da Manhã (RJ)	1940-1949	51.403	1
Diario da Tarde (PR)	1889 a 1983	154.484	3
O Dia (PR)	1923 a 1961	108.658	16
Diario do Paraná (PR)	1945-1947	5.226	33
Diario do Paraná: Orgão dos Diarios Associados (PR)	1955 a 1959	149.248	15
Total: 7		585.535	71

Fonte: Elaborado pela autora da tese.

É oportuno justificarmos a escolha dos filtros. Como Octavio chefiou o Executivo municipal de 3 de dezembro de 1947 a 3 de dezembro de 1951, foi necessário que definíssemos os dois hiatos temporais. Outro registro que chama a atenção é que, além dos quatro periódicos do Paraná, um carioca e dois paulistas também abrigam notícias relacionadas a Octavio, quer seja enquanto administrador do Paço Municipal, quer seja participando da esfera política ou comercial, após seu mandato.

Ao usar o recurso de pesquisa da frase exata, obtivemos os 71 resultados listados no quadro. Então, mostrou-se conveniente realizarmos uma segunda leva de seleção, uma vez que, deste número total, algumas matérias não seriam expressivas e/ou não teriam compatibilidade temática com a tese.

A ocorrência listada no *Jornal de Noticias*, periódico paulista, abrangia o recorte temporal, mas não trazia temática interessante para a tese, pois só comunicava a revogação de uma portaria que restringia o trânsito do café no Paraná. O nome de Octavio figurou na listagem.

Em *Correio Paulistano*, a análise foi a seguinte: uma das ocorrências, datada de 1948,

foi selecionada para o *corpus*; a outra, extrapola o intervalo selecionado e apenas pode ser lido que Octavio participou como vogal (participante de um cargo de direção ou conselho de uma entidade, com função de auxiliar a tomada de decisão e participar das reuniões, sem responsabilidades executivas diretas) da Associação Paranaense de Cafeicultores (APAC) para o biênio 1954-1955.

O carioca *Correio da Manhã* também relacionou apenas uma ocorrência. Ela obedece ao intervalo de tempo (18 de outubro de 1949), mas na matéria intitulada “Os mineiros exultam com o lançamento da candidatura de Eduardo Gomes”, o nome de Octavio é citado em virtude de um telegrama mandado para atestar a adesão de Cambará à campanha presidencialista de Eduardo Gomes e para solicitar informes sobre a campanha. Esta produção jornalística será importante para descrevermos fatos da candidatura de Eduardo Gomes que se inter-relacionam com a candidatura de Octavio.

Das três ocorrências encontradas no paranaense *Diario da Tarde*, apenas uma foi selecionada, a de 29 de novembro de 1949, que trazia informações elogiosas à gestão municipal de Octavio. As outras duas ocorrências referiam-se, em primeiro lugar, ao envio de um telegrama a Alves Bacellar, deputado, por conta do prejuízo que a Portaria que dificultava a exportação do café paranaense vinha imputando aos lavradores e motoristas de caminhão. Por último, não abrangendo o período temporal (6 de outubro de 1959), a outra matéria trazia os resultados parciais do pleito nos municípios estaduais. Octavio concorreu novamente ao cargo máximo do Executivo pela UDN, conquistando 1.194 votos. Ele perdeu para Israel Dinizo (PTB), que alcançou 2.077 votos, tornando-se prefeito de Cambará.

Dentre as 16 ocorrências enumeradas pelo periódico *O Dia*, apenas uma, datada de 18 de novembro de 1948, foi significativa para compreendermos a diferença positiva que a governança de Octavio vinha apresentando em Cambará. Cinco ocorrências diziam respeito ao período em que ele fora prefeito, mas não tinham relevância temática com a tese. A primeira, porque anunciava que Moyses Lupion havia sido eleito governador do Estado e Octavio comunicava a ele, por meio de um telegrama que, em Cambará, o político recebera 1.341 votos, havendo 30% de abstenção por conta das chuvas. A segunda, a terceira e a quarta notícias apenas listam o nome de Octavio no rol de participantes que aderiram ao banquete oferecido ao Dr. Raul Vaz, recém-nomeado secretário do Interior e Justiça. Na quinta ocorrência, Octavio aparece como expositor de animais na V Exposição Agropecuária de Ponta Grossa.

As outras 10 ocorrências ultrapassam o período abrangido (1952-1956) e também não atingem a temática pretendida uma vez que, entre os assuntos, encontramos o nome de Octavio como conselheiro fiscal na ata da Assembleia Ordinária e no Relatório da Diretoria – Balanço

e Contas de Lucros e Perdas de Sergio Paes de Barros - Comércio de Café S.A. É constituído como parte agravante em um julgamento da Terceira Câmara Cível (Agravado de Petição da Cambará) contra a agravada, Fazenda do Estado, e é parte apelante em um edital do Cartório da 3ª Circunscrição Imobiliária da Comarca de Curitiba. Por fim, na seção “Oportunidades” há a comunicação da perda do certificado do caminhão marca GMC, de placa 6-99-33, de Cambará, e com motor n. 248-160-989, de sua propriedade, o qual fica sem efeito por ter sido requerida a segunda via.

O periódico que resultou em maior quantidade de ocorrências e em maior aproveitamento para subsidiar os dados concernentes ao exercício das funções administrativas de Octavio frente ao município de Cambará foi o *Diario do Paraná*. Cabe, aqui, explicarmos uma particularidade sobre esta produção que teve seis fases. De acordo com a edição de 29 de março de 1955 — Suplemento Comemorativo do Aniversário da Cidade — o Prof. Osvaldo Pilloto “revelou possuir uma anotação curiosa sobre o lançamento do <<DIARIO DO PARANÁ>> asseverando”:

O Diario do Paraná vai ser o sexto periodico paranaense com este nome [...]. O quinto Diário do Paraná é de Curitiba e foi seu diretor o Dr. Caio Machado e secretário Frederico Faria de Oliveira, figuras de proeminência na evolução da imprensa paranaense. Saiu a 16 de outubro de 1945, graças à ação da gente da U.D.N.. Os srs. Senador Othon Mader, Adolfo de Oliveira Franco e Ivan Ferreira do Amaral, que entre outros, deram-lhe o amparo da primeira hora. O sexto — é o Diário do Paraná, que todos esperamos curiosos na previsão de mais um ponto alto na vida jornalística do Paraná! (Pilloto, 1955, p. 44).

Em posse desta informação, entendemos que o periódico em questão nos ofereceu 48 ocorrências, datadas entre os anos 1946 a 1967, ou seja, estamos utilizando a quinta e a sexta edição. Aproveitamos 18 para o escopo da tese. As outras 30 foram descartadas pelos seguintes motivos: a) em uma ocorrência, fora da data filtrada, o nome de Octavio consta na lista de convencionais que estiveram presentes na grande Convenção da UDN, seção do Paraná, realizada em 1 de setembro de 1946; b) há a repetição de seu nome em 17 ocorrências — enquadradas no período filtrado — que trazem a listagem dos prefeitos eleitos pela UDN nos municípios paranaenses, em 1947; c) em 1955, o nome de Octavio é encontrado em uma lista de liberação de café em Paranaguá por meio do transporte ferroviário, e em outras duas listas como suplente da Comissão Fiscal da APAC, escolhida em 10 de dezembro. Em 1961 e 1962 (6 ocorrências), é escolhido como candidato a vogal na chapa oficial da nova diretoria da APAC e participa de uma audiência nas dependências do Palácio Iguazu. Em 1965, há uma pequena matéria narrando que acompanhou o deputado José Afonso e o prefeito Milton

Paschoalino em visita ao Governador Ney Braga, no Palácio Iguazu e, finalmente, em 1967, figura como expositor na Primeira Exposição Feira “Governador Paulo Pimentel”.

Das 71 ocorrências, 22 foram selecionadas para compor o capítulo 4 intitulado “A formação da Família de Octavio Rodrigues Ferreira”, visto este ser o responsável por abrigar as análises dos documentos de processo e por propiciar que apresentemos o personagem principal desta tese a partir de três óticas: o desbravador das terras, “o general das campanhas” e o pai e amigo.

A escolha dessas ocorrências baseou-se em critérios específicos, como relevância para os objetivos da tese, representatividade para o contexto analisado e a consistência dos dados para embasar as discussões propostas.

Ao nos depararmos com uma carta escrita por Benigno Bittencourt Moraes para Octavio Rodrigues Ferreira, entramos em contato com os primos mais velhos da família, a fim de consultar se alguém conhecia algum parente de Benigno que pudesse nos conceder uma entrevista. Uma das primas, Regina Toledo Barros Gaspar (RTBG), disse-nos que Leiva Castro Moraes, uma das filhas do sr. Benigno, estava viva, morava em Curitiba-PR, e que eu poderia entrar em contato, mas que fizesse isso rapidamente, pois ela estava com idade avançada. Em 19 de março de 2023 estabelecemos o primeiro contato, e qual foi a nossa surpresa quando ela atendeu à nossa ligação! Conversamos por alguns minutos, e ela aceitou nos receber em sua residência no dia 14 de abril de 2023.

Nesse intervalo de tempo, organizamos as perguntas que norteariam a entrevista (ANEXO K) presencial com Dona Leiva. As questões foram elaboradas a partir da análise do aporte teórico, da leitura de obras e produções acadêmicas e da própria correspondência. Levamos em consideração as lembranças que a entrevistada tinha da família enquanto residiam em Cambará, as visitas à sede da Fazenda Santana, o grau de amizade estabelecido entre o seu pai e Octavio, nosso bisavô, o perfil comerciante de Benigno e os benefícios conquistados para a cidade, por influência da verve política que os dois contemporâneos exerciam.

Como havia a possibilidade de a entrevistadora formular novos questionamentos de acordo com as respostas recebidas, optamos por aplicar a entrevista padrão semiestruturada, uma vez que, conforme orientações de Tozoni-Reis (2009, p. 29), “é a técnica de coleta de dados em que o pesquisador usa o roteiro como referência para a entrevista que transcorre de forma mais livre, tal como uma conversa entre entrevistador e entrevistado sobre os temas de interesse da pesquisa”.

Na data combinada estivemos em sua residência, e pudemos ter acesso a outros documentos de processo, fundamentais para exemplificarem e comprovarem o relacionamento

amistoso que havia entre as famílias. A entrevista foi gravada por meio de um aplicativo de gravador de voz. Importante destacar que a participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), constante no ANEXO A.

A fotografia abaixo foi tirada no dia da entrevista, em um charmoso café que visitamos ao final de nossa conversa.

**Figura 1** - A pesquisadora e a entrevistada Dona Leiva



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Os registros fotográficos, a seguir, foram incluídos com o propósito de ilustrar outros documentos de processo encontrados na residência de Dona Leiva e cedidos para a pesquisa, possibilitando a construção de uma narrativa mais robusta.

**Figura 2** - Foto de casamento dos pais, Benigno e Hilda



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

**Figura 3** – A família Benigno, Hilda e Leiva indo a um encontro festivo



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Em fevereiro de 2025, ao iniciar a escrita da seção “Querido papae, prezado amigo – construção da memória afetiva por meio das correspondências familiares”, percebemos a necessidade de também entrevistarmos os membros da família Rodrigues Ferreira. Isto se deveu ao fato de não termos encontrado, assim como nos documentos de processo, dados suficientes que nos auxiliassem a entender como era o comportamento de Octavio na esfera familiar.

Os sete filhos de Octavio e Verginia são falecidos. Os 28 descendentes diretos de primeiro grau residem em diferentes estados do Brasil — Paraná, São Paulo, Pará. Infelizmente, não há espaço, nesta tese, para abrigar 28 entrevistas e a distância geográfica impossibilitou que a pesquisadora coletasse as respostas, presencialmente. Dados os dois impeditivos, escolhemos um representante de cada núcleo familiar para responder ao questionário estruturado que desenvolvemos e que aplicamos virtualmente, por meio do aplicativo de mensagens gratuito WhatsApp. Os arquivos referentes aos TCLE (ANEXOS B a J) e às respectivas entrevistas (ANEXOS N a U) estão presentes na seção Anexos.

Optamos por esta modalidade de entrevista para que todos os participantes recebessem as mesmas questões de caráter aberto, sem variação sequencial, a fim de aferirmos a compatibilidade dos dados. As vantagens deste questionário são a economia de tempo e de recursos, já que a coleta acontece de maneira objetiva e sistemática. Um ponto negativo é que a ausência do entrevistador pode gerar alguma dúvida ou problema de interpretação da questão. Sobre este ponto, deixamos os entrevistados cientes de que poderiam se comunicar com a pesquisadora, a qualquer tempo.

As perguntas abertas de natureza exploratória que criamos para obter informações sobre a esfera familiar tiveram o propósito de remontar os vínculos pessoais e os cenários históricos, aproveitando as memórias pessoais de cada familiar que, preservadas, configuram-se como “um

ato vital, possui voz própria e discursa sobre aquilo que foi e já não é mais. Preservar a memória presume um fato que possa ser conhecido e (re) contado” (Mendes, 2011, p. 7).

O questionário estruturado provou ser um instrumento essencial de coleta de dados confiáveis. Sua aplicação, feita de maneira adequada, aliada a um planejamento, permitiu que a pesquisadora obtivesse resultados que contribuíram para conhecer/reviver dados pessoais sobre os sete filhos de Octavio e Verginia, como era a personalidade de cada um, como haviam passado a infância/adolescência na Fazenda Santana, as lembranças de momentos festivos e dos momentos vividos no cotidiano, assim como as ações políticas e comerciais de que Octavio participou.

## CAPÍTULO 4 - A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA DE OCTAVIO RODRIGUES FERREIRA

Dois núcleos familiares foram responsáveis por gerarem aqueles que constituíram a base da árvore genealógica da família Rodrigues Ferreira: Octavio Rodrigues Ferreira, nascido em 21 de novembro de 1900, em São Carlos do Pinhal-SP, era o filho primogênito de Joaquim Rodrigues Ferreira (1879–1924) e Ana Cândida Camargo Rodrigues (1879–1937). Teve sete irmãos: Tereza, Benedita, Pedro, Eudócio, Ana, Irene e Luiza. Verginia Leal Rodrigues, nascida em Guariba-SP, em 15 de dezembro de 1901, era filha de Manoel Maria Leal (1874–1953), de descendência portuguesa, e Elisa Busnardo Leal (1882–1939), de família italiana. Teve oito irmãos: Davi, Joaquim, Isaura, Waldemar, Aristides, Aurora, Osvaldo e Vicência – filha adotiva<sup>7</sup>.

Joaquim e Ana Cândida deixaram Itápolis, município do estado de São Paulo, em meados de 1924. Corria a notícia de que o Paraná era constituído de terra boa e fértil; então, muitas famílias vinham tentar a sorte na chamada “Terra da Promissão”<sup>8</sup>:

Até o início do século XX, as terras das margens do Alambari eram raramente visitadas por caçadores que aqui vinham à procura da farta caça existente. Depois, a exuberância da terra, a descoberta da madeira de lei e a abundância da árvore denominada cambará, própria de terras roxas e férteis apropriadas para café e outros cereais, fez com que a região tivesse um fluxo muito grande de pessoas [...]. A notícia da fertilidade da região rapidamente se espalhou dando conta que, nessa região, o dinheiro se tirava até das árvores, que dinheiro se raspava com o rodo, pois esta era, realmente, a verdadeira terra da promissão (Pugas, 2002, p. 15)<sup>9</sup>.

Segundo relato extraído da obra *De Alambari a Cambará: um resgate histórico* (2002), Osvaldo Leal, irmão de Verginia, explica que a família chegou em Cambará da seguinte forma: “Meu pai era português e minha mãe italiana. Eles vieram para Cambará em 1928. Naquela época, no início da colonização de Cambará, havia muita gente procurando terra. E aqui moravam muitos fazendeiros que tinham muita terra” (p. 124).

O senhor Joaquim começou a trabalhar na fazenda Concórdia como administrador. Era o responsável por toda a organização da propriedade. Maria Helena Rodrigues Ferreira, a única

<sup>7</sup> A garota foi adotada pelo casal após a morte da mãe, Elza, esposa de Antônio, irmão de Elisa.

<sup>8</sup> Conforme atesta a letra do hino municipal de Cambará, composta por J. Milani: “Foi aqui, foi aqui,/Às margens do Alambari,/Que nasceu Cambará/Porta de ouro do Paraná,//Quando o colono chegou/Machado na mata ecoou/Arados a terra rasgou/Sementes lançadas no chão//Fruto então floresceu/Novo celeiro cresceu/Minha cidade nasceu/Nesta terra da promissão”.

<sup>9</sup> A autora citada é, por coincidência, irmã da Professora Doutora Edina Regina Pugas Panichi, orientadora desta tese.

filha de Octavio e Verginia, narra uma fatalidade que resultou na morte do avô paterno e de seu tio Pedro. Segundo ela,

os colonos estavam devendo muito para o fazendeiro e aí, uma das famílias de colonos que viviam na fazenda fugiu. Então o meu avô falou para o fiscal: se eles fugirem deixa, porque eles não têm como pagar a dívida, mas aí o fiscal veio e denunciou e disse que eles precisavam tomar uma providência e saíram ao encalço da família. Quando chegaram perto, o fiscal queria matar a família fugitiva e meu tio entrou em luta corporal com ele. O fiscal deu um tiro e acertou no meu avô. Como naquele tempo não tinha recurso, eles tiveram que levar meu avô de caminhão para Botucatu, mas ele não resistiu e veio a falecer. Foi uma verdadeira tragédia (Pugas, 2002, p. 95).

Outra versão deste mesmo episódio foi narrado por Vilma Lúcia Rodrigues Ferreira Amadei, filha de Lorivaldo, neta de Octavio e bisneta de Joaquim. Ela conta que ouvia do pai o seguinte relato:

Joaquim Rodrigues Ferreira deixou um sítio que tinha em Itápolis e veio para Cambará para ser fiscal da Fazenda São Francisco. Ele era o que cuidava, o que administrava a fazenda para o dono (sem nome). Tinha alguns colonos que estavam devendo para a fazenda e o dono da fazenda falou para o avô Joaquim... mandou ele ir atrás e falar com o colono: – ‘Mas você vai embora sem pagar a sua dívida?’ Mas que quando eles estavam indo no caminho (Joaquim e o cunhado, Pedro, casado com Tereza), essa família que estava indo embora estava atocaiada e à medida que eles chegaram (acho que de cavalo [sic]), o Joaquim e o Pedro, o cara [sic] matou de tiro os dois. O corpo deles vieram [sic] para Cambará. Em Cambará tinha um delegado que se chamava Zoroastro. Esse homem, ao invés de cobrir o corpo (ele conhecia o Octavio e sabia que o vô Joaquim era um homem de bem), ele pôs em cima de uma mesa e parece que não cobriu... Quando o Octavio chegou de Botucatu (imagina que apuro!), viu o pai deitado em cima de uma mesa, assim, meio de qualquer jeito (não sei se sem roupa, sem se cobrir). Octavio ficou com raiva, raiva desse homem, uma coisa de louco, dele ter tratado assim o pai dele, que ele conhecia, que era uma família de bem (Amadei, 2024).

De Joaquim Rodrigues Ferreira temos apenas um registro fotográfico, dado o seu falecimento precoce. Quem assumiu os cuidados com a mãe e os irmãos, tornando-se chefe da família após a morte do pai, foi Octavio.

**Figura 4** – Joaquim Rodrigues Ferreira, pai de Octavio



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Octavio estava com 24 anos e Verginia com 23 anos. Eles contraíram matrimônio em 31 de janeiro de 1924, em Itápolis. A Figura 5 registra o enlace:

**Figura 5** - Bodas do casal



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

O casal constituiu residência em Itápolis e, no mesmo ano, em 16 de novembro de 1924, nasceu o primogênito, Joaquim Rodrigues Ferreira. Na mesma cidade, em 14 de março de 1926, nasceu David Rodrigues Ferreira e, em 25 de agosto de 1927, Maria Helena Rodrigues Ferreira, a única filha do casal.

Em 1928, a família vai até Cambará para visitar os pais de Verginia na Fazenda São João, propriedade recém-adquirida pelo senhor Leal. Os laços entre sogro e genro eram harmoniosos. Leal tratava Octavio como filho. Este vínculo motivou a compra da Fazenda Santana, que estava em leilão, e que foi arrematada por Leal e Octavio, numa espécie de acordo entre ambos para que Octavio pudesse se mudar, definitivamente, para Cambará e passar a ser o dono daquelas terras. Octavio tornou-se administrador das duas sedes: da São João e da

Santana.

**Figura 6** - Manoel Maria Leal, o “Leal”



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Verginia dá à luz a outros dois filhos: Otávio Rodrigues Ferreira Filho, em 31 de julho de 1928, e, em 15 de novembro de 1929, Lorivaldo Rodrigues Ferreira. Neste mesmo ano, o casal radica-se na cidade, recém-elevada a município.

**Figura 7** – Recortes da ata de instalação do município de Cambará



Fonte: Câmara Municipal de Cambará/PR (1924).

Uma fatalidade acometeu a saúde de Verginia. Foi diagnosticada com tuberculose e o tratamento foi feito em São José dos Campos. Lá ficou internada por um longo tempo. O sexto filho, Benedito Rodrigues Ferreira, nasceu na cidade, em 8 de novembro de 1934. O sétimo e último filho do casal, José Rodrigues Ferreira, nasceu em Botucatu, em 19 de maio de 1936. Fábio Rodrigues Ferreira (FRF), filho de Benedito, neto de Octavio e Verginia, relembrou o infortúnio em dois momentos. Durante sua entrevista, ele relata que

a vó Verginia tinha problema de tuberculose (acho que ela teve alguma coisa no pulmão), e ela foi obrigada a ser internada em São José dos Campos. Ficou muito

tempo internada lá. [...] Ele obedecia muito a Vó Verginia, dava muita atenção para as coisas que ela fazia (de pensar que a Vó Verginia teve esse monte de filho e ficou um monte de tempo internada lá em São José dos Campos), não deve ter sido fácil para ele também não.

Virginia Alice Carvalho Rodrigues Fernandes de Oliveira (VACRFO), filha de Lorivaldo, neta de Octavio e Verginia, também relatou a adversidade em sua entrevista, mas, diferentemente de Fábio, referiu-se a Palmira (atualmente Santos Dumont-MG), como o local da internação. A Figura 8 foi encontrada nas fotografias arquivadas e retrata este possível local.

**Figura 8** – Provável local de internação de Verginia



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Um ponto comum no relato dos dois entrevistados é o amor e o respeito que Octavio dedicou à esposa, especialmente nesta fase:

A vovó, logo depois que meu pai nasceu (Lorivaldo), descobriu que estava com tuberculose. Meu pai nasceu fraquinho e ela precisou ir para um Sanatório numa cidade em Minas que se chamava Palmira, e hoje se chama Santos Dumont. O prédio do Sanatório ainda está lá, mas funciona outra coisa. Esta cidade é perto de onde mora a mãe e alguns irmãos do meu marido — Ubá. Tenho uma sobrinha que casou com um rapaz de lá, ela me contou sobre o prédio do Sanatório.

Voltando para a história da Vó Verginia, isto aconteceu na década de 1930. Meu pai nasceu em 15/11/1929. Ela ficou alguns anos internada lá, foi muito difícil para todo mundo. A Vó Elisa, mãe da Vó Verginia, é que cuidou do meu pai e ele cresceu com saúde, graças a Deus.

A Vó Verginia me contou que um dos remédios era fígado de boi moído. Eles temperavam direitinho e colocavam sobre o prato com fígado cru um feijão bem gostoso, fervendo, e os doentes comiam. Ela pensava na família e comia para sarar.

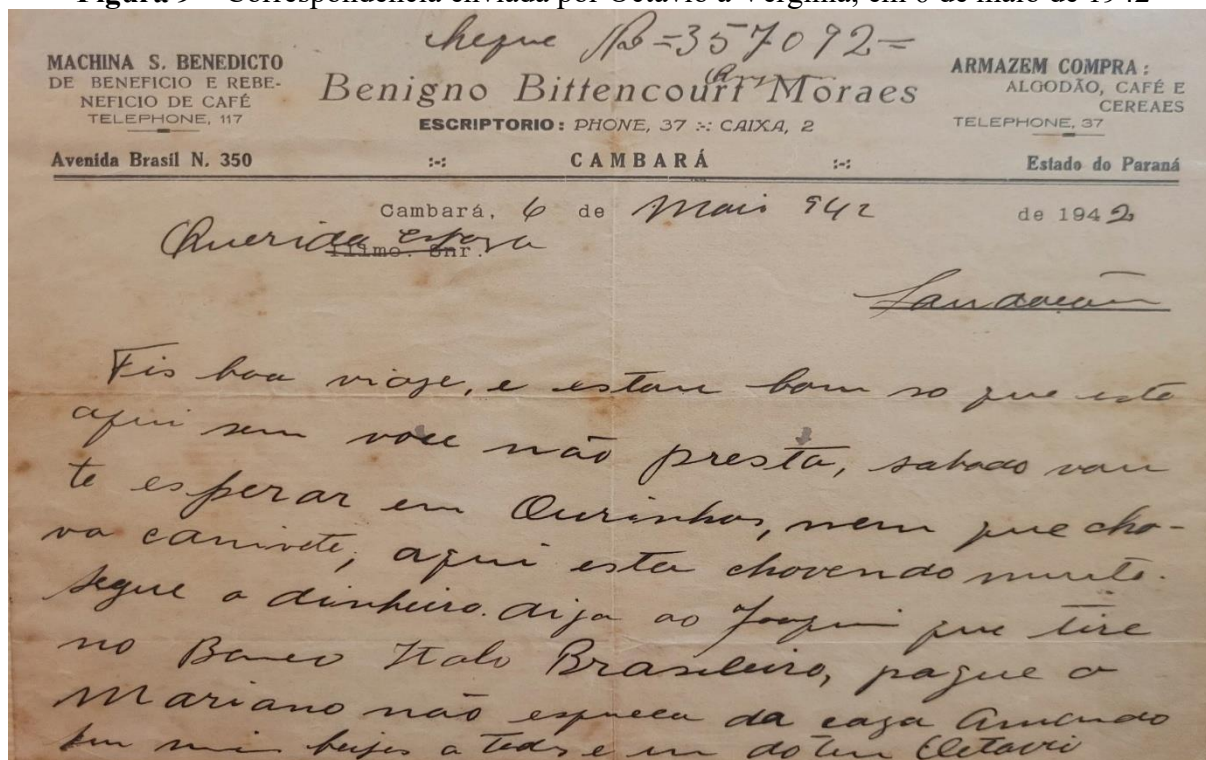
E com a graça de Deus isto aconteceu. Depois que ela voltou, nasceu o Tio Dito e o seu avô, fortes e saudáveis. Todo mundo cuidava muito dela, até a superprotegiam. O Vó Octavio tinha um respeito por ela e um amor que era recíproco e muito bom de ver (Oliveira, 2025).

Gabriela Rodrigues Ferreira Fantinelli (GRFF), neta de Octavio e Verginia, filha de José, nossa mãe, também destacou tais características do avô para com a avó: “Meu pai dizia que meu avô respeitava e amava muito a sua esposa, Verginia. Quando ela dava uma ordem a

quem quer que fosse na fazenda, todos deveriam acatar, pois o que ela dizia era lei!”.

A primeira das duas correspondências escritas por Octavio, à qual tivemos acesso em um dos álbuns de fotografia, é a que será apresentada a seguir. A outra será analisada na seção “Querido papae, prezado amigo – construção da memória afetiva por meio das correspondências familiares”. Felizmente, e por coincidência, o material revela este mesmo perfil comportamental de Octavio, qual seja, o de um marido preocupado em saber notícias da esposa e em administrar o lar, mesmo que a distância. Seu conteúdo ratifica os dizeres de La Févrerie (1638, p. 3-67): “Acredito até que o amor foi o primeiro inventor das cartas. Ele é pintor, gravurista, é ainda um fiel mensageiro que traz aos amantes notícias daquilo que amam” [...]. Passemos a analisá-la.

**Figura 9** – Correspondência enviada por Octavio a Verginia, em 6 de maio de 1942



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Destacamos como primeiro elemento o suporte escolhido por Octavio para registrar as linhas de sua carta. O papel timbrado utilizado é o que o Benigno Bittencourt Moraes usava em seu comércio “Machina S. Benedicto de Beneficio e Rebeneficio de Café”. Este é um indicativo fortemente significativo que comprova haver entre os dois um laço de amizade que será melhor desenvolvido e confirmado na seção “Querido papae, prezado amigo – construção da memória afetiva por meio das correspondências familiares”. Não podemos comprovar que estavam juntos no contexto da mensagem enviada, mas podemos depreender que poderia ter havido

algum encontro que possibilitou a Octavio o acesso a este papel.

O cabeçalho é composto pelo local de envio “Cambará” e a data “6 de maio de 1942”. O papel já trazia impresso o vocativo Ilustríssimo Senhor (Illmo. Snr), visto ser enviado nas tratativas comerciais e em circunstâncias formais de comunicação entre o senhor Benigno e os seus clientes. Vemos que Octavio rasura a informação e escreve “Querida esposa”. O sintagma nominal escolhido afasta a possibilidade de haver qualquer tipo de tratamento cerimonioso entre o casal. Em seguida, complementa com o breve exórdio: “Saudações”.

A primeira linha do desenvolvimento é composta por uma oração coordenada assindética unida a uma sindética aditiva que contam sobre Octavio ter feito boa viagem e estar em boas condições. Provavelmente o casal estivesse junto em outra cidade, em visita a alguém, mas Octavio precisou voltar para Cambará, motivo pelo qual não rasura a cidade do cabeçalho. O primeiro indício de romantismo é revelado por meio da indicação da oração coordenada sindética adversativa —“so que esta aqui sem voce não presta [...]” — que introduz ideia de contraste entre o que Octavio precisava fazer e onde realmente gostaria de estar — ao lado da esposa.

Tendo em vista os depoimentos recolhidos, o agricultor zelava pela presença da esposa, e sua companhia trazia conforto a ele, tanto que, em seguida, anuncia que iria esperá-la “sabado [...] em Ourinhos, nem que chova canivete”. O uso estilístico expressivo da hipérbole atesta a firmeza da decisão em esperar pelo reencontro com a esposa, independentemente das condições adversas do clima, pois sinaliza estar “chovendo muito” em Cambará.

O uso do imperativo verbal reforça a postura organizada do chefe da família. Como provedor e mantenedor do lar, dá as diretrizes para que o filho Joaquim “tire no Banco Italo Brasileiro, pague o Mariano não esqueça da caza Armando”. Notamos que o mesmo senso de responsabilidade e cuidado com as finanças é transmitido aos filhos.

A conclusão é breve e sinaliza não haver mais assuntos a serem tratados, naquela ocasião: “Sem mais”. A despedida é amorosa, destinando “beijos a todos” e “um do teu Octavio”. O emprego do possessivo atrelado ao substantivo próprio Octavio acarreta intensa carga afetiva, simbolizando pertencimento emocional e entrega íntima entre remetente e destinatário.

#### 4.1 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DA PRIMEIRA LINHAGEM DOS RODRIGUES FERREIRA

Os sete filhos de Octavio e Verginia viveram a infância e a adolescência sob condições

privilegiadas. Foram criados em casas de fazenda. Primeiro, na Santa Cornélia (adquirida por Octavio e administrada por um período de tempo por Luiz Carlos Toledo Barros, marido de Maria Helena) e, posteriormente, na Santana, onde tinham espaço físico, contato com a criação de animais e da lavoura, e onde podiam ser crianças, de fato:

O vô Octavio, antes de comprar a Fazenda Santana, tinha uma fazenda onde residia, que se chamava Fazenda Santa Cornélia. Que incrível! Você perguntando sobre isso, me dou conta de que não perguntávamos sobre datas. Penso que (precisa checar) o vovô e a vovó continuaram morando na Santa Cornélia por um tempo; depois, mudaram para a Santana. Só depois que o vô vendeu a Fazenda Santa Cornélia é que ele foi morar na Santana. Não sei quantos anos meu pai tinha nesta época. [...] Sei que moraram numa casa grande de madeira que foi desmanchada para ser construída a que está lá hoje. Enquanto a casa era construída, o vô e a vó moraram na cidade, numa casa do lado do Campo da Cambaraense<sup>10</sup> (VACRFO).

A fotografia abaixo — Figura 10 — retrata a família completa, em 1938, 14 anos depois do nascimento do primeiro filho.

**Figura 10** – Primeira linhagem dos Rodrigues Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese. Da esquerda para a direita: Otávio Filho, David (sentado), Benedito (de pé, ao lado de David), Joaquim (atrás de Benedito), Virginia, Maria Helena, José (entre os pais), Octavio e Lorivaldo.

A elite agrária dos anos 1930 a 1960 foi um dos principais pilares econômicos do Paraná. Como detinham poder no campo, isso refletia também nas interações sociais e políticas, além de vermos sua influência nas câmaras municipais e no controle administrativo, em maior escala, nas cidades interioranas. Notamos que a infância/adolescência da geração pioneira foi marcada pela continuidade da hierarquia social, transmissão de valores, práticas familiares e a importância máxima ao trabalho, bem como a manutenção do status quo.

<sup>10</sup> O nome original é Clube Recreativo Esportivo Operário (CREO).

Dito isso, a maioria dos netos entrevistados elencou como resposta à primeira pergunta: *Como foi a infância/adolescência do seu pai/mãe na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?*, o seguinte:

A adolescência da minha mãe sempre foi servindo e ajudando a família, pois a vó Vergínia tinha saúde fragilizada (RTBG).

Uma das histórias que ele contava de quando menino, é que, acredito num Natal, o vô comprou uma bicicleta para todos eles. Ganharam ela de manhã. Quando chegou a tarde, tinham brincado tanto com ela, que estava dividida em várias partes. Também falava que havia um chiqueiro bem grande, e que neste chiqueiro, além dos porcos, havia carneiros e um “bodão”. Eles entravam no chiqueiro e corriam um monte para conseguir pegar o bode. Era super difícil! Quando conseguiam pegar, o soltavam e a brincadeira começava de novo. Coitado do bode! Nós gostávamos muito das histórias. Ríamos muito. Ele contava muitas vezes a mesma história a nosso pedido (VACRFO).

Foi como a de todo menino daquela época. Só que, às vezes, os pais pegam mais no pé de um do que do outro, e a história que me marcou muito foi a que só ele tinha que buscar couve todos os dias na horta, e ele ia cantando: “Só eu que como couve! Só eu que como couve!”. O resto era família normal da década de 1930, começo da década de 1940. Quando voltavam da escola, descalços, atrás de estilingue. Vida normal daquela época (JOHRF).

Eu lembro das histórias do meu pai dizendo que eles viveram uma vida de criança e adolescência muito boa, com muita simplicidade, mas bastante divertida. Uma história que eu lembro deles é que quando eles eram mais novos — o tio Quim era mais velho que eles um bocado —, eles tinham um “poção” na estrada que ia para Cambará. Eles iam nesse poção e ficavam pelados lá dentro, brincando. O tio Quim era mais velho e não gostava disso, porque passava mulheres e viam eles pelados ali. Ele não concordava com isso, mas mesmo assim eles insistiam em ir. Eles tiravam a roupa, deixavam no cantinho e pulavam nesse poção.

Um dia, eles deixaram a roupa e o tio Quim tinha insistido com eles, para eles não fazerem isso. O tio Quim foi lá e roubou a roupa deles. Deixou eles pelados lá, e eles tiveram que voltar para casa pelados. Depois disso, nunca mais pularam no poção pelados. Essa é uma história de infância do meu pai (FRF).

Meu pai era o filho mais novo, o “caçula”; então, como ele mesmo nos contava, teve uma infância muito feliz. Era um filho obediente e tinha muitas regras a cumprir (GRFF).

O historiador José de Souza Martins (1976) enfatiza em sua obra *A formação do Estado Moderno no Brasil* que os latifundiários impunham uma educação moralizante, pautada na disciplina e na organização familiar, dentro de um sistema conservador. As filhas acompanhavam a mãe nos serviços e espaços privados da casa e eram ensinadas a ser femininas pelos manuais de etiqueta e de bons costumes. Já os filhos eram “treinados” para perpetuarem os negócios da família, mantendo a mesma reputação do patriarca.

Com relação ao ensino regular, estas crianças geralmente frequentavam instituições privadas de prestígio. As escolas frequentadas por essa elite primavam por reproduzir quase que a mesma educação recebida dentro dos lares, uma vez que tinham a responsabilidade de

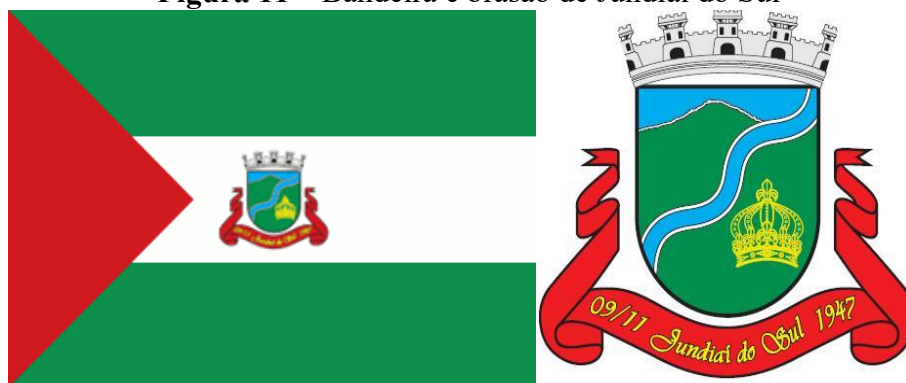
formarem a segunda geração da elite intelectual, política e econômica do estado do Paraná. Todos os filhos de Octavio e Verginia “passaram parte da infância e adolescência em Botucatu, pois estudavam” (CARF). De acordo com o depoimento de VACFRO,

quando chegou o tempo das crianças irem para a escola, o vovô comprou uma casa em Botucatu. A tia Tereza, irmã dele, viúva do tio Pedro — que morreu no incidente com o pai dele, vó Joaquim — morava com as crianças em Botucatu, no período escolar. Eles vinham para a fazenda nas férias. O tio Dito e o tio Zé, pequeninhos, ficavam em Cambará, até completar a idade escolar. A infância do meu pai foi na fazenda, nas férias, e em Botucatu, durante o ano letivo, mas não sei precisar datas.

Em nossos documentos de processo, temos arquivado que o período em que os filhos homens passaram no Ginásio Diocesano e Escola Técnica de Comércio “Nossa Senhora de Lurdes”, em Botucatu, compreende os anos de 1945 a 1953, contempladas as diferenças de seriação das crianças. Ao se desligarem da instituição, retornaram para Cambará e aqueles que ainda necessitavam estudar — no caso, Benedito e José, por serem os filhos mais novos — foram matriculados no Colégio Cristo Rei, em Jacarezinho. O Colégio Cristo Rei (“Gymnásio” Cristo Rei) de Jacarezinho foi inaugurado no dia 19 de março de 1935, tendo funcionado de 1935 até 2000. Foi responsável pela formação educacional de diversos jovens do Paraná e do interior de São Paulo, na forma de internato e externato. Dos bancos das salas de aula do Cristo Rei surgiram médicos, arquitetos, artistas, prefeitos, deputados, senadores, ministros, vereadores, engenheiros, professores, muitos dos quais, renomados, que contribuíram para o progresso da região e do país.

Também estudaram no Cristo Rei membros da família imperial Orléans e Bragança, quando residiram em Jundiá do Sul-PR, de 1957 a meados da década de 1960. Dom Pedro Henrique de Orléans e Bragança (1909-1981) e família mudaram-se para a região em busca de uma vida mais tranquila e se estabeleceram na Fazenda Santa Maria, em Jundiá do Sul. Dom Pedro era casado com Maria Elizabeth (princesa da Baviera). Era bisneto de Dom Pedro II e neto da Princesa Isabel e do Conde d’Eu. O casal teve doze filhos dos quais três são jundiáenses, com registros comprovados no cartório da cidade. A bandeira e o brasão do município trazem a imagem de uma coroa — símbolo das cidades pelas quais passaram as figuras imperiais do Brasil —, conforme retratado pela Figura 11.

**Figura 11** – Bandeira e brasão de Jundiá do Sul



Fonte: CRW Flags/Prefeitura Municipal de Jundiá do Sul<sup>11</sup>.

Por coincidência, a orientadora da nossa tese, Professora Doutora Edina Regina Pugas Panichi, estudou com a oitava filha do casal, Eleonora de Órleans e Bragança, cujo nome completo é Eleonora Maria Josefa Rosa Phelippa Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Órleans e Bragança de Ligne. Fizeram a catequese juntas, em Jundiá do Sul, pois nasceram no mesmo mês e no mesmo ano. Eleonora é casada com o príncipe Michel de Ligne, nobre belga. Em 21 de agosto de 2005, seu marido tornou-se o 14º Príncipe e Chefe da Casa de Ligne. Desde então Eleonora, na condição de Princesa de Ligne, desempenha um importante papel social, dedicando-se de modo particular a obras de caridade e ao patrocínio das artes e da cultura, em geral.

As Figuras 12 e 13, a seguir, são meramente ilustrativas. A primeira é a cópia do canhoto de anuidades e despesas devidas pelos alunos chamados de “Irmãos Rodrigues Ferreira”, no Colégio Cristo Rei, e a segunda refere-se ao pagamento semestral das despesas relacionadas ao regime de internato dos meninos Benedito e José, no Colégio Nossa Senhora de Lurdes.

<sup>11</sup> As imagens estão disponíveis, respectivamente, em: <https://www.crwflags.com/fotw/flags/br-pr181.html> e <https://www.jundiadosul.pr.gov.br/cidade/simbolo>. Acesso em: 24 set. 2025.

**Figura 12** – Cópia do canhoto de anuidades e despesas devidas pelos alunos chamados de “Irmãos Rodrigues Ferreira”

**GINÁSIO CRISTO REI**  
JACAREZINHO  
PARANÁ

Nº 891

Anuidade e demais despesas devidas pelo aluno Irmãos Rodrigues Ferreira

Responsável \_\_\_\_\_

Pagamento correspondente 13 prestação 57 Cr.\$ 3.539,-

cinco mil e oitocentos e trinta e dois cruzeiros.

Jota.....	Cr.\$	400,-
Lavagem de roupa.....	Cr.\$	325,-
Despesas. <u>deprezadas</u> .....	Cr.\$	600,-
Uniforme. <u>Salda 1947</u> .....	Cr.\$	968,-
Recebi a quantia Total.....	Cr.\$	<u>5.832,-</u>

Isento de selo de acordo com o Decreto-Lei N. 8.029, de 2 de Outubro de 1945.

Jacarezinho, 3 de Maio de 1948

Rodrigues F.R.F.

Saldo devedor nesta data Cr.\$ \_\_\_\_\_

Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

**Figura 13** – Contribuição semestral dos alunos Benedito e José Rodrigues Ferreira no Colégio Diocesano e Escola Técnica de Comércio “Nossa Senhora de Lurdes”

Colégio Diocesano e Escola Técnica de Comércio  
«NOSSA SENHORA DE LURDES»  
BOTUCATU — Estado de São Paulo

Nº 4182 \_\_\_\_\_ irmão

CONTRIBUIÇÃO DO ALUNO

Benedito e José Rodrigues Ferreira  
matriculado no Curso \_\_\_\_\_, na categoria de \_\_\_\_\_  
correspondente ao 1º semestre de 1950

Ensino e pensão	Cr.\$	6.400,00
Depósito para despesas extraordinárias	»	700,00
Lavagem de roupa	»	300,00
Assistência médica	»	70,00
<u>Saldo - 1º semestre</u>	»	160,00
<u>Saldo - 2º semestre</u>	»	180,00
<u>Conta - 1º semestre - Benedito</u>	»	1.476,00
Soma	»	_____
Saldo devedor	»	_____
Total a pagar	Cr.\$	<u>9.276,00</u>

Recebi 9.276,00

Botucatu, N.º de 1948 de 1950

Saldo devedor Cr.\$ \_\_\_\_\_

Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Tia Teresa aparece nas entrevistas como uma pessoa relevante na formação dos filhos de Octavio e Verginia. Relembremos que Verginia passou anos internada; dessa forma, a cunhada honrou com os compromissos maternos e esteve ao lado dos sobrinhos enquanto estes frequentavam o Colégio. Lorivaldo, pai de VACRFO, e Benedito, pai de FRF, contavam aos filhos que

a tia Tereza sentava na mesa de almoço com todos eles e uma régua bem grande. Quando eles se comportavam de forma errada, colocando o braço sobre a mesa,

pegando errado o garfo ou a faca, com maus modos, ela, do lugar dela, com a régua comprida, dava uma reguadinha no braço do mal-educado. A tia Maria Helena falava dela mocinha na Santa Cornélia (VACRFO).

Quem foi cuidar dos filhos do vô Otávio e da vô Verginia em Botucatu foi a “mãe” Tereza, uma irmã do vô Otávio. Ela era rígida com eles. Passaram muito “aperto” nessa época em Botucatu, mas todos eles estudaram lá. Meu pai, tio Davi e tio Tavinho fizeram Tiro de Guerra em Botucatu. [...] Ele dizia que foi uma juventude muito boa lá em Botucatu, eles puderam estudar bastante lá (FRF).

Fundado em 1913, em Botucatu, o Ginásio Diocesano e Escola Técnica de Comércio “Nossa Senhora de Lurdes” foi criado exclusivamente para meninos, a fim de atender à demanda local e regional. Os prédios eram inspecionados pelo Governo Federal porque havia suporte financeiro do então deputado federal Coronel Antônio Cardoso do Amaral. Dentre os serviços educativos prestados destacamos, conforme pode ser atestado no material de divulgação (Figura 13), os seguintes:

Alimentação sadia e abundante; Ensino eficiente, Corpo docente constituído por professores das Escolas Oficiais locais; Carinhosa vigilância do Diretor e seus auxiliares; Cuidadosa formação religiosa e moral; Ótima disciplina; Assistência médica diária; Gabinete dentário; Farmácia e enfermaria; Chácara de 80.000 m<sup>2</sup>, com hortas e pomares cultivados; Água própria abundante; Laboratórios e museus; Música, Piano e Dactilografia; Campos para esportes (futebol, bola ao cesto, ping-pong, voley-ball, etc.); Piscina para natação; Grandes áreas livres para recreação; Amplos dormitórios e refeitórios; Barbeiro e Cabelereiro; Lavanderia; Sapataria.

O complexo educativo reflete a influência que instituições de cunho religioso, profissional e moral ofereciam aos filhos da elite. Os pares de substantivos e adjetivos revelam os valores cristãos, os princípios de sociabilidade e o respeito à hierarquia, à autoridade e à disciplina. A escola, de certa forma, blindava os meninos do “mundo exterior”, onde só teriam contato com influências dissonantes nas férias escolares.

Temos de levar em consideração a personalidade dos filhos de Octavio, a fim de destacarmos um fato, no mínimo curioso, que poderá ser constatado na Figura 14. De acordo com as entrevistas colhidas, FRF descreve que “Tio Tavinho era ‘do peru’. Ele era ‘da pá virada’, e o meu pai era o queridinho da ‘mãe’ Tereza, que sempre protegia ele. Ele era mais novinho, antes do tio Zé (era mais novinho ainda). Mas meu pai era mais bonitinho, mais gordinho, e a ‘mãe’ Tereza protegia ele”. RTBG apresenta Maria Helena, sua mãe, como “de personalidade forte também — destemida e pronta para ajudar”. GRFF destacou que o pai, José,

na adolescência, foi estudar em um internato com seus irmãos em outra cidade, mas, sempre sob os olhos dos pais, e era um filho educado e gentil. Só não tirava muitas notas boas na escola, pois tive a oportunidade de ver um de seus boletins escolares e me espantei muito ao ver notas baixas (risos) [...]. Quanto à semelhança, meu pai tinha

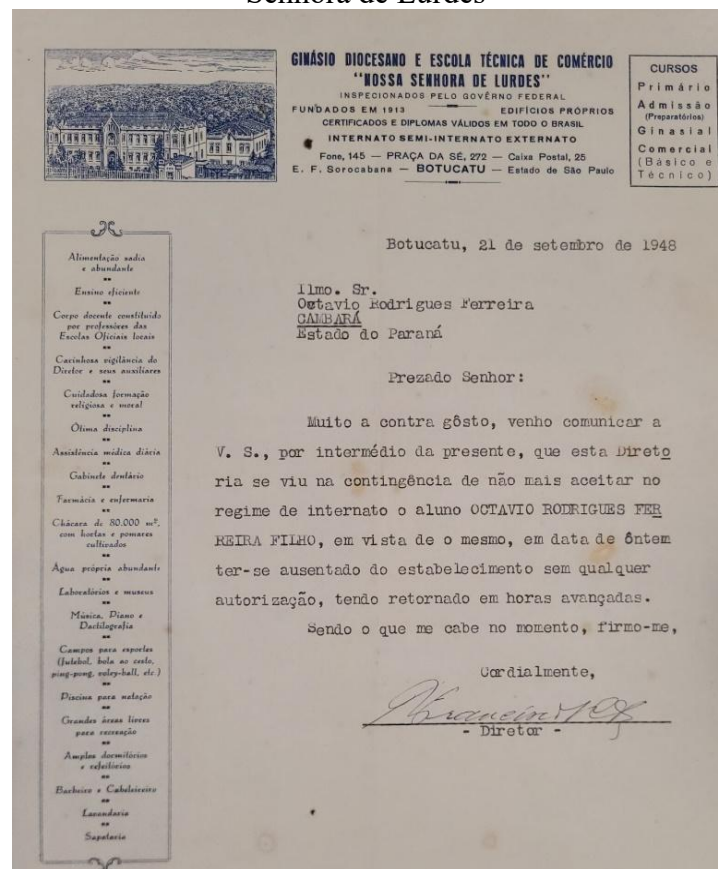
mais as características físicas de minha avó, a personalidade e o jeito de ser muito religioso dela, também”.

JOHRF explicou que o pai, David, “era um anjo, mas ele talvez tivesse um pouquinho mais de estopim curto”. Por esse motivo,

ele preferiu vir pra Maringá junto com a irmã do vô Octavio, a tia Aninha (Ana), casada com Domingos Salgueiro, para colocar uma loja de secos e molhados, na época. Ele veio em 1946. Tinha 20 anos de idade, recém-completados 20 anos, porque ele é de março de 1926. Ele veio em 1946 para Maringá, e Maringá nem tinha sido fundada como cidade ainda, era distrito de Mandaguari. Maringá foi fundada em 10 de maio de 1947, e ele já estava aqui, solteiro, sozinho, sozinho não, morava com a tia Aninha, com as primas, com o tio.

Há de se destacar duas observações já apresentadas: “a carinhosa vigilância do Diretor e seus auxiliares” contra o fato de Tavinho ser “do peru”, “da pá virada”. O corpo da correspondência relata a expulsão de Octavio Filho do regime de internato, por desobediência às regras da instituição de ensino.

**Figura 14** – Correspondência que comunicava o desligamento de Octavio Filho do “Nossa Senhora de Lurdes”



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

As formas de tratamento “Ilustríssimo” e “Prezado” e o pronome de tratamento “Vossa Senhoria” mostram que havia a intenção de se comunicar de maneira formal e respeitosa com o destinatário. Isso revela haver um protocolo social a ser seguido. A locução prepositiva aliada a um intensificador “muito a contra gosto” transmite a ideia de que a decisão tomada pela direção contraria o seu próprio querer, ou seja, a decisão tomada poderia ter sido evitada, caso Octavio Filho tivesse cumprido as regras estabelecidas.

O emprego do substantivo “contingência” é considerado uma escolha lexical importante, adequada ao padrão discursivo da época. Ele garante maior peso à tomada de decisão, visto que o ato de Octavio Filho foi contrário ao que havia sido previamente estabelecido.

O eufemismo empregado em “não mais aceitar em regime de internato” suaviza a opção abrupta pela expulsão do garoto. O motivo dado ao afastamento é apresentado por meio da oração subordinada adverbial causal “em vista de o mesmo, na data de ontem ter-se ausentado do estabelecimento sem qualquer autorização, tendo retornado em horas avançadas”. Não havia brecha para o descumprimento das regras. Resta claro que a obediência e a disciplina eram levadas com rigidez e eram virtudes exaltadas pela Diretoria, pois o representante termina utilizando o verbo reflexivo “firmo-me”, reafirmando a posição tomada de maneira assertiva.

Por fim, a escolha do advérbio de modo “Cordialmente”, introduz a ideia de sutileza e respeito, sem excesso de intimidade, pela figura de Octavio, que havia confiado no Ginásio a responsabilidade como transmissor de educação de qualidade aos seus filhos. A intenção é que não houvesse ruptura na comunicação aberta e amigável que existira, visto que os outros filhos de Octavio continuariam a estudar na instituição (e não seria interessante perder essa “clientela”).

Ao serem questionados sobre *Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?*, os netos verbalizaram as seguintes respostas, ouvidas por meio da exposição dos próprios pais:

Sempre dizia que meu avô Octavio era uma pessoa exigente com os filhos e empregados. Ele era muito comprometido com a política e bastante generoso quando se tratava de doações beneficentes (OFRN).

Era um homem honesto, não gostava de injustiça, não era muito falante, mas um homem de ações. Não reclamava de nada. Procurava sempre encontrar uma solução para os problemas. Não deixava de atender ninguém que viesse à sua casa para visitá-lo, pedir algum conselho ou alguma coisa. Na sua casa recebia desde políticos até andarilhos da estrada, os bêbados lendários da cidade (Osório, Passarinho, Ana Loca, Celestina), todos com respeito e humanidade (VACRFO).

Era uma pessoa extremamente honesta, extremamente rigorosa com os filhos, muito

rígido, educador, porém, com os amigos ele era bastante “mão aberta”, tranquilo, não era tão rívido como com os filhos [...]. Resumidamente, meu avô foi um cara espetacular, não tenho o que corrigir nele, a não ser essa rigidez grande com os filhos que, talvez, tenha deixado-os um tanto quanto submissos demais (JOHRF).

Meu pai contou também que ele dava muita atenção para os outros e dava pouca atenção para os filhos, que os filhos passavam apertado na mão dele, mas eu acho que tem que ser assim mesmo. Os filhos tem que... não pode ter muita moleza não. Tem que ser meio “cabresto curto” mesmo. Sempre a geração mais nova vai reclamar da mais velha, neste sentido. O vô Octavio era um homem de muito brio. [...] Mas devia ser também uma pessoa difícil de se lidar, porque ele tinha as convicções dele fortes; então os filhos deviam sofrer um pouquinho na mão dele, mas era o jeito dele. Ele era bruto. Era uma pedra bruta. Eu imagino o perfil do vô Octavio uma mistura bem boa do que é o tio Tavinho — acho que mais próximo do tio Tavinho, do tio Zé, misturado com a paciência do tio Lorivaldo, do meu pai, do tio Quim. Eu acho que ele era um uma misturamba dessa desses aí, viu? E... bom, é... ele era uma pessoa única. O vô Octavio não foi fácil, não. O homem era peitudo (FRF).

Meu pai amava e tinha grande admiração por seu pai. Falava dele com grande respeito e, em suas palavras, quando se referia ao pai, havia um tom de muita ternura e consideração. Os olhos do meu pai brilhavam quando se lembrava dos feitos e do jeito de seu pai. Dizia que era um homem corajoso, empreendedor e também rívido na educação dos filhos, mas tudo com grande amor (GRFF).

Até este ponto do resgate biográfico de Octavio, temos delineado o perfil de um jovem filho, que teve de ser o “homem da casa”, cuidando da mãe e dos irmãos, dada a morte prematura do pai, e de um jovem esposo, que precisou ser o cuidador dos filhos, em virtude do prolongado internamento da esposa. Foi necessário que amadurecesse, mostrando responsabilidade e comprometimento com suas atividades e gerenciamento do lar. Tais passagens constituíram sua personalidade, a forma como lidava com os funcionários, com os amigos, com os próprios filhos e a sua postura frente ao trabalho e com os demais vínculos dos quais participou, posteriormente.

#### 4.2 O DESBRAVADOR DAS TERRAS – CORRESPONDÊNCIAS COMERCIAIS

Octavio Rodrigues Ferreira foi considerado um dos pioneiros de Cambará, carinhosamente chamada “porta de ouro do Paraná”, conforme letra do hino municipal já apresentada em rodapé. Agricultor/fazendeiro por vocação e desbravador de terras, contribuiu para o crescimento e o progresso da cidade.

*O Cambará Jornal* — semanário independente e de defesa dos interesses de Cambará e Norte do Paraná — noticiou em 19 de agosto de 1945 o grandioso banquete oferecido pelos amigos e correligionários da UDN ao “prestigioso chefe político e presidente da U.D.N de Cambará” (p. 1). Nesta oportunidade, o doutor Hermínio Mélo — vereador, 1º secretário da Câmara Municipal, dirigente do jornal *Cidade de Cambará* e membro da *secção* do UDN de

Cambará — saudou o homenageado “fecundo e dinâmico cidadão, que com patriótica dedicação tanto tem feito pelo progresso e bem estar desta cidade”<sup>12</sup> (p. 2), e reconstruiu para os presentes, em linhas gerais, a breve jornada empreendida até Octavio chegar ao Paraná.

Nasceu na cidade de São Carlos do Pinhal, antiga capital paulista do café. Na fazenda São Martinho, vizinhanças de Ribeirão Preto, passou sua infância Naquela antiga zona habitada por grandes fazendeiros, descendentes dos intrepidos Bandeirantes que fizéram daquéla gleba de terra roxa, o maior “Eldorado” do passado, o seu espirito foi influenciado pelo ambiente que o cercava, de trabalho intenso, prosperidade e de grandeza. São os exemplos que frutificam... Também quiz ser um grande e resoluto partiu para as campinas do Mato Grosso e Goiaz, abandonando as sombras dos jequitibás e os cafesais verdejantes de sua terra. Trabalhando no transporte de boiadas, enfrentando todas as dificuldades e desconfortos daquélas zonas, debaixo de um sol abrasador, lutou anos a fio. Mas, um descendente de raça fôrte não podia parar aí o seu roteiro, e não parou... Seguindo as picadas dos Barbosa Ferraz, Antonio Leoncio de Castro e João Manuel dos Santos, atravessou a fronteira e veio continuar a sua obra nas terras do Paraná, escolhendo Cambará para sua nova séde (Mélo, 1945, p. 2).

O trecho da citação “Seguindo as picadas dos Barbosa Ferraz” é importante para compreendermos o papel fundamental que a família Barbosa Ferraz exerceu sobre a cafeicultura no Norte Velho. O artigo “A economia cafeeira no Paraná até a década de 1970”, de autoria de Oliveira (2009), ratifica o dado, explicando que

os pioneiros paulistas superaram os mineiros no café do Norte Velho, se não em número, em capital investido. O exemplo clássico é o da família de Antonio Barbosa Ferraz, que, saindo da região de Ribeirão Preto, instalou-se em 1904 nas proximidades de Cambará, onde plantou cerca de um milhão de pés de café. Com a constituição da Companhia Agrícola Barbosa e, depois, a Sociedade Agrícola Barbosa, a ocupação foi rápida. Entre 1921 e 1924, as regiões de Bandeirantes, Santa Mariana e Cornélio Procópio já haviam sido tomadas por cafezais (p. 3).

A contribuição do Major Antonio Barbosa Ferraz Junior foi registrada nas páginas da obra *De Alambari a Cambará: um resgate histórico* (2002). Sobre a extensão de seu patrimônio rural, lemos o seguinte:

Em 1910 retorna a essa terra o Major Antonio Barbosa Ferraz Júnior e adquire grande área de diversos proprietários, formando em Cambará uma grande fazenda de café, com cinco mil alqueires de terra. Transforma a área adquirida numa fazenda modelo, a fazenda Água do Bugre, plantando nela nada menos que um milhão de pés de café (Pugas, 2002, p. 21).

Para resolver o entrave do escoamento da quantidade exorbitante de café produzido, principalmente para o estado de São Paulo, Barbosa Ferraz tomou a seguinte resolução junto

---

<sup>12</sup> Em todas as citações diretas, a autora optou por manter a escrita original encontrada nos documentos de processo, com o intuito de retratar, com fidedignidade, o registro ortográfico da época.

de seu filho, Leovigildo, com o propósito de atrair novos investidores para a cidade:

Unem-se a outros fazendeiros, entre os quais o senhor Willie da Fonseca Brabazon Davids, Gabriel Ribeiro dos Santos, Antonio Ribeiro dos Santos e Manoel da Silveira Correa e, juntos, constituem uma empresa destinada a prolongar os trilhos da Sorocabana além de Ourinhos e, assim, fundam a Estrada de Ferro Noroeste do Paraná que logo depois foi alterada para Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná e iniciam a construção do trecho entre Ourinhos a Cambará. [...] O Major Antonio Barbosa Ferraz, constante incentivador de Cambará e, talvez por isso, seu primeiro prefeito, realizou grandes festejos populares no dia da inauguração da ferrovia (Pugas, 2002, p. 22).

Com relação ao curto período em que ocupou a cadeira de prefeito, há a narração de um fato interessante: como a cidade havia sido recém-elevada a município, poucos eram os eleitores aptos a exercerem a democracia. O total de votantes era 166. O Major concorria com o senhor João Manoel dos Santos. O primeiro recebeu 164 votos, enquanto o último, apenas 2. Daí é possível compreender que o cambaraense o amou da mesma forma como ele amou a cidade.

Cultivar café era altamente rentável por dois motivos. De acordo com a historiadora Cancian (1981), a terra era fértil e a presença dos proprietários frente aos empreendimentos fazia jus ao crescimento da lavoura. Estes homens portavam-se como elementos sociais de valor, grande parte representada por profissionais liberais participantes de uma cultura intelectualizada e de refinada educação. A professora de história afirma que “na região dos Barbosa Ferraz, era possível atingir, após o quinto ou sexto ano depois do plantio, um índice de 1.000 arrobas por mil pés, enquanto a região de Ribeirão Preto não ultrapassava 75 arrobas por mil pés de café” (p. 57).

**Figura 15** – Major Antonio Barbosa Ferraz Júnior



Fonte: Pugas (2002, p. 45).

Na década de 1950, o Paraná pleiteia com São Paulo a liderança na produção cafeeicultora do Brasil. Neste período, o Paraná já havia ultrapassado a produtividade de Minas

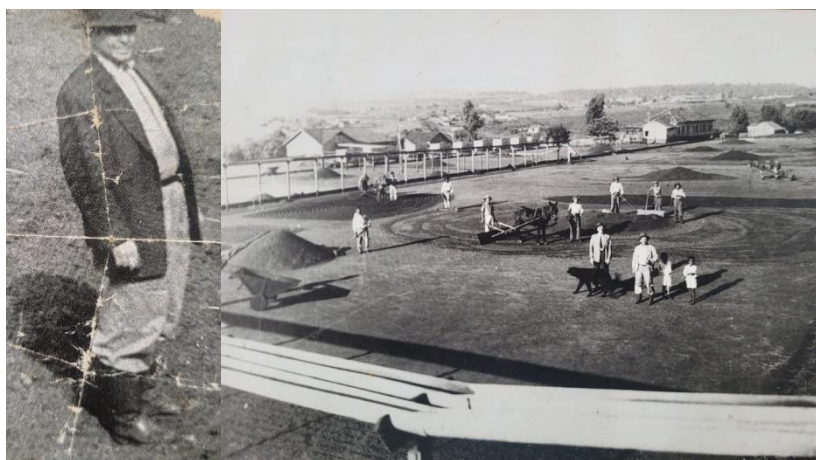
Gerais. A abundante safra de café perdurou entre as décadas de 1950, 1960 e 1970. Minas Gerais recupera o *ranking* de segunda maior potência cafeeira, na década de 1960, devido à quebra de safra do Paraná. No Paraná e em São Paulo perdurava a tendência ao declínio da produção em meados da década de 1970. Este fato propiciou, a partir da segunda metade da década de 1980, que o estado de Minas Gerais assumisse, em absoluto, a liderança na cafeicultura brasileira, posição que se manteve até a safra de 2004-2005.

Em 27 de setembro de 1973, a Sucursal de Jacarezinho da *Folha de Londrina* preparou um suplemento especial para divulgar as festividades do aniversário de 49 anos de emancipação política de Cambará. A reportagem intitulada “Otávio Rodrigues Ferreira – um dos grandes pioneiros e desbravadores de Cambará”, de autoria conjunta de Mario Ascenção Pinto e José Geraldo Ribeiro, retratou o crescimento daquele que começou “do nada”, mostrando-se um grande empreendedor,

primeiro arrendando terras, depois, adquirindo e formando grandes fazendas onde cultivava o café, revelando sua grande vocação de agricultor. Hoje, juntamente com seus filhos, possui várias fazendas Santa Rosa, São Joaquim e São Benedito. Nessas fazendas, totalizando 1.050 alqueires, cultiva feijão, algodão, trigo, milho, sorgo e também a pecuária (1.200 cabeças de búfalos) (Pinto; Ribeiro, 1973, p. 17).

Se a figura do proprietário contribui para o aperfeiçoamento e a ampliação patrimonial, em Octavio podemos encontrar as qualidades necessárias de um gestor participativo. A Figura 16 retrata Octavio em um dia de trabalho, no terreirão de café da Fazenda Santana, em 1942.

**Figura 16** – Octavio em um dia de trabalho em um dos terreirões da Fazenda Santana



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

A Fazenda Santana gozava de plena atividade laboral. A expansão das lavouras e da criação de gado e de búfalo, assim como o crescimento da sede da propriedade, atestavam a

visão comercial e empreendedora de seu administrador. Há um ditado popular que literalmente pode ser aplicado a Octavio: “o olho do dono que engorda a boiada”, referindo-se à sua presença constante no cotidiano das fazendas. Era tão atento que “não podia deixar um saco de café dormindo no campo. Ele puxava todo o café, todo dia. Todo dia o café tinha que estar no terreirão, debaixo do olhar dele”, segundo relato de FRF. Para o neto CARF, era possível ver no avô a figura de um “homem muito honesto, trabalhador e correto. Um homem de muita visão, como eu digo hoje, ele enxergava atrás dos morros”.

**Figura 17** – Patrimônio da Fazenda Santana



Fonte: Arquivo pessoa da autora da tese.

Quando perguntamos aos netos “*O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?*”, os qualificadores que prevaleceram nas respostas foram: “foi um homem de visão comercial e trabalhador. Fez muitos investimentos com terras e em empresas, sempre contando com a parceria de seus filhos” (OFRN); “muito bom nos negócios que fazia. [...] Nunca tirou proveito das pessoas, mas tinha uma visão do que ia acontecer, ou seja, ele enxergava muito à frente das pessoas de sua época. Muito me lembro que ele dizia: quanto mais eles tentam me enganar, mais eu ganho. Ele gostava de ajudar o próximo” (CARF); “tinha uma visão absurdamente empresarial” (JOHRF); “era um símbolo de um cara arrojado” (FRF) e era “muito organizado em seu trabalho” (GRFF).

Destacamos os depoimentos de JOHRF e FRF, pois ambos fazem uma retrospectiva rica em detalhes para nos situar na progressão vertiginosa do crescimento do avô:

Ele tinha uma visão absurdamente empresarial, tanto é que ele começou como peão e terminou como o homem mais rico de Cambará, na época. Ele tinha uma visão muito boa, muito grande (JOHRF).

Ele falava que meu vô tinha o quarto ano primário, era um carroceiro, veio para cá (Cambará), e fez esse império que ele fez, na época dele. Um carroceiro comprar a Santana e comprar as terras daqui até na beira do Panema, não é para qualquer um não. Ele foi iluminado, mesmo. O vô tinha uma visão muito boa, comercial, tinha tino comercial, líder, ele sabia fazer, ele tinha intuição. O vô teve Massey Ferguson aqui em Cambará (era sócio), era sócio da Volkswagen, foi sócio (acho) que da Chevrolet; aí montou um curtume de couro... Você olha curtume de couro... imagine só! Curtume... hoje só tem um curtume lá em Rolândia, no Paraná inteirinho. Naquela época, o vô Octavio já tinha um curtume aqui. Montou olaria para fazer tijolos; então, os tijolos das suas construções eram feitas com tijolos produzidos por ele, porque era um material primordial, até hoje é um material para levantar uma casa, para levantar qualquer coisa, tijolo. Naquela época, ele já tinha olaria. Tinha seus cafezais, tinha um viveiro de mudas (quem tem viveiro de muda aqui, hoje, de café?); ele já tinha naquela época. Ajudei a encher muito saquinho de terra para plantar café (FRF).

Os netos também se lembraram da filosofia do avô quando este firmava negócios: para que um negócio seja bom, é preciso que favoreça os dois lados. Ele gostava de ajudar o próximo. Quando se tratava de amigos e familiares, entendia que o que conquistou deveria ser dividido. Esta postura também o beneficiava. CARF relembrou uma história sobre essa característica específica do avô:

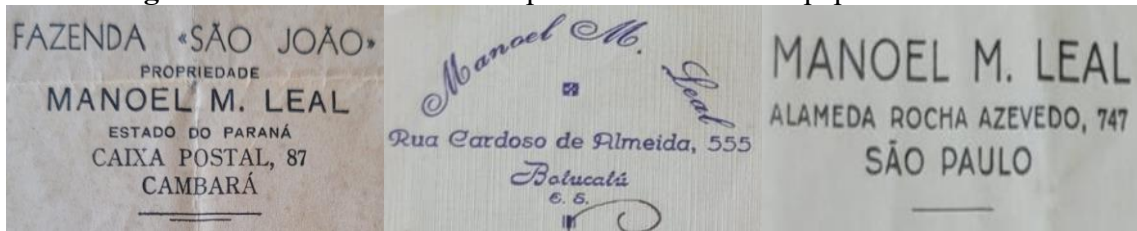
o vô trabalhou para a família Almeida Prado e, nessa época, ele amansou 12 muares, sendo recomendado que duas mulas tinham que ser bem mansas, pois eram para mulheres cavalgar, e isso foi feito. Quando foi entregar os animais, ele não quis cobrar pelo serviço realizado. Então, o dono dos muares perguntou a ele qual era o melhor animal para ele andar. Quando o vô lhe mostrou o animal, o Sr. Almeida Prado tirou da tropa e deu ao vô, como presente.

Um dos vínculos comerciais mais significativos encontrados nas correspondências é o que Octavio mantinha com o sogro, Manoel Leal. Levantamos 15 correspondências manuscritas do sr. Leal para Octavio entre 31 de março de 1941 a 17 de dezembro de 1948. Infelizmente, não havia nenhuma resposta arquivada que fosse de Octavio para o sr. Leal.

A primeira informação que nos chama atenção é o suporte escolhido para materializar os conteúdos dos textos. O sr. Leal se comunicava com Octavio por meio de três endereços: Cambará (casa da Fazenda São João), Botucatu (onde residiu entre aproximadamente 1929-1939) e São Paulo (onde residiu de 1939 até o falecimento), como podemos ver na Figura 18. Os timbres servem como prova material para informar a posição social e profissional do remetente, situar o leitor quanto ao período da datação e ao estilo de timbre, garantir autenticidade e credibilidade para o corpo da mensagem a ser comunicada e padronizar o suporte físico, a fim de que haja garantia de identidade visual, facilitando o arquivamento da

série de correspondências desse emissor.

**Figura 18** – Timbres utilizados pelo sr. Leal em seus papéis comerciais



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

**Figura 19** – Correspondência enviada de Manoel Maria Leal a Octavio Rodrigues Ferreira

São Paulo 23 de Setembro 1944  
 Presado Amigo Octavio,  
 Os meus desejos  
 e que esta te encontre forte e bem assim  
 toda tua família aqui todos vão bem, os  
 os pequenos da Beaura e que estão muito  
 saudados, mas parece que já vão indo  
 melhorando, isto tem o fim de te prevenir  
 para não venderes café pois o governo  
 fez uma proposta aos estados unidos que  
 o comércio aqui dessem que use ser aceite  
 pela America do norte, assim sendo nos  
 vamos vender café de 360,00 até 380,00  
 cruzeiros, eu devo chegar aqui lá  
 para o dia 2 ou 3 de outubro, aqui dessem  
 que no interior corre uma grande  
 fome mas que não pega devido a  
 Grande Seca, de forma que estas  
 bem prevenido para não vender  
 café até ver um que fica os  
 negócios.  
 sem abraços do velho  
 Manoel  
 Leal

Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

De acordo com a série de timbres, esta correspondência foi enviada da Alameda Rocha Azevedo, em São Paulo. Uma marca constante registrada no exórdio das cartas de Manoel Leal a Octávio era o vocativo “Presado amigo Octavio”. Como já sabemos, eram genro e sogro, e a informalidade permitia um tratamento mais coloquial. No entanto, 11 correspondências iniciam com o vocativo acima citado, demonstrando haver entre eles um relacionamento respeitoso. As outras quatro cartas iniciam com os vocativos “Amigo Octavio” e “Presado amigo”.

O desenvolvimento ou a narração compreendem praticamente a mesma construção para

o cumprimento inicial. Aqui lemos “Os meus desejos e que esta te encontre forte e bem assim toda tua família”. Em todas as outras cartas, Leal estende os cumprimentos a Octavio e sua família, referindo-se especialmente à saúde de todos: “A boa saúde de todos são os meus sinceros votos [...]”, “Saúde a todos e que desejo”, “Tua boa saúde e a de todos que te são caros são os meus votos [...]”, “Os meus desejos e que esta vos encontre a todos bons [...]”.

Na maioria das cartas comunicava, em seguida, que “aqui todos vão bem”, já antecipando uma informação para manter a filha e o genro despreocupados. Na carta em tela, relata que os sobrinhos de Octavio e Verginia, “os pequenos da Isaura e que estão muito gripados, mas parece que já vão indo melhores [...]”.

Em seguida, o teor da carta testifica a nossa escolha por incluí-la na análise das correspondências comerciais. Poder-se-ia justificar que há aqui apenas um vínculo familiar, porém, este não é o caso. Octavio era comodatário das terras da Fazenda São João, propriedade de Leal, em Cambará, pois este residia em São Paulo, como comprovado pelo cabeçalho.

Em 1944, vivíamos o contexto social, político e econômico da Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos da América (EUA) eram os maiores compradores do café brasileiro. O Brasil propôs aos EUA a venda do excedente de café estocado a preços compensadores — medida estratégica —, a fim de equilibrar a balança comercial e sustentar os preços do grão no mercado internacional.

Notamos que Leal seleciona o verbo “prevenir”, altamente significativo para este cenário, pois não era intenção comercializar o café das fazendas, antes que os rumos do mercado internacional fossem alinhados. Listamos três importantes motivos que fundamentaram a cautela de Leal sobre não vender o café antes de a proposta ser aceita: a) para que o preço do café brasileiro não fosse derrubado no mercado externo; b) para garantir remuneração justa e não prejudicar os produtores, sem que houvesse um acordo prévio e c) o café poderia ser usado como espécie de barganha diplomática, ou seja, como instrumento de negociações com os EUA, ou até mesmo para obter seu apoio financeiro, militar e industrial.

Leal fixa o valor que o café deveria ser vendido: “assim sendo nos vamos vender café de 360,00 até 380,00 cruzeiros”. Isso demonstra que, mesmo distante, tinha controle da sua propriedade e, de certa forma, também auxiliava Octavio na tomada de decisões, pois também informou que “eu devo chegar aqui lá para o dia 2 ou 3 de outubro”.

O último assunto tratado diz respeito à outra questão referente ao café: “aqui dizem que no exterior houve uma grande florada mas que não pega devido a Grande Seca [...]”. Na conjuntura internacional, muitos países produtores do grão como Colômbia, Honduras e México tiveram suas produções afetadas pela adversidade das condições climáticas. A Grande

Seca alterou o desenvolvimento das floradas de café. Mesmo sendo abundantes, a seca afetou o crescimento dos frutos, devido à quantidade escassa de chuva, fator preponderante para a formação de uma colheita saudável.

Agora, à guisa de conclusão, o sogro repete com ênfase o conselho para que Octavio não venda o café disponível: “estas bem prevenido para não vender café ate ver em que fica os negocios”. A junção do intensificador “bem” e a forma verbal no particípio “prevenido” recuperam a prudência exigida para o momento.

Leal escolhe praticamente a mesma combinação de palavras para concluir as cartas que enviava para o genro. Neste exemplar, lemos e percebemos que gostaria de ter escrito “sem mais”, mas, provalvemente, um lapso o fez escrever apenas “sem”. Despede-se enviando abraços do “velho sogro”, indicando que a aplicação do adjetivo anteposto ao substantivo exprime um valor afetivo, não tentando marcar a diferença de idade entre os dois homens. Nas demais correspondências, mantém o padrão: Sem mais, recomendações/lembranças a todos. Recebe um abraço/Abraços do teu velho sogro/sogro amigo.

Há uma máxima atribuída ao pensador chinês Confúcio: “A palavra convence, mas o exemplo arrasta”. Os filhos não tiveram (ou não quiseram) outro destino, a não ser trilhar o caminho do pai. Perguntamos aos netos de Octavio: *Que curso superior o seu pai/mãe fez? Houve apoio do seu avô?* Os filhos Joaquim, Octavio Filho, Lorivaldo, David e José não fizeram curso superior, apenas concluíram o ginásial. De acordo com a explicação de ORFN, filho de Joaquim: “Meu pai começou a trabalhar com meu avô na Fazenda Santana muito jovem, assumindo muitas responsabilidades. Ele sempre respeitou os funcionários, sendo uma referência para seus irmãos, e era muito querido pela família devido ao seu jeito de ser”. Sabemos, pelo relato de CARF, irmão de Otávio Neto, que o pai retornou dos estudos de Botucatu quando tinha por volta de 12 anos. VACRFO, filha de Lorivaldo, justificou sua resposta dizendo:

meu pai não fez curso superior, acho que porque não quis. Fez contabilidade, nível médio, e voltou para Cambará para trabalhar. Acredito que o vovô apoiava, pois comprou a casa em Botucatu para que eles tivessem uma boa educação, mas não era de obrigar. Ele era mais voltado para valorizar o trabalho. Nisso ele era categórico. Tinha um olhar muito preocupado com a comunidade. Ajudava Deus e o mundo! Acho que essa preocupação o encaminhou para a política.

Maria Helena cursou o magistério e foi convidada a dar aulas no Colégio Nossa Senhora das Graças. O único que optou por ingressar em um curso de graduação foi Benedito. De acordo com a resposta de FRF: “meu pai fez Agronomia na Escola Superior de Agronomia Luiz de

Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), em Piracicaba. Apoio total do vô Otávio”.

A Figura 20 ilustra José Rodrigues Ferreira acompanhando as lavouras de trigo da Fazenda Santana, que mantinham a produção média de 100 a 120 sacas por alqueire.

**Figura 20** – O agricultor José Rodrigues Ferreira passa em revista as lavouras de trigo



Fonte: Shimakawa (1973, p. 17).

O texto jornalístico “Otávio Rodrigues Ferreira – um dos grandes pioneiros e desbravadores de Cambará” também apresentou o dado de que cerca de 150 mil pés de café foram erradicados, à época, para dar lugar a 200 mil novos pés de café, conforme a Figura 21. Alguns motivos levantados para que isso tenha ocorrido é que as lavouras ficam velhas, desgastadas e/ou depauperadas. Além disso, a idade da lavoura, a variedade de grãos utilizada, o estado do solo, o histórico de produtividade, entre outras opções, favorece a tomada de decisão por uma reforma leve ou pela reforma mais drástica — arranquio ou replantio.

**Figura 21** – Erradicação da lavoura de café



Fonte: Shimakawa (1973, p. 17).

A Figura 22 mostra lavouras de café de 1 e 2 anos, da Fazenda Santana, plantadas segundo as mais modernas técnicas recomendadas pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC): curvas de nível e controle da ferrugem do cafeeiro. A primeira técnica, também chamada de plantação em contorno, aproveita linhas formadas em diferentes altitudes do terreno, as quais

visam à conservação do solo. O plantio é recomendado para solos íngremes, favorecendo sua conservação, funcionando como uma barreira à enxurrada, reduzindo a agilidade do escoamento, para que a água se infiltre na terra, por mais tempo.

A segunda técnica é responsável por monitorar uma das doenças mais agressivas ao cafeeiro — a ferrugem —, que provoca a desfolha da planta, manchas alaranjadas nas folhas, redução da produção e prejuízos financeiros. O controle da doença devia ser feito preventivamente e de forma recorrente, por meio da aplicação de fungicidas (entre os meses de março a abril), dependendo das condições de chuva do ano.

**Figura 22** – Lavouras de café de 1 e 2 anos da Fazenda Santana



Fonte: Shimakawa (1973, p. 17).

A mesma reportagem já fazia a previsão da safra do ano seguinte, além do moderno patrimônio que podia ser encontrado em suas propriedades:

Para a próxima safra já se encontram preparados cerca de 500 alqueires de terras onde serão plantados soja (300 alqueires), algodão (100), milho e sorgo (50 alqueires cada). Recentemente foram erradicados 150 mil cafeeiros velhos, sendo substituídos por 200 mil novos pés de café, plantados segundo as mais modernas técnicas estabelecidas pelo IBC (curva de nível e controle de ferrugem). Para fazer face a essa grande atividade e diversificação da lavoura, as fazendas estão perfeitamente equipadas com modernas máquinas, entre elas, duas colhedoras, 10 tratores de grande porte, quatro plantadeiras e pulverização aérea. Contam, ainda, com todas as benfeitorias para o cultivo, terreiros, máquinas para beneficiamento do café e demais dependências (Pinto; Ribeiro, 1973, p. 17).

Era natural a Octavio, já naquela época, prezar pela inovação. Segundo FRF:

Cada vez ia se modernizando, cada vez tentando se adaptar às gerações. Hoje já está um pouco diferente; mas não deixa de ter o princípio dele, que a gente tem que estar em cima dos nossos negócios, sabendo o que quer e peitando um pouco as coisas. Me espelhei muito nele para chegar onde estou hoje.

A segunda reportagem extraída do periódico intitulada “Inaugurações, fanfarras e futebol no 49º aniversário de Cambará”, também redigida por Mario Ascensão Pinto e José

Geraldo Ribeiro, atesta a inauguração de várias obras pelo prefeito em exercício, Mário Conselvan, que prestou significativa homenagem ao agricultor Octavio Rodrigues Ferreira, por ocasião da inauguração da ponte do rio Alambari, convidando-o para desatar a fita simbólica.

Presente o deputado estadual Hélio Manfrinato (4º secretário da Assembléia Legislativa) às 11h30m o Prefeito convidou o sr. Otávio Rodrigues Ferreira, um dos pioneiros de Cambará, para desatar a fita simbólica, inaugurando a ponte sobre o Rio Alambari, na periferia da cidade e que servirá a uma vasta área de terras de grande produtividade. A ponte recebeu o nome de “Otávio Rodrigues Ferreira”, em homenagem do poder Executivo ao pioneiro (Pinto; Ribeiro, 1973, p. 5).

**Figura 23** – Hélio Manfrinato, Mário Conselvan, Otávio Rodrigues Ferreira e Oswaldo Leal



Fonte: Shimakawa (1973, p. 16).

**Figura 24** – O prefeito e o agricultor desatam a fita simbólica



Fonte: Shimakawa (1973, p. 16).

A trajetória comercial de Octavio obteve notoriedade local e regional, comprovada por meio dos documentos de processo selecionados para comporem esta seção. Os periódicos contribuíram por apresentar este nome que despontava na agricultura — por meio do intenso cultivo do café —, na pecuária e no desenvolvimento industrial de Cambará, equiparando-se às personalidades conhecidas pelos cambaraenses, como o Major Antonio Barbosa Ferraz. A seleção lexical, as adjetivações, as construções frasais, dentre outros recursos estilísticos expressivos, mostraram-se como ferramentas argumentativas fundamentais que atestaram a consolidação de um empreendedor visionário, que honrava a palavra dada, que almejava inovações para suas propriedades, mas que, para além disso, buscava valorizar o progresso da cidade, favorecendo a ampliação das relações comerciais.

O reconhecimento perpetua o seu nome nas colunas de Cambará como símbolo de

altruísmo e luta pelos interesses coletivos, alcançando as futuras gerações dos Rodrigues Ferreira que intentaram, por meio de trabalho árduo e a manutenção dos aprendizados adquiridos pela educação recebida pelos pais, honrar este legado. A próxima seção abordará o segundo perfil biográfico de Otávio: a sua trajetória política, que certamente apropriou-se desta característica progressista, e que impactou a sua gestão frente ao Executivo Municipal.

#### 4.3 “O GENERAL DAS CAMPANHAS” – CORRESPONDÊNCIAS DE PODER

“Procura-se persuadir de forma fina e tocante”  
Richelet  
(Haroche-Bouzinac, 2016, p. 94).

Octavio Rodrigues Ferreira exerceu grande influência sobre a vida pública de Cambará. Foi vereador por várias legislaturas e prefeito entre 3 de dezembro de 1947 a 3 de dezembro de 1951, sob a bandeira da UDN, tendo sido seu chefe político e presidente no município.

A UDN foi fundada em 7 de abril de 1945. Organizou-se como partido político nacional e participou de todas as eleições, majoritárias e proporcionais, até 1965. Seu principal adversário político era o Partido Social Democrático (PSD), de maioria representativa no Congresso. Perdeu três plebiscitos presidenciais consecutivos — 1945, 1950 e 1955.

Mesmo não contando com a mesma quantidade de recursos do partido rival, possuía sede própria, no centro do Rio de Janeiro. Os correligionários contribuía com uma porcentagem dos seus proventos, a fim de promover as campanhas eleitorais para a Presidência da República. O símbolo do partido era uma tocha olímpica com labaredas e o lema era “O preço da liberdade é a eterna vigilância”, de origem controversa, pois dois nomes são elencados como possíveis detentores da frase: Thomas Jefferson, terceiro presidente dos EUA, ou John Philpot Curran, advogado e estadista irlandês (Silva, 2025). A Figura 25, encontrada entre os arquivos, ilustra os dados relatados.

**Figura 25** – Card produzido pela UDN



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

O partido político se levanta para participar da vida política nacional a fim de I) combater a ditadura estadonovista, em oposição constante a Getúlio Vargas e ao getulismo, pretendendo lançar ao supremo cargo executivo do Estado o brigadeiro Eduardo Gomes, defensor das liberdades democráticas; II) denunciar as corrupções administrativas para atingir a aliança governista Partido Social Democrático - Partido Trabalhista Brasileiro (PSD-PTB) e III) defender o anticomunismo radical.

Vinculou-se à classe militar e às aspirações das camadas médias urbanas, que se identificaram com suas proposições. As principais lutas do udenismo relacionavam-se à “defesa do liberalismo clássico, o apego ao bacharelismo e ao moralismo e o horror aos vários ‘populismos’” (Benevides, c2023).

No tocante à notoriedade pública, o discurso inicial da plataforma udenista de 1962 advertia que “de nada valem as formas de governo, se é má a qualidade dos homens que nos governam” (Benevides, c2023). A postura moralista registra o uso de termos como partido dos cartolas ou dos golpistas — de um lado —, e partido dos lenços brancos e/ou da herança liberal, de outro, justificando a imagem da UDN como partido da classe média.

O perfil social que a UDN intentava alcançar era composto pela classe média; por isso, as campanhas, os programas e os discursos na imprensa e nos meios militares eram direcionados a este público. Denunciavam de corrupções administrativas à proletarização. Em termos de interesse econômico, a atenção estava voltada aos ruralistas (proprietários com influência política) e à indústria aliada ao capital estrangeiro.

O fragmento introdutório do discurso proferido pelo professor Pascoal Maimoni Junior e que foi encontrado no *Cambará Jornal* — edição de 19 de agosto de 1945 — confirma o exposto:

Quero dizer vos em poucas palavras porque sou uma célula pequena nesta grande corrente viva que é a U.D.N. Sou udenista, meus amigos, porque antes de mais nada sou Cristão. E o cristão não deve compactuar com a ignominiosa situação do forte contra o fraco, com a tirania disfarçada e ipocrita da ditadura contra o povo. O cristão não póde contemplar de braços cruzados a ameaça atemorizadora do comunismo soviético, embora disfarçado, a nos ameaçar com suas garras aduncas (p. 2).

Há, no texto, um importante recurso estilístico utilizado para favorecer a construção de imagens carregadas de forte apelo emocional, ou seja, a metáfora, que apresenta o “comunismo soviético” como uma fera, uma entidade ameaçadora, com “garras aduncas”. Porém, ele não se mostra de forma clara, mas sim de forma disfarçada, astuciosa. A intenção do professor é conchamar o povo à resistência, visto que a postura passiva seria perigosa, e que não se

deixassem levar pelo discurso persuasivo do inimigo.

No Paraná, a força da UDN era considerada fraca, assim como em São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. O PSD liderava no cenário estadual. Havia duas facções udenistas de destaque: uma em Londrina, constituída de políticos mineiros transferidos para o Paraná, e a outra em Curitiba, formada pelas tradicionais famílias do estado. A UDN foi extinta pelo Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965. Os partidários afiliaram-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido do governo vigente.

No entanto, no Norte Velho, a legenda da UDN vinha ganhando em muitos municípios, especialmente na figura dos prefeitos, dado surpreendente que gerou a matéria intitulada “Vencendo em Cambará, e ganhando em Sertanópolis”, produzida pelo *Diário do Paraná*, edição de 27 de novembro de 1947.

**Figura 26 - Vencendo em Cambará, e ganhando em Sertanópolis**

<p>Dia a dia ganha terreno em nosso Estado a causa da União Democrática Nacional.</p> <p>Vencendo as eleições para prefeito em muitíssimos municípios, fazendo em outros a maioria da legenda, — a UDN está se firmando em toda a parte inclusive em municípios até agora completamente fechados contra nós.</p> <p>No norte do Estado nossa base eleitoral se ampliou consideravelmente tanto nos</p>	<p>municípios em que fizemos o prefeito, como em outros nos quais embora não conseguíssemos esse objetivo, conquistamos contudo uma situação de consolidação definitiva de nosso núcleo eleitoral.</p> <p>Os deputados udenistas revelaram extraordinária eficiência como coordenadores da política regional, podendo apresentar hoje com satisfação ao partido, os resultados de sua ação política.</p>
--	--

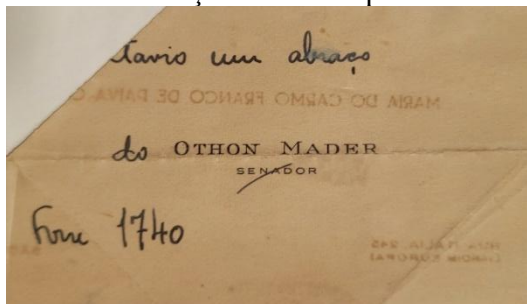
Fonte: Diário do Paraná (27 nov. 1947, p. 5).

A utilização de verbos aliados a substantivos e a advérbios, como em “ganha terreno”, “conquistamos contudo uma situação” e “ampliou consideravelmente”, a aplicação das formas nominais do verbo em “vencendo”, “firmando em toda parte”, a ligação entre substantivos e adjetivos em “consolidação definitiva”, “extraordinária eficiência”, “satisfação”, e o uso do superlativo em “muitíssimos municípios” são altamente significativos para comprovar o avanço da UDN nos municípios interioranos do Paraná, o que era considerado um feito extraordinário.

Dentre as diversas correspondências recebidas por Octavio, encontramos um pequeno cartão de um ilustre udenista, fundador e presidente do Diretório da UDN no Paraná: Othon Mader (1895-1974) — agropecuarista, engenheiro, geógrafo e servidor público. Suas atividades políticas resumem-se a dois mandatos como prefeito (1931 – Foz do Iguaçu e 1932 – Ponta Grossa). Posteriormente, no governo estadual, ocupou as secretarias da Agricultura, da Fazenda e da Viação e Obras Públicas. Entre os anos 1951-1959 foi eleito senador pela coligação UDN, Partido Republicano (PR), Partido Libertador (PL) e Partido Republicano Trabalhista (PRT).

Em 1958, foi eleito deputado federal também pela UDN-PR, mandato que exerceu até 1963. Entende-se que ambos se conheciam devido ao “abraço” enviado, que justifica nutrirem um amigável vínculo por serem ativos partidários dentro do mesmo período político.

**Figura 27** – Cartão de saudações enviado por Othon Mader a Octavio



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

#### 4.3.1 Trajetória política de Octavio Rodrigues Ferreira em Cambará

Antes mesmo de ocupar o mais alto posto frente à governança municipal, Octavio já atuava garantindo que Cambará tivesse um arranco desenvolvimentista no cenário interiorano do Paraná. Várias foram as contribuições materiais que dispensou ao povo cambaraense: o serviço telefônico foi instalado em 1932 pela Companhia Telefônica do Paraná, graças a ele e a Bento Mendonça. Além de permitirem maior acesso à comunicação, “em 25 de abril de 1937, reunidos em Assembléia, um grupo de homens idealizou a construção de um hospital, a Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia de Cambará. Após a doação do terreno, foi composta uma sociedade pró-construção” (Pugas, 2002, p. 33).

De fato, a instituição foi inaugurada em 7 de setembro de 1943, conforme edição do periódico *Cambará Jornal*, publicado em 5 de setembro de 1943. A reportagem de primeira capa “Inaugurar-se-á no próximo dia 7 de setembro, a Casa de Misericórdia de Cambará” trouxe, na íntegra, a “Ata (indecifrável) Sociedade Beneficente Casa de Misericórdia de Cambará” (p.1), secretariada e redigida por José Gomes da Silva — secretário da Prefeitura Municipal. Analisá-la será fundamental para compreendermos como transcorreu a sua fundação, os nomes dos benfeitores participantes da reunião e o propósito de sua criação.

A reunião ocorreu “aos dezoito dias do mês de abril do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil novecentos e trinta e sete, nesta cidade de Cambará, no Edifício da Prefeitura Municipal, na sala destinada aos serviços da Camara Municipal, às dezesseis horas [...]” (p.1). A expressão temporal “do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo” merece atenção. De acordo com o perfil do Facebook do Centro de Arqueologia de Lisboa (2025, s.p.),

que se baseou na obra *366 dias de História*, de autoria de Luís M. Cunha,

em Portugal, a alteração do modo de contagem dos anos deu-se durante o reinado de D. João I, por carta régia de 22 de agosto de 1422, pela qual o rei decretou a adoção oficial do Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, Anno Domini, ou Era Cristã, que equivale a menos 38 anos da Era de César. Anno Domini (A.D.) é uma expressão em latim que significa ‘ano do Senhor’ e é utilizada para marcar os anos seguintes ao ano 1 do calendário mais comumente utilizado no Ocidente, designado como ‘Era Cristã’ ou, ainda, como ‘Era Comum’. Aparecia em inscrições latinas e ainda é usada na língua inglesa, correspondendo à expressão ‘depois de Cristo’ (D.C. ou d.C.) e em sucessão ao período ‘antes de Cristo’ (A.C. ou a.C.).

O destacado propósito era “para o fim especial de organizarem uma sociedade beneficente com fins humanitários de ministrar assistência médica gratuita aos indigêntes, manter e desenvolver o serviço hospitalar, em geral, de acordo com os Estatutos que foram organizados e aprovados em Assembléa Geral” (p. 1). Segundo o Presidente da reunião, o promotor público da comarca, Dr. Octacilio Vieira Arcoverde, a finalidade era

organizar em Estabelecimento Hospitalar em forma de Sociedade Beneficente, afim de preencher uma lacuna existente neste futuro Município. [...] ministrar serviços médicos hospitalares gratuito aos indigentes e remunerados aos associados e terceiros que pudessem pagar ditos serviços (p. 1).

O Dr. Eurico da Costa Carvalho, médico, procedeu à leitura de um Estatuto de sua autoria, em colaboração com os Drs. Alceu Marques Ladeira — “Presidente da Camara Municipal no exercício do cargo de Prefeito” (p. 1) e Luiz Vilela de Andrade, médico. Em seguida, o Dr. Alípio Ferreira de Castro, advogado, lembrou a conveniência de nomear uma comissão para, depois de lido o projeto, “emitir parecer, depois de receber emendas dando a sua redação final” (p. 1). Houve aprovação unânime. Continuando, o senhor Oscar Dias Negrão sugeriu a criação de uma comissão diretora que teria a função de “organização judicial da Sociedade, compelindo a ela todas as demarches<sup>13</sup> para o fim de atingir a finalidade a que se propõem os signatários desta, podendo convocar reunião, organizar listas de adesões etc. [...]. A medida também foi aprovada.

O Dr. Alceu Marques Ladeira “indicou o nome do Snr. Octavio Rodrigues Ferreira para Presidente da comissão diretora organizadora”. Vemos, portanto, que seu nome já despontava com certo destaque na sociedade, devido aos predicativos pessoais e sociais que colecionava. Não houve nenhum impeditivo para que presidisse a supracitada comissão.

---

<sup>13</sup> Termo de etimologia francesa *démarche* que, de acordo com o dicionário Michaelis online (c2025) significa “grande empenho, esforço, providência”.

A reunião foi encerrada, sem mais tratativas, com os agradecimentos do Presidente, que destacou “votos de prosperidade, e [...] que dentro em breve seja uma realidade a finalidade a que se propõe esta reunião” (p. 1). O convite estendido à população local e circunvizinha para participar das festividades e “que tão generosamente contribuiu com seu apoio moral e econômico para o êxito dessa grandiosa obra humanitária” (p.1), está retratado na Figura 28. Quem assina o convite é o presidente da comissão organizadora, Octavio, qualificado como provedor e o Dr. Arcoverde, como 1º secretário.

**Figura 28** – Convite ao povo – Inauguração da Casa de Misericórdia de Cambará



Fonte: Cambará Jornal (5 set. 1943, p. 1).

A Figura 29 registra a cerimônia de inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Cambará. Da esquerda para a direita: Manoel Henriques, diretor do hospital; Manoel M. Leal, sogro de Octavio e fazendeiro; Octavio Rodrigues Ferreira, presidente da comissão organizadora e provedor; o prefeito em exercício, Alceu Marques Ladeira, e o juiz de Direito da comarca, o dr. Alberto de Carvalho Seixas.

**Figura 29** – Membros da diretoria



Fonte: Fonte: Cambará Jornal (5 set. 1943, p. 4).

A Figura 30 retrata a posse da diretoria, do Conselho Consultivo e do corpo clínico que

inauguraram os serviços prestados pela Sociedade Beneficente Casa de Misericórdia de Cambará, além de participantes da festividade.

**Figura 30** - Posse da diretoria, do Conselho Consultivo e do corpo clínico da Santa Casa de Cambará, em 1943



Fonte: Cambará Jornal (5 set. 1943, p. 4).

Sobre a relevância da instituição hospitalar para a cidade de Cambará, ponderou o Dr. Hermínio Mélo (1945, p. 2):

A Casa de Misericórdia de Cambará, que vem prestando à laboriosa população desaterra relevantes serviços, [...] e que durante muitos anos foi o problema máximo a desafiar a boa vontade de cidadãos que tentavam levar avante esta obra, encontrou [...] o sustentáculo para sua realização.

O próprio Octavio Rodrigues Ferreira (1945, p. 3) justifica o porquê de ter acreditado na missão de apoiar a construção da Santa Casa:

A minha atuação frente à Casa de Misericórdia de Cambará [...] reflete um sentimento comum: o do amor ao próximo, que traduz, em linguagem afetiva, um ideal. Foi dele que me veio o estímulo para a minha atividade, pois, por ele, conseguimos subordinar as nossas tendências egoístas, que dispersam os homens, à caridade, que os harmonisa.

VACRFO comprovou a citação, dizendo:

Prefeito ou não, ele sempre estava, de alguma forma, assim como os tios e suas esposas, envolvido com projetos da comunidade. Fazia parte da organização, trabalhava nos eventos angariando fundos para as causas filantrópicas: igrejas, Lions, Rotary, Maçonaria, festa nas escolas — instituições que se preocupavam com as necessidades da comunidade.

Perguntamos à Dona Leiva, à ocasião de nossa entrevista: *A senhora se lembra de algum episódio com relação à Santa Casa de Cambará? Eu li que o seu pai e o Vô Octavio eram benfeitores.* Ela nos respondeu: “Eu me lembro muito bem, pelo menos de um baile, eu me

lembro muito bem. Eu era guria. Acho que era até para angariar fundos”.

Em seguida, aproveitamos o ensejo para perguntar: *Em 1944, entre os dias 10 de junho a 9 de julho, aconteceu uma grande quermesse a fim de atender às necessidades (manutenção) da Santa Casa. Seu pai participou da organização do evento na comissão de donativos e na localização das barracas. A senhora participou deste evento? Tem memórias sobre o lado benfeitor/filantropo de seu pai? Ele ajudava outras instituições da cidade?*, ao que ela replicou: “De vez em quando tinha. Isso sempre faziam”.

Um dos periódicos impressos mais antigos que temos arquivado é o *Cambará Jornal*, edição de 4 de junho de 1944 que apresenta, na quarta página, o anúncio desta quermesse. Na parte superior da página, temos dois quadros — uma à direita e outro à esquerda —, que empregam frases com o imperativo verbal, na intenção de mobilizar a ajuda financeira da população, junto a um apelo emocional advindo da junção de substantivos, adjetivos e verbos flexionados no presente do indicativo: “Sê bom. Apoia esta cruzada de piedade para com os que padecem!” e “Coopera com as tuas dadivas generosas para consolar aqueles que sofrem” (p.4).

O clamor por suporte financeiro é novamente reiterado na parte inferior da página, onde lemos: “Casa de Misericórdia! Ambiente de sofrimentos e de esperanças! Ambiente de lágrimas e consôlo! De ti, povo bom e caridoso, depende a continuação dessa Casa dos necessitados” (p.4). A apóstrofe, figura oratória por excelência, que inicia a sentença, é significativamente relevante, pois cumpre a função de enfatizar o discurso, estabelecendo uma espécie de vínculo afetivo entre o leitor e a figura da Santa Casa, já que o redator, de forma inteligente, cria um paralelismo sintático formado por um mesmo núcleo do sintagma nominal “ambiente”, que tem por complementos nominais “de sofrimento e de esperanças/de lágrimas e consôlo”, antíteses que reforçam que este espaço acolhe os sofrimentos e presencia lágrimas, mas também tem o potencial de devolver esperanças e dar consolo àqueles que necessitam. Novamente conclama a participação popular por meio do vocativo formado pela construção de substantivos + adjetivos de cunho afetivo “povo bom e caridoso”, afirmando que a Casa dos necessitados dependia do desprendimento de cada cidadão para continuar salvando vidas.

O programa foi organizado por dias. Ao pesquisarmos um calendário de 1944, constatamos que a quermesse acontecia nos finais de semana (sábado e domingo). A seguir, de forma sintética, trazemos as principais informações para compreendermos de que forma a sociedade pôde contribuir para atender ao objetivo de angariar fundos para a Santa Casa.

No dia 10 de junho, um sábado, houve a “inauguração da quermesse, às 19 horas, na Praça João Pessôa, artística e fartamente iluminada e ornamentada”, com concurso do Jazz Taí

e show da estação radiofônica paranaense situada em Cambará, Z.Y.A.-3. Haveria também “leilões, tombolas<sup>14</sup> e [...] inúmeras diversões” (p.4), e o ponto alto da festividade: “abertura dos concursos feminino de beleza e simpatia e, masculino de fealdade e simpatia” (p.4). O rodapé da página amplia essas informações. As diversões envolviam: “Barracas de louças, leilão, tombolas, jogos, tiro ao alvo, correio, pesca maravilhosa, bar, café e um sem número de diversões. Churrascadas!, Música! Luz! Alegria Fogos de artificios e Show artisticos!” e “Os membros das diferentes comissões terão o precioso concurso de suas exmas. esposas e gentis srtas. da sociedade cambaraense, as quais, desse modo, evidenciamos devotamento da **Mulher Brasileira** a todas as boas causas” (p.4). No domingo, dia 11, seguiria o concurso da Z.Y.A.-3.

O “baile caipira”, em homenagem a Santo Antonio, aconteceu dia 13 de junho, terça-feira, levando os cambaraenses ao Clube Recreativo Operarário, onde seria dada a continuidade ao concurso do Jazz Taí. Na quarta, 14, a festança continuava.

O sábado, 17 de junho, revelaria a “primeira apuração dos concursos de beleza, fealdade e simpatia”e, de 18 a 21 de junho, haveria continuação da quermesse. No dia de São João, 24 de junho, foi preparada uma fogueira para que se desse a apuração parcial dos concursos e show artístico da Z.Y.A.-3.

No domingo, 25 de junho, haveria uma “interessante e surpreendente partida de futebol no campo Sant’Ana, gentilmente cedido pela sua diretoria” (p. 4). Às 21h, continuação da quermesse, com show artístico da Z.Y.A.-3. O dia 28 de junho seguiu com os festejos.

A quermesse homenageou São Pedro, no dia 29 de junho. Houve um campeonato de “Tombola da Sorte” (p. 4) e a execução do show artístico da Z.Y.A.-3. Nos dias 1, 2 e 5 de julho, a programação contou com apuração parcial e final dos concursos e show artístico da Z.Y.A.-3.

O penúltimo dia da festividade foi reservado para um baile de gala no Guairacá Clube, às 20h, cedido pela diretoria. Nesta oportunidade, foram anunciados os vencedores dos “concursos de beleza, fealdade e simpatia” (p. 4). O último dia, 9 de julho, encerrou as atividades com uma “grande churrascada”, às 11h, com a presença do show artístico da Z.Y.A.-3.

Na sequência, verificaremos o quão organizada foi a quermesse. Comissões foram organizadas para cada detalhe: Comissão Central — da qual Octavio era participante —, de

---

<sup>14</sup> Tômbola, de acordo com o dicionário Michaelis online (c2025), é um “2 Jogo de azar, sobre um tabuleiro, com diversas cavidades pintadas com cores várias, para as quais, por meio de um dispositivo, é impelida uma esfera de marfim. Ganha o jogo aquele participante que escolheu a cor da cavidade onde a esfera acaba parando. 3 Espécie de loteria usada nas quermesses ou sociedades, para fins beneficentes, com prêmios apenas em objetos”.

ornamentação, de donativos, de prendas, localização de barracas, Comissão de bailes, de propagandas e de esportes.

Havia uma comissão exclusiva para as barracas. Contava com o bar, as louças, o leilão, os jogos, tiro ao alvo, tombolas, pesca maravilhosa, churrasco e concurso. Participaram os representantes do município de Andirá, sr. Braulio Barboza Ferraz e do distrito de Itambaracá, Levy de Andrade Azevedo.

Os bairros rurais — Caiuá, Taquaralzinho, Vila Japonesa, Vila Aurora, Água do Vieira, Taquaral, Água do Boi, Água das Antas, Coqueiralzinho, Brejão, Dourados e Água dos Coqueiros — também foram representados.

A coluna “Aniversários” do *Cidade de Cambará*, edição de 15 de novembro de 1952, antecipa os votos de parabéns ao agora ex-prefeito (seu aniversário seria apenas no dia 21 de novembro), reiterando seu legado, principalmente pelas benesses percebidas pela Santa Casa:

Mas, onde mais se evidencia a bondade do seu coração e despreendimento, está no seu devotamento à nossa Santa Casa, na qual, como seu Provedor, desde a sua fundação, vem empregando o maior e melhor de seus esforços, cooperando com amor e dedicação para que àquele Nosocomio<sup>15</sup> nada falte e sempre ali se encontrem os pobres doentes um leito e assistência médica de que necessitem (p. 4).

Em outra edição do mesmo periódico, datada de 21 de fevereiro de 1953, foi noticiada, em primeira página, em letras negritadas “Foi cortada a verba destinada à Santa Casa”. A entidade, que recebera da gestão de Octavio uma série de incentivos financeiros, conforme pudemos constatar anteriormente, sofria, nas mãos do atual prefeito, Dr. Miguel Dinizo, o maior prejuízo desde a sua fundação: o “humanitaríssimo” prefeito em exercício havia enviado “à Câmara um projeto de lei CORTANDO A VERBA destinada à Santa Casa!” (p. 1). Essa medida ia contra a postura de outros líderes políticos, a exemplo do governador do estado de São Paulo, Lucas Garcez, que “acaba de assinar uma lei, dispondo sobre a concessão de um auxílio extraordinario de 10 milhões de cruzeiros à Irmandade Santa Casa de Misericórdia de São Paulo” (p.1).

O redator ressalta que o projeto de lei enviado ao Executivo ia em formato de “ORDEM”, porque “como todos os cambaraenses sabem, estando o seu partido em maioria na Câmara, êle, o sr. dr. Prefeito, não péde, manda” (p. 1). É possível, por lógica, deduzirmos que o jornalista não era partidário do PTB, partido político do qual Dr. Miguel era correligionário.

Assim, como que numa representação de “salvadores da pátria”, o redator rememora a

---

<sup>15</sup> Termo erudito que, segundo o dicionário Michaelis online (c2025), é sinônimo de “hospital”.

importância fundamental que Octavio e outros cambaraenses, como Gustavo Nunes Diniz, Benigno Bittencourt Moraes, farmacêutico Manoel Teixeira, entre outros nomes, “todos eles dotados de um coração filantrópico e que mesmo sem a importancia insignificante dessa verba municipal, continuarão a receber e tratar de todos os enfermos pobres que necessitarem daquele hospital” (p.1).

Há, na sequência, a listagem de uma série de cortes e compromissos eleitorais negligenciados, os quais foram estendidos aos pobres trabalhadores a quem

prometeram mundos e fundos, mas que, até hoje nada deram e sim tiram [...], acreditando nas promessas de Getúlio e na demagogia dos candidatos do PTB à deputados, senadores, prefeitos e vereadores, neles votaram, com esperanças de melhores dias. E os melhores dias estão aí: córte de verba à nossa Santa Casa; córte de verba ao Aero-Clube local; aumento do custo de vida; aumento nos impostos e, ainda por cima, aumento no desconto de Aposetadorias e Pensões dos Industriários, Comerciaros [...] (p.1).

A continuação do excerto citado nos mostra que, para construir a real imagem de injustiça e exploração dos assalariados, o jornalista lança mão de uma metáfora carregada de força emocional, extrapolando, de maneira hiperbólica, o sofrimento popular, que vai contrastar com o substantivo depreciativo “micharia”, recompensa irrisória recebida pelo elo mais fraco desta corrente, a saber, o trabalhador:

e, enfim em todas essas autarquias que não passam de Polvos cujos tentáculos penetram nas algibeiras do pobre trabalhador, sugando-lhe o sangue e o suor, dispendidos em 30 dias de trabalho árduo, para, no fim, quando se encontrar invalido, receber um ‘micharia’ e isso com as maiores dificuldades (p. 1).

Ao continuar criticando ferozmente o corte de verbas destinadas à Santa Casa, Tavares levanta um dos principais questionamentos: “Por que êsse corte?! Capricho?! Perseguição?!” (p.1) . O uso da pontuação combinada é estilisticamente relevante, pois, como explica Martins (2012, p. 87), “alguns escritores utilizam sinais reiterados (!!!; ???) ou combinados (?!; ???!!!) no esforço de sugerir a intensidade da surpresa e do espanto ou da perplexidade e da dúvida”.

A matéria é concluída com um apelo indignado por parte do redator às autoridades políticas, a fim de que usassem do poder que possuíam para reverter as injustiças praticadas por eles mesmos contra aqueles a quem oprimem: “Usem de capricho e persigam os ricos e poderosos, mas nunca os pobres trabalhadores que serviram de escada para a ascensão de Vv. Ss. Aos cargos que hoje ocupam” (p.1).

O Colégio Nossa Senhora das Graças (CNSG), primeira instituição de ensino católica da cidade, fundado em 1951, fez parte da missão da Congregação do Sagrado Coração do Verbo

Encarnado (SCVE) em edificar a educação cristã na cidade. A educação também se serviu do desprendimento de Octavio, pois recebeu do benfeitor assistência e apoio para a construção do prédio de madeira que viria a se tornar referencial em educação na região.

Conforme relato presente na entrevista transcrita de RTBG (ANEXO H), filha de Maria Helena, a mãe fez parte do corpo docente do Colégio. Quando perguntamos *Que curso superior sua mãe fez? Houve apoio de seu avô?*, ela respondeu: “Não fez curso superior. Estudou no Colégio Nossa Senhora de Sion, em São Paulo e cursou o Magistério. Morou em São Paulo na casa do Vô Leal, pai da Vó Verginia. Quando retornou para Cambará, em 1945, deu aula (sem bonificação) no Colégio Nossa Senhora das Graças”.

Aqui cabe uma peculiaridade: tivemos grande parte da educação infantil, todo o ensino fundamental I, II e ensino médio no CNSG. Devido à nossa formação acadêmica em Letras Português/Literatura, fomos convidadas a dar aulas no Colégio entre os anos 2015 e 2018. Fizemos, assim, parte ativa dos quase 73 anos de existência da congregação do SCVE.

Durante a missa em ação de graças que celebrou os 70 anos de existência da Congregação, a irmã Carmelita Fernandes Oliveira, superiora provincial das irmãs do SCVE, discursou e agradeceu às famílias cambaraenses que propiciaram a manutenção do legado do CNSG:

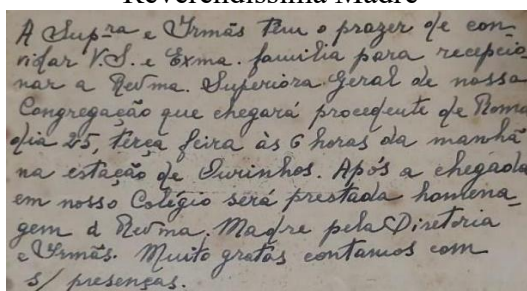
Agradecemos à família do Sr. Osvaldo Leal e Otavio Rodrigues Ferreira. A todas as famílias de cambaraenses que de várias formas ajudaram as primeiras irmãs e aos poucos foram também deixando suas filhas serem religiosas. Lembramos com saudades da irmã Lúcia, Ir. Celestina, Ir. Crucifixa, Ir. Iolanda, Ir. Elsa, Ir. Henriqueta, Lurdinha e outras, que já partiram para a eternidade e as nossas queridas irmãs: Carmela Mattar (Salima), Rosalia (Lúcia), Rita, Maria José, Dorinha, Aparecida Furtado, Débora e tantas outras que fizeram e fazem parte desta história (Oliveira, 2021, s.p.).

Um cartão escrito de próprio punho pela Madre Superiora comprova o carinho que as Irmãs estendiam a Octavio e a Verginia e familiares. O contrário também é verdadeiro, visto que o documento foi encontrado, em excelente estado de conservação, em um dos álbuns da família Rodrigues Ferreira. Nele é comunicada a chegada, vindo da Europa, da “Reverendíssima Superiora Geral” da congregação na estação ferroviária de Ourinhos-SP. A família de Octavio é convidada a recepcioná-la, juntamente com as outras irmãs.

Destacam-se os pronomes de tratamento: “vossa senhoria”, “excelentíssima”, “reverendíssima”. Segundo Martins (2012), a escolha dos pronomes de tratamento extrapola as normativas gramaticais, uma vez que refletem aspectos sociais, culturais e hierárquicos que envolvem os correspondentes. Compreendemos haver certo grau de formalidade e proximidade

entre os interlocutores, como também havia intenso respeito pela figura do casal. A cena exigia que a escolha pronominal retratasse o desejo de recebê-los na homenagem prestada à coordenadora da comunidade de Irmãs. Ressaltamos, também, o uso do adjetivo “prazer” e do intensificador “muito” acompanhando o adjetivo “grata”, termos que direcionam o entendimento à esfera de alegria pelo encontro com uma importante autoridade do CNSG.

**Figura 31** – Cartão-convite para Octavio e família participarem da homenagem prestada à Reverendíssima Madre



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Nosso propósito era conseguir remontar, com a maior parcela de dados disponíveis nos arquivos físicos e digitais, como se deu o ingresso de Octavio na vida pública municipal. Ao entrarmos em contato via WhatsApp com a equipe da Câmara Municipal de Cambará, em 24 de novembro de 2014, explicamos, em linhas gerais, o motivo do contato e solicitamos que nos ajudassem a encontrar documentos que permitissem remontar a trajetória política de Octavio frente ao município de Cambará. Prontamente nos enviaram o que estava digitalizado.

A equipe que nos atendeu também indicou que acessássemos o site do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), pois, ao seu ver, seria possível encontrarmos algo pertinente para guiar a tese. Infelizmente, ao acessarmos o site e utilizarmos os filtros oferecidos, não conseguimos informações referentes aos pleitos eleitorais anteriores a 16 de novembro de 1947.

As obras consultadas e os registros armazenados também não contemplam a caminhada de Octavio até assumir o posto de prefeito de Cambará. Portanto, concentraremos nossa análise nos dados reais e concretos que pudemos localizar nos documentos de processo selecionados. Retornemos ao *Cambará Jornal*, edição de 19 de agosto de 1945. Este periódico coloca em evidência, por meio da matéria de primeira capa — e que se estende até a terceira página — a figura de Octavio Rodrigues Ferreira. As linhas registradas prenunciam o início de uma corrida eleitoral que tinha grande potencial para o sucesso, tanto que se concretizou com a vitória, em 16 de novembro de 1947.

Figura 32 – Primeira página do *Cambará Jornal*, de 19 de agosto de 1945

**Cambará Jornal**

Semanário independente e de defesa dos interesses de Cambará e Norte do Paraná  
Publicado no Departamento de imprensa e Propaganda sob n. 12.045

Diretor-Proprietário responsável e gerente: Manoel Henrique

Publicase aos domingos

Ano III    Nova Fase    Cambará, (Paraná) 19 de agosto de 1945    R. lat. Manoel Riba, 588-592    Num. 142  
C. Postal. 53 - Fone. 142

## O banquete ao sr. Otávio Rodrigues Ferreira

Ultrapassou todas as expectativas o banquete que foi oferecido ao prestigioso chefe político e presidente da U. D. N. de Cambará

Como foi amplamente divulgado, os amigos e correligionários do sr. Otávio Rodrigues Ferreira ofereceram-lhe um grandioso banquete no dia 12 de corrente. Este, que se realizou nos amplos e bonitos salões do Guairacá Club, foi uma prova evidente do quanto é admirado o sr. Otávio Rodrigues Ferreira pela população de Cambará e dos municípios vizinhos pelo muito que tem feito pela nossa cidade.

Um sucesso alcançado nessa festa, ultrapassou tudo quanto no generoso houve até esta data em Cambará, só mesmo um cidadão como o Otávio Rodrigues Ferreira pôde conseguir porque é um homem do povo, independente e idealista. Era de ver-se os elementos sociais, cavalheiros, senhoras e senhoritas desta cidade e de outras cidades vizinhas que enchiam os salões do Guairacá Club. Todas as camadas sociais de Cambará estavam ali presentes. Uma grande e muito bem representada delegação da U. D. N. da adiantada cidade de Cornélio Procopio, incluindo senhoras da alta sociedade que formam o comitê feminino pró-Brigadeiro Eduardo Gomes, realizou des-tacadamente. Da cidade de Bandeirantes, os mais prestigiosos chefes daquele setor, que hoje formam o Diretório da U. D. N., compareceram, trazendo suas exmas senhoras. André foi representado por destacados elementos do Diretório da U. D. N., tendo à frente o seu Presidente, sr. Bráulio Barbosa Ferraz, incansável batalhador pelas causas nobres. Itamborá foi representado enviando Elton Ferraz de Carvalho,



Sr. Otávio Rodrigues Ferreira

Maria da Proba de Ulhôa Albuquerque, de Elton Otávio Baccaro, e Francisco Manoel Martins, Francisco Rodrigues Padua, Francisco Jovani de Souza, Edmundo Belmonte, Manoel Henrique, e Alvaro Gonçalves Henriques, Benedito Mendonça, e Benedita Maria de Lourenço Mendonça.

De Ponta Grossa, os srs. Manoel José de Souza Filho, e João Batista de Souza, e os srs. Adalberto Ribeiro de Araujo, de Antonio da Silveira Santos, de Henrique de Dória Espinholi Fernandes, de Luiz Vitor de Andrade, e Fernando Marcelino Vitor de Andrade, Cláudio Xavier de Silva, e Luciano e Acácio Portinari Avila Chagas, Alvaro Avila Siqueira, Nelson de Castro (checo), Prospero Elton (checo), Chagas Paulo Procópio de Assis Carvalho, de Uzaia Procópio Procópio, Naircláudia Trevis, Francisco Procópio, Antonio Rogoski, Benedito Faria, Adão Belini, Manoel Faria, André Monteiro Rodrigues, Avelino Bergamini, Geraldo de Mattos, Adão Carlos, Adriano Carlos, Waldemar Peres Lima, João Sanches, Silvio Lourenço de Camargo, Carlos Alberto de Camargo, Maria Jovana Dias Nogueira, Otávio Augusto Nogueira, Naircláudia, Alvaro Bergamini Silva, representando também Hezildo Soares e Pedro Ferra Mattar, Antonio Monteiro de Moraes, Edmundo de Moraes, e Eusebio de Moraes, Avelino Espinholi Lourenço, de Lúcia Migliori Forman, Silvio Antonio de Carvalho, sr. Rafael Antonacci, Romaldo Francisco, Delfino Procópio, Domingos Martins Vitor, de Maurício Luiz Vitor, Benigno Benvenuto, sr. José de Almeida Sampaio, sr. Nelson Stasi, José Falcão, Francisco Carlos, Geroldo Malabar, José Luiz, José Soares, Gabriel Jorge Salomão, José Salomão, José José Chichó, Luiz Decarli, sr. Tita Decarli, Cleonildo Cavaretti, Humberto Decarli, Hermínio Zanotto Carlos

(Continua na 2ª página)

vários dos membros do Dr. Lúcio Doring e sua, todos membros do Diretório da U. D. N. daquela adiantada localidade. A grande cidade de Londrina, forte baluarte brigadista, estava representada por proeminente bacharel muito amigo da nossa cidade. Assim também, Seranópolis, Ipatins, Jacarezinho e Ourinhos se fizeram representar pelos srs. Zoroastro Cunha, Targino Paes de Barros e Alvaro Horgheron Silva, respectivamente.

Podemos notar a presença das seguintes senhoras: Adelaide e se fizeram representar ao banquete.

De Cornélio Procopio, Rodolfo Albino, presidente da U. D. N., de Francisco e Alvaro, quando Presidente Lacerda Junior e sua, de Delfo Silveira, todos do Diretório da U. D. N. daquela localidade e chefes de grande prestígio.

De Londrina e Seranópolis, o sr. José Alves Baccaro, conhecido advogado que já foi só nas cidades que representam, como em Cambará, onde todos são seus amigos. De Jacarezinho, representando o Diretório da U. D. N. daquela cidade, o sr. Zoroastro Cunha.

De Cambará

Luana Ferreira, de Oscarina Maria Ferreira, Odeir Ferreira, Sérgio Paes de Barros, Chastava Nunes Duarte, João Elton Castro, Francisco Martins, Balsa Figueiredo, Marcelo de Almeida Sampaio, Felipe de Almeida Campos, Manoel Teixeira, Sr. José Lourenço Teixeira, de Vicente Soares de Almeida, e

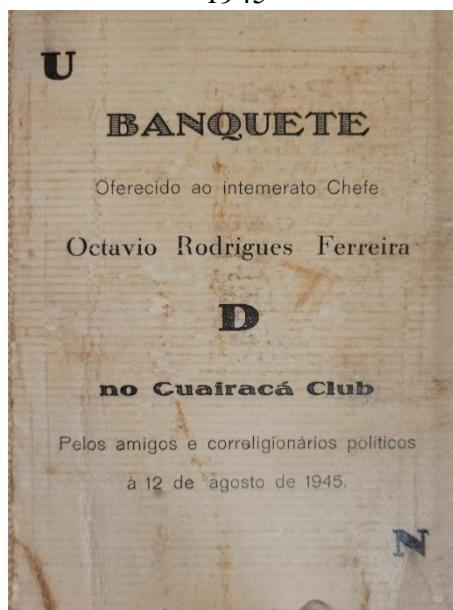
Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

A reportagem cobriu um “grandioso banquete” nos “amplos e bonitos salões do Guairacá Club”, como havia sido “amplamente divulgado” (p. 1), ocorrido no dia 12 de agosto de 1945. O realce dado às palavras é proposital. O jornalista faz questão de ressaltar, por meio da escolha lexical, a “prova evidente do quanto é admirado o senhor Otávio Rodrigues Ferreira pela população de Cambará e dos municípios vizinhos pelo muito que tem feito pela nossa cidade” (p.1).

A adjetivação, principal recurso estilístico empregado no trecho, enfatiza o sucesso que o baile alcançou, pois, continua o jornalista a dizer, “ultrapassou tudo quanto no generoso houve até esta data em Cambará” (p.1). O uso dos adjetivos também se estende ao homenageado, uma vez que é possível extrair juízo de valor acerca dos termos elencados: “só mesmo um cidadão como Otávio Rodrigues Ferreira pôde conseguir porque é um homem do povo, independente e idealista” (p.1). No convite para o banquete, retratado na Figura 33, foi escolhido um adjetivo que não é de uso comum, mas que possui forte envergadura semântica — *intemerato* — que tem por significado “que não foi corrompido; sem mácula” (Michaelis online, c2025), ou seja, o que buscavam em relação ao homenageado. Se o objetivo era lançá-lo como “futuro”

candidato, não havia homem mais qualificado para tal posição de destaque.

**Figura 33** – Convite do banquete oferecido a Octavio Rodrigues Ferreira, em 12 de agosto de 1945



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Como já citado, Octavio era udenista e ocupava o cargo de presidente do partido, em Cambará. Nesta feita, “uma grande e muito bem representada delegação da U.D.N” (p. 1) esteve representada no banquete. Havia correligionários da “adiantada” cidade de Cornélio Procópio; de Bandeirantes, “os mais prestigiosos chefes”; Andirá foi representada por “destacados elementos do Diretório da U.D.N. Itambaracá — “adiantada localidade” — enviou vários membros do Diretório, e Londrina, “grande cidade e forte baluarte brigadeirista estava representada por proeminente bacharel muito amigo da nossa cidade”, entre outros municípios, celeiros de udenistas. O emprego dos adjetivos e dos intensificadores condiciona a avaliação subjetiva do jornalista sobre os representantes do partido, as localidades e o seu próprio posicionamento político.

Havia um boato de que o Clube Guairacá pertencia à UDN. O mesmo comentário foi verbalizado por Dona Leiva, à época de nossa entrevista. Quando perguntei *A senhora morava ao lado do Clube Guairacá?*, ela respondeu: “a gente morou um tempo ao lado do Guairacá, depois é que nós mudamos, mas era grudado ao Guairacá. Naquela época, diziam que o Guairacá era da UDN e o outro clube que tinha lá, que fizeram depois, eu não me lembro como é que chama, era do outro partido. Tinha essa rivalidade”.

O semanário passa a listar os cambaraenses que estiveram presentes na celebração. Dentre eles, destacamos quatro nomes: Gustavo Nunes Diniz, Dr. Celestino Antoniacci e o

casal Benigno Bittencourt Moraes e d. Hilda Castro Moraes. Os dois primeiros compuseram a primeira Câmara de Vereadores de Cambará, e o casal prestigiou o compadre-amigo, evidência que atesta o apoio e o vínculo amigável que possuíam, confirmado pela filha, em nossa entrevista.

*Em outra edição do Cambará Jornal, a manchete principal trazia como título “O banquete ao snr. Otavio Rodrigues Ferreira”. A lide era a seguinte: “Ultrapassou todas as expectativas o banquete que foi oferecido ao prestigioso político e presidente da UDN de Cambará. Na lista de presentes consta o nome de seu pai. A senhora tem memórias desse evento? Lembra da reação de seu pai? A senhora também esteve presente?”*

LCM – Eu não sei se eu estava lá nessa ocasião, porque a gente estudava em São Paulo. Eu me lembro, foi muito comentado, muito falado, mas eu não estava presente. Acho que foi num hotel, se não me engano, será que não foi?

*Então a família da senhora esteve presente nesta festividade?*

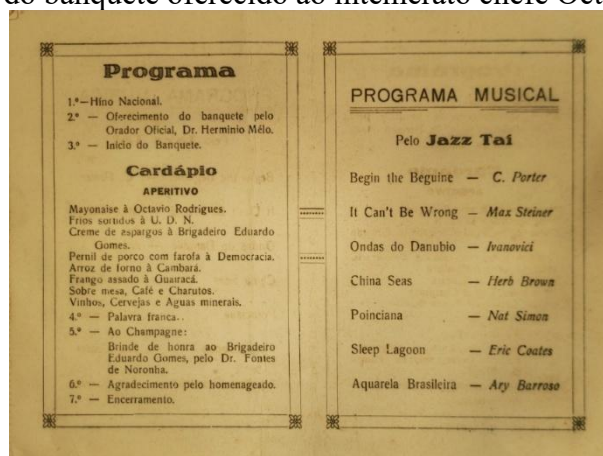
LCM – Com certeza, com certeza! Nossa! A UDN era um filho para ele, vamos dizer.

Em seguida, o periódico reproduz a ordem do programa que foi apresentada pelo diretor de protocolo, senhor Lauro Ferreira:

- 1 Saudação ao homenageado pelo Dr. Hermínio Mélo e pelo Prof. Pascoal Maimoni Junior;
- 2 Os doutores Ebio Ferraz de Carvalho (UDN Cornélio Procópio), José Alves Bacelar (advogado representante da UDN Londrina e Sertanópolis) e Adalberto de Rezende (advogado representante da UDN Bandeirantes) proferiram discursos “apontando os erros da Ditadura, e concitando o povo a cerrar fileiras em torno do heroico chefe Major Eduardo Gomes, candidato a suprema magistratura do País” (p. 2),
- 3 Levante do brinde de honra ao Brigadeiro Eduardo Gomes feito pelo Dr. Fontes de Noronha (membro do Diretório de Andirá-PR);
- 4 Agradecimento à homenagem por Octavio Rodrigues Ferreira;
- 5 Dando por encerrado o banquete, todos foram convidados para o “baile que se realizou nos suntuosos salões do Cambará Tennis Club, que, animadissimo, foi até o dia amanhecer” (p. 2).

Graças às mãos que arquivaram os documentos de processo, podemos, hoje, ter acesso ao programa do banquete oferecido, conforme vemos na Figura 34.

**Figura 34** – Programa do banquete oferecido ao intemerato chefe Octavio Rodrigues Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Consideremos o cardápio. A expressão “à moda de” (subentendida), após o nome dos seis pratos servidos, é altamente significativa para a construção estilística. Seu uso expressivo direciona à compreensão de que o objetivo era marcar a influência do homenageado (“Mayonaise à Octavio Rodrigues”) e do “futuro” Presidente do Brasil (“Creme de aspargos à Brigadeiro Eduardo Gomes”), ambos afiliados ao partido que os trouxe à cena política (“Frios sortidos à UDN”). Ressaltamos, também, que “Pernil de porco com farofa à Democracia” relaciona-se ao desejo popular de livrar-se do poderio coronelista e “Arroz de forno à Cambará” e “Frango assado à Guairacá” prestigiam a cidade e o clube que acolheram a todos os envolvidos nessa comemoração.

O programa musical também é relevante, pois retrata a influência musical dos anos 1945. Dos sete títulos executados, há apenas uma música brasileira, o samba-exaltação “Aquarela do Brasil”. O Brasil internalizou influências musicais de diversos países; por isso, podemos considerar a música como um mecanismo de assimilação e disseminação cultural. Voltando aos títulos, a maioria é composta por norte-americanos. Podemos entender este dado de duas formas: a) a influência norte-americana destaca-se na indústria cultural por meio das músicas, dos filmes, do *marketing*, do estilo de vida etc; b) há um simbolismo que faz com o que as pessoas acreditem (já naquela época) que o que vem dos EUA é melhor, possui mais qualidade e é mais confiável.

Os discursos, parte fulcral da publicação jornalística, já davam vislumbres de um “futuro” candidato que estava sendo moldado pelas exigências do cenário político e pela expectativa do eleitorado. A construção da imagem pública se beneficiou das qualidades do homem simples do campo. Os qualificadores são empregados para enfatizar a solidez da personalidade de Octavio:

Figura relevante em nosso meio, atendendo frequentemente as iniciativas com fins caritativos, muito tem feito pelo progresso da cidade, apoiando e colaborando com as iniciativas de interesse local, não havendo assunto referente à Cambará que não lhe mereça cuidados especiais; daí a razão da estima e do conceito que goza da parte de todos, tendo conquistado entre nós amigos e amigos, presos à sua bondade espontânea, ao seu espírito leal e franco e ao seu nobre coração.

Porem, senhores, uma de suas maiores credenciais e que deve merecer nossa grande admiração é éssa com que ele aqui se apresenta — a de Presidente do Diretório da União Democrática Nacional, desta cidade. Todos nós bem sabemos a alta significação desse cargo, o quanto de elevado e nobre essa árdua missão encerra.

Abdicando o socego de seu lar, menospresando interesses particulares, mobilizando toda sua energia num total desprendimento pessoal, congregou as forças oposicionistas para a luta e conquista dos altos ideais, que o nosso povo mais aspira — a liberdade (Mélo, 1945, p. 2).

Neste ponto, entrelaçaremos à trajetória de Octavio um personagem político contemporâneo e, por que não, adepto dos mesmos ideais que moviam a caminhada do fazendeiro: o major Eduardo Gomes. O candidato udenista à suprema magistratura desponta no contexto político nacional num período de democracia das massas, quando o voto passa a valer, mas causa incômodo.

De forma sucinta, estabeleceremos alguns marcos principais de sua trajetória durante o ano em questão, a fim de compreendermos quais eram as expectativas depositadas quanto à sua vitória e quais foram os motivos de não ter sido eleito presidente do Brasil, no pleito de 2 de outubro de 1945.

Em janeiro de 1945, Eduardo Gomes pediu exoneração do posto de comando da II Zona Aérea. Já em fevereiro, o jornal *Diário Carioca* publicou uma série de declarações de José Américo de Almeida, José Antônio Flores da Cunha e Odilon Braga para que se realizassem eleições diretas no país. Tanto José Américo quanto Osvaldo Aranha mostravam-se favoráveis à ideia de que Eduardo Gomes concorresse como candidato. Em 22 de fevereiro, a UDN lança-o como candidato, antes mesmo da convocação das eleições:

Escolhido a dedo por suas ‘virtudes religiosas e cívicas’ — um atrativo importante para o eleitorado de classe média —, o candidato udenista teria muitos trunfos para vencer as eleições: o apoio da elite econômica e a entusiasmada adesão de órgãos de imprensa. Além disso, seu maior adversário, o general Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático (PSD), era identificado com o Estado Novo, ao qual servira como ministro da Guerra (Memorial da Democracia, c2017a, s.p.).

Por ter suas raízes profissionais estabelecidas na Força Aérea Brasileira, Eduardo Gomes conquistou o posto de Brigadeiro, destinada aos oficiais generais. Tornou-se, então, conhecido na campanha eleitoral como “brigadeiro da libertação”, tendo, inclusive, um poema

escrito por Manuel Bandeira — intitulado “O Brigadeiro”<sup>16</sup> — para expressar cunho popular à sua imagem:

Depois de tamanhas dores,  
De tão duro cativoiro  
Às mãos dos interventores,  
Que quer o Brasil inteiro?  
— O Brigadeiro!

Brigadeiro de verdade!  
E o que quer o mau patriota  
Que não ama a liberdade,  
Que prefere andar na sota?  
— Quer a nota!

À nota tirada ao povo  
Pelo estado quitandeiro  
Rotulado Estado Novo.  
Quem lhe porá um paradeiro?  
— O Brigadeiro!

Brigadeiro da esperança,  
Brigadeiro da lisura,  
Que há nele que tanto afiança  
À sua candidatura?  
— Alma pura!

Pergunto ao homem do Norte,  
Do Centro e Sul: Companheiro,  
Quem dos Dezoito do Forte

É o mais legítimo herdeiro?  
— O Brigadeiro!

Brigadeiro do ar Eduardo  
Gomes, oh glória castiça!  
Que promete se chegar  
Ao posto que não cobiça?  
— À justiça!

O Brasil, barco tão grande  
Perdido em denso nevoeiro,  
Pede mão firme que o mande:  
Deus manda que timoneiro?  
— O Brigadeiro!

Brigadeiro da virtude,  
Brigadeiro da decência,  
Quem o ergueu a essa altitude,  
Lhe brindou tal ascendência?  
— A consciência!

Abaixo a politicalha!  
Abaixo o politiqueiro!  
Votemos em quem nos valha:  
Quem nos vale, brasileiro?  
— O Brigadeiro!

<sup>16</sup> O poema está disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/57416/o-brigadeiro>. Acesso em: 12 mai. 2025.

A primeira estrofe relembra, de forma hiperbólica, o intenso sofrimento (“tamanhas dores”) popular ambientado no regime do Estado Novo (1937-1945), dada a opressão vivida pelos populares, por meio da metáfora “duro cativo”. Há alusão à escolha dos interventores durante o Governo Vargas, espécie de “governadores”, líderes aliados ao presidente para fazerem cumprir as ordens do poder Executivo nas entidades federais. A pergunta retórica demonstra haver um interesse comum por parte dos brasileiros que não mais suportam a ditadura imposta: “Que quer o Brasil inteiro?”. Como que num coro uníssono, a resposta revela a figura de um salvador, aquele que concentra todas as características para expurgar o mal do país: “ — O Brigadeiro”.

Um qualificador é aliado a esse substantivo na segunda estrofe, o qual podemos considerar como substantivo próprio, confirmando a honradez de Eduardo Gomes: “Brigadeiro de verdade”. Na sequência, há a sugestão de uma ideia antitética no formato de questionamento ao que vem sendo dito do candidato, já que se constrói o perfil dos opositores do partido: “mau patriota”, que “não ama a liberdade”, “que prefere andar a sota”, ou seja, que prefere andar sem rumo, sem direção, de maneira despreocupada. A resposta “Quer a nota”, refere-se ao dinheiro, numa crítica de Manuel Bandeira à sociedade. Naquela época, primeira metade de século XX, a ascensão do capitalismo era vista como um motor do desenvolvimento, pois “a primeira metade do século XX foi marcada pela reorganização geopolítica que melhor se adequou ao novo ciclo de expansão e desenvolvimento capitalista e pelo avanço qualitativo da divisão internacional do trabalho, consolidando a grande indústria e o capital monopolista (Congresso..., 2012, p. 1). Bandeira critica a busca pelo capital, considerado na época um dos pilares do progresso, mesmo que isso implicasse uma perda de valores mais humanos e intelectuais, como no caso do Brigadeiro.

O Estado Novo é ferozmente criticado por explorar economicamente a população, sendo rotulado por uma nova metáfora “estado quitandeiro”, dando a entender que negocia com os interesses dos mais fracos. “ — O Brigadeiro!” vem como resposta à pergunta “Quem lhe porá um paradeiro?”, reiterando que apenas Eduardo Gomes conseguirá pôr fim às atrocidades cometidas pelo Governo.

A quarta estrofe é formada por adjetivações significativas que ressaltam as célebres qualidades do político: “da esperança”, “da lisura”. A pergunta “ Que há nele que tanto afiança à sua candidatura?” tem como resposta “ — Alma pura!”, como que um grito de afirmação à sua irrepreensibilidade.

Toda a Nação — “homem do Norte, do Centro e Sul” — declarava a potência do Brigadeiro, visto interligarem sua figura à Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, ocorrida em

5 de julho de 1922, e que contou com a participação do Brigadeiro. O que se deu foi o que segue, e a sua importância no combate está registrada na passagem:

Os rebeldes bombardearam vários objetivos militares, entre eles o quartel-general e o Arsenal de Marinha, forçando a transferência do comando militar e do Ministério da Guerra. Entretanto, após breves combates, as forças do governo dominaram a sublevação, controlando todos os focos da rebelião, com a exceção do forte de Copacabana. Diante desse quadro, que lhe foi exposto pelo ministro da Guerra João Pandiá Calógeras, o capitão Euclides Hermes da Fonseca franqueou a saída aos combatentes que desejassem abandonar o forte, o que foi feito por cerca de 270 dos trezentos homens que compunham a guarnição. [...] Eduardo Gomes propôs a saída dos rebeldes para a rua e o combate corpo a corpo com as forças do governo, o que foi aceito. Siqueira Campos dividiu então em 28 pedaços a bandeira nacional, entregando um a cada revoltoso e guardando consigo o destinado a Euclides. Munidos de fuzis e revólveres, os rebeldes marcharam pela praia de Copacabana, recebendo no caminho a adesão de um civil, Otávio Correia, a quem foi entregue armamento e o pedaço da bandeira separado para Euclides. Liderado pelos tenentes Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Mário Carpenter e Newton Prado, o grupo enfrentou as tropas do 2º Batalhão do 3º Regimento de Infantaria durante aproximadamente uma hora e 15 minutos. Desse combate resultaram dois oficiais mortos, Mário Carpenter e Newton Prado, além do civil Otávio Correia. Saíram feridos, entre outros, Siqueira Campos e Eduardo Gomes, este com fratura exposta do fêmur esquerdo. Dias depois dos combates, Eptácio Pessoa visitou os feridos no hospital, indagando a Eduardo Gomes, cujo pai era seu conhecido, as razões que o haviam levado a participar da revolta. Na ocasião, o tenente respondeu-lhe que não se arrependia de seus atos. Essa mesma postura foi mantida por Eduardo Gomes no seu julgamento, quando, assistido por Nilo Peçanha, sustentou o depoimento do inquérito policial e assumiu plena responsabilidade pela atitude tomada (Dias, c2023).

O discurso do Dr. Fontes Noronha, registrado no *Cambará Jornal*, edição de 19 de agosto de 1945, pontua a participação de Eduardo Gomes na frente da batalha, além de listar uma série de imperativos quanto à sua postura pessoal e profissional:

Homem do povo, o herói da epopeia dos 18 de Copacabana, ‘alem da bravura individual, da nobreza da vida, da dignidade pessoal do comprovado amor á sua terra, se distinguiu também pela fidelidade aos principios democráticos, pelo **desinteresse** político, pela simplicidade spartana de seus habitos, pela modestia inabalavel das auas pretensões, pelo conhecimento dos problemas patrios, pela capacidade de sacrificio, pelo espirito de tolerancia e pela magnanimidade do seu coração’. Militar, com uma fé de oficio que é um padrão de gloria para o nosso exercito, o Brigadeiro Eduardo Gomes batalhou sempre com todo o calor do seu idealismo, com todas as energias do seu carater e com toda a capacidade da sua ação para ver a Patria soberana e forte, generosa e progressista (p. 3).

Este episódio favoreceu a composição de um poema, de autor desconhecido, intitulado “Os 18 do Forte”, publicado no jornal *Correio da Manhã*, edição de setembro de 1923. A figura retrata o ocorrido na citação e foi utilizada como um *card* de propaganda política quando da eleição presidencialista em que Eduardo Gomes concorreu.

**Figura 35** – Rebeldes ocupando a rua por ocasião da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

O poema “O Brigadeiro” continua a discorrer, na sexta e sétima estrofes, a humildade do “Brigadeiro do ar” (função referente ao seu posto na força aérea) ao não cobiçar o posto máximo do Executivo nacional, mas a ocupá-lo a fim de solucionar, definitivamente, a situação catastrófica que o Brasil — país de extensão gigantesca, mas comparado pejorativamente por meio de uma metáfora náutica, a um “barco tão grande perdido em denso nevoeiro” — situação em que se encontrava. O único que tinha potencial para ser o “timoneiro” que poderia devolver senso de direção à “embarcação”, era Eduardo Gomes, e ele seria enviado por Deus para tal empreitada.

O poeta inicia a oitava estrofe com o emprego de um paralelismo sintático, repetindo as qualificações elogiosas a Eduardo Gomes: “Brigadeiro da virtude, Brigadeiro da decência”. Sua grandeza moral e sua ascendência eram fruto da consciência coletiva e do propósito que guiava suas escolhas.

A última estrofe também lança mão de um paralelismo sintático — “Abaixo a politicalha!” — este último substantivo revelando a formação de palavra-valise<sup>17</sup> (união da parte inicial de uma palavra com a parte final de outra palavra): política + canalha —, “Abaixo o politiqueiro!”, substantivo depreciativo usado no sentido de afastar os hipócritas da política e o conclame ao povo para que votassem naquele que valia a pena: “Quem nos vale, brasileiro? A resposta finaliza, unânime: — O Brigadeiro!”.

Consideramos que o teor do poema intenta mobilizar o eleitorado a eleger o Brigadeiro Eduardo Gomes, visto as escolhas lexicais de cunho elogioso, em detrimento dos qualificadores pejorativos que visavam manchar a figura dos representantes do Estado Novo. A repetição do

<sup>17</sup> Também denominadas palavras *port-manteau* (expressão criada por Lewis Carroll), “consistem elas na fusão de duas palavras que têm alguns fonemas comuns, os quais propiciam a soldagem. A sua formação revela criatividade, espírito, e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado da combinação. Prestam-se sobretudo à linguagem do humor, da brincadeira, mas em alguns casos podem ter um tom lírico até refinadamente estético” (Martins, 2012, p. 156).

refrão nos versos finais de todas as estrofes pode ser “ouvida” durante a leitura do texto como um brado, um grito de campanha, conclamando o povo a não cometer o mesmo erro de escolha do dirigente anterior, Getúlio Vargas.

Retomando a narração da cronologia dos fatos, sendo Eduardo Gomes um candidato dotado de porte e beleza, pretendeu angariar o apoio das cidadãs eleitoras, uma vez que podiam votar as mulheres casadas, as solteiras que exerciam algum ofício, e as viúvas. Durante a campanha, foi criado um *slogan* pela UDN: “Vote no brigadeiro, que é bonito e solteiro”.

**Figura 36** – Card da campanha presidencialista de Eduardo Gomes



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Curioso caso acontece neste pleito: com o propósito de arrecadar fundos para a campanha de Eduardo Gomes, as mulheres que estavam inseridas na cena política carioca, juntaram-se e passaram a produzir e a vender um doce feito à base de leite condensado e chocolate, denominado brigadeiro. O leite de vaca tornou-se um produto inviável para conservação entre os anos das guerras mundiais porque estragava rapidamente, devido à falta de refrigeração. A estratégia foi adicionar açúcar ao leite e submetê-lo a um processo de evaporação e resfriamento, surgindo, assim, o leite condensado. Outros insumos também eram escassos em tempos de guerra, como castanhas e frutas, o que impossibilitava fazer as costumeiras sobremesas da época. O site da Nestlé comprova tais informações:

1914 – A guerra tem início na Europa e prejudica a produção da empresa; por outro lado, este período hostil provoca o aumento da demanda por produtos lácteos da Nestlé, na forma de grandes contratos governamentais.

1915 – O leite condensado tem longa duração e é fácil de transportar, o que o torna popular entre as forças armadas. Por exemplo, em 1915, o Exército Britânico começa a fornecer leite enlatado Nestlé para os soldados em suas rações de emergência. A grande demanda pelo produto significa que as fábricas de leite da empresa precisam

trabalhar a todo o vapor.

1917 – 1918 – A escassez de leite na Suíça faz com que a Nestlé & Anglo-Swiss forneça seus suprimentos de leite fresco para ajudar as pessoas nas cidades e vilas. Para atender a demanda de leite condensado das nações em guerra, a empresa compra fábricas norte-americanas e firma contratos de fornecimento com empresas australianas, adquiridas posteriormente (Nestlé, c2020, s. p.).

Em 13 de março de 1945, o partido de oposição – PSD (registrado posteriormente em 17 de julho) – lançou o general Eurico Gaspar Dutra, que também não era político de carreira, mas era militar com carreira destacada. A lei Agamenon (homenagem ao ministro da justiça, Agamenon Magalhães) é assinada por meio do Decreto-lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945, com o intuito de regular o alistamento eleitoral e as futuras eleições de 2 de dezembro. Os candidatos que exerciam funções públicas deveriam se afastar 90 dias antes.

Às 21 horas do dia 29 de outubro, o presidente Getúlio Vargas recebe das mãos do general Cordeiro de Farias, chefe do Estado Maior das Forças Armadas, um documento manuscrito que rascunhava seu pedido de renúncia. Vargas solicitou ao seu ministro de Guerra e secretário, Góis Monteiro, que datilografasse o pedido. Em 1º de novembro de 1945, o chefe do Estado deixa o Palácio Guanabara e parte rumo à sua fazenda em São Borja, na companhia de seu sobrinho, Serafim Dorneles. O trecho a seguir é parte da conversa informal que tiveram: “Eu sou uma pedra que foi movida da posição que ocupava. E eles pensam que eu vou permanecer onde eles me colocaram. É o grande erro deles. Não sabem que vamos começar um novo jogo — e com todas as pedras de volta ao tabuleiro” (Memorial da Democracia, c2017b).

Aquele banquete oferecido a Octavio, apresentado nas linhas supracitadas, também serviu para revelar o apoio dos cambaraenses ao Brigadeiro e, em contrapartida, comprovar a antipatia expressa à Ditadura:

Seus discursos eram incessantemente interrompidos por calorosas salvas de palmas e todos levantavam vivas ao Brigadeiro Eduardo Gomes, ao Brasil, ao Paraná e a Cambará. Quando os oradores pronunciavam o nome do Ditador, ouvia-se infernal assuada de repulsa por parte dos presentes (Cambará Jornal, 19 ago. 1945, p. 2).

Cada discurso proferido reiterava e assinalava o conflito iminente entre a UDN e seus opositores, num mesmo propósito de angariar cada vez mais votos para Eduardo Gomes. Os artifícios retóricos fundamentavam-se nas escolhas lexicais e na criação de metáforas comparativas. Vejamos alguns exemplos:

### **Quadro 3 – Quadro contendo artifícios retóricos e metáforas**

<b>DISCURSOS</b>	<b>PROF. PASCOAL MAIMONI JUNIOR</b>	<b>DR. FONTES NORONHA (BRINDE DE HONRA A EDUARDO GOMES)</b>
------------------	-------------------------------------	---

<p><b>PRINCIPAIS ESCOLHAS LEXICAIS REFERENTES A EDUARDO GOMES</b></p>	<p>“admirador e propagandista de Eduardo Gomes”, “candidato cristão, ponderado, honesto e brioso”, “primeiro triunfo”, “democrata”, “democracia”, “grandeza do Brasil”.</p>	<p>“eminente”, “divisa de honradez, paradigma de bravura e coragem civica, simbolo de fé nos destinos do Brasil”, “reconquista das suas liberdades”, “vicissitudes da sua existencia”, “fiel”, “atitude desassombrada”, “candidato ilustre”, “um homem de bem, um servidor do Paiz, desprendido e dedicado”, homem de honra, é incapaz de mentir, de recorrer a metodos ignobeis para ilaquear a boa fé do nosso povo”, “Conhecedor dos problemas cruciaes da nossa Patria, ele só promete o que sabe que há de cumprir quando o elevarmos pela vitoria”.</p>
<p><b>PRINCIPAIS ESCOLHAS LEXICAIS REFERENTES A GETÚLIO VARGAS, DITADURA OU COMUNISMO</b></p>	<p>“vigoroso ataque contra a ditadura de Getúlio Vargas”, “ditadura está fóra de moda em todo o mundo”, “totalitária”, supressão de liberdade”, “ditador comunista Getulio Vargas”, “movimento positivo de aliciação”, “primeira derrota”, “comodidade e malicia”, “ou retrogadará com o ditador comunista Getulio Vargas”.</p>	<p>“arrastando o paiz para o cáhos”, “um governo que se impoz á Nação pela violência e pela fraude”, “um chefe de partido, nem um diretor de inteligencias, nem um pregador de idéas, um detentor de tropas armadas”, plataforma vã, cheia de promessas falazes, tão ao gosto dos demagogos vulgares e mitificadores da opiniao publica”.</p>
<p><b>METÁFORAS CONSTRUÍDAS PARA EDUARDO GOMES</b></p>	<p>“pleito vivo de idéas a desenvolver”, “há um poder usurpado brandindo a razão contra um poder usurpador”.</p>	<p>“mais justas esperanças de redempção nacional”, “vanguardeiro da nossa Democracia”, “nesta crise de pigmeus ainda nos restam gigantes”, “cuja vida é uma linha reta tirada no sentido da honra”.</p>
<p><b>METÁFORAS CONSTRUÍDAS PARA GETÚLIO VARGAS, DITADURA OU COMUNISMO</b></p>	<p>“O sr. Getulio Vargas será candidato como aquele famoso médico de Molière: Malgrê lui...”<sup>18</sup>, “um mundo juridico de fórmulas ofendidas a reivindicar [...]”.</p>	<p>“Na hora tormentosa que vivemos”, “no ventre abominavel da Ditadura”.</p>

Fonte: Elaborada pela própria autora.

As palavras finais proferidas pelo Dr. Fontes Noronha (1945), no brinde de honra ao Brigadeiro Eduardo Gomes, davam como garantida a vitória do candidato: “A historia do Brasil já tem uma pagina gloriosa na vida de Eduardo Gomes, candidato não só do proletariado, mas de todas as classes sociaes. Saudemos, portanto, cheios de vibração patriotica o futuro presidente da Republica brasileira” (p. 3).

Há duas semanas das eleições, uma infeliz colocação afasta a vitória das mãos do Brigadeiro. Quando falava à elite carioca, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, agrediu os

<sup>18</sup> O professor Pascoal Maimoni Junior faz referência à farsa escrita por Molière *Le medecin malgre lui* [O médico de si mesmo], originalmente apresentada em 1666. Resumidamente, Sganarelle era um lenhador bêbado e bruto e tinha o hábito de espanca sua esposa, Martine. Para se vingar, ela finge que ele é médico, mas que só trabalharia depois de capturado. Lucinde, filha de Géronte, apaixonada por Léandre, não concorda com o casamento arranjado de sua mãe com Horácio. Ela finge ser muda como forma de protesto. Géronte convoca Sganarelle para tratar a mudez de sua filha. Após ser agredido pelos criados, ele começa a levar seu novo emprego a sério. Este médico, a despeito de si mesmo, realiza milagres, contrariando todas as possibilidades. Lucinde tem a sua voz de volta para poder defender seu casamento com Léandre. Géronte aceita-o como genro quando herda uma pequena fortuna. Sganarelle perdoa sua esposa e vive para exercer a medicina.

eleitores de Dutra ao afirmar que não precisava dos votos da “malta de desocupados que andam por aí”. Hugo Borghi, dono de 150 emissoras de rádio, transmitiu sua interpretação do discurso do candidato. O empresário procurou a definição de “malta” no dicionário e deparou-se com “turma de trabalhadores que come em marmitas”. Rapidamente associou que Eduardo Gomes dispensava o voto do povo humilde, dos “marmiteiros”.

Qual não foi o alvoroço causado pela propagação da notícia. Foram criados folhetos de apoio aos marmiteiros, como também caricaturas e a composição de uma marchinha de Carnaval, em 1946, por Valdomiro Lobo, interpretada por Murilo Caldas, chamada “Marmiteiro”. Nos comícios dos candidatos do PTB, os trabalhadores levavam suas marmitas e batiam nelas com talheres, cantando.

Vamos entrar pro cordão dos marmiteiros  
 Vamos entrar pro cordão dos marmiteiros  
 E quem não tiver pandeiro  
 Na marmita vai tocar  
 E quem não tocar  
 Quá, quá, quá  
 Nós vamos cantar, nós vamos cantar  
 Nós vamos cantar, nós vamos cantar

“Marmiteiro! Marmiteiro!”  
 Todo mundo grita  
 “Marmiteiro! Marmiteiro!”  
 Todo mundo grita [...]

“O candidato do PSD, em repetidos discursos, e ainda agora, em suas últimas declarações, colocou-se dentro das ideias do programa trabalhista. Ele merece, portanto os nossos sufrágios!” (Vargas, 1945, p. 1). Esta foi a declaração de apoio de Vargas à candidatura do general Dutra às vésperas do pleito de 2 de dezembro de 1945. Grande parte do PTB e um grupo influenciado por Borghi aliaram-se para promover a vitória do PSD, visto ser preferível, a ter de lidar com a a presidência nas mãos da UDN, na figura do Brigadeiro.

Na fatídica data, homens e mulheres aptos a votar — alfabetizados e maiores de 18 anos — vão às urnas para decidir o futuro da Nação. Era chegada a hora dos dois militares enfrentarem-se pelo mais alto posto da democracia nacional. Além da escolha pelo presidente da República, os eleitores também deveriam votar nos deputados e senadores que elaborariam a nova Constituição. Getúlio Vargas, como permitia a legislação da época, foi eleito deputado federal por sete estados e senador por São Paulo e Rio Grande do Sul, mas acabaria optando pelos votos gaúchos para o Senado.

O general Dutra foi eleito com 52,39% dos votos (3,2 milhões de votos), cerca de 1,2 milhão a mais do que o brigadeiro Eduardo Gomes (34,74%). Iedo Fiúza, candidato lançado à última hora pelo secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), Luís Carlos Prestes, recebeu 10% dos votos.

Enquanto se apagava o sonho de Eduardo Gomes ao mais alto posto político da Democracia, em Cambará, no Paraná, continuava a crescer a fama daquele que ocuparia o mais alto posto do paço municipal. Retornemos à trajetória de Octavio, pontuando, numa linha do tempo, a sua ascensão.

O *Diário do Paraná*, lançado em 4 de setembro de 1946, divulgou a Convenção da UDN, secção do Paraná, em Curitiba. Octavio assinou a lista dos convencionais que estiveram presentes nos salões do Clube Concórdia, representando Cambará, a fim de escolher os dirigentes paranaenses.

Nesta oportunidade, o Dr. Ruy F. Itiberê da Cunha, representante de Curitiba, discursou e lembrou aos companheiros que mesmo após a derrota ocorrida no último 2 de dezembro, “continuamos, onde sempre estivemos com o nosso grande Brigadeiro Eduardo Gomes, intransigentemente defendendo os princípios por êle pregados na sua memorável campanha” (p. 5). Aproveitou a ocasião para reacender a chama da esperança no coração dos correligionários, dizendo: “Devemo-nos orgulhar dos nossos Chefes, que serenamente, da derrota tiraram forças para nos elevar ao ponto em que nos achamos” (p.5).

O último discurso a ser contemplado em o *Cambará Jornal* é o do homenageado, Octavio Rodrigues Ferreira (1945). O tom geral é o de agradecimento por ter sido “alvo isolado da inclinação de vossa bondade e simpatia” (p.3), tendo o povo cambaraense aquilatado em seus qualificativos a esperança de representá-los na gestão do município.

Octavio discorre que, em suas ações, “nada justifica, nem justificava [...] nada fiz” para receber os méritos do que acontecia naquele banquete. Ele era movido pela ambição de ser “util, sem preocupação de reconhecimentos ou recompensas de qualquer ordem”. A alegria se testificava em perceber “a inesquecível satisfação que me proporcionaram, ao poder constatar que tenho sido, nos atos e atitudes de minha vida, bem compreendido pelos meus semelhantes” (p.3).

Reafirma, com a mesma intensidade dos apoiadores do Brigadeiro, “solenemente o proposito que nos une e irmana, qual o de trabalharmos e lutarmos pela democratização do Brasil, ao lado do Major Brigadeiro Eduardo Gomes” (p. 3).

O posicionamento social, político e valorativo que regiam a vida de Octavio, segundo suas palavras, não deviam gerar dificuldades de compreensão para aqueles que julgavam que

ele sacrificava seu sossego ou suas conveniências pessoais para “alistar-me num partido em que se combate por uma simples idéa, unicamente por amor a um principio. Assim procedia porque “prefiro deixar-me vencer pelo ideal, a abastardar-me pelo interesse” (p. 3), expressando clara oposição às motivações egoístas, aos ganhos pessoais, à noção de poder degradante ou falta de ética no regimento dos pensamentos e das atitudes. Abastardar, verbo praticamente em desuso, tem a acepção de “degradar-se física ou moralmente; deturpar-se” (Michaelis online, c2025).

O trecho extraído de seu discurso deve ser estudado, detidamente: “Isso porque, o que cumpre destruir não é o homem, que erra, mas o erro. O odio, a intolerancia, não corrige o erro, mas apenas comprime a vontade, que será impelida ao erro, apenas cesse a coação” (p.3). A postura de Octavio distingue-se pela ideia de que o homem pode ser corrigido, e a ele podem ser dadas várias oportunidades de aperfeiçoamento. O que deve ser combatido com veemência é o erro, as falhas, sem a intenção de destruir, quais sejam as vias, o homem que erra. Por isso, usar de ódio e/ou intolerância não resolverá o problema, pois apenas forçará a uma falsa ideia de obediência forçada. Há uma clara alusão aqui ao autoritarismo repressivo dos militares da época.

Ao finalizar, reitera que a todos pode ser estendido o direito de, por conta própria, buscarem pela liberdade de pensamento, exposição e discussão, uma vez que “um ser que se distingue pelo pensamento não póde receber de fóra, é a força, sua maneira de pensar e agir”. O ideal da democracia viria, nesse sentido, para dar “entusiasmo”, aumentar “o nosso poder” e orientar “os nossos atos num generoso sentido” (p. 3).

Na reportagem intitulada “O Diretorio Udenista de Cambará”, encontrada no *Diário do Paraná*, publicada em 3 de janeiro de 1947, podemos constatar que foi realizado em 28 de dezembro de 1946 a Convenção Municipal para a escolha do Diretório “naquela prospera unidade do setentrião paranaense” (p. 5). Octavio é escolhido para presidente. O vice-presidente era Gustavo Nunes Diniz. Os 1º e 2º secretários eleitos foram Lauro Ferreira e Antonio Aureliano Fernandes, e os 1º e 2º tesoureiros, respectivamente, Manoel Teixeira e Manoel Henriques. O texto também traz a relação dos membros do Diretório.

A seção destinada à UDN do *Diário do Paraná*, publicado em 12 de agosto de 1947, noticiou a Reunião da Comissão Executiva da UDN, ocorrida em 7 de agosto, em Curitiba, relacionando o nome dos presentes e comunicando, por parte do sr. Lauro Ferreira, — ausente na reunião —, “a reorganização do Diretorio da UDN e a escolha do nome do sr. Otavio Rodrigues Ferreira para candidato a prefeito daquele municipio [...]” (p. 3). Houve o reconhecimento do Diretório, em 24 de agosto, e a alteração do nome do 2º secretário — antes Manoel Henriques, agora, Targino Pais de Barros —, bem como a inclusão dos seguintes

vogais: Dr. Hermínio Mélo, Manoel Henriques, Dr. Luiz Vilela de Andrade e Silvio Lamaneres de Oliveira.

Chegamos ao ponto da “coroação” de Octavio frente à construção de seu percurso político: “O candidado da U.D. N. ao cargo de Prefeito Municipal de Cambara”, título do artigo transcrito pelo *Diário do Paraná*, em 28 de agosto de 1947. “Não foi perdido o tempo, nem caiu em terreno sáfaro quando lançámos a candidatura do sr. Otavio Rodrigues Ferreira, Presidente do Diretório da U. D. N. e lidimo representante da população local, para ocupar o cargo de Prefeito de Cambará” (p. 3). Aqui há o emprego de dois adjetivos com carga semântica significativa. O primeiro, “sáfaro”, refere-se à improdutivo, agreste (Michaelis online, c2025), sugerindo que a escolha pelo nome de Octavio não foi em vão. O segundo, “lidimo”, confirma a autenticidade e legitimidade em tê-lo como representante municipal, pois significa “declarado como autêntico” (Michaelis online, c2025).

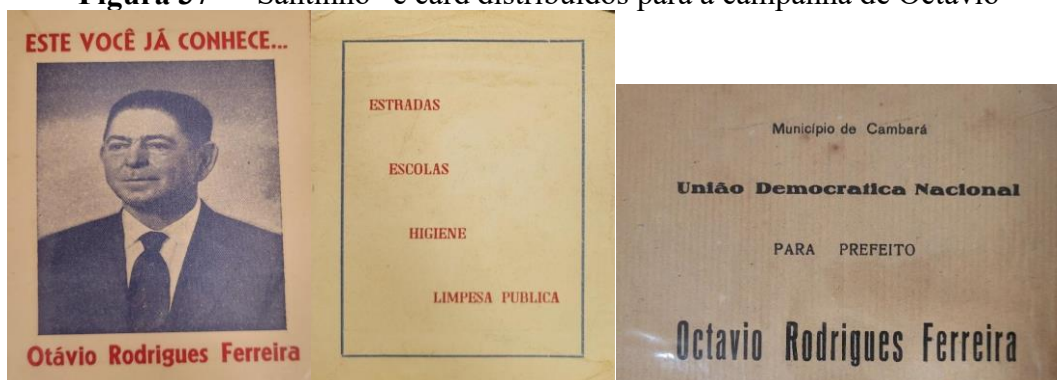
As eleições aconteceriam em 16 de novembro do corrente ano. A matéria afirma que o nome para prefeito e para candidatos a vereadores

foram acolhidos com indefiníveis simpatias pelos nossos correligionários e sempatisantes que, no momento, cerram fileiras em torno de seus nomes apoiando esta nossa causa santa, simbolizando assim, não um capricho todo especial de cambaraenses intransigente, mas, a satisfação única de vermos Cambará expurgada, liberta de seus algozes, esses políticos sem entranhas que até hoje nada fizeram pelo progresso desta terra e bem estar de seu povo (p. 3).

As ações administrativas da chapa formada seriam pautadas na defesa dos interesses coletivos dos cambaraenses, “intransigentemente, altivamente e sinceramente” (p. 3), sempre observando as necessidades urgentes que a comunidade almejava.

A Figura 37, arquivada nos guardados familiares, ilustra o “santinho” da campanha política de Octavio e um *card*, para facilitar a divulgação do nome do candidato e seu referido cargo.

**Figura 37** – “Santinho” e card distribuídos para a campanha de Octavio



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Atentemo-nos para a seleção lexical do *slogan* do “santinho”. Tais termos não foram escolhidos por acaso. Havia compromissos que a gestão em exercício havia se comprometido honrar, mas que não saíram do papel. “Este você já conhece” é marcado por forte apelo emocional. O advérbio temporal “já” leva o leitor a rememorar a figura de Octavio como aquele que se preocupava com a qualidade de vida dos cidadãos e com o crescimento da cidade, visto que já havia provado tais valores, mesmo antes de seu nome ser lançado como candidato.

Cambará vinha sendo avaliada como um município em crescente progresso, o que gerou a expansão geométrica da população. Com isso, seria necessária a “ampliação das redes de esgotos e aumento do abastecimento da água” (p. 3). A alimentação pública também estava listada no rol dos problemas, assim como a educação pública — essa uma das mais urgentes:

Além da reforma geral que deve passar o edifício de nosso pequenino grupo escolar, é necessário que se construa outro, assim como também existem vários Bairros populosos que necessitam urgentemente de escolas, afim de que todas as crianças com idade escolar possam receber a instrução necessária (p. 3).

Portanto, as melhorias propostas por Octavio e por sua Comissão Consultiva em seu “santinho”, atenderiam a todos os entraves listados:

A continuação do calçamento da cidade; a remodelação do jardim e construção de um moderno coreto na Praça João Pessoa, a conservação de nossas estradas de rodagem; o serviço de saneamento e outros problemas inadiáveis, irão merecer, de maneira precípua o carinho e atenção dos candidatos á Prefeito e vereadores da União Democrática Nacional (p. 3).

Este artigo foi concluído com a apresentação dos nomes que compuseram as Comissões Consultivas nas frentes de economia e finanças, indústria e comércio, educação e saúde, assistência social, viação e transporte, propaganda e agropecuária, destacando “os homens dignos, esforçados, batalhadores incansáveis e que tendo sempre em mira a célebre frase do

grande Brigadeiro Eduardo Gomes: ‘O preço da liberdade é a eterna vigilância’, tudo farão pela vitória da U. D. N. em Cambará, que será, sem dúvida a vitória da democracia” (p. 3).

Arthur Barthelme, redator parlamentar do *Diário do Paraná*, ao acompanhar a seção “O que se passa na assembleia”, em 19 de setembro de 1947, destacou como assuntos de pauta da reunião ordinária “importante discurso sobre o Norte, do deputado Alves Bacelar. — Ainda a divisão administrativa. — Diversas criações de municípios. — Os rejeitados. — Outros assuntos” (p.4). Daremos foco ao discurso do deputado José Alves Bacelar, porque em seu pronunciamento destacou Cambará, “a prospera cidade que tudo deve ao esforço da iniciativa particular de seus ativos filhos, e que nada recebeu dos poderes públicos” (p. 4). Em seguida, o redator

cita vultos de cidadãos emeritos que se acham intimamente vinculados á historia da Cidade, — referindo-se especialmente a Otavio Rodrigues Ferreira, que teve agora sua vida de dedicação ao bem coletivo premiada com sua indicação para candidato a prefeito, — e fala também de candidatos a vereador de seu partido, que se contam entre os benemeritos da Cidade.

A reportagem produzida por Barthelme no *Diário do Paraná*, em 20 de setembro de 1947, que teve por título “O Norte se interessa menos por politica que por estradas”, reproduziu, na íntegra, o discurso do deputado José Alves Bacelar que, tomando a tribuna da Assembleia Legislativa, apresentou aos presentes os problemas graves que acometiam o Norte do Paraná. Dentre inúmeras censuras aos poderes públicos “pelo seu descaso no que concerne aos problemas que afligiam e ainda afligem o Norte do Paraná [...]” (p. 5), destacou o porquê a região ser considerada o “Celeiro do Brasil”, ao enfatizar as entradas milionárias para os cofres públicos, advindas da agricultura — café (“8 milhões de de cafeeiros em franca produção” (p.5), cereais e algodão.

Não deixou de pontuar a importância dos esforços populares para o desenvolvimento e progresso da cidade, dando como exemplo a construção da Santa Casa de Misericórdia, “autentico orgulho da região e quiçá do Estado, cuja construção e equipamentos custou nada menos de 2 bilhões de cruzeiros, sendo de se resaltar não ter o Estado concorrido para a mesma com o real siquer [...]”.

Há menos de dois meses das eleições municipais, o deputado frisa a participação de Octavio frente à organização das melhorias da cidade:

O baluarte dessa organização foi e é sem duvida a figura nobre de Otavio Rodrigues Ferreira, um dos elementos mais progressistas de Cambará. Esse cidadão, de origem modesta, conseguiu formar uma das maiores fortunas da zona; dotado de coração

bonissimo Otavio Rodrigues Ferreira é o maior amigo dos pobres e um dos melhores da cidade; não existe em Cambará uma só iniciativa de interesse geral que não conte com decidido apoio desse homem; a maior prova de sua invulgar popularidade vem de ser dada agora quando, em memorável convenção, da U. D. N. local foi o mesmo indicado para disputar o pleito que se aproxima como seu candidato a prefeito (p. 5).

Além de Octavio, outros homens envolvidos no progresso do município também tiveram seus nomes evidenciados:

Os baluartes do progresso da cidade, entre outros são os seguintes: — João Manoel Ribeiro dos Santos, Francisco Arruda, **Benigno Bittencourt de Moraes**, Braulio e Leovigildo Barbosa, **Gustavo Nunes Diniz**, Antonio Leoncio de Castro, de saudosa memória, **Manoel Teixeira**, **Drs. Herminio Melo**, Celestino Antonaci, **Ary Damasceno**, Otacilio Vieira Arcoverde, e Luiz Vilela de Andrade, **Sebastião Ribeiro de Campos**, Antonio Aureliano Fernandes, **Vanor Henriques**, **Lauro Ferreira**, **Silvio Lamaneres**, **Delfino Pescarolo**, **Raul de Freitas**, **Segio Paes de Barros** e tantos outros [...] (p. 5, grifos nossos).

Há uma justificativa sólida para termos transcrito integralmente e com destaque estes nomes. De acordo com as palavras finais do deputado, “aproximando-se o pleito de novembro o meu partido vem de organizar sua chapa de vereadores na qual figura ‘varios dos nomes dos elementos acima citados’” [...]. É o que comprova a Figura 38, que lista o conjunto de candidatos a vereador pela UDN, e onde podemos verificar o nome de todos os supracitados, responsáveis por representarem os interesses coletivos e o bem-estar dos cambaraenses, junto de Octavio.

**Figura 38** – Representação da chapa de candidatos a vereador para as eleições municipais de 16 de novembro de 1947, em Cambará



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Era contínua a propagação do apoio da UDN aos candidatos a prefeito das cidades interioranas do Paraná, tanto que a partir de 4 de outubro de 1947, o *Diário do Paraná* começou

a vincular a lista de municípios e seus respectivos representantes. Nesta edição, houve um destaque a Octavio, dizendo ser “líquida a vitória de OTAVIO RODRIGUES FERREIRA em CAMBARÁ, apoiado pela UDN e importante fração do Partido Trabalhista” (p. 5).

Concretizou-se, sob todas as expectativas, o triunfo de Octavio Rodrigues Ferreira frente ao mais alto posto do Executivo municipal, confirmando um cenário amplamente aguardado por parte dos eleitores e da alta cúpula da UDN local e regional. Graças à tecnologia, obtivemos acesso ao resultado das eleições ocorridas a partir de 1947, que foram digitalizadas pelo TRE-PR. O site do TRE-PR possibilita a busca por dois filtros: a seleção do município e/ou o ano desejado (se for do interesse do pesquisador). Consideramos Cambará e o ano de 1947. Em questão de segundos foi feito o *download* do documento, conforme ilustrado pela Figura 39.

**Figura 39** – Boletim de urna das eleições de 16 de novembro de 1947

<u>MUNICÍPIO DE CAMBARÁ</u>	
PARA PREFEITO MUNICIPAL	
Octavio Rodrigues Ferreira	1.447 v. - U.D.N.
Candidato:	
Miguel Dinizo	1.524 v. - P.S.D.-P.T.B.
VEREADORES ELEITOS:	
UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL	
1 - Benigno Bittencourt de Moraes	410 v.
2 - Herminio Melo	205 v.
3 - Gustavo Nunes Diniz	151 v.
4 - Vanor Henriques	145 v.
5 - Manuel Teixeira	137 v.
6 - Sergio Paes de Barros	131 v.
7 - Delfino Pescaroli	89 v.
COLIGAÇÃO P.S.D. - P.T.B.	
1 - Caetano Vezozzo	260 v.
2 - Alceu Marques Ladeira	230 v.
3 - Alcides de Souza Cardoso	141 v.
4 - Heitor Bernardeli	121 v.
5 - Derosse Pinheiro Lima	120 v.
- - - - -	

Fonte: Resultados [...] (1947).

Este documento de apuração revela dados importantes sobre o perfil do eleitorado cambaraense. Octavio concorreu à prefeitura contra o Dr. Miguel Dinizo, médico e candidato pela aliança PSD-PTB. A junção destes dois partidos deveu-se a uma estratégia política que visava ao fortalecimento de uma oposição que fizesse frente à convergência de interesses contra a UDN. O PSD representava os interesses da burguesia industrial e rural; já o PTB direcionava sua atenção aos sindicalistas e aos trabalhadores, a fim de garantir políticas sociais e angariar direitos trabalhistas a essas classes.

É notório constatar que, em Cambará, prevaleciam os valores e propósitos udenistas. Os números não se contradizem. Da mesma forma, a quantidade de votos destinada aos candidatos

a vereador pela UDN sobressaem em quase o dobro, se comparados aos que foram direcionados aos candidatos da coligação PSD-PTB. A bancada da UDN escolheu sete membros, o PSD, três vereadores e o PTB, dois vereadores. Não devemos nos esquecer de que a expressividade numérica muito se deveu à influência dos deputados udenistas que “revelaram extraordinária eficiência como coordenadores da política regional, podendo apresentar hoje com a satisfação ao partido, os resultados de sua ação política” (Diário do Paraná, 27 nov. 1947, p. 5).

Não somente em Cambará — norte do Paraná —, mas nos estados, de forma generalizada, a UDN vinha ganhando terreno, conforme salienta a reportagem veiculada na referida edição:

Vencendo as eleições para prefeito em muitíssimos municípios, fazendo em outros a maioria da legenda, — a UDN está se firmando em toda a parte inclusive em municípios até agora completamente fechados contra nós. No Norte do Estado nossa base eleitoral se ampliou consideravelmente tanto nos municípios em que fizemos o prefeito, como em outros nos quais embora não conseguíssemos esse objetivo, conquistamos contudo uma situação de consolidação definitiva de nosso núcleo eleitoral (p.5).

Em uma sexta-feira aparentemente comum para todos, menos para Octavio, pois era o dia do seu aniversário — 21 de novembro de 1947 —, o *Diário do Paraná* divulgou a primeira relação de prefeitos eleitos pela UDN. Estava liquidada a confirmação oficial de sua vitória, conforme a Figura 40.

**Figura 40** – Relação de prefeitos eleitos pela UDN, em 1947



Fonte: Diário do Paraná (21 nov. 1947, p. 5).

Pela ordem, Octavio foi o 7º prefeito municipal, conforme ilustra a Figura 41.

**Figura 41 – Prefeitos que atuaram em nosso município**

1º	Major Antonio Barbosa Ferraz Junior	1.924 a 1.928
2º	Leovigildo Barbosa Ferraz	1.928 a 1.932
3º	Salvador Arieta	1.932 a 1.936
4º	Bráulio Barbosa Ferraz	1.936 a 1.940
5º	Antonio Manoel dos Santos, Osvaldo Bittencourt, Rosalino Fernandes, Salvador Arieta e Domingos Martins Vila	Exerceram no período: 1.940 a 1.943
6º	Dr. Alceu Marques Ladeira	1.943 a 1.947
7º	Octávio Rodrigues Ferreira	1.947 a 1.951

Fonte: Câmara Municipal de Cambará/PR (1924).

No dia 3 de outubro de 1947, ocorreu a instalação da Câmara Municipal de Vereadores de Cambará e a posse de Octavio Rodrigues Ferreira como prefeito. A seção “União Democrática Nacional”, de o *Diário do Paraná*, tornou público, em 9 de dezembro de 1947, alguns detalhes da cerimônia. Foi presidida pelo juiz eleitoral em exercício, o Dr. Alberto Carvalho Seixas,

o qual deu posse ao novo edil, bem como aos vereadores eleitos, em numero de doze, que integram a Camara Municipal. Os festejos tiveram cunho grandioso, havendo constatado, além da cerimonia oficial, de uma missa campal realizada pela manhã e que foi extremamente concorrida, bem como de uma magnifica noite dansante nos aristocraticos salões do Tennis-club (p. 5).

Integra-se, assim, a continuação da vida democrática do município, “depois de haver premiado, com consagração nas urnas, o nome benemerito de seu atual Prefeito, — homem simples e bondoso cujo nome desde longa data se acha identificado com as iniciativas mais humanitarias do panorama regional” (p. 5).

Iniciam-se, então, os compromissos oficiais do prefeito Octavio. Entre os primeiros atos participou, em Curitiba, do Congresso de Prefeitos, no dia 19 de dezembro de 1947, em companhia dos vereadores Hermínio Mélo e Gustavo Nunes Diniz, respectivamente 1º e 2º secretários da Câmara Municipal de Cambará.

A administração de Octavio frente à Prefeitura passou a ter visibilidade em periódicos nacionais, como exemplo, a nota encontrada na seção “Noticias do Interior”, publicada em 31 de outubro de 1948, no *Correio Paulistano*, que registrava, por meio de contribuição do correspondente — cujo nome não é identificado —, que “vem desempenhando o cargo de prefeito do nosso municipio o sr. Otavio Rodrigues Ferreira, fazendeiro. Graças à ação do fiscal sr. José de Melo está a nossa cidade sendo conservada limpa, sua urbs consertada, admirada pelos visitantes” (p. 10).

O prefeito em exercício estava constantemente em contato com o Governo do Estado, a

fim de pleitear as demandas municipais e regionais. Em um telegrama expedido ao Dr. Othon Mader — Diretório da UDN de Curitiba —, em nome dos prefeitos Octavio Rodrigues Ferreira, Rodolfo Albino (Cornélio Procópio), Otavio Ferreira Dias (Jacarezinho) e Garibaldi Reale (Santo Antônio da Platina), havia a solicitação da revogação imediata por parte do sr. Moyses Lupion, governador do estado do Paraná, da Portaria 278, que dificultava a exportação do café paranaense. A medida, considerada odiosa e absurda, afetou sobremaneira cafeicultores e a classe dos caminhoneiros.

No decurso do primeiro ano de seu mandato, Octavio promoveu vultosas transformações na infraestrutura de Cambará. O periódico estadual *O Dia*, edição de 18 de novembro de 1948, apresentou a etapa de realizações cumpridas pelo então governador Moyses Lupion, no interior do estado. O chefe do Executivo estadual inspecionou obras relacionadas à produção açucareira, à educação e à água e esgoto. Em Cambará, esteve no dia 15 de novembro, chegando às 17h30, conforme descrição da reportagem:

Atualmente, a população de Cambará é abastecida por um serviço de poços artesianos, inadequado e insuficiente, tornando-se num entrave ao próprio desenvolvimento da cidade. As obras lançadas pelo governo, compreendem um esforço com tratamento e captação no rio Alambary, próximo à cidade. Com essas obras a população de Cambará contará com 2 milhões de litros de água, diariamente. O serviço atualmente existente fornece 180 mil litros diários (p. 3).

Além da qualidade deste empreendimento, a população passaria a contar com uma Escola de Trabalhadores Rurais, um posto misto de higiene, e o edifício do Departamento de Produção Vegetal. Ao povo cambaraense restava apenas prestar “expressiva homenagem ao governador Moyses Lupion, oferecendo-lhe um banquete no Guairacá Clube, falando em nome da população o dr. Otavio Arco-Verde, tendo o dr. Alô Guimarães agradecido em nome do homenageado” (p.3).

Quando perguntamos aos netos de Octavio “*Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos*”, pudemos constatar que ou eram recém-nascidos ou ainda não haviam nascido. As respostas transcritas revelam informações passadas de seus pais/tios e/ou do que ouviam falar sobre o avô. Consideramos pertinente reproduzir alguns fragmentos das entrevistas porque irão respaldar a próxima matéria jornalística que subsidiará os dados apresentados:

Tenho comigo que o vô Octavio foi o melhor prefeito que Cambará já teve. Praticamente tudo o que Cambará tem ou teve a ver com o vô Octavio. Exemplo: Santa Casa, Matadouro, Colégio das Irmãs, Igreja Matriz, Estádio Municipal Operário, entre outras obras. Ele era da UDN, sempre muito honesto e correto, vinham

políticos de várias partes do Paraná pedir seu apoio. Me lembro do Paulo Pimentel e do Nei Braga lá na Fazenda Santana. [...] (CARF).

Mais tarde, ouvi de muitas pessoas que ele era um homem muito justo e trabalhador, não era de muitos discursos, comícios, e não gostava de coisa errada [...]. Ele construiu a Santa Casa, e foi provedor muitos anos. Construiu o Matadouro, levou o cemitério para fora do centro da cidade, instituiu a importância de plantar árvores nas ruas e foi o primeiro a arborizar a cidade. Era muito preocupado em deixar as estradas em condições para que todos pudessem transitar. Tinha muitos amigos. Era muito respeitado e respeitador. Era da UDN e era rotariano (VACRFO).

Sei que ele tinha uma certa influência política na cidade, tanto é que ele foi prefeito. Ele que praticamente iniciou a construção da Santa Casa. Ele foi um prefeito maravilhoso, honesto (JOHRF).

Nós não vivemos isso, porque ele foi prefeito de 48 a 52, acho que foi isso, mas a gente sabe de algumas histórias. Na época, eu lembro que ele tinha a equipe, os apoiadores dele — seu Manuel Teixeira — tinha uma turma boa do lado dele, eu não vou saber lembrar quem é [...]. A outra passagem que é que ele foi provedor da Santa Casa [...]. Os paralelepípedos não chegavam até no centro da cidade, não chegavam até a Santa Casa. A prefeitura não tinha mais dinheiro. Aí ele falou: — Não, pode botar aí que eu pago isso daí. Então o último calçamento para chegar até na Santa Casa — pelo que eu ouvi — foi bancado pelo vô Octavio ou talvez o vô Octavio e o pessoal que ajudava ele, que apoiava ele [...] (FRF).

Não me lembro, pois ainda não era nascida, mas os familiares e as pessoas em geral, sempre me relatam (até hoje!) que ele foi um ótimo prefeito e uma pessoa de extrema idoneidade em sua carreira política, contribuindo para o crescimento e sucesso do município (GRFF).

Tendo completado quase dois anos de mandato, o periódico *Cidade de Cambará* dedicou-lhe a primeira capa da edição de 20 de novembro de 1949, com uma “Justa homenagem”, às vésperas “do aniversário natalício” (p.1) de Octavio. Decidimos desenvolver um quadro para analisarmos, estilisticamente, a construção textual da matéria porque a partir dela é possível extrairmos a maneira como foi remontado o perfil pessoal e político de Octavio, bem como teremos a oportunidade de quantificar as benesses adquiridas para Cambará, neste curto espaço de tempo em que esteve ocupando a cadeira do Executivo Municipal.

**Quadro 4 – Recursos estilísticos extraídos da matéria “Justa homenagem”**

Tonalidade emotiva das palavras Palavras de significado afetivos relacionadas às qualidades pessoais de Octavio	“espontanea admiração e estima crescente” “batalhador incançável” “sem nenhuma ostentação ou vaidade” “pelo leme decidido deste extraordinário cidadão” “conserva sempre, no coração, esta força creadora — supremo ideal do que é bom, legando o seu exemplo às gerações porvindoiras”
Tonalidade emotiva das palavras Palavras de significado afetivos relacionadas às qualidades políticas de Octavio	“nosso mui digno e operoso Prefeito Municipal” “muito que vem trabalhando por nossa terra” “probidade administrativa sem par” “embora sacrificando interesses particulares, dar o melhor de seus esforços, a primeira de suas atenções” “visando unicamente o bem estar de seu povo” “cumprindo a risca um programa previamente traçado e sabiamente executado, empregando todo carinho e dedicação [...]”

	<p>“[...] porquanto até mesmo seus adversários políticos não podem negar que á atuação corajosa deste homem magnífico, nos meios públicos do lugar, ai está, atestando seu valor, sua força de trabalho, sua honradez e sobretudo o seu ideal de ser útil á sociedade”</p> <p>“inclito Prefeito de Cambará”</p>
Rol de melhorias empreendidas em Cambará	<p>“aquisição de máquinas para conservação das estradas de rodagem, primeira assistência á zona rural”</p> <p>“Matadouro Municipal completamente remodelado e equipado dentro das normas de higiene”</p> <p>“o Cemitério todo murado, calçado e com área aumentada”</p> <p>“as zonas ruraes servidas por escolas municipais abrangendo todo êste setor”</p> <p>“as principais ruas da cidade já calçadas e com arborização em franco desenvolvimento”</p> <p>“como atrae á atenção dos visitantes a limpeza pública do lugar, feita con desvelo e capricho.</p>

Fonte: Elaborado pela autora da tese.

Figura 42 – Matéria de primeira capa do jornal *Cidade de Cambará*

**Cidade de Cambará**  
ORGÃO DE DEFESA DOS INTERESSES DO MUNICÍPIO

DIRETOR: Dr. Hermínio Melo

COLABORADORES DIVERSOS

Ano I | Cambará (Paraná), 20 de Novembro de 1949 | Num. 41

## Justa Homenagem

**T**RANSCORRE amanhã, 21 do corrente, o aniversário natalício de nosso mui digno e operoso Prefeito Municipal, sr. Otávio Rodrigues Ferreira.

A personalidade de Otávio Rodrigues se impôs a todo bom cambaraense, merecendo a espontânea admiração e estima sempre crescente de todos nós, pelo muito que vem trabalhando por nossa terra.

Os dotes moraes e espirituaes deste batalhador incançavel estão imantados a uma probidade administrativa sem par, parte integrante de uma linha de conduta, que procura, acima de tudo, embora sacrificando interesses particulares, dar o melhor de seus esforços, a primeira de suas atenções, a este pedaço do torrão paranaense, sem nenhuma ostentação ou vaidade, visando unicamente o bem estar de seu povo, que vê assegurado para a cidade um roteiro firme e certo, pelo leme decidido deste extraordinario cidadão.

Na época presente, apesar de todas as dificuldades, enfrentando constantes obstaculos, vem, Otávio Rodrigues, cumprindo a risca um programa previamente traçado e sabiamente executado, empregando todo carinho e dedicação a fim de ir tornando em realidade os justos anseios da população.

E assim, o primeiro passo foi para aquisição de máquinas para conservação das estradas de rodagem, primeira assistência á zona rural — grande força da vida cidadã; estradas estas que, a despeito de tudo, zi estão em franco transitó, oferecendo maior conforto e facilidade, como testemunhas mudas de que o Municipal completamente remodelado e equipado dentro das normas da higiene; o Cemitério todo murado, calçado e com área aumentada; as zonas ruraes servidas por escolas municipais abrangendo todo este setor; as principais ruas da cidade já calçadas e com arborização em franco desenvolvimento, numa promessa feliz de pitoresca sombra e agradável panorama, nesta zona de clima tão torrido; e, como atrae a atenção dos visitantes a limpeza pública do lugar, feita com desvelo e capricho.

Desnecessário seria alongar estas enunerações, porquanto até mesmo seus adversários políticos não podem negar que á atuação corajosa deste homem magnífico, nos meios públicos do lugar, ai está, atestando o seu valor, sua honradez e sobretudo o seu ideal de ser útil á sociedade, tornando mais suave o curso do caudal da vida.

Numa manifestação respeitosa e veemente, queremos prestar-lhe esta homenagem singela, pela auspiciosa data, desejando que ele conserve sempre, no coração, esta força creadora — supremo ideal do que é bom, legando o seu exemplo ás gerações porvindoiras, que haverão de participar como nós, dos frutos beneficentes dos seus feitos, marchando á sombra da bandeira desfraldada pelo inclito Prefeito de Cambará.

**Otávio Rodrigues Ferreira.**

Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Causou-nos interesse, durante a leitura, o fato de o redator empregar, em vários momentos, o adjetivo qualificador anteposto ao substantivo, a fim de exprimir o valor apreciativo em relação à figura de Octavio. Lembremo-nos de que este periódico era dirigido por Hermínio Mélo, vereador, 1º secretário da Câmara Municipal, e membro da *secção* do UDN, de Cambará. Então, a escolha pela posição dos termos, deixa clara a intenção de particularizar e distinguir o alvo de sua estima.

Quanto aos anos 1950-1951, respectivamente 3º e 4º anos do mandato de Octavio, não temos quantidade suficiente de documentos de processo arquivados para sequenciarmos a linha temporal pretendida. No entanto, duas cópias físicas de periódicos municipais — a saber, o *Cidade de Cambará* e o *Cambará Jornal* — referem-se à transparência com que Octavio apresentava a prestação de contas semanais à população cambaraense.

A Figura 43 foi retirada do jornal *Cidade de Cambará*, edição de 20 de agosto de 1950. Nela, foi possível termos acesso à Ficha Semanal do Caixa da Prefeitura Municipal de Cambará, entre os dias 1 a 5 de agosto de 1950. A organização era criteriosa e detalhada, listando primeiro os débitos, seguido dos créditos e o valor a ser depositado. O documento era validado pelo tesoureiro, Manoel Teixeira Filho, pelo contador, Benedito Mendonça, e pelo prefeito, Octavio Rodrigues Ferreira.

**Figura 43** – Ficha semanal de caixa

Prefeitura Municipal de Cambará			
Ficha Semanal de Caixa			
De 1 a 5 de Agosto de 1950			
D É B Í T O			
TÍTULOS	PARCIAL	TOTAL	
<b>RECEITA TRIBUTARIA</b>			
a) Impostos			
Imposto Territorial Urbano	55,00		
Imposto s/ Industrias e Profissões	40,00		
Imposto de Licença "Alvenras"	100,00		
Imposto de Licença e Registro de Veiculos	190,00		
Imposto s/ Diversões Públicas	310,00		
b) Taxas			
Contribuição para Aplicação Social	126,80		
Taxa de Expediente	25,00		
Emolumentos	60,00		
Melhoramentos Públicos Rurais	2.290,00	3.157,30	
<b>RECEITAS DIVERSAS</b>	1.560,00	2.125,00	
Renda do Matadouro	565,00		
<b>RECEITAS EXTRAORDINARIAS</b>	1.173,20		
Dívida Ativa	17,30		
Multas	3.005,00	4.215,50	
Contribuição Especial do Calçamento	20,00		
Custo do Serviço			
Venda de Placas			
<b>TOTAL CR\$</b>		<b>9.597,80</b>	
<b>SALDOS:</b>			
Tesouraria	126.684,40		
Banco	198.572,70	233.257,10	
Saldo que passa para o dia seguinte			
<b>C R É D Í T O</b>			
<b>VALORES EM DEPOSITO:-</b>		24.506,50	
Deposito conforme ficha n. 202833			
Cambará, 5 de Agosto de 1950			
O Tesoureiro:	M. Teixeira Filho		
Contador:	Benedito Mendonça	Visto:	Octavio Rodrigues Ferreira Prefeito

Fonte: *Cidade de Cambará* (20 ago. de 1950, p. 3).

O *Cidade de Cambará*, edição de 21 de fevereiro de 1953, trouxe na segunda página uma reclamação contundente sobre a suposta omissão por parte do prefeito, Dr. Miguel Dinizo,

relativa à probidade administrativa: “Ha um ano e pico que o povo do município e da cidade, em matéria de receita e despesas da comunidade, anda na mais completa ignorancia [...] (p. 2).

O jornalista justifica a sua crítica, lembrando o seguinte fato:

desde quando cessou a laboriosa e progressista administração do operoso e honesto sr. Otavio Rodrigues Ferreira, que sempre fez publicar na imprensa local, como uma satisfação ao público, os balancetes e Ficha Semanal de Caixa da Prefeitura. O sr. Otavio Rodrigues Ferreira, assim, demonstrou o seu bom senso e honestidade administrativa (p. 2).

Segue cobrando que “o nosso atual prefeito devia, também, dar essa satisfação ao contribuinte, (o que é, aliás, um dos deveres do cargo), imposto pela boa lógica e pela vontade de quem deseja governar às claras, dentro do mais perfeito ambiente de probidade” (p. 2). E conclui deixando um questionamento aos leitores: “Quando será pois o dia em que os cambaraenses terão o prazer de vêr de novo em letra de fôrma, os balancetes de nossa Prefeitura?!...” (p. 2).

O livro supracitado, *De Alambari a Cambará: um resgata histórico* (2002), reproduziu em partes o relatório que Octavio deixou assim que concluiu suas atividades administrativas. Neste documento, estão expostas as principais conquistas de seu mandato. Replicaremos as informações num quadro, a fim de tornar claras as atividades desenvolvidas.

**Quadro 5** – Súmula das atividades desenvolvidas entre 3 de dezembro de 1947 a 3 de dezembro de 1951

Departamentos	Rol de atividades executadas
Orçamentário	Orçamento inicial: CR\$ 620.000,00 1948: CR\$ 750.000,00 1951: CR\$ 1.700.000,00 Próximo exercício: ultrapassar CR\$ 2.000.000,00 – “recebimento da quota devida pelo estado e relativa ao excesso de arrecadação prevista no art. 20 da Constituição Federal” (p. 51).
Funcionalismo municipal	“Aumento geral na base de 70 a 100% sobre os vencimentos vigóntes” (p. 51).
Calçamento	Ruas: Monsenhor João Belchior e Major Barbosa. Trechos entre Avenida Brasil e rua Rui Barbosa, até a entrada da Santa Casa de Misericórdia e na Avenida Brasil [...], entre as ruas José Bonifácio e Quintino Bocaiúva, Marechal Deodoro e Joaquim Távora. [...] rua Marechal Deodoro no trecho compreendido entre a Avenida Brasil e a rua Siqueira Campos (p.51).
Galerias pluviais	Quadras “existentes entre as ruas Interventor Manuel Ribas e Avenida Brasil, nas ruas Marechal Deodoro, Major Barbosa e Domingos Vilas, na rua Marechal Deodoro entre as ruas Avenida Brasil e Siqueira Campos” (p.51-52).
Meio-fio e sarjetas	Ruas Tiradentes e Rui Barbosa nos trechos existentes entre as ruas Monsenhor João Belchior e Joaquim Távora, as ruas Joaquim Távora e Domingos Vila nos trechos existentes entre as ruas Rui Barbosa e Avenida Brasil e Rua Tiradentes entre as ruas Major Barbosa e Joaquim Távora.
Serviços públicos	Aquisição de motoniveladora American Britador Caminhão irrigador

	Caminhão G.M.C
Jardins	Arborização da Avenida Brasil e rua Monsenhor João Belchior – “plantio nos passeios laterais de sebipirunas, e primaveras nos canteiros centrais da avenida” (p. 52).
Instrução pública	Aumento de 13 para 20 escolas rurais municipais
Cemitério	Ampliação da área “sem ônus algum para os cofres públicos” [...] (p. 52). Construção de muros laterais e frontal Plantio de árvores
Matadouro municipal	Reformas “radicais” em suas instalações
Estradas municipais	“Convenientemente conservadas e feitas as necessárias reformas de pontes e bueiros [...]” (p. 52).

Fonte: Adaptado de Pugas (2002, p. 51-52).

Uma das lembranças narradas por FRF diz respeito à participação ativa de Octavio nessas benfeitorias. O avô não se contentava em monitorar para que tudo saísse conforme o planejado; ia além, trabalhando ombro a ombro com os funcionários:

Eu lembro uma vez que era muita estrada de terra aqui. Tinha caído uma ponte (essa ponte acho que chegava em Cambará, onde vai ali para a Yoki). Eles estavam arrumando a ponte. O vô Octavio desceu lá e junto com o povo, junto com os funcionários, estava ali junto, dando ordem: — Faz isso aqui! Chegaram uns caminhoneiros e falaram assim: — Essa merda dessa ponte aí não fica pronta, isso aqui não tem quem mande aqui! Tinha dado uma chuva muito grande que tinha levado a ponte. Não era culpa de ninguém, né? E aí os caras falaram assim: — Ah é, não tem quem mande? Olha lá, ó, aquele é o prefeito. Ele está lá junto, de braço dado com a sua equipe, ajudando. Aqui tem quem manda, sim. É que aconteceu o que não devia acontecer. Então, o vô Octavio, esteve sempre ombro a ombro com o pessoal que estava trabalhando com ele. Essa foi uma passagem.

O relatório é concluído com os agradecimentos de Octavio à população cambaraense pelo apoio dispensado, “pois que sem isso, por certo, não poderia ter executado o programa administrativo que venho imprimindo desde 1947, quando fui eleito para dirigir os destinos deste município” (p. 52).

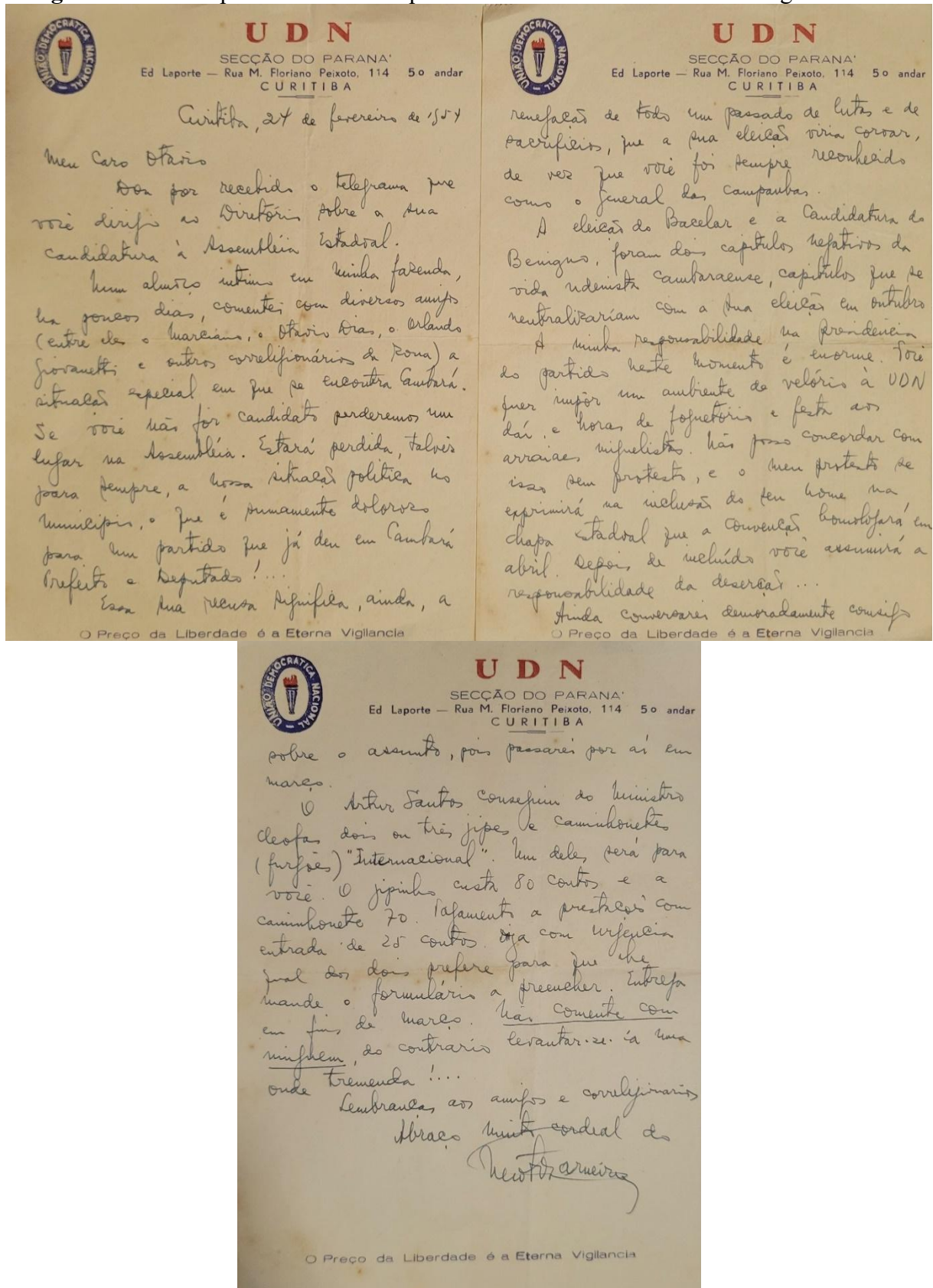
As correspondências políticas guardam em si procedimentos retóricos, quais sejam, a busca pelo efeito de convencimento, a fim de angariar fundos, levantar um nome na esfera eleitoral para conquistar determinado posto político, ou seja, tais cartas visam à arte da oratória:

A eficácia da carta, em áreas como a diplomacia ou as negociações comerciais, sua capacidade de produzir argumentações bem sustentadas, o poder que ela pode representar, afinal, fazem do domínio da escrita epistolar uma qualidade de primeiro plano na vida intelectual, social e política (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 93).

A carta enviada por Newton Carneiro a Octavio Rodrigues Ferreira está entre os documentos que revelam como eram estabelecidos os acordos partidários no Paraná, na década de 1950. Na oportunidade, Octavio é convidado a candidatar-se à Assembleia Legislativa,

estratégia política traçada pela cúpula da UDN paranaense.

Figura 44 – Correspondência enviada por Newton Carneiro a Octavio Rodrigues Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Buscando manter um padrão em nossas análises, atentemos ao suporte escolhido pelo remetente. O papel timbrado recebeu, na parte superior esquerda, o símbolo da UDN, que apresenta o nome do partido político em letras brancas escritas dentro de um círculo alongado azul, que abriga, em seu interior, uma tocha preta com a chama alaranjada. As cores predominantes da coligação eram o branco e o azul, justificando a escolha das tintas. A tocha possui uma simbologia significativa. Atualmente utilizada como símbolo dos Jogos Olímpicos, conclama os mesmos ideais universais de fraternidade, bondade, paz, justiça e respeito, valores responsáveis por manterem acesas a liberdade e a iluminação do conhecimento.

Na parte inferior do papel, lemos o já citado lema “O preço da liberdade é a eterna vigilância”, que conclama os udenistas a estarem atentos a qualquer sombra de irregularidade ou ato lesivo que manche os ideais pleiteados.

O cabeçalho da carta tem o objetivo de situar-nos historicamente. Na época, o Edifício Laporte, situado entre as ruas Marechal Deodoro e Monselhor Celso, próximo ao Calçadão da Rua XV, Praça Tiradentes e Praça Carlos Gomes, em Curitiba, abrigava a sede da seção paranaense da UDN, no 5º andar. Em 1954, de acordo com a Figura 45, extraída do site do TRE-PR, aconteceriam as seguintes eleições:

**Figura 45** – Cronologia das eleições recortadas até o ano de 1954

Cargos eletivos					
Ano do pleito	Executivo Federal	Senado e Câmara Federal	Executivo Estadual	Assembleias legislativas	Executivo e câmara municipais
	Presidente e vice-presidente da República	Deputado federal/senador	Governador	Deputado estadual/distrital/de território	Prefeito, vice-prefeito e vereadores
1933 [1]	-	Eleição direta 3 de maio	-	-	-
1934 [2]	-	Eleição direta 14 de outubro	-	Eleição direta 14 de outubro	-
1945 [3]	Eleição direta 2 de dezembro	Eleição direta 2 de dezembro	-	-	-
1947	-	Eleição direta 19 de janeiro	Eleição direta 19 de janeiro	Eleição direta 19 de janeiro	Eleição direta [4]
1950 [5]	Eleição direta 3 de outubro	Eleição direta 3 de outubro	Eleição direta 3 de outubro	Eleição direta 3 de outubro	Eleição direta [6]
1954	-	Eleição direta 3 de outubro	Eleição direta 3 de outubro	Eleição direta 3 de outubro	Eleição direta [7]

Fonte: TRE-PR (c2025).

Quem assina a carta é Newton Isaac da Silva Carneiro, nascido em Curitiba, em 18 de abril de 1914. Cursou Direito na Universidade Federal do Paraná (UFPR), bacharelando-se em 1936. Foi advogado, industrial e assistente do escritório comercial do Brasil, em Nova Iorque (1936-1938). Tornou-se presidente da Aliança Francesa e do Rotary Club de Curitiba. Atuou como secretário estadual de Educação e Cultura (1952-1953), e Agricultura, Indústria e Comércio (1953-1954), durante o governo de Bento Munhoz da Rocha (1951-1955). Em 1968, foi diretor da Faculdade de Florestas da UFPR e professor de Política e Administração Florestal.

Entre as suas atividades partidárias, destacamos o fato de ter sido vice-presidente da

UDN-PR, em 1945. Seu mandato como deputado federal (eleito em 3 de outubro de 1954, com 20.107 votos, pela legenda da UDN-PR) vigorou entre 2 de fevereiro de 1955 a 1959. Elegeu-se, novamente, como deputado federal entre fevereiro de 1963 a janeiro de 1967. Faleceu em Ponta Grossa-PR, no dia 16 de abril de 1987. A Figura 46 apresenta a fotografia de Newton Carneiro.

**Figura 46** – Fotografia de Newton Isaac da Silva Carneiro (1914-1987)



Fonte: Arquivo Nacional (1957).

O vocativo “Meu caro Otavio” indica haver certo grau de aproximação entre os correspondentes, mas havia a preocupação por um tratamento formal. Lembremo-nos de que ambos eram aliados na UDN, e que estavam em pleno exercício político: Newton Carneiro ocupava a cadeira de secretário estadual, e Octavio era vereador, em Cambará.

O assunto prevaemente na carta é revelado no primeiro parágrafo: “Dou por recebido o telegrama que você dirigiu ao Diretório sobre a sua candidatura à Assembléia Estadual” (p.1). Podemos deduzir que um convite por parte da UDN foi direcionado a Octavio para que pudesse candidatar-se ao cargo de Deputado Estadual nas futuras eleições de 3 outubro de 1954. Não é possível, a priori, saber se foi aceito ou não; fato é que houve uma resposta, mas, como já dissemos anteriormente, não tivemos acesso a esta correspondência.

O secretário discorre que “num almoço íntimo em minha fazenda, ha poucos dias, comentei com diversos amigos (entre eles o Marciano, o Otavio Dias, o Orlando Giovanetti e outros correligionários da Rona) a situação especial em que se encontra Cambará” (p. 1). O Dr. Marciano de Barros e Otavio Ferreira Dias eram aliados na coligação PSD-UDN-PTB do município de Jacarezinho. O Dr. Marciano de Barros também aparece como suplente na lista de candidatos a deputado estadual para a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, em 3 de outubro de 1950. Orlando Giovanetti era vereador eleito pela UDN, na cidade de Santo Antônio

da Platina -PR. A “situação especial” nada tinha a ver com os bons ventos da política udenista. Agora, quem chefiava o Executivo municipal cambaraense era o Dr. Miguel Dinizo, afiliado ao PTB, eleito no pleito de 22 de julho de 1951, com 1.830 votos. Concorreu contra Benigno Bittencourt de Moraes, aliado à UDN-PR, que recebeu 1.072 votos.

Na sequência da leitura da carta, temos a confirmação de que Octavio não tinha interesse em se candidatar a Deputado Estadual. Newton Carneiro intenta construir um discusso eloquente e persuasivo para mudar a atitude de renúncia do aliado: “Se você não for candidato perderemos um lugar na Assembléia. Estará, perdida, talvez para sempre, a nossa situação política no município, o que é sumamente doloroso para um partido que já deu em Cambará Prefeito e Deputado!...” (p.1).

É possível depreender, na citação direta destacada, que a oração subordinada adverbial condicional associa à negativa de Octávio às perdas concretas que aconteceriam: um lugar na Assembleia e a situação política em Cambará. O advérbio de modo anteposto ao adjetivo “sumamente doloroso” possui forte carga semântica e é usado com o propósito de evocar as memórias de Octavio para que não se esquecesse do papel significativo que o partido exerceu em terras cambaraenses, pois “já deu em Cambará Prefeito (sua própria figura) e Deputado!...”. O ponto de exclamação permite que compreendamos, mesmo que na leitura da carta, o tom de voz que o remetente usa ao escrever. Há um misto de seriedade e preocupação em suas explicações.

Nas eleições de 1954, havia 45 cadeiras para o cargo de deputado estadual do Paraná. Octavio já era conhecido em nível estadual pela excelência exercida enquanto prefeito de Cambará, dado que tornava lógico seu aceite como membro da Assembleia Legislativa, pelos eleitores paranaenses. Retroceder punha em xeque uma das vagas e a retomada do poderio da UDN em solo municipal, pois, como atestam os dados eleitorais, nas eleições subseqüentes a política alternaria ora nas mãos da esquerda, ora nas mãos da direita e, em algumas eleições, ficaria sob a gestão de partidos do centro.

A “recusa” transparecia “a renegação de todo um passado de lutas e de sacrifícios” (p. 2). As lutas e os sacrifícios eram sentidos de forma particular por meio da entrega, da abnegação e do desprendimento de Octavio, predicados já listados por nós. O ápice do seu reconhecimento viria pela ocupação da cátedra estadual (“a sua eleição viria coroar”), porque Octavio “foi sempre reconhecido como o General das Campanhas” (p. 2). Há intensa carga emotiva na junção destes termos. Octavio era uma potência política da sua época, tendo tido sua trajetória autenticada e assegurada pelos principais líderes da UDN-PR.

Além dos motivos elencados, é possível compreender que, ao anuir pela candidatura a

Deputado Estadual, em outubro, Octavio estaria neutralizando “dois capítulos negativos da vida udenista cambaraense”, a saber: “a eleição do Bacelar e a candidatura do Benigno” (p. 2).

Enquanto presidente em exercício da seção UDN-PR, Newton Carneiro usava de sua retórica convincente para mostrar a Octavio o grau de responsabilidade que ele tinha frente ao partido. A responsabilidade, segundo ele, era “enorme”. Mais uma vez, tentou mostrar que a negação faria “impôr um ambiente de velório à UDN daí” (referindo-se a Cambará), porque propiciaria “horas de foguetório e festa aos arraaes miguelistas”, dado Miguel Dinizo ser o prefeito em exercício em Cambará, entre os anos 1951-1955. O político também era médico e foi apoiado pelos cambaraenses nesta e em sua outra campanha eleitoral (1983-1988), quando voltou a ocupar o cargo de prefeito de Cambará. “Como chefe do executivo sempre estive à frente dando seu apoio e seu exemplo como bom brasileiro sendo que em seu governo, Cambará foi elogiada como a maior cidade cívica do Paraná” (Pugas, 2002, p. 53).

A Figura 47 foi registrada durante um desfile cívico em Cambará. Nela, temos dois meninos: em primeiro plano, o que representa Octavio Rodrigues Ferreira e, em segundo plano, o que representa o Dr. Miguel Dinizo. A principal diferença entre as duas figuras encontra-se nas vestes, que comprovavam o estilo de vida e o *status* social do ex e do atual prefeitos. A posição de entrada dos garotos confirma as mudanças políticas tão fortemente combatidas pelos udenistas, motivo de protestos e discordância veementes da parte de Newton Carneiro, pela deserção de Otávio.

**Figura 47** – Representação de Octavio Rodrigues Ferreira e Miguel Dinizo em desfile cívico em Cambará



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Newton Carneiro explica que seu ato de protesto se “exprimirá na inclusão do seu nome na chapa estadual que a convenção homologará em abril. Depois de incluído você assumirá a responsabilidade da deserção...” (p.2). E conclui este assunto, provisoriamente na carta,

confirmando sua ida para Cambará, em março: “Ainda conversarei demoradamente consigo sobre o assunto, pois passarei por aí em março” (p. 2-3). O advérbio de modo “demoradamente” nos leva a formar uma imagem visual do teor deste encontro. É possível mentalizar os dois políticos conversando sobre a leva de conteúdos descritos na carta: Newton Carneiro, justificando a permanência política de Octavio, e este dando as razões de sua recusa.

Em um documento acessado via TRE-PR, obtivemos a relação dos candidatos eleitos a senador, suplente de senador, deputados federais e deputados estaduais, nas eleições de 3 de outubro de 1954. Na lista para deputados à Assembleia Legislativa do Estado, pela UDN, foram eleitos os seguintes nomes, com a quantidade de votos, conforme Figura 48:

**Figura 48** – Lista para deputados à Assembleia Legislativa do Estado, pela UDN

<u>UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL -</u>		
Anibal Khury	3.818	"
Edwino Tempski	3.185	"
Jose dos Santos Rocha	2.925	"
Ruy Ferraz de Carvalho	2.281	"
Amadeu Puppi	2.248	"
Julio Farah	2.199	"
Dario Marchesini	2.031	"
Francisco Cavalli da Costa	1.958	"

Fonte: TRE-PR (1954).

Como suplentes de deputados à Assembleia Legislativa do Estado, temos a seguinte listagem, de acordo com a Figura 49:

**Figura 49** – Suplentes de deputados à Assembleia Legislativa do Estado

<u>UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL -</u>		
Daniel Portella	1.885	"
João Vargas de Oliveira	1.881	"
Arthur Scheidt	1.793	"
Elias Karan	1.768	"
Petroneo Fernal	1.767	"
Alcides Gonçalves da Rocha	1.735	"
Jose Alberto Dietrich	1.698	"
Pedro Passos Leoni	1.693	"
Heitor Puig de Mello	1.620	"
Edgar Tavora	1.491	"
Sebaldo Meidl	1.476	votos
Eduardo Xavier da Silva	1.435	"
Yves de Oliveira Ribeiro	1.405	"
Napoleão Moreira da Silva	1.374	"
Leoncio de Oliveira Cunha	1.199	"
Z. Carlos Emiliano Seleme	1.156	"
Antonio Lopes Junior	1.080	"
Rivadavia Vargas	1.051	"
Eduardo Winter Filho	1.004	"
Jose Buhner Junior	858	"
Evaristo Chalband Biscaia	854	"
Jose Soares de Azevedo	829	"
Reinaldo Gonçalves	821	"
Rubem Fleury da Rocha	740	"
Mario Santos	731	"
Orlando Giovanetti	648	"

José Pedro Novais Rosas	623	"
Adolfo Soethe	615	"
José Cadilhe de Oliveira	587	"
João Antonio Zem	575	"
Flavio de Araujo Veiga	569	"
Alvir Riesenbergl	529	"
Carlos Eduardo Gurgel do Amaral Valente	515	"
João Leopoldo Jacomal	494	"
Oswaldo Bittencourt	484	"
Juvenal Dourcuro Cardoso	478	"
Aristides Fragoso da Costa	466	"
Antonio Xavier da Silveira	449	"
Saulo Ferreira	439	"
Octavio de Sá Barreto	435	"
Dino Bertholdi	418	"
José Caetano Sobrinho	417	"
João Pereira de Macedo	374	"
José Milani	371	"
Fulgêncio Ferreira das Neves	368	"
Alvacyr Ferreira	276	"
Levy Linhares	222	"
Domingos Cunha Maciel	171	"
José Augusto Gomy	119	"
Oscar de Paula Soares	95	"
Antonio Rosa Sobrinho	69	"
Ary Couto	80	"

Fonte: TRE-PR (1954).

É interessante observarmos que não apareceu o nome de nenhuma mulher nas listagens como eleitas a cargos legislativos ou executivos, mesmo que “em 3 de maio de 1933, na eleição para a Assembleia Nacional Constituinte, a mulher brasileira, pela primeira vez, em âmbito nacional votou e foi votada” (TSE, 2025). O Código Eleitoral de 1932 trazia o seguinte texto: “É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código” (TSE, 2025), mas foi apenas em 1934, com a segunda Constituição da República, que esses direitos foram, de fato, conferidos às mulheres, assentados em bases constitucionais. Passava a ser obrigatório, portanto, que “as mulheres que exerciam função pública remunerada” votassem. Finalmente, a Constituição de 1946, em seu artigo 131, instituiu: “São eleitores os brasileiros maiores de 18 anos que se alistarem na forma da lei” (TSE, 2025). A superação deste ponto foi definitiva apenas com o Código Eleitoral de 1965.

Não continuaremos a analisar a correspondência em tela, porque trata de um assunto que não tem relevância temática com a tese, a saber, a aquisição de um jipe ou de uma caminhonete. A despedida retoma o grau de amizade e o respeito “muito cordeal” (p.3) que mantinha a ligação afetiva e política entre os dois amigos.

Passado este episódio da trajetória política de Octavio Rodrigues Ferreira, o *Diário do Paraná*, edição de 19 de maio de 1956, por meio da exposição de dados do correspondente Cassio Lima, noticia os “Lances históricos do Legislativo Municipal”, ao apresentar que a constituição da quinta Câmara municipal,

eleita em 22 de julho de 1951 e empossada em 3 de dezembro do mesmo ano, ficou assim constituída dos seguintes vereadores: Otavio Rodrigues Ferreira, Gustavo Nunes Diniz, Manoel Teixeira, Olavo Alves de Araujo, Italo D’Andréa, Anizio Eunapio Conceição, Romualdo Francica, Alcides de sé ieira, Esdras de Arruda

Pacheco, Genezio Bernardelli e Milton Regalzi de Faria Ribeiro (p. 6).

Algumas considerações merecem ser feitas. Concorreram ao cargo de prefeito Dr. Miguel Dinizo, pela bandeira do PTB, e Benigno Bittencourt Moraes, pela legenda UDN. Saiu vitorioso o primeiro candidato, desbancando, assim, a posição privilegiada que a UDN mantinha na governança municipal.

Acontece que houve predominância de candidatos eleitos a vereador pela UDN neste pleito, mostrando-se a aliança de maior adesão popular. Octavio Rodrigues Ferreira ocupa a primeira cadeira, com 259 votos<sup>19</sup>, comprovando que o cambaraense continuava mantendo apreço e confiança em seu trabalho. Gustavo Nunes Diniz perfaz 117 votos, seguido de Manoel Teixeira (105 votos), Olavo Alves de Araujo (86 votos) e Italo D' Andréa (70 votos). O Partido Trabalhista Brasileira (PTB) garantiu quatro cadeiras (952 votos) ocupadas por Alcides de Souza Cardoso<sup>20</sup> (177 votos), Anísio Eunápio da Conceição (160 votos), Clementino José Vieira (114 votos) e Romualdo Francica (79 votos). O Partido Social Progressista conquistou três cadeiras (863 votos): Genésio Bernardelli (172 votos), Dr. Milton R. de Faria Ribeiro (122 votos) e Dr. Esdras Arruda Pacheco (113 votos).

As eleições de 3 de outubro de 1954 atestam o fim da hegemonia udenista em nível local. Ayrton Costa Pinto é eleito prefeito, somando 2.036 votos dos partidos UDN-PSP-PTB e PSD. Para a Câmara Municipal, havia 12 cadeiras. O PTB conquista 1.238 votos (seis cadeiras), e a UDN (602 votos), o Partido Social Progressista (PSP) (563 votos), e o PSD (492 votos), duas cadeiras cada partido. Novamente, Octavio Rodrigues Ferreira é eleito pela bandeira udenista para ocupar uma das cadeiras, com 165 votos.

As “Poli-Notas”, coluna do periódico *Diário do Paraná*, edição de 8 de agosto de 1959, atualizam o leitor sobre as eleições vindouras de 4 de outubro de 1959. Octavio Rodrigues Ferreira candidatou-se ao cargo de prefeito de Cambará, disputando contra Israel Dinizo (PTB) e Alceu Vezozzo (PSD). Israel Dinizo, natural de Atibaia-SP, era formado em Odontologia (1946) e em Direito (1965). Alceu Ântimo Vezozzo, cambaraense nascido em dezembro de 1929, formou-se em Engenharia pela Universidade Mackenzie, em 1958. Voltou para Cambará, no mesmo ano, para auxiliar o pai na Construtora Vezozzo & Filhos, onde passou a ser engenheiro. Transcorreram-se as eleições municipais e o resultado está registrado na Figura 50:

---

<sup>19</sup> As estatísticas numéricas foram baixadas do site do tribunal Regional Eleitoral-PR, por meio do endereço: <https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>20</sup> Na citação direta retirada do periódico, o nome de Alcides de sé ieira foi digitado erroneamente. O correto é, de acordo com o boletim de urna do resultado das eleições de 22 de julho de 1951, Alcides de Souza Cardoso. O correspondente também se esqueceu de incluir o nome do petebista Clementino José Vieira, no rol de eleitos.

**Figura 50** – Resultados das eleições municipais de Cambará, realizadas em 4 de outubro de 1959

MUNICÍPIO DE CAMBARÁ	
PREFEITO MUNICIPAL	
Dr. Israel Diniz	2.077 v. - P.T.B.
Candidatos:	
Alceu Vezozzo	2.019 v. - P.S.D.
Octavio Rodrigues Ferreira	1.194 v. - U.D.N.

Fonte: TRE-PR (1959).

Em *O hoteleiro brasileiro*, biografia de Alceu Vezozzo, escrita por Domingos Pellegrini, o capítulo “Poder, prazer e dever” é introduzido por este fragmento de sua breve incursão política:

Mesmo num tempo em que engenheiros ainda não tinham seus nomes inscritos em placas de obras, em Cambará Alceu foi visto como personalidade pública, engenheiro de tantas e conhecidas construções, filho de pais também muito conhecidos, e por isso fora convidado para ser candidato a prefeito. Perdeu a eleição por poucos votos, desconfiando que a derrota se deveria a não saber o essencial para um político, que é pedir votos [...] (Pellegrini, 2022, p. 71).

É também a última oportunidade de vermos o nome de Octavio Rodrigues Ferreira endossando a história política do município de Cambará. Em 8 de dezembro de 1967, recebeu da Câmara Municipal o título de cidadão honorário de Cambará, pelos relevantes serviços prestados, dada a ilustre vida pública que mantinha. As fotografias abaixo comprovam a cerimônia de entrega do título, momento ímpar na vida de Octavio Rodrigues Ferreira, e o diploma.

**Figura 51** – Entrega do título de cidadão honorário de Cambará e fotografia do diploma



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Terminamos esta seção com o epigrama “Ilusões da vida”, do acadêmico Francisco Otaviano (c2025), reproduzido integralmente do site da Academia Brasileira de Letras, que julgamos resumir a caminhada política de Octavio Rodrigues Ferreira:

Quem passou pela vida em branca nuvem,  
 E em plácido repouso adormeceu;  
 Quem não sentiu o fio da desgraça,  
 Quem passou pela vida e não sofreu;  
 Foi espectro de homem, não foi homem,  
 Só passou pela vida, não viveu.

#### 4.4 QUERIDO PAPAE, PREZADO AMIGO – CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA POR MEIO DAS CORRESPONDÊNCIAS FAMILIARES

Para mim, nesta distância em que nos encontramos um do outro, a única coisa que posso fazer para vos trazer mais perto é dizer-vos tudo e manter-vos presente em minhas ações através do que vos relato.

Diderot a Sophie Volland, 14 de julho de 1762  
 (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 106)

Eis, nesta seção, a descrição do chamado discurso dos ausentes. Mandamos cartas para um ausente, a fim de dizer aquilo que diríamos se estivéssemos em condições de falar, presencialmente, com ele. Gomes (2005, p. 7) argumenta que “[...] as cartas são escritas para serem lidas por uma certa pessoa, selando um ‘pacto epistolar’, abarcando assuntos variados e até íntimos e um pouco secretos”. Candido (2006, s.p.) considera o estudo desta expressão artística como “a ciência dos homens”. É uma espécie de bálsamo, de remédio empregado para curar uma dor, de alimento que mata a fome — a correspondência supre as carências, tapa os vazios, suporta os sofrimentos gerados pela distância, que nem sempre é apenas geográfica, podendo ser também a distância gerada pelo não recebimento de uma simples resposta. Segundo a fórmula de Dauphin; Lebrun-Pezzerat; Pouban (1994), “a correspondência organiza os vestígios de histórias em migalhas” (p. 151).

De acordo com Mauriac (1999 [1928], apresentação):

As cartas, os diários íntimos legados por um grande homem muitas vezes enganam o biógrafo. Mesmo uma carta escrita sem a segunda intenção de ser publicada postumamente é sempre para o uso do indivíduo a quem foi endereçada; não se trata de esclarecê-lo mas de lhe agradar, de lhe fornecer uma imagem de nós conforme a que ele espera.

Além de guardar fragmentos da vida, as informações privadas encontram uma via de comunicação para membros de um grupo em comum, ou seja,

as cartas, em geral destinadas a uma só pessoa, são de fato lidas, parcial ou

integralmente, por várias. O círculo de leitores ultrapassa os de casa, amplia-se aos membros mais distantes da rede familiar ou de amigos. Não somente as notícias são retransmitidas, como as próprias cartas também [...]. Às vezes fica difícil acompanhar o balé complexo que executam (Poublan, 1991, p. 391).

As cartas sofrem mudanças ao longo do tempo e, apesar disto, determinadas características que fazem uma carta ser uma carta, em qualquer momento histórico, são preservadas, independentemente das grades culturais em que são realizadas as interações verbais. Cabe então ao analista estabelecer as conexões e as singularidades que podem ser levantadas no gênero textual, lembrando que a correspondência pessoal “[...] é, sobretudo, [...] um espaço revelador de suas idéias, de seus projetos, opiniões, interesses e sentimentos. Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais do decurso da troca das cartas” (Gomes, 2005, p. 13). Malatian (2009, p. 206) destaca as cartas de família como materiais biográficos frutíferos para os estudos do cotidiano:

O risco de uma abordagem e de banalidades pode ser superado pela análise dos processos de elaboração desses documentos, como: a motivação de sua escrita, as condições de sua produção, sua circulação e recepção (modos de ler, gestos de conservação, regras de trocas), formas materiais de suporte, formas de linguagem e a lógica dos procedimentos que resultaram em sua organização arquivística. Em outras palavras, é possível analisar as cartas procurando nelas o habitus que rege conteúdos e práticas. Analisá-las como parte de uma dada cultura significa também compreender as redes de relações e as estratégias de identificação empregadas pelos membros de uma família para, por exemplo, mantê-la unida.

A chamada *carta aos familiares* compreende o círculo de parentes e amigos, os funcionários e os encarregados unidos à família por laços próximos. Esta forma de correspondência beneficia-se de um estilo mais informal, destituído de pompas. Há certa liberdade permitida em virtude da proximidade dos vínculos. O tom de conversa é notado nas linhas escritas.

Toda carta familiar, figurando no lugar dessa palavra imediata o modo como aparece na conversação entre pessoas de bem [*honnêtes gens*], se transparecer estudo, se contiver declamação, se adotar tom pomposo para se elevar, peca contra sua natureza e cai na afetação, ou seja, não é boa, por mais bela que seja, e terminará chocando os que possuem gosto sensato (Chapelain, 1653, s.p. ).

Por meio das trocas epistolares, é possível notar “a manutenção de espaços de socialização coletivos para seus descendentes e de uma convivência familiar intensa em festas e eventos que moldaram de maneira sólida e duradoura os laços de família” (Ferreira, 2001, p. 3). Os temas de uma época são as questões mais gerais, universais, objeto de interações em dada sociedade, em dado momento histórico.

A primeira correspondência familiar selecionada foi coletada durante uma viagem da autora da tese a Curitiba para a realização da entrevista presencial com a filha do senhor Benigno Bittencourt Moraes, Leiva Castro Moraes, 94 anos, bibliotecária, procuradora geral do Estado do Paraná e, depois de ter obtido a aposentadoria, assessora no Tribunal de Justiça, que aceitou participar de forma voluntária, concedendo acesso ao seu acervo pessoal de registros fotográficos.

Iniciamos nossa entrevista perguntando: *Conte-me sobre a sua família e, principalmente, sobre a figura do senhor Benigno Bittencourt Moraes (profissional, pai, esposo, amigo)*. A entrevistada nos relatou que o seu pai e Octavio Rodrigues Ferreira conheceram-se antes de virem residir em Cambará. Por um tempo, moraram em Itápolis, cidade interiorana do estado de São Paulo, e este provavelmente pode ter sido o primeiro encontro dos dois:

Só que eu não me lembro direito a cidade que era. Eu acho que era interior de São Paulo, não sei qual era a cidade. Eu sei dizer que acho que foi lá o primeiro encontro deles. Depois o seu Octavio foi pra Cambará e o papai ficou ainda um tempo lá ou vice-versa [...]. Minha cabeça já tá meia (sic) falhando... Ou o papai foi antes pra Cambará e depois foi o seu Octavio (LCM).

Quando houve a mudança para Cambará, aquele que se fixou primeiro tratou de receber o outro em suas necessidades momentâneas. A resposta de Dona Leiva à pergunta: *Estamos falando de que ano? A senhora se lembra?* feita para complementar a primeira questão, confirma os dados:

Ah, meu bem... não sei, é muito antigo isso. Papai era recém-casado, provavelmente, eu não faço a mínima, não me lembro, sinceramente. Eu sei dizer que era uma cidade do interior do Paraná, qual será? A Maria Helena é capaz que saiba qual era o nome desta cidade. Eu sei te dizer que os dois se conheceram lá<sup>21</sup>. Depois um deles foi para Cambará e o outro ficou. Mais tarde, por coincidência, o outro foi e parece que foi o seu Octavio que foi o segundo, se não me engano. E foi interessante que, quando o papai chegou nessa primeira cidade<sup>22</sup>, um recebeu o outro. Eles eram portugueses, meus avós eram portugueses; então, sempre tinha uma relação. Eles se conheceram assim, não sei como, mas se conheceram. Então aquele que chegou pela segunda vez foi acolhido pelo primeiro. Meu bem, meu bem... 94 anos, quase 95... Quando eles se reencontraram em Cambará, o outro foi que acolheu. Foi muito legal! (LCM).

<sup>21</sup> Dona Leiva confunde Paraná com São Paulo. Maria Helena é a falecida filha de Octavio e Verginia, anos antes desta entrevista acontecer. Provavelmente estivesse se referindo a Regina, filha de Maria Helena, responsável por passar o contato de Dona Leiva à pesquisadora.

<sup>22</sup> Ao consultar outras fontes, é possível entender que estava se referindo a Itápolis, município do interior de São Paulo.

Ambos eram descendentes de portugueses e estabeleceram um princípio de amizade. Antes de vir com a família para Cambará, o senhor Benigno residiu em Ourinhos, município situado no interior do estado de São Paulo. Questionamos: *A senhora nasceu em Cambará?* e obtivemos a seguinte explicação: “Não, eu nasci em Ourinhos. O papai, antes de ir para Cambará, ele foi para Ourinhos. Eu sou paulista. Eu fui pra Cambará, eu era nenezinha ainda. Tanto que de Ourinhos eu nem me lembro, só o nascimento mesmo”.

A Figura 52, cedida do acervo pessoal de Leiva Castro Moraes, retrata o matrimônio dos pais.

**Figura 52** – Enlace matrimonial de Hilda de Castro e de Benigno Bittencourt Moraes



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada (2023).

Seguimos inquirindo a entrevistada sobre aspectos pessoais de sua infância: *A senhora é filha única, tirando esse irmãozinho que faleceu, ou a senhora tem mais irmãos? Eles não são de Cambará? Qual é o nome deles?* Obtivemos a seguinte resposta:

Tenho três irmãs, duas já falecidas. Todas nascidas em Cambará, só eu que sou de Ourinhos. Cleyde de Castro Moraes, Leila de Castro Moraes e Maria Cecília de Castro Moraes. Eu estou falando os nomes de solteira, porque depois elas casaram. Depois tem o Ormeneze, porque a Leila e a Cecília casaram com dois irmãos. Os dois irmãos são Ormeneze (LCM).

Com o intuito de confirmar as informações, dissemos: *Então vocês eram cinco?*, ao que ela respondeu: “Quatro”. Ainda na tentativa de pontuar que havíamos entendido serem cinco irmãos, perguntamos: *Com o bebezinho que faleceu...* Ela então confirmou: “É. Foi um anjinho que olha pela gente lá. Não tenho a menor dúvida”.

Por ser um único homem rodeado por mulheres, ficamos curiosas acerca do tratamento

que o sr. Benigno dispensava às filhas e à esposa, e direcionamos a pergunta subsequente: *E o seu pai era paciente, tranquilo com as quatro meninas?* Ela, sem hesitar, disse: “Nossa Senhora! Vixe Maria! Ele era... E os sobrinhos adoravam ele. Nossa Senhora! Vixe Maria! Meu Deus do céu! Todo mundo adorava o papai, sabe”.

Estamos diante do perfil de um homem amigável, acolhedor, trabalhador e um pai amoroso e dedicado, conforme relato da filha. Da mãe, Hilda de Castro Moraes, também falou com muito amor e intensa carga de saudades. Descreveu-os como “[...] Pais maravilhosos! Pode ter igual, mas superior não tem não, viu. Porque foram de muito carinho, dedicação”.

A entrevistada narrou um triste episódio que marcou a vida dos pais recém-casados, quando ainda residiam em Ourinhos: o falecimento do irmão recém-nascido, Antonio Wilson. Na interpretação de Dona Leiva, este pode ter sido o principal motivo para que os pais se mudassem para Cambará. O acontecimento foi transcrito em sua integralidade, e as marcas originais foram preservadas com o intuito de reforçar o estreitamento dos laços de amizade entre as famílias Moraes e Rodrigues Ferreira:

Porque antes de eu ter nascido, nasceu um irmãozinho meu que faleceu lá em Ourinhos. Nós fomos até a fazenda da Dona Verginia; o seu Octavio era falecido. E a mamãe queria ver a campa do meu irmãozinho, sabe, porque ela ficava muitos anos [sem ir lá]. Então nós até ficamos lá na fazenda com a dona Verginia. E ela era um amor de pessoa, meu Deus do céu. E a campa dele ficava assim, deve ficar ainda, perto do cruzeiro, era uma campa e tinha um anjinho em cima, sabe, e uma tampa de granito, qualquer coisa assim, não me lembro bem, mas era assim altinha, pequenininha e quando nós fomos lá, embaixo estava cheio de velas. Eu acho que o pessoal pedia as coisas para ele e viam que era um anjinho (LCM).

*Ele era pequenininho, Dona Leiva?*

Ele faleceu com meses (LCM).

*A senhora sabe o motivo?*

Nem se sabe o motivo, porque ele estava na cama e, de repente, quando a mamãe foi lá ele tinha falecido. Não sabe se foi a poeira que entrava pela janela que sufocou [...] foi uma loucura. Encontrar ele ou falecido ou quase falecido [...]. Tentaram ressuscitar, tentaram fazer tudo e não conseguiram, mas acho que ele foi sufocado ou então o leite também [...] ficou meio no ar. Não faziam autópsia para ver o que era [...]. Primeiro filho. A inexperiência. Foi um golpe. Não sei nem se foi isso que fez o papai ir para Cambará, não sei (LCM).

Acerca de sua formação educacional, interrogamos: “*Então a senhora saiu de Cambará bem novinha para morar fora e estudar?*”, ao que ela pontuou: “Sempre, sempre eu estudei lá em... Eu estudei, no comecinho da vida, eu estudei um pouco no colégio, em Jacarezinho, das irmãs. Eu não lembro o nome dele. Completamos a informação: *Cristo Rei? Imaculada Conceição?* “Imaculada Conceição, exatamente, me lembro muito bem. Me lembro muito bem da irmã Maria. Ela bordava que era uma maravilha!”. Ela também nos contou que havia ido para São Paulo, estudar. Questionamos: *A senhora estudou em São Paulo? Fez o Ensino*

*Fundamental?*, e ela confirmou: “Tudo, tudo! Eu cheguei até a ser interna uma vez lá no Sacré-Couer de Marie. Eu fui interna, eu e a minha irmã”.

Entendemos, desta forma, que a entrevistada morou, no período da primera infância, em Cambará. As memórias mais presentes são as de cunho afetivo, porque relembrou com carinho como eram as férias escolares no interior:

*Como era a vida de vocês lá em Cambará, Dona Leiva? A senhora tinha bastante amizade com o pessoal? Participava bastante de eventos sociais?*

Ah, tinha! A gente só passava as férias (LCM).

*Então a senhora ficou em Cambará por pouco tempo?*

A gente ia para as férias, todo tempo. A gente vivia lá. Eu me lembro, é lógico. E nas férias quase todos os primos da gente ia para lá também. Os primos da nossa idade, a turma estava toda lá. E a Maria Helena estava junto (LCM).

*A senhora se lembra dos outros irmãos, dos outros filhos do Vô Octavio?*

O Joaquim é o mais velho. Lembro, lembro, lembro (LCM).

*A senhora tinha contato com eles, também?*

Tinha. Depois com os filhos deles, aí eu já não estava mais lá (LCM).

Como intentávamos colher informações pessoais do sr. Benigno para comprovar até que ponto a sua história se conectava com a de Octavio, elaboramos questões que perscrutavam a sua carreira profissional. Benigno Bittencourt Moraes era conhecido pelos funcionários como “Pai dos pretos”<sup>23</sup>, conforme relato da filha. Era proprietário da Máquina São Benedito de Benefício e Rebenefício de Café, comprador “pelos melhores peços da praça” de “algodão, café, tung<sup>24</sup>, amendoim, mamona e cereais em geral” (*Cambará Jornal*, 4 jun. 1944, p. 1), e possuía uma pequena propriedade rural. O armazém funcionou em dois locais distintos: na Avenida Brasil, n. 350, e na Rua Tiradentes, n. 877, ambos em Cambará, conforme atesta o timbre de seu endereço comercial, retratado na Figura 53. Ao perguntarmos: *Ele tinha muitos funcionários, Dona Leiva? Era um armazém grande? A senhora tem lembrança desta época?*, ela respondeu:

Era um armazém grande. Trabalhava junto com o papai, trabalhou por um tempo dois irmãos dele: Tio Antonio e o Tio Gilberto. Os dois trabalharam um tempo com o papai. O tio Gilberto era irmão por parte só do pai. O vovô era viúvo e casou, entende? Mas a segunda esposa também foi muito boa. Mamãe gostava muito dela, se davam

<sup>23</sup> Dada a idade avançada da entrevistada, não houve explicação sobre o porquê de o pai ser conhecido desta forma. Encontramos no periódico *Cidade de Cambará*, edição de 21 de fevereiro de 1953, já referenciado nesta tese, o vocativo “Pai dos pobres”, atribuído a Getúlio Vargas. Provavelmente pode ser uma coincidência com o slogan, uma vez que o sr. Benigno tinha um coração benevolente.

<sup>24</sup> Conforme explicação extraída de uma reportagem veiculada no site Biodieselbr (2011, s.p.), “Tungue é o nome comum de duas espécies de árvores de pequeno porte da família *Euphorbiaceae* [...]. Estas espécies são cultivadas com objetivo de produzir sementes das quais se extrai, por prensagem e com o uso de solventes, um óleo denominado ‘óleo de tungue’, internacionalmente conhecido como ‘tung oil’ ou ‘wood oil’ (óleo de madeira). Esse produto é utilizado principalmente na indústria de resinas e tintas, tendo como principal característica sua secagem rápida”.

muito bem, graças a Deus.

**Figura 53** – Timbre utilizado pelo sr. Benigno em seus papéis comerciais



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Para validar as informações concedidas, fizemos outras duas perguntas: *Os jornais retratam anúncios publicitários sobre o comércio de cereais do senhor Benigno. Ele sempre foi comerciante? Ele exerceu outra profissão? e Ele era comerciante de grãos? A fazenda produzia café?*, ao que Dona Leiva respondeu, respectivamente: “Ele sempre foi comerciante, mas ele teve uma fazendinha também. Tinha uma máquina de café. Ele trabalhou, coitadinho! Não foi brincadeira não a vida do papai [...]. É, principalmente café. A máquina refinava café... Beneficiava, desculpa. Máquina de beneficiar café”.

Nas versões físicas arquivadas dos jornais *Cambará Jornal e Cidade de Cambará*, periódicos de circulação local, pudemos constatar como eram feitos os anúncios publicitários para atrair os lavradores ao comércio do sr. Benigno. As imagens 1, 2 e 3 foram retiradas do primeiro jornal listado, nas respectivas datas: 4 de junho de 1944, 19 de agosto, e 21 de outubro de 1945. A imagem 4 foi encontrada no segundo jornal, datada de 20 de agosto de 1950.

**Figura 54** – Anúncios publicitários do comércio de Benigno Bittencourt Moraes



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

A seção anterior desta tese aliou o nome de Benigno Bittencourt Moraes à vida política cambaraense, ainda que tenha sido curta esta passagem. De acordo com a filha do sr. Benigno, ao perguntarmos se *Ele tinha um lado político? Ele gostava?*, não titubeou: “Bastante, bastante. Era UDN. Era muito ligado com a cúpula da UDN aqui de Curitiba. Ele tinha muito contato; então, conseguia muita coisa para a cidade”.

Foi eleito como o primeiro vereador pela coligação UDN-PR (410 votos), durante o mandato de Octavio Rodrigues Ferreira (1947-1951), e também ocupou a presidência da Câmara de Vereadores. Estes dados foram confirmados por Dona Leiva, ao responder às perguntas:

*Quais foram os ganhos que a cidade de Cambará obteve por influência desta amizade? Li que ele foi presidente da Câmara. Há alguns telegramas neste jornal que comprovam isso. Por quantas gestões ele legislou?*

Eu me lembro que ele foi o vereador mais votado. Porque ele era muito querido também na cidade (LCM).

*O jornal Cidade de Cambará — órgão de defesa dos interesses do município —, datado de 20 de agosto de 1950, registra envios de telegrama enquanto seu pai era presidente da Câmara. A senhora sabe dizer por quanto tempo ele foi Presidente?*

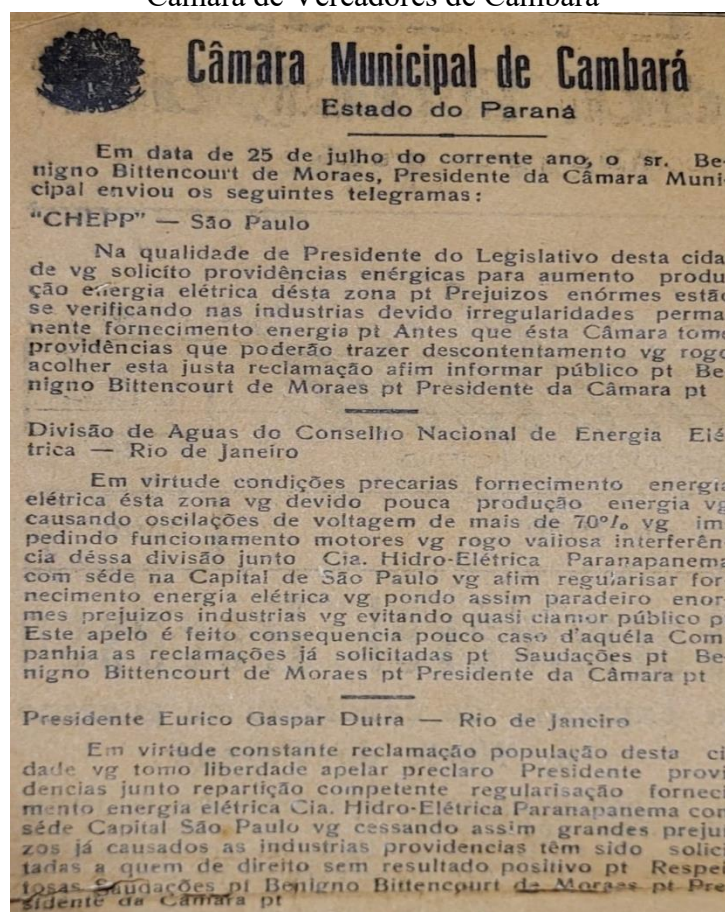
Eu não me lembro, mas parece que foi uma. Ele foi presidente do Rotary (LCM).

*Quando ele era presidente da Câmara, tem uma troca de telegramas que fala das condições precárias do fornecimento de energia elétrica...*

É, mas isso aí eu já não lembro. Nessa época eu estudava em São Paulo. Eu estudei no Sacré-Couer e estudei no (indecifrável), quando eu fiz Biblioteconomia. Estudei também no Bandeirantes, que eu fiz o curso, antigamente era o Clássico. Agora mudou tudo (LCM).

Exemplificaremos a influência positiva de Benigno enquanto presidente da Câmara de Vereadores de Cambará, por meio da Figura 55, que apresenta o recorte dos três telegramas acima citados, enviados em 25 de julho de 1950, reproduzidos integralmente no periódico *Cidade de Cambará*, edição de 20 de agosto de 1950. A leitura favorece compreendermos que ele estava intimamente interessado no bem-estar da comunidade cambaraense, pois cobrou “providências enérgicas” (p. 2) da Companhia Hidro-Elétrica Paranapanema (CHEPP), “valiosa interferência” (p. 2) da Divisão de Aguas do Conselho Nacional de Energia Elétrica, recorrendo, finalmente, ao Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, uma vez que as solicitações anteriores não haviam sido atendidas.

**Figura 55** – Telegramas enviados por Benigno Bittencourt Moraes enquanto presidente da Câmara de Vereadores de Cambará



Fonte: Cidade de Cambará (20 ago. 1950, p. 2).

Temos comprovado que Octavio e Benigno eram líderes influentes e mantinham contato frequente com a alta cúpula da UDN em Curitiba, tendo conseguido importantes recursos para melhorar a infraestrutura de Cambará. Era praxe, inclusive, que os correligionários fossem recebidos na casa do sr. Benigno enquanto estavam cumprindo agenda de visitas relativas ao cargo. Vejamos o que Dona Leiva narrou diante da pergunta: *A senhora se lembra da UDN em Cambará?*

Me lembro, me lembro muito bem! Inclusive (pior que eu não me lembro das pessoas daqui de Curitiba) uma das vezes que eles foram para comício, porque tinha muito comício, eles faziam muito comício, ele ficou hospedado em casa, lá em Cambará. Eu não me lembro qual foi desses udenistas. E quando ele viu no meu quarto, eu tinha um diploma de bibliotecária. Então ele ofereceu pra mim vir lecionar na faculdade. Eu falei: —Não! Muito obrigada! Isso eu não quero. Professora não é o meu ramo, não tenho vontade disso, não! Mas eu não pedi nada. Ele viu o diploma... devia estar no começo aqui a criação da faculdade. Eu fiz Biblioteconomia em São Paulo (LCM)..

Houve, no dia subsequente à nossa entrevista, a lembrança de um episódio durante as intensas manifestações populacionais em apoio à UDN, em Cambará, fato que motivou Dona

Leiva a nos fazer uma ligação para contar o ocorrido: “Aconteceu um comício e, para tanto, foi construído um palanque para a apresentação dos projetos e dos ideários. Como muitos apoiadores subiram no palanque, este cedeu. Alguém no meio dos espectadores levantou um lençinho branco e bradou em alta voz: ‘É o peso da democracia’”.

Nas eleições municipais de 22 de julho de 1951, Benigno Bittencourt Moraes concorreu, como explicamos na seção anterior, à vaga de prefeito municipal. Perdeu para o petebista Miguel Dinizo, com diferença de 752 votos.

O pai de Dona Leiva foi um dos provedores da Santa Casa de Misericórdia, desde a sua fundação. Quando discorremos sobre a Santa Casa de Misericórdia de Cambará, pudemos ressaltar a importância expressiva que o seu auxílio teve para o funcionamento da entidade hospitalar. Além desta benfeitoria, ocupou a presidência do Rotary Club de Cambará, organização internacional de serviço humanitário, e auxiliou na fundação de outros clubes pela região. Este registro foi pontuado pela respondente: *Qual era a relação, então, com o Rotary?* “Era bem grande. Inclusive o Rotary Ibaí foi criado por intermédio do papai. Ele tinha muita relação com o Rotary”.

Esgotadas as questões referentes à política, buscamos estabelecer os reais laços de amizade firmados entre Octavio e Benigno. Sabíamos que este vínculo transpunha os encontros comerciais e políticos, uma vez que a entrevistada já havia discorrido sobre o apoio que ambos ofertavam um ao outro, e aos demais membros da família. Perguntamos: *Vocês moravam perto da Santana?*, e ela respondeu: “O seu Octavio morava na Fazenda. O papai morava na cidade. Olha, eu me lembro, eu era pequena ainda, garota... Todo dia a gente jantava e ia tomar cafezinho na Fazenda com o seu Octavio. Todo dia!”.

O hábito cotidiano do encontro favoreceu o apadrinhamento dos filhos: José era afilhado de Benigno e Hilda, e Cleyde, afilhada de Octavio e Verginia. Nossa entrevistada reconheceu em sua resposta que “foi o Zezinho. Agora me lembro. Acho que é o mais novo, não é? E daqui o seu Octavio e a Dona Verginia foram da Cleyde, que também já é falecida”. A Figura 56 retrata os amigos “compadres”, em um eventual encontro na sede da Fazenda Santana.

**Figura 56** – Benigno Bittencourt Moraes (esquerda) e Octavio Rodrigues Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Notemos a semelhança da compleição física dos dois homens. Ambos adotavam uma postura que comunicava a classe social a que pertenciam, bem como a sua função social frente ao município. As vestimentas, comuns aos fazendeiros e comerciários da época, imprimem a imagem de líderes frente aos seus ofícios, garantindo o prestígio social e a manutenção da aparência de homens trabalhadores, pilares da sociedade. Ao questionarmos se *O vô Octavio e o seu pai se pareciam em alguma coisa? No jeito, no jeito de falar, na postura?*, Dona Leiva disse: “Eu acho que sim. Eles se davam tanto, eram tão amigos, eram tão queridos. O seu Octavio era tudo para o papai, e eu acho que vice-versa”.

Reativar as memórias de nossa participante foi revelador para endossarmos os padrões de comportamento e o estilo de vida praticados no contexto sócio-histórico contemplado nesta tese. Receber visitas, juntar-se para conversar e para tomar um simples café, tem deixado de ser um ritual na sociedade frenética em que vivemos. No entanto, nossa interlocutora rememorou o que fazia na fazenda e como era estar lá, na companhia de pessoas tão caras a ela: *A senhora se lembra o que fazia lá na Fazenda? Como era chegar lá?* “Me lembro muito bem. Tanto a Dona Verginia como o seu Octavio sempre atenderam a gente, a maior maravilha. Até teve um acidente meu na fazenda”. Deste rememorar, ela nos narrou dois momentos curiosos das idas à Fazenda Santana:

*O que aconteceu?*

Sabe o que foi? Alguém falou o negócio de uma vaca, assim, e eu pus a minha cabeça na janela, e alguém levantou a janela e tinha um prego. Saiu bastante sangue. Foi o nariz (LCM).

*Qual era o grau de amizade estabelecido entre o senhor Benigno e o senhor Octavio*

*Rodrigues Ferreira? Percebi em uma carta o tratamento por compadre, comadre. Vocês iam à Fazenda do Vô Octavio nas férias?*

A gente era garota ainda e naquele tempo secava o café ali no terreiro de cimento. Éramos bem crianças ainda nesta época. Acontecia o seguinte: quem achasse o “filipe”, que eram dois grãos secos de café grudadinhos, ganhava um presente. Então a criançada toda ficava não sei quanto tempo procurando. A gente [sic] acho que ganhava bala ou moedinha, ganhava alguma coisa. Toda a criançada ficava quase que a tarde inteira catando os “filipes” (LCM).

De acordo com informações extraídas do site Café Point, o pesquisador José Braz Matiello confirma essa formação diferenciada dos frutos ao relatar que “a formação de frutos filipe está relacionada à duplicação dos pistilos, comum também em outras espécies, em geral associada à falta de água. No caso da planta que dá a maior parte de filipes, que é raro, pode ter ocorrido uma mutação” (Café Point, 2020, p. 1-2). O fenômeno ocorre quando dois, três ou mais frutos são formados juntos:

Segundo algumas lendas, os grãos filipe significam sorte e existem várias crenças e brincadeiras ao redor do tema. A mais conhecida diz que, quando encontrado na lavoura, vale uma prenda, um presente. Quem acha este grão o esconde por alguns dias até encontrar uma maneira ideal de passá-lo para outra pessoa (p. 1-2).

**Figura 57** – Pé de café com frutos filipe



Fonte: Reis (2020)<sup>25</sup>.

Naturalmente o vínculo amistoso foi estendido dos pais para os filhos. A entrevistada recordou a personalidade bondosa de Maria Helena, a única filha de Octavio e Verginia, e sua amiga pessoal, por meio da narração de uma passagem:

A sua tia, Maria Helena... olha! Eu nunca vi pessoa tão maravilhosa, religiosa, bondosa. Sabe o que ela fazia? Naquela ocasião, mulher não dirigia. O seu Octavio, lógico que tinha carro. Ela atravessava o pasto, todo dia, e ia lecionar para as crianças pobres. Ela não era professora nomeada, não ganhava nada (LCM).

*Era por caridade mesmo?*

Caridade, mesmo! Eu dizia: – “Maria Helena, mas você não tem medo de atravessar esse pasto aí sozinha? E se um animal te...? Ela dizia: – “Não, não tenho”. Ela ia e voltava, todo dia como professora. Você calcula fazer um negócio desse! Isso não existe! Sem ganhar nada! Fazia simplesmente por caridade. Então é uma pessoa que

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.cafepoint.com.br/noticias/giro-de-noticias/ja-ouviu-falar-dos-graos-filipe-220103/>. Acesso em 18 mai. 2023.

a gente tem que respeitar muito (LCM).

A Figura 58 retrata a já citada afilhada de Octavio e Verginia, Cleyde de Castro Moraes (à esquerda), a amiga de longa data, Maria Helena Rodrigues Toledo Barros (ao centro), e a mãe da informante, a senhora Hilda de Castro Moraes. A alegria das contemporâneas atesta a felicidade do encontro.

**Figura 58** – Cleyde, Maria Helena e D. Hilda



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

A trajetória profissional de nossa respondente teve início com a sua nomeação como professora em Cambará, cargo conseguido por um udenista, amigo de seu pai. Segundo suas palavras: “eu não queria ser professora, eu não gosto! Aí foi pouco tempo que eu fiquei lá, depois eu voltei pra cá”. Voltar para cá significa que voltou para Curitiba, pois seus pais já estavam em processo de mudança de Cambará, para a capital do estado. Ao retornar, contou-nos: “fiz concurso para bibliotecária porque eu tinha também diploma de bibliotecária. Então eu fui trabalhar na Biblioteca Pública”. Foi neste mesmo período que resolveu se inscrever para o vestibular de Direito, com o propósito de estar mais perto da família:

Eu trabalhava e nesse período aí que eu resolvi fazer Direito porque eu tinha... Foi até engraçado porque quando eu era... até na casa de uns amigos do papai, o filho deles disse: - Por que você não vai fazer Direito, não vai estudar em Curitiba? Eu nem conhecia Curitiba, nem conhecia. E o papai no dia seguinte viria pra cá. Eu falei: - Ah! Então, papai, faz a minha inscrição lá. Eu vou fazer o vestibular. Porque eu sempre estudei em São Paulo, mas eu estava cansada de viver longe da família. Eu falei: - Não quero mais saber disso. Aí o papai fez a minha inscrição, eu fiz o vestibular e passei. Aí vim estudar aqui. Fiquei na faculdade até só a Páscoa. Aí falei: - Não, não volto mais! Eu estou cansada de viver longe da família, eu vou ficar por lá mesmo! Depois, passaram alguns anos, mas até a Páscoa eu frequentei, tanto que eu tenho uma turminha dessa época. Quando nós voltamos, depois de muito anos, acho que uns quatro anos depois, eu falei: - Ah! Agora eu vou recomeçar minha faculdade. Tanto que a minha turma era toda de pessoas de menor idade. Eu me dava mais com a minha turma que eu fiz o vestibular, que estava saindo da faculdade, e eu estava

entrando. Ô aninho danado! Difícil aquele ano! Eu via a minha turma indo embora e eu começando, entende? Não foi fácil! Mas depois me adaptei, adoro a minha turma. A gente se reúne todo ano, pelo menos uma vez. Até antes da pandemia. Nos reuníamos todo ano para um almoço ou para um jantar. Antigamente era para jantar, era mais festivo. Depois o pessoal foi ficando velhinho, era almoço mesmo, sabe! Mas mais da metade já foi embora.

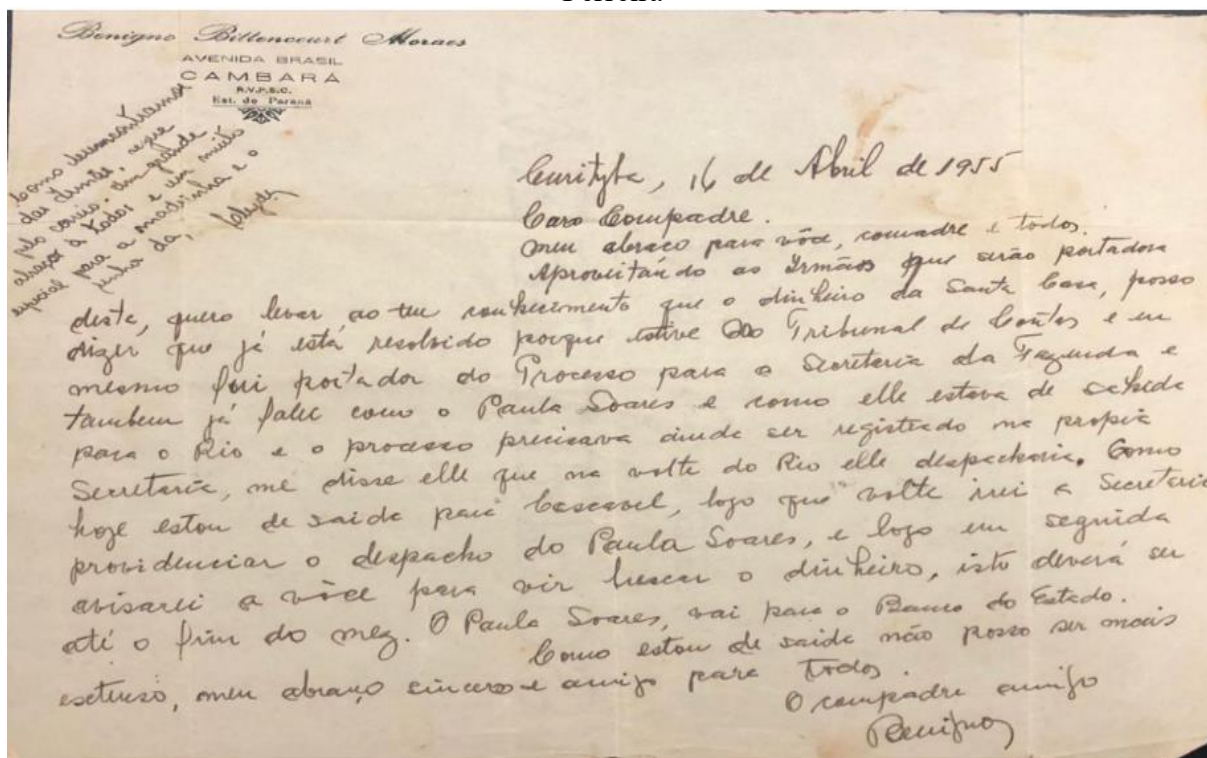
Com o estabelecimento da família de Dona Leiva em Curitiba, indagamos: *Depois que vocês vieram para Curitiba, continuou a amizade deles? Da sua mãe e da Dona Verginia também?* A resposta confirma a preservação do vínculo fraterno que havia sido estabelecido entre as famílias:

Sim, continuou. Tanto que eu te falei que nós ficamos acho que um fim de semana lá na Fazenda para ver a campa do Wilsinho, Antônio Wilson o nome dele, pra ir pra Ourinhos. Eu me lembro tão bem da Dona Verginia. De manhã, sentada na mesa, e eu ficava admirada de ver como ela comia devagarzinho, o jeitinho dela. Aquela calma. Essa é a imagem que eu me lembro dela. Ela era muito querida, muito querida. E os meninos também [...].

O vínculo afetivo manteve-se até os últimos dias de vida do sr. Benigno. “A última vez que eu me lembro do seu Octavio foi quando o papai ficou muito doente, sofreu muito, entende? Vivia na UTI, sabe? E o seu Octavio ia visitá-lo [...]. O seu Octavio entrou na UTI para falar com o papai. Engraçado que fazia muitos anos que eu não via o seu Octavio. E o seu Octavio também esteve doente. E eu achei o seu Octavio triste, sabe, porque ele não era assim. Eu conheci o seu Octavio, nossa, era brincalhão. Nessa última vez que eu estive com ele, eu notei que ele estava triste, quieto, ele não era o mesmo seu Octavio que eu conheci. Papai estava ruim, mas ele também estava doente”.

Dado o contexto, é possível justificarmos a nossa escolha pela correspondência familiar selecionada. Neste exemplar, é possível extrairmos exemplos que evidenciam como se dava a comunicação entre os dois personagens. A presença física, não mais possível diariamente, foi substituída por recursos escritos que levavam o destinatário a lançar mão dos sentidos para perceber e interpretar, corretamente, a mensagem enviada.

**Figura 59** - Correspondência enviada por Benigno Bittencourt Moraes a Octavio Rodrigues Ferreira



Fonte: Acervo pessoal da autora da tese.

O remetente foi Benigno Bittencourt Moraes e o destinatário era Octavio Rodrigues Ferreira. O cabeçalho contém dados importantes para situarem espaço e tempo de envio e recebimento: Curitiba, 16 de abril de 1955. Infelizmente, não há registros arquivados da resposta desta carta. Deprendemos que pouco tempo depois do término da gestão administrativa de Octavio frente à prefeitura, a família do sr. Benigno já havia se estruturado na capital.

O suporte escolhido para guardar o manuscrito é muito significativo. O papel da carta contém, na lateral superior esquerda, o endereço comercial do senhor Benigno e a sigla R.V.P.S.C, que significa Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. Provavelmente o senhor Benigno tinha algum contrato firmado com a antiga R.V.P.S.C. De acordo com informações repassadas por Flávio Hermogenes Gaspar — engenheiro residente e chefe do Departamento Comercial da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) e atualmente aposentado —, os fornecedores recebiam um bloco de papel com o endereço comercial e o timbre da antiga R.V.P.S.C, com o propósito de descreverem a quantidade de materiais que haviam repassado à rede. A R.V.P.S.C faturava os pedidos e efetuava os pagamentos. Dada tal explicação, é possível compreender que o papel escolhido para o envio da correspondência possui valor documental e comercial.

Embaixo do endereço comercial, há um recado informal da afilhada Cleyde para os padrinhos. Os laços afetivos são mais uma vez confirmados. Como a menina havia perdido o contato diário com os padrinhos, era necessário comunicar-se nestas oportunidades. O teor do bilhete é carregado de afetividade, contribuindo para transformar o material num “substituto carnal” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 66), ou seja, uma espécie de abraço que não pôde ser dado, presencialmente.

O exórdio é composto pelo vocativo “Caro compadre”, que revela a proximidade entre remetente e destinatário. Mesmo que fossem amigos e compadres, o contexto social exigia uma comunicação respeitosa, dotada de certos formalismos. Sendo comerciante, é provável que se dirigisse aos demais amigos, da mesma forma. Os cumprimentos iniciais são extensivos a toda a família, já que primavam manter os laços afetuosos: “Meu abraço para você, comadre e todos”.

Como dito, cremos que esta não seja a resposta a uma carta enviada anteriormente, mas que seja, dado o conteúdo exposto, uma carta a fim de levar ao conhecimento do destinatário alguns assuntos que já haviam sido conversados em algum momento oportuno. O tom geral da carta diz respeito à despesa pública solicitada por Benigno ao governo do Estado do Paraná, para subsidiar a Santa Casa de Misericórdia de Cambará. A definição de despesa pública, de acordo com o Portal da Transparência da Controladoria-Geral da União (2025, s.p.), é “a aplicação do dinheiro arrecadado por meio de impostos ou outras fontes para custear os serviços públicos prestados à sociedade ou para a realização de investimentos”.

Para que esta verba fosse executada, era necessário atender aos três estágios da despesa pública. O **empenho**, primeira etapa, é a reserva de dinheiro efetuada pelo governo com a finalidade de conceder o pagamento quando o bem for entregue ou o serviço for concluído. Esta fase é fundamental para que o governo organize os gastos pelas diferentes áreas, evitando que se gaste mais do que foi planejado. Benigno leva ao conhecimento de Octavio “que o dinheiro da Santa Casa, posso dizer que já está resolvido”. Houve a movimentação para registrar o empenho, ou seja, formalizar a despesa no orçamento, porque, na sequência, Benigno esteve “no Tribunal de Contas e eu mesmo fui portador do Processo para a Secretaria da Fazenda”.

O responsável por executar este registro era Francisco de Paula Soares Neto, apresentado na carta apenas por Paula Soares. Conforme dados extraídos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV) (c2009):

Com a desintegração do Estado Novo e o reinício das atividades político-partidárias,

[Francisco de Paula Soares Neto] participou da fundação da União Democrática Nacional em abril de 1945. Nesse mesmo ano, ocupou a Secretaria da Fazenda do Paraná. Em outubro de 1950, concorreu à Câmara dos Deputados pelo Paraná, na legenda das Oposições Coligadas — que, além da UDN, incluía o Partido Republicano (PR), o Partido Social Trabalhista (PST) e o Partido de Representação Popular (PRP) — obtendo, contudo, apenas uma suplência. Em 1951, voltou a ser o titular da Secretaria da Fazenda do estado, nomeado pelo governador Bento Munhoz da Rocha, empossado em janeiro daquele ano. Diretor do Instituto Brasileiro do Café (IBC) em 1953 e diretor-presidente do Banco do Estado do Paraná no ano seguinte, em 1955 tornou-se presidente da UDN paranaense.

Na época, Paula Soares ocupava o cargo de presidente da UDN-PR. Havia a possibilidade de estar também à frente da Secretaria da Fazenda, segundo nos confirma a citação. Por estar de “sahida para o Rio”, seria necessário dar seguimento ao registro, mas isso seria feito após a volta do presidente, que faria o despacho.

Não temos dados comprobatórios que mostrem como se deu a execução da segunda etapa da despesa pública, a **liquidação**. É neste momento que o governo confere que o bem foi entregue corretamente ou que a etapa da obra foi concluída, como acordado. Benigno narra uma viagem a Cascavel, mas que “logo que volte irei à Secretaria providenciar o despacho do Paula Soares”.

Por fim, se todas as outras fases tivessem transcorrido sem nenhum ônus, o governo faria o **pagamento**, ou seja, o repasse do valor ao vendedor ou prestador de serviço contratado. Octavio seria avisado pelo amigo “para vir buscar o dinheiro, isto deverá ser até o fim do mez”. A última informação “O Paula Soares vai para o Banco do Estado”, também é confirmada pela citação anterior, pois, em 1954, tornou-se diretor-presidente do Banco do Estado do Paraná.

Ressaltamos que o registro ortográfico deve ser contemplado, já que é forte indício para compreendermos a linguagem empregada nesta relação de amizade, comprobatório, também, do contexto sócio-histórico contemplado. O Acordo Ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras que vigorava era o de 1931, aprovado em 11 de junho de 1931, pelo presidente da República Fernando Magalhães. As bases do acordo para os casos relacionados, abordavam o seguinte:

BASES DO ACORDO ORTOGRÁFICO ENTRE A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
ELIMINAR:

2o – As consoantes geminadas: sábado, belo, efeito, em vez de sabbado, bello, effeito.

3o – O h mudo mediano: sair, tesouro, compreender.

SUBSTITUIR:

3o – O y por i: juri, martir, Potí, Andaraí.

5o – O z final por s nas palavras como agua-rás, português, país, após (Brasil, 2014,

p. 59-60).

O mesmo documento, na seção Formulário Ortográfico, desenvolve as normas elencadas acima:

LETRAS DOBRADAS:

II – Não se duplicará nenhuma consoante. Assim, escrever-se-á: sábado, acusar, adido, efeito, sugerir, belo, chama, pano, aparecer, atitude, e não sabbado, accusar, addido, suggerir, bello, chamma, panno, apparecer, attitude.

EMPREGO DO h INICIAL, MEDIO E FINAL:

IV – É proscrito o h:

a) quando figurar no meio das palavras, com exceção dos casos acima indicados: sair, compreender, coorte, cair, exumar, proibir, e não sahir,comprehender, cohorte, cahir, exhumar, prohibir;

AS LETRAS K, W E Y:

VII – São proscritas de todas as palavras portuguesas, ou aportuguesadas, as letras, k, w, y, que serão substituídas do modo que se segue:

c) O y por i – juri, mártir, tupí. Andaraí

O EMPREGO DO s:

X – Escrever com s final e não z:

g) os monossílabos e palavras agudas seguintes: aliás, ananás,após, arnês, arrás, arriós, arsis, ás, atrás, através, calcês, camoês, carajás, catrapús, convés, cós, cris, daruês, dê, (desde), detrás, enapupês, enxós, filhós, freguês, gilvás, grós, linaloés, luís (moeda), macis, mês, obús, pardês, paspalhós, pavês, piós, princês, rês, revês; tornês, trás, tris, viês, zástrás, etc (Brasil, 2014, p. 61-63).

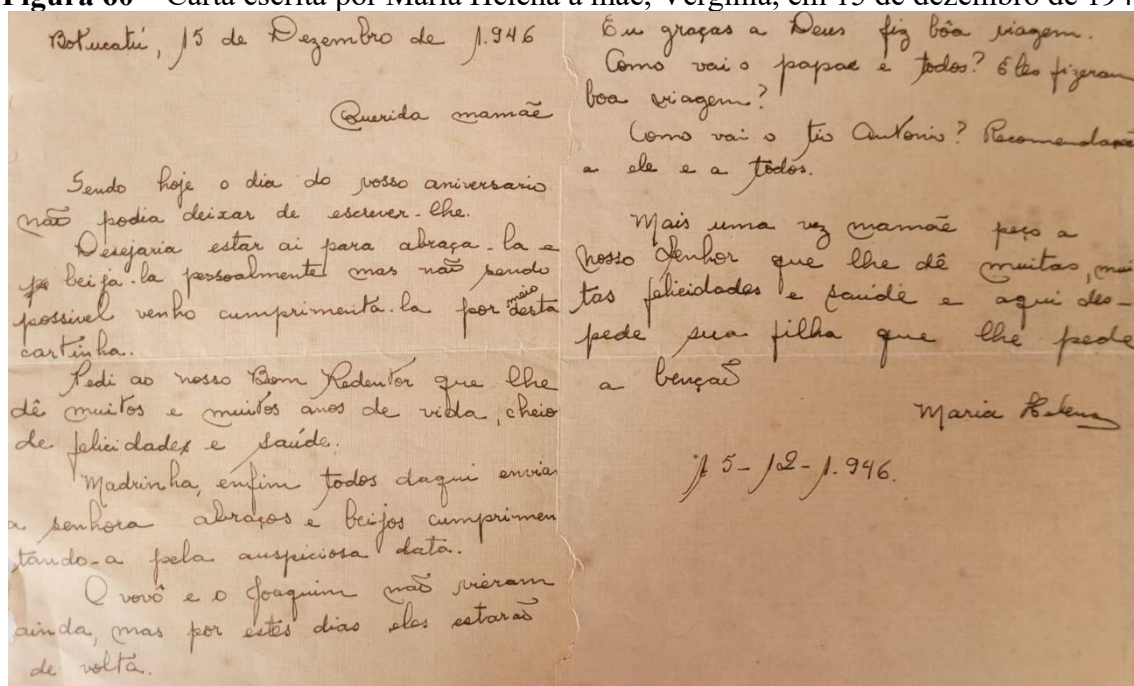
Recortamos da correspondência os termos “Curityba”, situado no cabeçalho da carta, “elle”, “sahida” e “mez”, que merecem especial atenção com relação às normas explanadas. Mesmo que a norma trouxesse a substituição do y por i, a eliminação da consoante dobrada, a exclusão do h médio e a troca do z final por s, é possível notar que o remetente ainda faz tal emprego, sem aplicar as alterações regidas pelo Acordo. Isto significa que a mudança legal é mais rápida do que a assimilação cultural. Observamos apenas na palavra “saida” a tentativa de aplicar a novidade da norma ortográfica. Por ser comerciante e lidar com vários tipos de relacionamentos comerciais e pessoais, notamos que o remetente busca aplicar uma redação coerente e bem escrita para comunicar a mensagem pretendida.

A despedida se fez de forma rápida, porque Benigno não pretendia ser “extenso”, já que estava de saída para viajar. O adjetivo selecionado é pouco empregado, outro fato revelador da formalidade que havia entre os correspondentes. Os cumprimentos, carregados de valor afetivo, denotam o valor real que nutriam um pelo outro: “abraço sincero e amigo”. A assinatura é composta por um sintagma nominal configurado na seguinte ordem: o artigo definido “O” está anteposto ao substantivo “compadre”. O adjetivo de matiz afetiva “amigo” está posposto ao substantivo “compadre”: “O compadre amigo”. Isto nos leva a refletir sobre a posição de tais elementos. Quando o adjetivo aparece anteposto ao substantivo, ele apresenta valor afetivo,

como em “velho amigo” em contraponto com “amigo velho”. Nesse caso, a colocação do adjetivo posposto ao substantivo, procura dar a ele o seu valor real, denotativo, que correspondia ao sentimento que unia os dois compadres. Usado, dessa forma, enuncia uma particularidade que caracteriza o objeto (o sr. Benigno), distinguindo-o de outros compadres ou amigos de Octavio.

Entre compromissos pessoais e profissionais, rotinas que ocupavam o cotidiano dos membros da família e daqueles que participavam da dinâmica do lar, aparições na vida pública e os momentos reservados à privacidade familiar, apresentaremos duas correspondências que exemplificam os laços harmoniosos dos filhos, neste caso específico, com a mãe, Verginia. A primeira correspondência foi enviada por ocasião de seu aniversário. Os filhos, que viviam em regime de internato, não podiam estar fisicamente presentes na comemoração; no entanto, notamos, principalmente pelos recursos estilísticos utilizados, o respeito, o cuidado e a admiração que nutriam pela figura materna, tão admirada quanto a figura do pai.

**Figura 60** – Carta escrita por Maria Helena à mãe, Verginia, em 15 de dezembro de 1946



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Primeiramente, dediquemos atenção à estética da carta. Maria Helena estava com 19 anos quando encaminhou essa correspondência. Suas linhas estão bem dispostas pelo papel e percebemos o primor por uma letra legível e bem desenhada. Torna-se evidente que a qualidade da educação ofertada aos filhos estava impressa nesta organização textual.

O exórdio é composto por um sintagma nominal costumeiramente empregado nas cartas

arquivadas dos filhos de Octavio e Verginia: “Querida mamãe”. Também encontramos nas outras 14 correspondências não utilizadas “Queridos pais”, Cara e bondosa mai”.

A apresentação do assunto já é revelado nas primeiras linhas: “Sendo hoje o dia do vosso aniversário não podia deixar de escrever-lhe”. A filha de Verginia emprega a forma de tratamento “vosso”, o que, para a estilística da enunciação, revela um fator sociocultural. O emprego dessa forma corresponde a diferentes graus de intimidade, distância e níveis de hierarquia social. Ao dirigir-se à mãe, buscou ser formal e respeitosa.

A utilização do futuro do pretérito do modo indicativo “desejaria”, seguido da locução verbal reduzida, com verbo no infinitivo + pronome átono oblíquo “abraça-la e beija-la”, favorecem ao leitor construir a imagem mental, caso esse encontro acontecesse. O escolha pelo modo indicativo revela o desejo de que a situação fosse outra: “pessoalmente”.

Devido à criação pautada nos princípios e valores do cristianismo, era comum dedicarem a vida uns dos outros a Deus, especialmente em momentos de celebração: “Pedi ao nosso Bom Redentor que lhe dê muitos e muitos anos de vida, cheios de felicidade e saúde”. A seleção lexical revela a religiosidade presente em seu discurso, passada pelo pai, por isso a importância do pronome possessivo “nosso”, que sinaliza ser também a crença da mãe, e o desejo paralelo de que a mãe gozasse de longevidade, por escolher, de forma repetida, atrelar o intensificador “muitos e muitos”, ao substantivo “anos”.

A jovem refere-se à mãe como “Madrinha”, ao estender os cumprimentos dos outros familiares com quem estava, que a parabenizavam pela “auspiciosa data”. É possível, pela leitura, que ela tenha se equivocado ao iniciar o parágrafo com o vocativo. Porém, podemos justificar esse uso dada a escolha de termos afáveis com que vinha se dirigindo à mãe. A menina reitera a alegria pela data memorável ao empregar o adjetivo “auspiciosa”, já não mais percebido nas modernas enunciações, anteposto ao substantivo “data”, tornando o sintagma nominal menos formal, adequado ao relacionamento em tela.

O desenvolvimento da carta comunica a chegada do avô Leal e do irmão Joaquim, o fato de a jovem ter feito boa viagem, o pedido por notícias do pai e dos outros parentes, e recomendações ao tio-avô, Antonio. Os assuntos, triviais à nossa leitura, eram, para a jovem, uma forma de sinalizar a importância que dava à família e à manutenção de notícias dos seus.

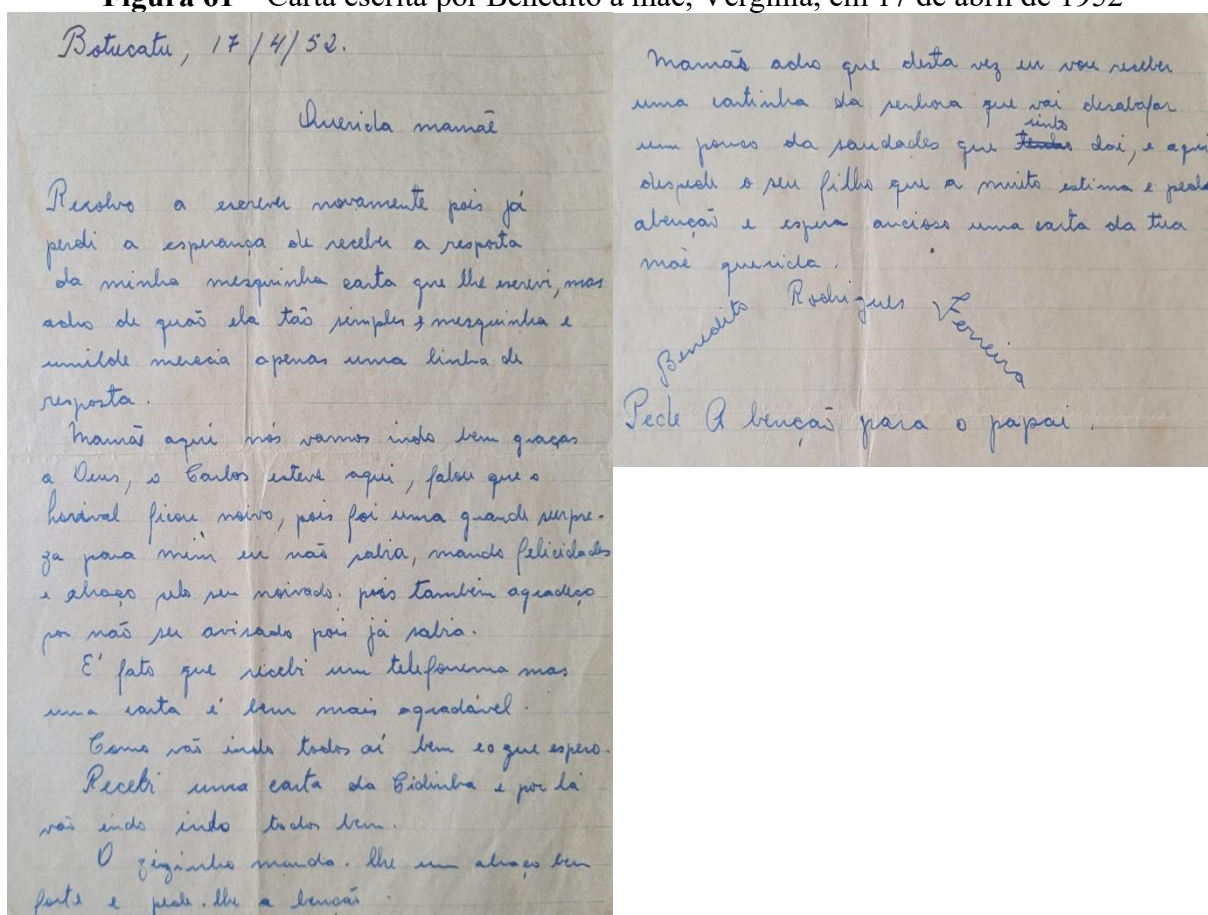
A conclusão reitera seu fervor religioso, pois dedica novamente a vida da mãe a Deus: “Mais uma vez mamãe peço ao nosso Bom Senhor [...]”. Ela utiliza novamente a repetição do intensificador “muitas, muitas” em associação aos substantivos “felicidades e saúde”, a fim de revelar sua intenção pela expectativa de vida da mãe.

A despedida das cartas dos filhos de Octavio e Verginia tinha um ponto em comum:

todos concluíam pedindo as bênçãos dos pais. Esta prática é simbólica, porque mostra obediência, respeito e submissão manifestados, além de acreditarem que, agindo assim, seriam protegidos espiritualmente pelos pais.

A seguir, apresentaremos a carta de Benedito, pela ordem, penúltimo filho de Octavio e Verginia. O rapaz estava, na ocasião, com 17 anos completos e frequentava, em regime de internato, o Ginásio Diocesano e Escola Técnica de Comércio “Nossa Senhora de Lurdes”. A qualidade da educação recebida está registrada nas linhas da correspondência: a disposição do texto no papel é feita com esmero, a letra é legível, a sedimentação dos parágrafos é adequada, além de percebermos que o garoto prezava pela estruturação do gênero textual.

**Figura 61** – Carta escrita por Benedito à mãe, Verginia, em 17 de abril de 1952



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

O exórdio escolhido por Benedito — Querida mamãe — é o mesmo usado pela irmã Maria Helena. A escolha por uma construção introdutória de cunho afetivo, partindo de um jovem rapaz, é um dado revelador da personalidade de Benedito, aliado aos aprendizados advindos do padrão educacional dos colégios que frequentou.

A introdução da carta é marcada pela reclamação do filho, o remetente, dada a falta de

resposta a uma carta anterior enviada à mãe. Benedito lança mão de uma construção hiperbólica para sinalizar em tom lamurioso: “Resolvo a escrever novamente pois já perdi a esperança de receber a resposta da minha mesquinha carta que lhe escrevi [...]”. Por não ter entendido o silêncio de Verginia, justifica que deveria ter recebido algum retorno: “mas acho de quão ela tão simples e mesquinha e umilde merecia apenas uma linha de resposta”. A progressão dos adjetivos de tonalidade depreciativa que qualificam a carta, dão a entender que Dito menosprezou a própria escrita e que o seu conteúdo, provavelmente, tenha sido irrelevante para receber a devolutiva da mãe e, por isso, ela tenha desconsiderado respondê-la.

O garoto inicia o desenvolvimento do assunto da carta com a comunicação de uma trivialidade, o bem-estar dos filhos, e, em seguida, comenta que a visita de Carlos (supostamente o namorado de Maria Helena, chamado Luiz Carlos) trouxera uma novidade dos chamados “tempos fortes” (Malatian, 2009, p. 207), ou seja, a celebração pelas comemorações e festividades: o irmão deles, Lorival, assim denominado pelos familiares, havia pedido a namorada, Alice, em noivado. Benedito diz inicialmente ter sido pego de surpresa e transmite seus votos de “felicidade e abraço pelo noivado”, mas, num ar irônico, agradece não ter sido avisado, “pois já sabia”. E então explica o comentário debochado: “É fato que recebi um telefonema mas uma carta é bem mais agradável”. Mesmo que o telefone, um meio de comunicação mais ágil e moderno já estivesse em plena funcionalidade, o jovem não descartava receber uma carta. Via neste movimento um ato repleto de significação, pois havia a expectativa do ir e vir, que envolve o enviar e o receber as correspondências.

Intencionando novamente uma resposta da interlocutora, Dito pede informações sobre os parentes, e também aproveita para contar que “Recebi uma carta da Cidinha e por lá vão indo todos bem”. José, o caçula, chamado de Zezinho, aproveita a oportunidade do envio para mandar um “abraço bem forte” à mãe e “pede-lhe a bênção”. Temos aqui registrada a repetição do costumeiro hábito dos irmãos Rodrigues Ferreira de pedir a bênção aos pais, já sinalizado na correspondência de Maria Helena.

Por fim, numa toada de súplica e ansiedade, o jovem conclui a carta mostrando que o esforço aplicado deveria se reverter em uma resposta da mãe, em formato de “cartinha”, palavra carregada de valor afetivo, “que vai desabafar um pouco da saudades que sinto daí”. A despedida revela, mais uma vez, estima pela figura materna e o pedido pela bênção a ela e ao pai, um hábito transmitido aos filhos, netos e bisnetos da família Rodrigues Ferreira, conservado ainda hoje. Isso demonstra respeito aos mais velhos, exprime carinho pelos laços afetivos, comprova o tradicionalismo e a influência religiosa presentes neste ato. A assinatura é desenhada de maneira jovial, formando um arco.

**Figura 62** – Correspondência de Octavio para Verginia, em 25 de maio de 1943

Barbara 25 maio 1943  
 Boa Verginia  
 Peço a Deus que encontre  
 voce e todos bem.  
 Eu e Joaquim vamos  
 bem. Como vai o Zé ja  
 acostumar com o colete?  
 Por estas coisas man-  
 dari a guarda.  
 Segue um cheque de  
 3 contos para pagamentos  
 das contas, e manda o  
 David levar 500 mil reis  
 ao Nico que eu emprestei  
 a elle.  
 Sem mais lembranças,  
 a todos, um forte abraço do  
 teu marido que te estimo  
 Octavio

Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

A segunda correspondência enviada para a esposa, que separamos para analisar nesta seção, à primeira vista pode ser interpretada como desprovida de conteúdo relevante, mas é por meio deste documento de processo que temos revelado, mais uma vez, o perfil mantenedor e responsável do chefe da família Rodrigues Ferreira. Para além destas características, Octavio valida os relatos de que zelava pelo conforto, saúde e proteção dos seus, mesmo estando longe do lar. A sua primeira preocupação era o bem-estar da esposa, a quem se dirigiu no exórdio como “Boa Verginia”. O ato de incluir o adjetivo anteposto ao substantivo próprio indica o valor afetivo, a característica predominante da essência da esposa. Ela era bondosa, fato que os relatos também comprovaram.

A religiosidade que guiava a vida de Octavio é externalizada quando inicia a carta pedindo “a Deus” que aquela correspondência encontrasse todos bem. Em seguida, já sinaliza a sua condição e a do filho Joaquim: “vamos bem”. Ele pede notícias da saúde de José, filho caçula: “Como vai o Zé ja acostumou com o colete?”. Questionamos nossa avó Helena sobre o uso desse protetor, bem como os sobrinhos de José, para sabermos se tinham lembrança de

algum comentário feito pelo próprio José e/ou pelos pais — irmãos de José. Foram levantadas duas hipóteses, dada a discordância de informações: a) José, com 7 anos recém-completos, realmente usou um colete para corrigir desvios posturais ou b) Ele havia levado um tombo do cavalo e o uso do colete foi necessário para evitar lesões.

Conforme lemos na primeira carta escrita por Octavio, ele se destacava pela pontualidade no cumprimento das obrigações financeiras. Afirmou estar mandando “um cheque de três contos para pagamento das contas”. Não havia brecha para a inadimplência. Os filhos aprenderam, pelo exemplo do pai, a serem homens corretos e bondosos, tanto é que Octavio recomenda a David “levar os 500 mil reis ao Zico que eu emprestei à elle”. FRF descreve a lembrança que o pai, Benedito, tinha do avô:

Eu lembro do meu pai descrevendo o meu vô Octavio: o vô Octavio era uma pessoa muito honesta, muito correta e engraçada. Ele tinha o perfil mais ou menos do tio Tavinho, pelo que eu consigo entender. Ele era engraçado. Minha mãe dizia que, quando ele chegava num ambiente, ele tomava conta. Ele atraía as pessoas, era muito carismático, muito rígido, queria as coisas muito corretas, queria fazer todo mundo trabalhar, não aceitava mentira e era muito direto nas conversas dele. Tinha um tino comercial muito bom, tanto é que conseguiu com o 4º ano primário crescer do jeito que ele cresceu [...]. Mas o vô Octavio era uma pessoa muito iluminada. O que a gente ouve dele, por exemplo, se ele chegava num ambiente, a gente sabia que ele estava lá. Ele chamava a atenção, monopolizava a atenção, tinha perfil de líder. Isso é nato. Quarto ano de escolaridade, isso não é aprendido, isso nasceu com ele. Ele era uma... a gente ouve que a hora que ele chegava, todo mundo já sabia que era ele, todo mundo estava querendo ficar com ele, todo mundo queria ouvir o que ele tinha para dizer. O velho Octavio não era fácil, não!

A brevidade da carta que comunica a ordem de assuntos ordinários é concluída com uma expressão do repertório linguístico de Octavio: “Sem mais”, seguida do envio de lembranças a todos os queridos. A despedida é grafada em tom romântico por parte daquele que era apaixonado pela esposa: “um forte abraço do teu marido que te estima”. O emprego do possessivo “teu” que acompanha o substantivo “marido”, confere certa delicadeza estilística ao termo, não se referindo diretamente ao sentido de posse. O verbo “estimar”, carregado de sentimentalismo, confirma, novamente, a intensidade do amor que Octavio dedicava à Verginia.

Guardamos uma questão dirigida à Dona Leiva para este momento: *A senhora se lembra se a casa tinha bastante movimento?* Sua aplicação aqui é proposital, porque a sua resposta favorece apresentarmos uma das maiores alegrias de Octavio e Verginia e dos descendentes dos Rodrigues Ferreira: as festividades. Ela nos respondeu: “Tinha bastante movimento. Sempre estava, sempre. Eles sempre foram um casal muito querido, muito respeitado e muito bons. Faziam muita caridade”. VACRFO corrobora a resposta de Dona Leiva, dizendo: “O que posso lhe contar sobre a Santana é que a casa era um coração de mãe, recebia todo mundo. A casa

estava sempre cheia de parentes do vovô, os irmãos e sobrinhos dele — os Rodrigues Ferreira — e da vovó, irmãs e sobrinhos dela, os Leal, além de amigos”.

O mesmo questionamento foi estendido aos netos, de maneira reformulada: *Quais são as suas lembranças dos momentos em família, na Fazenda Santana?* As respostas foram unânimes em elencar que “Foram muitos os momentos de lembranças [...]”, “Felizes lembranças” [...], “Isso é uma coisa maravilhosa!” ou que eram “As melhores possíveis”, “São vários momentos, difícil de te elencar um momento ou alguns [...], ou ainda: “As mais vastas e belas lembranças [...]”.

A dinâmica familiar dos Rodrigues Ferreira sempre privilegiou a transmissão da memória dos pais aos filhos. As informações transgeracionais favoreceram aos netos criar uma imagem do avô, a partir do relato de seus pais. A figura rígida de Octavio enquanto pai é abrandada por meio da convivência direta com os netos, e passa a construir um novo formato de memória: aquela que os próprios netos experienciaram. O tempo suavizou os traços de personalidade do avô, e a doença que o atingiu em sua velhice fez com que ele se tornasse mais flexível, com o correr do tempo.

Convivi bastante com ele na fazenda nas épocas de colheitas de café e feijão, no trabalho com gado e com caminhadas a cavalo (ORFN).

Antes de ficar doente (poucos anos antes), me lembro vagamente, na casa ao lado do Estádio Sant’Ana, passava o dia no Panema, na fazenda. Chegava para o jantar e todos os dias, mesmo estando o maior calor, era sopa de mandioca. Logo já ia se deitar. Não tinha muito contato — conversa normal de vó e neta (RTBG).

Um homem muito sério, meio carrancudo, mas com os netos era uma pessoa espetacular. Foi ele que me ensinou a dirigir em um jipe Willis 1951. Eu tinha 9 anos de idade. A primeira lição, eu fui da Fazenda Santana até a olaria da Fazenda Panema. Muito bom instrutor! Quanto mais barbeiragem eu fazia, mais ele me elogiava e dizia: – Você está aprendendo muito rápido, vai ser bom motorista!

Quando na fazenda estava secando café no terreirão, eu passava no terreirão de cima para ele não me ver, pois ele, quando me via gritava: – Ô "fio", vem aqui! Aí dava serviço para gente do tipo buscar tição para ele acender o cigarro de palha.

Quando era a hora de amontoar o café nas meias-luas, isso se fazia com as vaquinhas<sup>26</sup> que eram puxadas pelas mulas, Tesoura, e a outra esqueci o nome. Ele me colocava em cima da mula e eu comandava a mula para fazer os montes de café. Eu fazia muitas refeições com ele e com a Vó Verginia, pois eu morava no fundo do terreirão. Não me esqueço que ele gostava de pimenta na comida e sua sobremesa era um copo de água com açúcar. Ele comia rapidinho, e a vó Verginia demorava muito. Sua sobremesa, na época de manga, era a manga manteiga. Em outras épocas era banana nanica cozida com casca; depois ela descascava e punha açúcar e canela em pó (CARF).

Não era de muita conversa, mas tinha sempre um sorriso pra gente. Ficava sentado na varanda, às vezes, fazendo seu cigarro de palha. Era uma honra ir buscar para ele uma brasa no fogão, que trazíamos cuidadosamente numa colher de sopa. Nunca parecia cansado ou desanimado. Gostava que jantássemos com ele e comêssemos bastante.

<sup>26</sup> Vaquinha é uma espécie de pá grande para amontoar café nos terreiros.

Tomava sopa de mandioca todo dia, que era uma delícia! Ele parecia tão forte, tão sereno, tão seguro, que achávamos que ele viveria para sempre; então, quase não perguntávamos nada para ele. Teve uma festa linda na Santana quando ele fez 70 anos, mas ele já não estava bem, já estava esquecido, mas eu nem sabia (VACRFO).

O vô era muito na dele, mas tinha momentos em que ele chegava perto de mim e apertava meu joelho. Era uma forma de brincar comigo, pois ele sabia que eu ficava brava. Tenho comigo que o vô nos amava muito, pois sentia, às vezes, em seu semblante que ele estava contente com a gente na casa dele (MHSRF).

Era um cara carinhoso, mas duro. Eu me lembro que ele só andava de paletó cáqui, de brim, trocava meia dúzia de paletós e camisas por dia no meio do terreirão, molhado, molhado, os paletós de uma lado cheio de palha e, do outro, fumo com o canivete. Ele enfiava a mão no bolso dele e saía com as unhas pretas de fumo, de tanto que ele fumava. Ficava o dia inteiro fazendo cigarro, trabalhando pesado, juntando café, cobrindo café, no outro dia, esparramando café de novo. A gente passava escondido, porque se ele visse a gente, chamava: – Vem cá! Vamos ajudar, vamos trabalhar! E a gente, então, fugia um pouco dele, que ele não dava moleza para a gente não. No fundo, no fundo, ele tinha um coração de mãe, um coração santo (JOHRF).

Quando nós conhecemos o vô Octavio, ele já estava com Alzheimer, ou demência, ou arteriosclerose (como chamavam); então, eu não vivi a parte consciente dele, só vivi ele daquele jeitão, meio sentadão ou andando no terreirão, mas já sem muita consciência do que estava falando. Eu sei que dos que viviam com ele, o seguinte: passava perto dele, a gente cortava a volta, porque se ele via, ele falava: — Opa! Pega a vassoura aqui, vem aqui no terreirão varrer o café. Ele queria mandar, ele queria botar todo mundo para trabalhar. Ele não gostava de ninguém parado do lado dele, não. Se era trabalhador, estava do lado dele; se não era trabalhador, ele expulsava mesmo. Não serve vagabundo perto de mim, não! Ele era boca dura. Nisso ele era parecido com o tio Tavinho, não poupava muito a boca, não. Era o jeitão dele. Eu lembro muito bem que ele tinha uma unha quebrada na mão, aí ele fazia como se fosse uma pinça no dedão e nhoc! nhoc! nhoc!, assim, brincando com os netos, tentando brincar com as crianças, como quem faz uma cosquinha. Eu lembro muito bem disso. Então, tinha um coração bom também. Eh, vô Octavio! Eu lembro que tinha os montes de café e ele não gostava que a gente ficasse subindo. Eles arrumavam os montes de café todos, colocavam lona e a gente subia, escorregava, espalhava o café. Só faziam cagada os netos, também. Aí tomava café junto com ele lá na Santana, mas também ele já não batia muito bem. Perdemos de conviver com ele. Agora a turma mais velha já teve mais oportunidade de ver. Eu fui... O Henrique foi o último homem que nasceu. Depois, foi oito anos de diferença. Do Henrique para a frente, podem falar um pouco melhor do vô Octavio como avô (FRF).

Como avô de muitos netos, e eu uma das netas que nasceu por último, tenho lembranças de um avô não muito presente no cotidiano, mas quando eu estava lá na fazenda (o que não era raro), meu avô me pegava no colo e era muito carinhoso e bondoso comigo. Lembro-me dele descascando o fumo e colocando na palha seca do milho. Enrolava o cigarro de palha calmamente e eu reparava que ele tinha uma das unhas do mão que era cortada por causa de um acidente de trabalho. Nunca tive oportunidade de conversar muito com ele, pois me lembro de ele ter adoecido em minha adolescência (GRFF).

**Figura 63** – O avô Octavio, na varanda da casa da Fazenda Santana, como lembram os netos



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

A casa dos avós era sinônimo de diversão durante as férias escolares. A memória afetiva é carregada de saudosimo e de uma aparente vontade de que o tempo congelasse para reviverem os tempos idos:

Das férias que passava dois meses na Fazenda – muita brincadeira no terreirão, churrasco (RTGB).

Passávamos muitas tardes no período de férias — em especial em julho — no salão, lá em cima, com os primos, primas, amigas e amigos. Tinha uma mesa de pingue-pongue deliciosa. No meio da tarde, tia Maria Helena, minha mãe, tia Alice e tia Luiza — irmã do Vô Octavio, morava em Assis, tinha filhas da nossa idade e também vinha nas férias —, nos chamavam para tomar café na copa. Aquela mesa ficava cheia de criança. Era uma delícia. Outras tardes, vínhamos para visitar a vovó, quando a tia Maria Helena estava ou não. Sempre, além das brincadeiras no terreirão, bordávamos as iniciais do nome do vovô (OR) em panos de prato e rezávamos o terço com a vovó (VARCFO).

Depois, quando mais mocinhos, Cambará fervia nas férias. A gente ficava andando de carro, todos menores de 18 anos, mas a gente andava com o carro do tio Quim, com o carro do meu pai. A gente ia desde quase a rodovia — BR 369 — até a pracinha da Vila Rubim. Ia e voltava, ia e voltava, a noite inteira. Sem contar que todas as noites tinha festa na casa de alguém, boliche. Nossa Senhora! Foi uma infância maravilhosa em Cambará, maravilhosa!

Todo os primos pensavam igual, tudo gente séria. Não éramos de fazer muitas malandragens, nada que prejudicasse alguém (JOHRF).

Crescer em um ambiente como a Fazenda Santana, destituído de tecnologias, mas repleto de animais, espaço físico, amigos e primos favoreceu a criação de um sem-número de brincadeiras e divertimentos:

Tinha brincadeira no terreirão durante a colheita de café. O terreirão cheio de trabalhadores na lida com o café. O vovô Octavio sempre junto, de chapéu e terno de brim cáqui, fumando um cigarrinho de palha, dando ordens, observando para que tudo acontecesse a contento.

Brincávamos também na sacaria (sacos cheios de café empilhados prontos para serem vendidos), que ficava num galpão que existia no fundo do terreirão perto da casa onde morava o Tio Quim. Mais tarde, construíram os estábulos; daí a brincadeira era ir observar os búfalos andando por uma passarela mais alta que ficava no meio, entre as duas carreiras de animais: primeiro, os búfalos, e depois as vacas comuns, tudo com muito cuidado, sem estrepolia (VACRFO).

Fora as brincadeiras que a gente tinha: andar a cavalo com o Tavico — que era da minha idade —, com o Carlão, andávamos por tudo na Santanta, brigávamos, no bom sentido, para irmos ao Panema para ficar lá uns dias, que era uma maravilha, andar a cavalo, que a gente adorava.

O tio Quim, uma época, morou na casa do fundo do terreirão, que ao lado, não sei, ainda deve ter, com certeza, uma árvore enorme (me fugiu o nome dela agora), com as raízes salientes. A gente brincando de carrinho ali, não tinha carrinho pra todo mundo. — Ô, Carlos! Você é o dono do posto. A gente fazia as estradinhas com os carrinhos e parávamos no posto para abastecer, e o Carlos falava: — Eu também quero! Essas coisas de criança, maravilhoso! [...] (JOHRF).

Era quando a família dos meus tios se reunia e as minhas primas iam pra lá. Era uma delícia o quanto nós brincávamos no terreirão (MHSRF).

O terreirão, o galpão e os estábulos citados por Virgínia Alice, atualmente, estão desativados. A Fazenda Santana está inoperante. Durante nossa visita à sede da Fazenda Santana, junto de nossa mãe, em 16 de novembro de 2024, pudemos registrar os referidos espaços. A casa do fundo do terreirão, lar da família de Joaquim, e a árvore — provavelmente uma figueira, cenário das brincadeiras infantis —, ainda fazem parte do terreirão. Não há ninguém morando nesta casa e nem na sede da propriedade.

**Figura 64** – Espaços rememorados pelos depoentes em suas entrevistas





Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Os Rodrigues Ferreira costumavam reunir-se, principalmente, nas datas comemorativas: Páscoa, festas de Natal, comemoração à Santa Ana, Dia das Mães, Dia dos Pais, Ano Novo. Para além dessas festividades, era frequente que comemorassem todos juntos o aniversário dos avós, momento celebrado com uma missa, o aniversário de casamento dos patriarcas e as festas de casamento dos filhos, netos e, atualmente, bisnetos. A citação rememora as lembranças que Otávia Rodrigues Ferreira Nemeth (2025), nossa tia, tinha das datas e da conseqüente alegria que envolvia a família:

Lembro demais do carneiro no vinho da tia Alicinha! Hummmm! Na minha casa, sentíamos uma alegria imensa que era repassada pelo intenso envolvimento do meu pai nos churrascos, leitoas. Ele entrava em casa assobiando e transbordando felicidade! Os Natais são a minha memória favorita! Mesa grande, muita comida e muitas frutas! Tínhamos que chegar antes para rezarmos o terço na sala da imagem de Santa Ana. Amava a alegria do Tio Quim! Tio Tavinho sempre com sorriso delicioso!

Tio Lorival tão engraçado, cutucava a gente! Eu amava! Tio Davi, lindo e muito engraçado! Tio Dito, pura doçura! Tia Maria Helena, super atenciosa e sempre fazendo lanchinho para nós! Teve um tempo que tia Maria Helena escolhia ou era sorteado um responsável para enviar um carinho no aniversário de todos. Recebíamos um dizer amoroso em um santinho pelo correio.

A Figura 65 retrata as Bodas de Prata de Octavio e Verginia, comemorada em 31 de janeiro de 1949. Passaram-se 25 anos desde o começo da história dos Rodrigues Ferreira. Diferentemente da imagem da família que escolhemos para subsidiar o início da seção “Infância e adolescência da primeira linhagem dos Rodrigues Ferreira”, agora temos os filhos já crescidos, com contornos joviais e em pleno desenvolvimento. Ao mesmo tempo, os pais também estão mais maduros e vêm colhendo “os frutos” de todo o trabalho empreendido em prol dos filhos e da cidade, já que, nesta ocasião, Octavio era prefeito de Cambará.

**Figura 65** – Bodas de Prata de Octavio e Verginia, em 31 de janeiro de 1949



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Os documentos de processo arquivados permitiram-nos desenvolver uma linha temporal que possibilitou retratar as comemorações e, ao mesmo tempo, o crescimento da família Rodrigues Ferreira. No início eram dois; passaram a ser nove e, no 40º aniversário de casamento de Octavio e Verginia, já eram muitos. A Figura 66 confirma a nossa constatação:

**Figura 66** – Bodas de Esmeralda de Octavio e Verginia, em 31 de janeiro de 1964



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Verginia acabara de completar 88 anos, em 15 de dezembro de 1990, como ilustra a Figura 65. No dia seguinte foi realizada uma missa, e houve um momento de celebração dirigida pelo padre Estanislau Casemiro Kwiecien, juntamente com diversos membros da família. Reconhecemos o filho Davi, junto da esposa, Darcy, ao lado de Helena, nora de Verginia, impondo as mãos sobre a aniversariante, como sinal de transmissão de bênçãos. Após, a família reuniu-se na Fazenda Santana para cantarem vivas à mãe/avó. Recebemos, como parte integrante de nosso arquivo, duas fotografias (Figuras 67 e 68) da comemoração de aniversário de Octavio, em que vemos, na primeira imagem, a esposa ao seu lado e os filhos rodeando-os e, na segunda, os avós cercados pelos netos.

**Figura 67** – Aniversário de 88 anos de Verginia, em 15 de dezembro de 1990



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

**Figura 68** – Aniversário de Octavio comemorado em 21 de novembro de 1985, na companhia dos filhos e dos netos



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

O amor de Octavio e Verginia foi coroado na celebração das Bodas de Ouro, em 1974, quando comemoraram 50 anos de um matrimônio marcado por dedicação mútua, companheirismo e a construção de um lar sólido. Na ocasião foi rezada uma Missa em Ação de Graças, cuja liturgia versava sobre casamento e família, pautada na leitura-base de Mateus 19,

versículo 6: “Sendo assim, eles já não serão dois, mas sim uma só carne. E, portanto, o que Deus uniu, não separe o ser humano”. As fotografias atestam o folheto da missa, a bênção da imposição das mãos do padre sobre o casal, e a alegria pela celebração da data festiva.

**Figura 69** - Bodas de Ouro de Octavio e Verginia (1974)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Orientados igualmente pelo exemplo dos pais, os filhos de Octavio e Verginia também formaram suas famílias alicerçados nos princípios cristãos e nos valores familiares impressos desde a tenra infância. Joaquim Rodrigues Ferreira casou-se com Alice Antonio Rodrigues, em 14 de julho de 1949. Tiveram quatro filhos: Virgínia Marta, Otávio Neto, Carlos Alberto e Ana Luiza. Em 25 de janeiro de 1951, casam-se Davi Rodrigues Ferreira e Darcy Haggi Rodrigues. Desta união nasceram José Octávio, Virgínia Maria, Rosângela e Denise. Otávio Rodrigues Ferreira Filho e Amelia Sales Rodrigues casaram-se em 23 de julho de 1953. Seus filhos são: Maria Helena, Maria Laura, Maria Estela, Maria Octávia, Henrique, Maria Lúcia, Maria Jaqueline, Renato e Maria Juliana. Lorivaldo Rodrigues Ferreira casou-se com Alice Aparecida Carvalho Rodrigues, em 20 de abril de 1954. Os filhos do casal são: Virgínia Alice, Vera, Vilma, Viviana e José Anísio. Por fim, Maria Helena Rodrigues Ferreira e Luiz Carlos Toledo Barros casaram-se em 17 de dezembro de 1955 e tiveram apenas uma filha, Regina. José Rodrigues Ferreira casou-se com Helena Mussalam, em 26 de maio de 1964, e tiveram quatro

filhos: Helena, Otávia, Gabriela e José Filho. O último a se casar foi Benedito Rodrigues Ferreira. Casou-se com Ana Aparecida Senhorini, em 31 de janeiro de 1967, e tiveram dois meninos: Fábio e Fabiano.

**Figura 70** – Retratos dos casamentos dos filhos de Octavio e Verginia, na ordem apresentada



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

JOHRF narrou como era organizada a alimentação para aqueles que participavam dos enlances matrimoniais dos Rodrigues Ferreira:

Os casamentos dos tios eram uma festa de arromba. Faziam vários buracos no terreirão, matavam boi, o caminhão carregado Ford F-600, que tinha na fazenda Santana e fazia o serviço todo das fazendas, trazia do Panema os espetos de madeira, colocavam uma cobertura de encerado e a festa ia longe, uma maravilha.

Houve um encontro na família Rodrigues Ferreira que perdurou por mais de 30 anos: o

tradicional café da manhã na Fazenda Santana. Este momento acontecia diariamente, logo ao raiar do dia, quando os tios, sobrinhos, netos e bisnetos — principalmente aqueles que moravam em Cambará — reuniam-se para tomar o desjejum. A resposta emocionada que FRF deu à questão *Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?* contribuiu para compreendermos a potência que o fato de estarem reunidos à mesa exerceu sobre cada um, de forma particular:

São vários momentos, difícil de te elencar um momento ou alguns, mas vamos lá. Eu vou elencar dois que são bem marcantes para mim: um era o café da manhã que a gente tinha com os tios. Todo dia, 6h, 6h30 da manhã, levantava com o meu pai — o sol nem tinha nascido ainda — ia para lá (Fazenda Santana). No começo, o seu Lampio fazia o café, ele preparava o café lá, e a gente tomava café de manhãzinha, às vezes colocava a mesa, às vezes a mesa já estava posta... Era uma diversão para gente até montar a mesa... E ali esperava e começava a chegar: chegava o tio Zé, tio Lorivaldo, tio Tavinho, tio Quim, tio David — era mais difícil de estar aí —, tia Maria Helena (quando estava), meu pai (ê, tio Dito). Ai, ai... juntava todo mundo ali e ali a gente ficava batendo papo, conversando, tomando café... Chegava o Paçoca com o pão... Paçoca levava o pão, de primeiro, depois cada um que começou a levar, uma vez por semana. Paçoca cobrava o pão... acho que passava uns 4 ou 5 anos para pagar o Paçoca. É coisa de Rodrigues Ferreira, né, tudo sossegado. E ali, aquele café da manhã era um em que a gente trocava informação, batia um papo. Aí, se alguém estava mais liberado, — Ah! Vamos comigo fazer tal coisa? Vamos mexer com boi? Vamos dar uma olhada na lavoura? Ó! Tô com dúvida em tal coisa... Ali, algumas vezes iam pessoas da parte comercial, uma ou outra pessoa chegava lá, mas tinha que entrar na nossa linha, respeitar, tomar o café certinho ali. Nunca naquela mesa tinha discussão. Era a mesa santa. Os netos que apareciam ali, frequentavam... Homersinho ia de vez em quando lá, a Vera ia, a Estela ia de vez em quando, o Zezo, o Renato ia também, o Carlão quando estava aí, o Tavico quando estava lá também, poxa, eu e o Fabiano sempre estávamos ali. Era uma delícia. Era os tios ali, brincando... O Renato passava a mão no cabelo do tio Lorivaldo, espalhava o cabelo do tio Lorivaldo, o tio Lorivaldo ficava bravo com ele... Olha, era muito bom! Então, para mim, a maior lembrança que eu tenho era deste café<sup>27</sup>. Deixou muita saudade!

Este “compromisso” tornou-se conhecido pelos cambaraenses e pelos municípios circunvizinhos, a ponto de uma aluna do curso de Turismo, “expert em garimpar paraísos desta região e fazer roteiro turístico”, do atual Centro Universitário de Ourinhos (Unifio) — Fátima Paschoal Pinto Lima, à época, consultora do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) — ter entrado em contato com a redação do periódico JD<sup>28</sup>, situado no mesmo município, para conhecer melhor este hábito dos Rodrigues Ferreira. A Figura 71 traz a reportagem veiculada no jornal JD, em 25 de dezembro de 2005, data em que comemoramos o Natal, significativa para que acontecesse a reunião familiar.

<sup>27</sup> Fábio se emociona e relata apenas um dos episódios.

<sup>28</sup> Tentamos localizar informações sobre este periódico, mas as buscas não nos deram o retorno que pretendíamos. Por esta razão, não temos como referenciar, adequadamente, esta matéria.

Figura 71 – Reportagem arquivada pela família Rodrigues Ferreira

Cambará

## Família se reúne há mais de 30 anos para tomar café da manhã

25 DE DEZEMBRO DE 2005

Parece até ficção, mas é realidade. Em Cambará (PR), uma família se reúne há mais 30 anos, todos os dias, para tomar o café da manhã. Os Rodrigues, tradicional família paranaense, apesar de se dedicarem a inúmeras atividades, conseguiram preservar um dos mais sagrados valores cristãos: a família, bem maior do ser humano, alicerça da sociedade. Mesmo aqueles integrantes que têm uma intensa rotina profissional conseguem conciliar o trabalho com este delicioso compromisso familiar.

Quem convidou a reportagem do JD para conhecer esta família foi Fátima Paschoal Pinto Lima, aluna do curso de Turismo das FIO que atua consultora do Senar/PR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). Especialista em turismo rural, Fátima é uma expert em garantir paraísos desta região e fazer roteiro turístico.

Mesa farta de amor - No dia da reportagem os Rodrigues demoraram um pouco mais no café da manhã para nos receber, com a hospitalidade peculiar. Logo na entrada da cidade, num recanto abençoado pela natureza, a família conserva a casa grande da fazenda que foi loteada para se reunir todas as manhãs. Na cozinha, lugar especial da casa, uma mesa enorme está sempre farta de alimento e de amor. Cada um traz alguma coisa, há uma espécie de escala para que todos colaborem. Nada sofisticado, tudo simples, mas num capricho que evidencia o carinho com o qual a mesa é preparada todos os dias. Em volta da mesa, as várias gerações da família se confraternizam, falam do seu dia a dia, contam divíncias, compartilham não só o pão mas os problemas a luta e as conquistas do dia a dia. Nada de tristezas, quando chega não fica muito tempo.

po. Afinal a mesa oferece a sabedoria e compemneão dos mais velhos, o entusiasmo dos mais jovens e um sentimento de união que emociona quem chega. Os Rodrigues são especiais, não há como negar e a cidade sabe disso.

Depois do café, um tou pelas dependências da casa que guarda relíquias da história de uma família tradicional de produtores rurais que souberam produzir bons frutos não apenas na terra que cultivaram, mas na imensa família que construíram. Os Rodrigues parecem viver em festa, em harmonia, como uma sagrada família.

**Uma história para contar**  
- José Rodrigues Ferreira, de 69 anos, é o mais esperado, todas as manhãs. Casado com a simpática Helena Mussa Rodrigues Ferreira, "seu José" faz parte de uma família de sete irmãos - seis homens e uma mulher - dos quais três já faleceram, formada por Octávio Rodrigues Ferreira e Virgínia Leal



Rodrigues. O casal chegou a Cambará em 1926, vindo de Itápolis onde Octávio tinha uma fazenda. O pai Joaquim Rodrigues Ferreira era administrador da Fazenda Concórdia, em Cambará. O sogro Manoel Leal também tinha uma fazenda na cidade. Octávio comprou a sua, a Fazenda Santana de 196 alqueires; em 1929 sofreu com a grande geada. Os três irmãos vivos são Joaquim, Davi e Maria Helena não moram em Cambará. Hoje os 98 membros da família se reúnem todo dia 26 de junho, Dia de Santana, para festejar, São três dias de festa. Seu José, proprietário da Fazenda Santa Helena, planta cana de açúcar e soja e comanda com orgulho a numerosa família que o têm como um grande líder, exemplo a ser seguido.

Os Rodrigues representam o que deveria ser o ideal: que o Natal pode ser celebrado todos os dias, na comunhão com Deus.

Fonte: Jornal JD (2005, s.p.).

Sentados à mesa estão: Maria Jaqueline e Virgínia Marta, netas de Octavio e Vergínia, e José Rodrigues Ferreira, nosso avô materno, filho de Octavio e Vergínia. Em pé, da esquerda para a direita: Juliano, Fábio, Vera, Renato — netos de Octavio e Vergínia. Daniele, nossa tia, está ao lado da esposa de José, nossa avó materna e, por último, José Filho, nosso tio, carinhosamente apelidado de Zezo.

A introdução da reportagem apresenta a família Rodrigues, “tradicional família paranaense”, que tem por hábito “há mais de 30 anos, todos os dias, [...] tomar o café da manhã”. A manutenção do hábito favoreceu preservarem, mesmo que todos tivessem ocupações diversas, “um dos mais sagrados valores cristãos: a família, bem maior do ser humano, alicerça da sociedade”.

Em seguida, a primeira seção da reportagem intitulada “Mesa farta de amor” passa a descrever como foi a acolhida dos Rodrigues, no dia da reportagem — “hospitalidade peculiar” — e como era organizado o café: “Cada um traz alguma coisa, há uma espécie de escala para que todos colaborem. Nada sofisticado, tudo simples, mas num capricho que evidencia o carinho com o qual a mesa é preparada todos os dias” Nas horas que se seguiam, “confraternizam, falam do seu dia a dia, contam, compartilham não só o pão, mas os problemas, a luta e as conquistas do dia a dia”. GRFF, nossa mãe, confirma o relato acima a partir do que experienciou nas vezes em que esteve presente:

Nana<sup>29</sup>, e às vezes que eu fui era desse jeito mesmo. Todo mundo alegre, todo mundo feliz, sem nenhuma discussão, um ambiente assim muito amável, um ambiente muito... acho que é por isso que eu gosto tanto de pôr a mesa também, sabe Nana. E a minha mãe também colocava sempre a mesa, né (sic), mas é por isso que eu, assim, nossa! Eu tenho tantas boas lembranças disso, muitas boas lembranças, filha. Não tem como a gente não se emocionar! Era muito gostoso. Eram momentos assim que vão morrer junto com a gente de tão feliz que era, de tão gostoso que era. Cada um que chegava ali, Nana, era uma festa, sabe: — Ê! Chegou, que bom! Viva! E já colocava a mesa, tipo a xícara para a gente tomar café, era muito feliz, muito contente. A mãe amava mesmo! [...]. Cada pessoa que chegava lá que era da família era uma festa. Nossa! O café da manhã simples, com um bolo, leite, café, pão, manteiga, sempre farto, mas assim simples, gostoso, com queijo. Um café da manhã bem assim de fazenda mesmo. E todo mundo se respeitando, se amando, era um momento assim, acho que de carregar a energia para o dia, sabe! Eu gostava muito! Era um ambiente muito feliz, muito calmo, muito leve (Informação obtida numa conversa informal).

Chamou-nos a atenção uma frase da reportagem: “A impressão que dá é que a tristeza, quando chega, não fica por muito tempo”. Dados os relatos, realmente não havia espaço para maus sentimentos. A intenção era a de que os vínculos se aperfeiçoassem, à medida que os encontros aconteciam.

O redator escolhe a adjetivação como principal recurso estilístico para dirigir-se aos membros da família: “Afinal, a mesa oferece a sabedoria dos mais velhos, o entusiasmo dos mais jovens e um sentimento de união que emociona quem chega. [...] “Os Rodrigues parecem viver em festa, em harmonia, como uma sagrada família”. Também seleciona a adjetivação para descrever o cenário em que se encontrava: “[...] num recanto abençoado pela natureza, a família conserva a casa grande da fazenda. [...] Na cozinha, lugar especial da casa, uma mesa enorme está sempre farta de alimentos e de amor”.

A segunda seção “Uma história para contar” narra, em linhas gerais, o início da história da família, destacando a presença de José, nosso avô, como o membro mais esperado do café da manhã. Há algumas rasuras no recorte do jornal que denotam erro por parte da jornalista: a) o nome de nosso bisavô foi grafado Octávio Rodrigues Ferreira Leal. O correto é Octavio Rodrigues Ferreira; b) o nome do pai de Octavio foi escrito como Joaquim Barbosa Rodrigues Ferreira. Seu nome é Joaquim Rodrigues Ferreira, como já apresentamos; e c) ao se referir aos filhos vivos de Octavio e Verginia, “Joaquim, Davi e Maria Helena não moram em Cambará”. Joaquim faleceu em 30 de outubro de 1979. José, que estava presente na ocasião, era o nome que deveria ter aparecido. Davi residia em Maringá, e Maria Helena, em Curitiba. O último parágrafo do texto jornalístico resume, na visão da jornalista, o ideal dos Rodrigues Ferreira, que deveria ser o de todas as famílias: “que o Natal pode ser celebrado todos os dias, na comunhão com Deus”.

---

<sup>29</sup> Nana refere-se ao apelido dado por GRFF, nossa mãe, desde a infância.

Discorremos, finalmente, sobre uma data especialmente celebrada pelos Rodrigues Ferreira: o Dia de Santa Ana, de onde veio a denominação Fazenda Santana. Havia, por parte de todos os membros da família, grande expectativa para este encontro que se materializava no mês de julho, comumente no final de semana que abrangia o dia 26, na sede da Fazenda Santana. O principal intuito da festa era dar sequência ao legado dos pais. Octavio — falecido em 6 de julho de 1987 — e Verginia — falecida em 28 de dezembro de 1990, não puderam participar de nenhuma edição da festa, porque a primeira foi realizada em 1992. Este não era um simples encontro. As reuniões iniciavam-se meses antes para que a festa pudesse acontecer, a contento. Quem liderava a organização era Maria Helena e suas cunhadas. Vejamos o relato de VACRFO:

Quem geralmente organizava a festa era a tia Maria Helena. Minha mãe era o braço direito dela. Tia Alice e tia Ana ‘sempre rente que nem pão quente’. Tia Amelinha era cheia de filho e era difícil pra ela. Acho que a tia Helena ainda trabalhava e ajudava sempre que podia. A turma do Tio Davi chegava na véspera, pois morava em Maringá. Sei que dividiam e cada família levava alguma comida. Houve ano que a Tia Maria Helena convocava reunião e todo mundo ajudava a pensar nas brincadeiras. Dividíamos entre nós a organização e era uma farra. Na verdade, muitas das festas a minha mãe já havia morrido, ela participou só antes de 1987, acho que era mais Natal, Páscoa, aniversário do Vô e da Vó.

Os netos e os maridos também não se eximiam das responsabilidades. Por acontecer em julho, mês de férias escolares, aqueles que tinham possibilidade vinham antes para ajudar na preparação, e também aproveitavam o ensejo para passar mais tempo com os familiares:

Nas festas da Santana, já os netos adultos participavam bem da organização. A Regina, a Vera, a Vilma, a Jaqueline e eu (quando estava aí de férias). Os homens também ‘entravam na dança’ pro churrasco: Tio Zé sempre, pra leitoa, meu pai e tio Tavinho. Tio Davi era doido para comer e beber uma pinguinha e a Tia Darcy ‘ficava na cola’. Tio Dito era o carinho, a delicadeza, a gentileza em pessoa. Quando Tio Quim estava conosco, ele também era grande na confecção da leitoa (VACRFO).

Tal qual a recepção costumeira em dias comuns na casa que se assemelhava ao “coração de mãe” pela hospitalidade, a comemoração em homenagem à avó de Jesus oportunizava encontros e reencontros. Era visível a alegria compartilhada em conhecer os novos membros da família, acompanhar o crescimento das crianças, e passar as horas contando e recontando histórias e causos, com o objetivo de manter vivo o sólido vínculo de comunhão familiar, principal propósito dos patriarcas:

Gente, era uma alegria sem par. Ô tempo bom! E tinha ainda as famílias de irmãos do Vô e da Vó, sobrinhos e muitos agregados. A Filha com a família, Tia Isaura e família, tio Osvaldo, tia Aurora, a Cida, o Severo e os filhos, o Milton e os filhos, tia Luiza e filhas. Tio Tida, Tânia e Marisa; mais tarde, Tia Elisa. Tio Dócio, tia Maria, tia Tereza,

tio Chico, tia Dita e filhos de todos. Esta turma toda e muito mais gente conviveu conosco nas férias e nas festas, muitas vezes todos, algumas vezes, a maioria. Todos que moravam em Cambará recebiam em suas casas os de fora. A Santana sempre ficava borbulhando de gente (VACRFO).

No café da manhã do dia da Festa de Santana, marcado para acontecer das 7h às 11h, era possível encontrar membros da família que não participavam do encontro diário. O café da manhã era farto: suco, leite, café, chá, pão, bolachas, presunto, queijo, manteiga de búfala (“batida todos os dias, era a coisa mais gostosa, a melhor manteiga que até hoje eu já comi”, conforme relato oral de CARF), bolos, torradas, rosca doce, pão caseiro e requeijão. Além da abundância de alimentos, havia uma infinidade de sorrisos. Antes de qualquer refeição, todos juntos cantavam o coro, ritmado por palmas:

Ao Senhor agradecemos, aleluia,  
O alimento que teremos, alelu-u-ia.  
Ao Senhor agradecemos, aleluia,  
O alimento que teremos, alelu-u-ia! Viva!

As Figuras 72 e 73 foram registradas, respectivamente, em julho de 1992 e julho de 1993. Na primeira foto, em primeiro plano está VACRFO. Em pé, da esquerda para a direita, Maria Helena, Carolina (sua neta), Maria Laura, Vera e Otávia (nossa tia) com Marina (irmã gêmea da pesquisadora) em seu colo, Helena (nossa tia), Maria Jaqueline e seu esposo, Homero, Mariana (a pesquisadora) no colo de Dorivaldo (nosso pai) e José Filho.

**Figura 72** – Café da manhã da 1ª Festa de Santana (julho de 1992)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

**Figura 73** - Café da manhã da Festa de Santana (julho de 1993)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Reconhecemos em pé a senhora Flora, segunda esposa de Lorivaldo, com quem se casou em 29 de dezembro de 1988 (Alice faleceu em 28 de maio de 1987), VACRFO e seu esposo, Antônio. Sentados à mesa, do lado esquerdo, estão: Vera (neta de Octavio e Verginia), seu filho, Wellington e Luciana (filha de VACRFO). Ao lado direito, Marina (filha de VACRFO), Angelina (filha de RTBG) e Silvana (esposa de FRF).

A festividade era precedida por um ritual religioso que contava com a presença de amigos e familiares, a fim de que a presença de Deus fosse invocada para o momento festivo. Os devotos de Santa Ana dirigiam-se à Paróquia Nossa Senhora das Graças de Cambará, a fim de participarem de uma missa, à época, rezada pelo padre Estanislau Casemiro Kwiecien. Estão sentadas no primeiro banco Renata (neta de Darcy e David), Maria Laura e Darcy. No segundo banco, da direita para a esquerda, VACRFO, Maria Helena, Lorivaldo e Flora. Atrás identificamos David, Rosângela (filha de David e Darcy), MHSRF, Helena, Marina (filha de VACRFO) e, encostados na parede, ORFN e sua esposa, Roseli, Wellington (ex-marido de Vera) e Wellington Filho (filho de Vera) e Ruimar (esposo de Maria Lucia).

**Figura 74** – Missa na Paróquia Nossa Senhora das Graças (julho de 1993)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Posteriormente, na sede da Fazenda Santana, o padre Estanislau rezou uma missa na companhia de alguns representantes da família. Estão encostados na parede o nosso avô José (de camiseta rosa), ao lado de sua filha Helena. Benedito (filho de Octavio e Verginia) e Ana (sua esposa) estão ao lado de Vera e VACRFO. Na frente delas estão os garotos Wellington e Matheus (filho de Ana Luíza, neta de Octavio e Verginia). Ao lado, Lorivaldo e Flora.

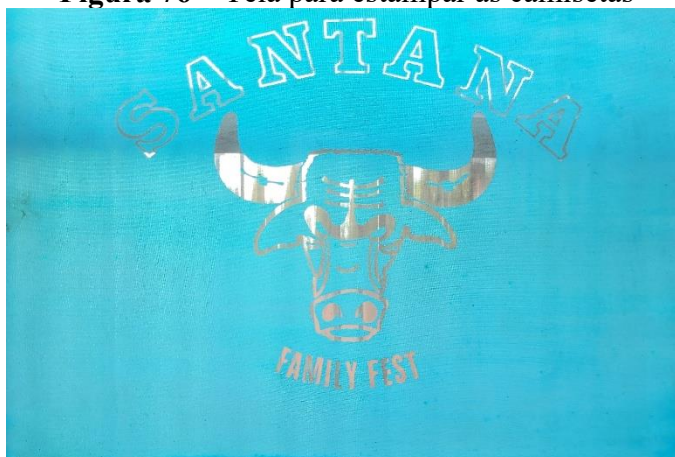
**Figura 75** – Missa na sede da Santana que antecedia a Festa de Santana (julho de 1993)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Após terem recebido as bênçãos de Deus, a festa começava. Cada núcleo familiar representado pelo seu patriarca/matriarca — os filhos de Octavio e Verginia — ia à festa trajado com uma camiseta de uma cor, porque durante os dias que se seguiam, havia a convocação para participarem das gincanas. O símbolo estampado no centro das camisetas era um búfalo — uma das criações da Fazenda Santana — com a inscrição superior Santana e inferior Family Fest. A Figura 76 retrata a tela que era usada para estampar as peças.

**Figura 76** – Tela para estampar as camisetas



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

O primeiro registro fotográfico da Figura 77 é composto pelos filhos de Octavio e Verginia. Uma observação deve ser feita: como estamos retratando os anos 1992 e 1993, quem representava Joaquim, que havia falecido em 30 de outubro de 1979, era o filho, Otávio Neto. Da esquerda para a direita temos: José (nosso avô, de camiseta cor-de-rosa), Benedito (de camiseta vermelha), Lorivaldo (de camiseta azul), Otávio Filho (de camiseta roxa), David (de camiseta branca) e Otávio Neto (de camiseta amarela). A segunda fotografia traz em primeiro plano os filhos e a filha e seus respectivos marido e esposas. Novamente, da esquerda para a direita, vemos Lorivaldo e Flora, Benedito<sup>30</sup> e Regina, Amélia e Octavio Filho. Atrás deles, José e Helena, e ao seu lado, Alice. Ao lado de Otávio Filho, David e Darcy e Luiz Carlos e Maria Helena.

**Figura 77** – A primeira geração dos Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (25 de julho de 1992)



Fonte: Arquivo pessoal de autora da tese.

Em uma das fotografias a que tivemos acesso, havia papéis colados em uma parede com a ordem dos campeonatos e dos times que os disputariam durante a festividade. Os homens de cada família foram convocados para as partidas de futebol, que teria início às 9h30 do sábado, 25 de julho de 1992. As regras eram: duração de 15 minutos por partida, cada gol valia 10 pontos, a classificação era pela diferença de gols e o time com maior número de gols esperaria para jogar com o vencedor classificado pela outra chave. As disputas seguiriam a tabela: 1º jogo – time branco x time rosa, e o juiz era do time amarelo (Otávio Neto); 2º jogo – time vermelho x time amarelo, e o juiz era do time azul (Lorivaldo); 3º jogo: time azul x time roxo, e o juiz era do time vermelho (Benedito). Os campeões foram, segundo a ordem relacionada: branco e amarelo. No 3º jogo houve empate. Seguiriam competindo até que houvesse o time campeão

<sup>30</sup> Benedito está acompanhado da sobrinha Regina, filha de Maria Helena. Sua esposa, Ana, provavelmente não estivesse no recinto no momento em que a fotografia foi tirada.

do futebol.

Já as mulheres foram elencadas para os campeonatos de queimada, que aconteceram após o futebol. Os times foram montados com mães, filhas e netas. A regra era clara: cada participante queimado valia 10 pontos. Jogaram entre si: rosa x vermelho, branco x roxo e azul x amarelo.

Time azul: Flora, Virgínia Alice, Vera, Vilma e Viviana;

Time branco: Darcy, Virgínia Maria, Sandra, Rosângela e Denise;

Time amarelo: Alice, Virgínia Marta, Roseli, Ana Luíza e Sabrina;

Time rosa: Helena, Heleninha, Otávia e Gabriela;

Time roxo: Amélia, Maria Helena, Maria Laura, Maria Estela e Maria Jaqueline e

Time vermelho: Maria Helena, Regina, Carolina e Angelina.

Houve, no período da tarde, uma gincana para que as crianças — os bisnetos —, pudessem participar. A faixa etária compreendia os que tinham entre 1 a 10 anos de idade. Lembro-me de haver partidas de bets, bingo, queimada, amarelinha, esconde-esconde. Os times foram compostos dos seguintes membros:

Time azul: Luciana, Aline Wellington, David, Ana Alice e Claudinha;

Time vermelho: Angelina e Gustavo;

Time amarelo: Tatiane, Joaquin Neto, Ana Carla, Carlos Alberto, Matheus, Pedro e Eduardo;

Time branco: Fernanda, Paula, David Neto, Renata, Rafaella, Flávia, Paulo e Octávio;

Time rosa: Marina, Mariana e Gabriel e

Time roxo: Marcos Otávio.

Encerrou-se na tarde de sábado, com a Caça ao tesouro, da qual participaram Benedito e Alice, Lorivaldo e Flora, David e Darcy, José e Helena, Luiz Carlos e Maria Helena e Otávio Filho e Amélia. A família campeã da tarde de gincanas — nesta edição, a de Lorivaldo — era condecorada com um troféu, conforme Figura 78. Entretanto, não havia competição real entre os Rodrigues Ferreira. No fim, todos comemoravam e saíam ganhando.

**Figura 78** – Família campeã da Festa de Santana de 1992



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

A família Rodrigues Ferreira continuou e continua aumentando, exponencialmente. Hoje, Octavio e Verginia já seriam trisavós, pois, de acordo com a linhagem sucessória, seriam os pais dos bisavôs Rodrigues Ferreira. Os netos de Octavio e Verginia são os atuais avós da família. Os bisnetos têm gerado os tataranetos. Julgamos oportuno nomear os componentes de cada grupo familiar que estiveram presentes na Festas da Santana de 1992 e 1997, assinalando aqueles que já faleceram.

Joaquim Rodrigues Ferreira faleceu em 30 de outubro de 1979. Recentemente, em 6 de agosto de 2025, faleceu sua esposa, Alice. A Figura 79 apresenta parte da família Joaquim. Otávio Neto abraça o filho Eduardo. Roseli, sua esposa, abraça o outro filho do casal, Joaquim. Atrás de Roseli, Virgínia Marta, acompanhada do esposo, Jayme (no topo da escada), dos filhos — Sabrina, Samantha e Daniel — e dos namorados dos filhos: Rodrigo, Tatiana e “Urso”.

**Figura 79** – Família de Joaquim Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (julho de 1997)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

David Rodrigues Ferreira faleceu em 13 de março de 2014. Sua esposa, Darcy, em 23 de outubro de 2019. Foram avós de muitos netos, como podemos observar na Figura 80, que apresenta parte de sua família. Na fileira superior estão João Penha, Roberta e Renata (no colo de Denise), Paulo Curi, David Neto (no colo de José Octávio). Na fileira do meio: Patrícia, Norton, Virgínia, Paula, os patricarcas Darcy e David, Octavio (no colo de Rosângela) e Sandra. Na fileira inferior: Flávia, Rafaella (no colo da avó Darcy), Paulo (no colo do avô David) e Fernanda (ajoelhada).

**Figura 80** – Família de David Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (julho de 1997)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Maria Helena Rodrigues Toledo Barros faleceu em 1 de dezembro de 2013. Luiz Carlos, seu esposo, em 26 de abril de 1998. No colo da avó está Gustavo. Ao lado do avô, Angelina. Regina e Flávio seu esposo estão atrás, junto da filha Carolina.

**Figura 81** – Família de Maria Helena Rodrigues Toledo Barros na Festa de Santana (25 de julho de 1992)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Otávio Rodrigues Ferreira Filho faleceu em 20 de fevereiro de 1996. A filhas Maria Octávia e Maria Laura também já faleceram, a primeira em 10 de março de 1960 e a segunda em 24 de janeiro de 2025. Representados na foto, ao centro, Amélia e Otávio Filho e alguns dos filhos e netos: em pé, Henrique e Jaqueline, Andréa, Renato, Marco Aurélio (“Rato”), Maria Laura e Maria Juliana. Sentados, da esquerda para a direita, Maria Estela, Caroline, Onofre, Maria Helena, Maria Jaqueline, Homero e Marcos Octávio.

**Figura 82** – Família de Otávio Rodrigues Ferreira Filho na Festa de Santana (25 de julho de 1992)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Lorivaldo Rodrigues Ferreira faleceu em 6 de setembro de 2001. Flora, em 27 de agosto de 2024. O casal não teve filhos. Na primeira fileira da fotografia da esquerda estão Flora, Lorivaldo, José Anísio (“Zezinho”) e Kelly. Na segunda fileira, José Felício, Ana Alice, Viviana, Vera, José Felício Filho, Davi, Paulo Roberto, Vilma, Aline, Luciana, Wellington, Wellington Filho, Carlos Henrique, Natália, Virgínia Alice, Antônio e Marina. Percebemos que houve mudança na cor da camiseta desta família, de roxo para azul.

**Figura 83** – Família de Lorivaldo Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (julho de 1997 e 25 de julho de 1992)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Benedito Rodrigues Ferreira faleceu em 1º de dezembro de 2002. Na primeira imagem temos o pai “Dito” entre os filhos Fabiano (de camiseta vermelha) e Fábio. No segundo registro, o patriarca está no topo e a esposa, Ana, na sua frente. Fábio está ao lado da mãe e, na sua frente, Silvana, sua esposa, com o filho, Fernando, no colo. O bebê olha para o tio, Fabiano.

**Figura 84** – Família de Benedito Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (25 de julho de 1992 e julho de 1997)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

José Rodrigues Ferreira faleceu em 27 de março de 2016. Em seu velório, ao rezar a missa, o padre Silvio Marcos Pawak disse: “Hoje, tombou o último jequitibá dos Rodrigues Ferreira”. Ele foi o último filho de Octavio e Verginia a falecer. A primeira fotografia retrata José e Helena cercados pelas filhas Gabriela, Otávia, Helena e por José Filho. Na segunda fotografia, a família havia aumentado: Dorivaldo e Gabriela estão ao lado de Rogério, que está com Matheus em seu colo. Ao lado do esposo e do filho, Helena e a ajudante Lorena, carinhosamente chamada de “Lora”. Helena e José estão abraçados e, na sequência, os três filhos de Gabriela e Dorivaldo: Gabriel, Mariana (a pesquisadora) e Marina, irmãs gêmeas.

**Figura 85** – Família de José Rodrigues Ferreira na Festa de Santana (25 de julho de 1992 e julho de 1997)



Fonte: Arquivo pessoal da autora da tese.

Concluimos, como arcabouço das memórias relatadas, com três depoimentos que resumem o sentimento abundante no coração de todos aqueles que tiveram a alegria de participar da Festa de Santana:

Esses momentos fortaleceram o elo familiar com muito amor, carinho e amizade e de estarmos na companhia dos avós, tios e sobrinhos (RTBG).

Todos os tios são um exemplo (da árvore do vô Octavio); todos honestos, todos trabalhadores, todos conscientes de tudo o que tinha que ser feito. Eu acho que o grande legado como empresário do vô Octavio, foi a criação dos filhos e da filha, tia Maria Helena (FRF).

Nunca vi sequer uma só briga ou voz alterada nesses encontros. Eram momentos únicos onde meus avós, tios, tias, primos estavam juntos para desfrutar da companhia familiar (GRFF).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao colocar um ponto na escrita desta tese, encaramos um misto de sentimentos: a sensação de dever cumprido, por termos alcançado o nosso objetivo ao longo das linhas escritas; alegria pela oportunidade de reconstruir e recontar uma porção significativa da história de Octavio Rodrigues Ferreira, patriarca da família Rodrigues Ferreira, àqueles que participaram ativamente dos fatos relatados, e para as futuras gerações que conhecerão o legado perpetuado pela primeira linhagem por meio desta produção acadêmica; e um bocado de tristeza, por não termos conseguido apresentar todos os documentos de processo arquivados, dada a sua grande quantidade, os quais não serão descartados, abrindo-nos novos horizontes de pesquisas, que serão futuramente desenvolvidas a fim de apontarem múltiplas perspectivas de trabalho relacionadas aos campos teóricos da Crítica Genética, Epistolografia e Estilística.

O emprego da Crítica Genética nos permitiu descortinar os contextos socio-históricos e os retratos temporais apresentados por meio da análise dos documentos de processo, quando pudemos confrontar e investigar suportes e informações que favoreceram construir a narrativa dos fatos. As cartas selecionadas por meio do aporte epistolográfico, graças à disposição organizacional de membros da família Rodrigues Ferreira, comprovaram ser um rico material de análise histórica, além de um monumento de memórias que possibilitaram direcionar o olhar às circunstâncias de produção do gênero, regulando as trocas de informações entre os correspondentes, medindo seu grau de relacionamento por meio da seleção lexical, do comportamento da escrita e do trabalho com a linguagem. Pudemos verificar a condição de vida dos correspondentes, perscrutar as intimidades da vida pública e privada da família, as intenções comerciais e políticas de seu patriarca, as marcações temporais, periodicidade e regularidade das trocas.

Infelizmente, não temos arquivadas as respostas das cartas apresentadas para realizarmos comprovações ou confrontações. A ausência da continuidade do assunto não tem a intenção de significar desimportância e nem mesmo que os temas tratados não sejam os mais inusitados ou que aqui se ache uma grande revelação ou confidência. O que é contado sobre o cotidiano, sobre o ordinário, também é revelador. Era muito importante, naquela época, que toda a família, bem como os vínculos comerciais e políticos, mantivessem um canal de comunicação sempre ativo.

O conhecimento e o trabalho com a Estilística proporcionaram maior qualidade na apuração e nas análises, porque exigiram sensibilidade por parte da pesquisadora em

entender e orientar os recursos expressivos e impressivos da linguagem, de acordo com os contextos solicitados. A seleção lexical foi considerada uma das maiores contribuições do aporte estilístico, porque ricos exemplos foram extraídos dos suportes responsáveis por transmitirem emocionalmente os efeitos de sentido e a tonalidade afetiva/depreciativa que se pretendia comunicar, além do valor hierárquico, da posição social, da faixa etária e dos saberes ocupados pelos participantes do processo de comunicação, assim como o grau de proximidade entre os interlocutores, manifestando-se como uma reunião de traços linguísticos particulares. Já a Estilística sintática, por meio da aplicação de adjetivos, substantivos, verbos, advérbios, entre outros recursos linguísticos, de forma direta ou inversa nas frases, permitiu romper limites estruturais e apresentar cargas afetivas ou pejorativas nas mensagens das correspondências e periódicos analisados.

Coube ao percurso metodológico proporcionar os encontros e reencontros experienciados durante a construção desta tese: revisitamos a casa da Fazenda Santana para ativar nossas memórias afetivas e buscar entre os guardados os tesouros recolhidos para a composição desta produção. Todo o espaço físico guarda em si capítulos marcantes de nossa infância/adolescência, como uma espécie de transmissão de experiências que nossos pais fizeram questão que provássemos.

A análise das cartas revelou vários indícios da linguagem dos remetentes. Na primeira correspondência escrita por Octavio (Figura 9), por exemplo, pudemos notar que recursos sintáticos como o emprego de uma oração adversativa — “so que esta aqui sem voce não presta [...]” — conseguem revelar o romantismo que envolvia o casal, separados por uma viagem de Verginia, o que é corroborado pelo emprego de uma hipérbole, quando o marido anuncia que irá buscar a esposa na cidade de Ourinhos, “nem que chova canivete”. Já o emprego do modo imperativo reforça a postura metódica do chefe da família ao dar uma ordem ao filho para que fizesse um pagamento: “tire [o dinheiro] no Banco Italo Brasileiro, pague o Mariano não esqueça da caza Armando.”

Da mesma forma, a correspondência (Figura 14) que comunicava o desligamento do filho de Octavio do Ginásio Diocesano e Escola Técnica de Comércio “Nossa Senhora de Lourdes”, por comportamento incompatível com as regras da instituição, traz em seu texto o substantivo “contingência”, escolha lexical adequada ao padrão discursivo da época, pois um aluno ausentar-se da escola, sem permissão, era algo impensável e inaceitável para um internato que exigia dos estudantes o cumprimento dos seus rígidos estatutos.

Já o Quadro 3 faz um levantamento dos artifícios retóricos fundamentados nas

escolhas lexicais e metáforas colocadas em confronto nos discursos proferidos pelo Professor Pascoal Maimoni Jr. e Dr. Fontes Noronha. Percebe-se que as escolhas lexicais referentes ao candidato Eduardo Gomes envolvem termos positivos e valorativos, como por exemplo em “candidato cristão, ponderado, honesto e brioso”, enquanto as alusivas a Getúlio Vargas carregam uma expressiva carga negativa, como se pode perceber nos termos “supressão de liberdade”, “ditadura”, “comodidade e malícia”. Da mesma forma, as metáforas relacionadas a Eduardo Gomes adicionam cor e impacto positivo à linguagem, uma vez que o candidato representava “um pleito vivo de idéas a desenvolver”, assim como “nesta crise de pigmeus ainda nos restam gigantes”. Por outro lado, as metáforas construídas para identificar Getúlio Vargas estabelecem conexões desfavoráveis à figura do político como em “ventre abominável da Ditadura”. A metáfora é uma poderosa aliada dos discursos políticos, pois gera uma forte vinculação com os ouvintes, criando imagens mentais vigorosas e evocativas para transmitir uma ideia.

Reconectamo-nos à segunda geração dos membros da família Rodrigues Ferreira, netos de Octavio e Verginia, que foram solícitos em cada contato e dúvida que surgiram ao longo da escrita, responsáveis por terem nos concedido os depoimentos orais ou escritos — em alguns momentos informativos, em outros, emocionados — que sustentaram e respaldaram os três perfis biográficos de Octavio Rodrigues Ferreira. Conhecemos novos vínculos que participaram na história da família e que foram fundamentais para comprovar os dados que basearam nossas análises.

Selecionamos o trecho da narrativa de FRF para comprovarmos, pela ótica dos netos, qual foi o legado deixado por Octavio Rodrigues Ferreira:

O meu vô também era muito positivo. Eu acho que uma das qualidades do vô Octavio, pelo que meu pai falava para mim, era o otimismo e acreditar no que ele estava fazendo. Ele acreditava e pregava o chumbo. Eu olho muito isso nas minhas coisas; se eu acredito numa coisa, tento fazer o máximo possível para dar certo e acho que não tem outra posição, não. Outra coisa também, o vô como empresário. Na realidade, ele foi o grande empresário da família dele. Ele soube manter a família junto até o dia da sua morte. O grande trunfo, a grande conquista dele, foi isso daí. Não tinha batuque, não. Família ficou junta, os filhos juntos até o final. Família de sete irmãos, todos os irmãos se falaram, todos os netos se falaram, todo mundo... nunca teve briga, racha. As divisões das propriedades sempre foram feitas na lisura e sem discussão, com o aceite de todos. Esse é um outro capítulo aí que um dia a gente até podia conversar.

Octavio Rodrigues Ferreira não foi apenas comerciante, político ou amigo e chefe de família. Representa o símbolo de uma geração de pioneiros que tem a memória entrelaçada à história de Cambará e de outras famílias que se ligaram afetivamente à sua.

Sua trajetória revelou a preservação de ideais coletivos, valores e virtudes que foram transmitidos aos filhos e aos filhos de seus filhos. O patriarca da família Rodrigues Ferreira soube agregar tradição ao pensamento visionário, sem deixar de lado sensibilidade, disciplina, afeto e as responsabilidades que lhe foram confiadas. Seu legado ultrapassa a vida privada, uma vez que atingiu a cidade de Cambará, sua vida política e os relacionamentos familiares, mantendo-se vivo e sendo lembrado ao longo das décadas.

Esperamos que esta tese contribua para os estudos genéticos, espistolográficos e estilísticos, no tocante à análise das correspondências mercantis, políticas e familiares, buscando verificar no *corpus* constituído as marcas dos correspondentes, bem como averiguar os recursos e elementos estilísticos empregados para conferir ao produto riqueza e significação. Nossa intenção é que esta produção sirva como um instrumento que (re) conte a história de Cambará e a influência que a família Rodrigues Ferreira exerceu e ainda exerce para o seu desenvolvimento. Pretendemos que as linhas aqui escritas despertem o interesse não apenas dos apreciadores do gênero textual aqui abordado, como também dos analistas e estudiosos da linguagem e da comunidade acadêmica, que poderão reconectar suas próprias memórias e interpretar a relevância deste resgate para os estudos linguísticos e históricos.

Tendo em vista o aqui exposto, fica claro o porquê de termos escolhido este objeto de análise. O trabalho, em sua fase inicial, já havia se tornado significativo para a família Rodrigues Ferreira que vislumbrou, nele, a possibilidade de resgatar a história de seu patriarca. Ao chegarmos ao final da trajetória, pudemos constatar o interesse de todos por este resgate, pois houve uma participação efetiva dos familiares que foram convidados a prestar depoimentos, fornecendo informações valiosas para a escritura dessa tese.

Para a cidade de Cambará, esse trabalho será um instrumento para fortalecer a identidade local, ajudando as pessoas a se conectarem com sua história, preservando a memória pela documentação do passado. Conhecer a história da cidade e como ela se tornou o que é hoje, faz com que seus moradores se sintam parte de um processo constitutivo e histórico. Registros como esse permitem mostrar que as cidades podem ser diferentes, estimulando a imaginação e a participação da comunidade para que as mudanças aconteçam. Ao retratar a realidade dos fatos, os registros podem provocar reflexões sobre a vida atual, ressignificar o espaço urbano, incentivando a interação e a conscientização sobre a importância de se valorizar e, sobretudo, amar, o lugar que escolhemos para viver.

Esperamos que essa pesquisa possa abrir portas inspirando outros pesquisadores a seguirem esse caminho. Resgatar a história das cidades e de seus desbravadores é fundamental para a construção da identidade coletiva e individual. Conhecer as origens, tradições e o processo de formação das cidades ajuda a população a entender quem são e de onde vieram, fortalecendo os laços comunitários. A história local também permite que os cidadãos compreendam a sua realidade de forma mais profunda, desenvolvendo uma consciência crítica e reflexiva sobre o passado e o presente, o que é essencial para construir o futuro.

Concluimos esta tese nos apropriando da citação de Ostrower (1987, p. 72), que resume o sentimento de nossa entrega:

No processo de trabalho, entre a abertura e o fechamento da obra, o indivíduo se determinou e veio a reconhecer-se. E, se no caminho muitas vezes foi acompanhado de ansiedades, de impaciências e de conflitos interiores que pareciam nunca mais querer resolver-se, vivenciar esse momento de determinação é viver um momento de profunda felicidade.

## REFERÊNCIAS

ABASTARDAR. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/abastardar/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

A CONVENÇÃO udenista – Relação dos convencionais – Íntegra do discurso proferido pelo dr. Ruy F. Itiberê da Cunha, na Convenção da UDN de 1º-9-46. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 264, p. 5, 4 set. 1946. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2120>. Acesso em: 18 mai. 2025.

AMADEI, Vilma L. R. F. **Morte de Joaquim e Pedro**. Ourinhos, 3 out. 2024. Áudio (WhatsApp).

ANIVERSÁRIOS. **Cidade de Cambará**, Cambará, ano III, n. 20, p. 4, 15 nov. 1952.

ANÚNCIO publicitário sobre Benigno Bittencourt Moraes. **Cambará Jornal**, Cambará, ano II, n. 81, p. 1, 4 jun. 1944.

ANÚNCIO publicitário sobre Benigno Bittencourt Moraes. **Cambará Jornal**, Cambará, ano III, n. 142, p. 4, 19 ago. 1945.

ANÚNCIO publicitário sobre Benigno Bittencourt Moraes. **Cambará Jornal**, Cambará, ano III, n. 151, p. 4, 21 out. 1945.

ANÚNCIOS publicitários. **Cidade de Cambará**, Cambará, ano II, n. 28, p. 3, 20 ago. 1950.

A POSSE do Prefeito e da Camara Municipal. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano III, n. 641, p. 5, 9 dez. 1947. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5071>. Acesso em: 27 mai. 2025.

ARQUIVO NACIONAL. **Deputado (PR) Newton Isaac da Silva Carneiro**. 1957. 1 fotografia.

ASCESE. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ascese/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

ASSINALANDO um roteiro de viagem com marcos perenes de realizações. **O Dia**, Curitiba, ano XXV, n. 7967, 18 nov. 1948. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=64589>. Acesso em: 27 mai. 2025.

BACELAR, José A. O Norte se interessa menos por política que por estradas. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 568, p. 5, 20 set. 1947. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=4571>. Acesso em: 26 mai. 2025.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. 3. ed. Paris; Genebra: Klincksieck; Gerog & Cie., 1951.

BARTHELMESS, Arthur. Sessão solene comemorativa do 1º aniversário da promulgação da Constituição Federal. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 567, p. 4, 19 set. 1947. Seção O que se passa na Assembleia. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4562>. Acesso em: 19 mai. 2025.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENEVIDES, Maria Vitória. União Democrática Nacional (UDN). **Atlas Histórico do Brasil**, São Paulo, c2023. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/7796>. Acesso em: 6 out. 2025.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge**. Garden City: Doubleday, 1966.

BÍBLIA. **Bíblia King James atualizada**. São Paulo: Abba Press e SBIA, 2012.

BRASIL. **Acordo ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação das Edições Técnicas, 2014. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508145/000997415.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2023.

BRIDGERTON [Seriado]. Direção de Chris Van Dunsen. Produção de Betsy Beers, Shonda Rhimes e Chris Van Dusen. Estados Unidos: Shonda Rhimes. 2020. Episódios em plataforma de streaming online [Netflix] (57-72 minutos/episódio), son., color.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Princípios de linguística geral**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1978.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Dicionário de linguística e gramática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1992.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Contribuições à estilística da língua portuguesa**. 24. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

CAMBARÁ (PR). Ata de instalação do município de Cambará e prefeitos que atuaram em nosso município. **Câmara Municipal de Cambará/PR: Poder Legislativo**, Cambará, 21 set. 1924.

CAMBARÁ – Prefeitura Municipal. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano XCV, n. 23.398, p. 10, 31 out. 1948. Seção Notícias do Interior. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=39799](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=39799). Acesso em: 27 mai. 2025.

CANCIAN, Nadir A. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

CANDIDATOS a prefeito apoiados pela União Democrática Nacional. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 580, p. 5, 4 out. 1947. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=4661>. Acesso em: 26 mai. 2025.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHO, Paulo César de. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero carta de amor**. 2005. 265f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA. Sabia que... . Lisboa, 24 ago. 2025. Facebook: **CAL Centro de Arqueologia de Lisboa**. Disponível em: <https://www.facebook.com/arqueologiadelisboa/posts/sabia-que%EF%B8%8F-no-dia-22-de-agosto-de-1422-o-rei-de-portugal-d-jo%C3%A3o-i-determina-atra/1285621746687299/>. Acesso em: 23 set. 2025.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Francisco de Paula Soares Neto. In: CPDOC/FGV. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. c2009. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-paula-soares-neto>. Acesso em: 6 out. 2025.

CHAPELAIN, Jean. **[Correspondência]**. [S.l.], 19 fev. 1653. 1 carta.

CHARTIER, Roger. Avant-propos. In: CHARTIER, Roger (org.). **La correspondance**. Paris: Fayard, 1991. p. 9 e 12.

CONGRESSO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 15., 2012, São Gonçalo. **Anais [...]**. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores/UERJ. Disponível em: [https://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338433133\\_ARQUIVO\\_texto2012.pdf](https://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338433133_ARQUIVO_texto2012.pdf). Acesso em: 29 set. 2025.

CONSTABLE, Giles. **Letters and letters collection**. Turnhout: Brepols Publishers NV, 1976.

CRESCENDO e evoluindo desde 1663. **Correios**, c2025. Disponível em: <https://www.correios.com.br/correios360/linha-do-tempo>. Acesso em: 5 out. 2025.

DAUPHIN, Céline; LEBRUN-PEZERAT, Pierrette; POUBLAN, Danièle. Une correspondance familiale au XIXe siècle. In: BOSSIS, Mireille(Dir.). **La lettre à la croisée l'individuel et du social**. Paris: Kimé, 1994.

DÉMARCHE. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo:

Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/d%C3%A9marche/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. **The SAGE handbook of qualitative research**. Nova Iorque: Sage Publications, 2018.

DIAS, Carlos Magno C. Dono do Cristo Rei gerou patrimônio histórico e cultural. **Federação Nacional dos Engenheiros – FNE**, Brasília, 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.fne.org.br/index.php/artigos/6846-artigo-dono-do-cristo-rei-gerou-patrimonio-historico-e-cultural>. Acesso em: 6 out. 2025.

DIAS, Sônia. Gomes, Eduardo. **Atlas histórico do Brasil**, São Paulo, c2023. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/2353>. Acesso em: 6 out. 2025.

DIAZ, José-Luis. Quelle génétique pour les correspondances? **Revista Genesis (Manuscripts-Recherche-Invention)**, n. 13, 1999, p. 11-31. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/item\\_1167-5101\\_1999\\_num\\_13\\_1\\_1115](https://www.persee.fr/doc/item_1167-5101_1999_num_13_1_1115). Acesso em: 26 jan. 2025.

FERREIRA, Octavio Rodrigues. Os discursos. **Cambará Jornal**, Cambará, ano 3, n. 142, p. 2, 19 ago. 1945.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: XXV Encontro anual da ANPOCS, 2001, Caxambu. **Seminários temáticos[...]**. Caxambu: ANPOCS, 2001, p. 2-20. Disponível em: <https://silo.tips/download/correspondencia-familiar-e-rede-de-sociabilidade>. Acesso em: 24 mai. 2023.

FICHA semanal de caixa. **Cidade de Cambará**, Cambará, ano II, n. 28, p. 3, 20 ago. 1950.

FLAUBERT. **[Correspondência]**. Destinatário: Louise Colet. [S.l.], 22 jul. 1852. 1 carta.

FOI cortada a verba destinada à Santa Casa de Cambará. **Cidade de Cambará**, Cambará, ano III, n. 34, p. 1-2, 21 fev. 1953.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: selected essays**. USA: Basic Books, Inc., Publishers, 1973.

GOMES, Ângela de Castro. **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

GRANDE quermesse. **Cambará Jornal**, Cambará, ano II, n. 81, p. 4, 4 jun. 1944.

GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. Tradução de Miguel Maillet. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HENRIQUES, Claudio C. Estilística em foco. In: HENRIQUES, Claudio C. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre o texto e expressividade. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. (Coleção Português na Prática).

INAUGURAR-SE-Á no próximo dia 7 de setembro, a Casa de Misericórdia de Cambará. **Cambará Jornal**, Cambará, ano I, n. 44, p. 1 e 4, 5 set. 1943.

INTEMERATO. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intemerato/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

JÁ ouviu falar dos grãos filipi? **Café Point**, São Paulo, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cafepoint.com.br/noticias/giro-de-noticias/ja-ouviu-falar-dos-graos-filipe-220103/>. Acesso em: 23 mai. 2023.

JUNDIAÍ do Sul, cidade sede da família imperial. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 set. 2013. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/norte-pioneiro/jundiai-do-sul-cidade-sede-da-familia-imperial-854748.html?d=1>. Acesso em: 6 out. 2025.

JUNIOR, Pascoal Maimoni. Os discursos. **Cambará Jornal**, Cambará, ano 3, n. 142, p. 2, 19 ago. 1945.

JUSTA homenagem. **Cidade de Cambará**. Cambará, ano I, n. 41, p. 1, 20 nov. 1949.

JUVENCIO, Josepho. **Candidatus rhetoricae**. Lyon, 1720. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=xbtY0Uz3mKgC&pg=PP5&hl=ptBR&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=xbtY0Uz3mKgC&pg=PP5&hl=ptBR&source=gbs_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 5 out. 2025.

KRISTEVA, Julia. **Revolução na linguagem poética**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LA FÉVRERIE. Du style épistolaire. **Extraordinaire du mercure galant**, Paris, jul./1683.

LAPA, Manuel R. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LERICHE, Fraçoise; PAGÈS, Alain. Avant-Propos. In: LERICHE, Fraçoise; PAGÈS, Alain (org.). **Genèse & correspondances**. Paris: ITEM; EAC; 2012.

LÍDIMO. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/l%C3%ADdimo/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

LIMA, Cassio. Lances históricos do legislativo municipal. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 340, 19 mai. 1956. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=10669>. Acesso em: 26 jun. 2025.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKI, Carla B.; LUCA, Tania R. de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195-221.

MARMITEIRO. Intérprete: Murilo Caldas. Compositor: V. Lobo. In: MEMORIAL da Democracia. Intérprete: Murilo Caldas. [S.l.]: Memorial da Democracia, 1946. Disponível em:

[https://memorialdademocracia.com.br/ajax\\_audio\\_extra\\_item/1242](https://memorialdademocracia.com.br/ajax_audio_extra_item/1242). Acesso em: 26 jun. 2025.

MARTÍN, José Luis. **Crítica estilística**. Madrid: Gredos, 1973.

MARTINS, José de Souza. **A formação do estado moderno no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 1976.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

MAURIAC, François. **La vie de Jean Racine**. :Librairie Académique Perrin, 1999. Versão original 1928.

MÉLO, Hermínio. Os discursos. **Cambará Jornal**, Cambará, ano 3, n. 142, p. 2, 19 ago. 1945.

MELO, Gladstone C. de. **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976, p. 15-24.

MELO, Gladstone C. De. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. 1. ed. Curitiba: Editora Ao Livro Técnico, 1981.

MEMORIAL da Democracia. UDN lança Eduardo Gomes à presidência. **Memorial da Democracia**, c2017a. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/udn-lanca-obrigadeiro-bonito-e-solteiro>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MEMORIAL da Democracia. Sob a mira de canhões, Getúlio renuncia. **Memorial da Democracia**, c2017b. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/um-golpe-que-foi-uma-acao-de-despejo>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MENDES, Moema R. B. A importância dos arquivos para a Crítica Genética: um pouco de história e de manuscritos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LETRAS E ARTES, 5., 2011, Campos dos Goytacazes. **Anais [...]**. Campos dos Goytacazes: IFF, 2011. p. 1-10. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/2032/1188>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MIRANDA, Tiago C. P. dos R. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádía B (orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

MONTEIRO, José L. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MORAES, Marcos Antônio de. Epistolografia e Crítica Genética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n.1, p. 30-32, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

MORAES, Leiva C. **Entrevista oral** [mar. 2023]. Entrevistadora: M. Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode. Curitiba, 2023. 3 arquivos .mp4.

NEMETH, Otavia R. F. **Memórias sobre a Festa de Santana**. Curitiba, 2 ago. 2025. (WhatsApp).

NESTLÉ. Conheça nossa história. Nestlé, c2020. Disponível em: <https://www.nestle.com.br/anestle/historia>. Acesso em: 27 mai. 2025.

NORONHA, Fontes. Os discursos – Brinde de honra ao Brigadeiro Eduardo Gomes . **Cambará Jornal**, Cambará, ano 3, n. 142, p. 2, 19 ago. 1945.

NOSOCÔMIO. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/nosoc%C3%B4mio/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

O BANQUETE ao snr. Otavio Rodrigues Ferreira. **Cambará Jornal**, Cambará, ano III, n. 142, p. 1-4, 19 ago. 1945.

O CANDIDATO da U. D. N. ao cargo de prefeito municipal de Cambará. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 548, p. 3, 28 ago. 1947. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/171433/per171433\\_1947\\_00548.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/171433/per171433_1947_00548.pdf). Acesso em: 27 mai. 2025.

O DIRETORIO Udenista de Cambará. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 357, p. 5, 3 jan. 1947. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2905>. Acesso em: 18 mai. 2025.

OLIVEIRA, Semí C. de. A economia cafeeira no Paraná até a década de 1970. **Vitrine da Conjuntura**, Curitiba, v. 2, n. 4, jun./2009. Disponível em: <https://fae.edu/galeria/getImage/1/732272351242267.pdf>. Acesso em: 5 out. 2025.

OLIVEIRA, Carmelita F. Discurso sobre a história e as realizações das irmãs da congregação. In: FRANCISQUINI, Carlos Roberto. Há 70 anos quatro jovens religiosas davam início a construção do Colégio Nossa Senhora das Graças de Cambará. **Jornal Circulando**, Cambará, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://www.circulandoaqui.com.br/noticia/27331/ha-70-anos-quatro-imas-dava-inicio-a-construcao-do-colegio-nossa-senhora-das-gracas-de-cambara>. Acesso em: 11 fev. 2025.

OLIVEIRA, Virginia Alice C. F. de. **Tuberculose da avó Verginia**. Curitiba, 30 jan. 2025. Áudio (WhatsApp).

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

OTAVIANO, Francisco. Ilusões da vida. **Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, c2025. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/francisco-otaviano/textos-escolhidos>. Acesso em: 6 out. 2025.

PAGÈS, Alain. Correspondances & Genèses. In: GRÉSILLON, Almuth; WERNER, Michael. **Leçons d'écriture: ce que disent les manuscrits**. Paris: Lettres Modernes, 1985.

PANICHI, Edina R. P. **Processos de construção de formas na criação**: o projeto poético de

Pedro Nava. Londrina: EDUEL, 2016.

PASSOS, Marie-Hélène P. Entre vida real e criação: a correspondência como reservatório da ficção. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 190-194, 2014.

PELLEGRINI, Domingos. **O hoteleiro brasileiro Alceu Vezozzo**. 1. ed. Londrina: Edição do autor, 2022.

PERROT, Michelle. A vida em família. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (org.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.4, p. 187.

PILLOTO, Osvaldo. O Estado já teve seis Diários do Paraná. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano I, n. 1, p. 44, 29 mar. 1955. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&pagfis=5227>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu; ABRAHÃO, Maria Helena (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. p. 41-59.

PINTO, Mário A.; RIBEIRO, José G. Otávio Rodrigues Ferreira – um dos grandes pioneiros e desbravadores de Cambará. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 16-17, 27 set. 1973. Suplemento Especial.

POUBLAN, Danièle. Des lettres parisiennes au milieu du XIX<sup>e</sup> siècle. In: CHARTIER, Roger (org.). **La correspondance**. Paris: Fayard, 1991.

PREFEITURA de Cambará. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano V, n. 1321, p. 3, 8 ago. 1959. Seção Poli-notas. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pasta=ano%20195&pesq=8%20de%20agosto%20de%201959&pagfis=28329>. Acesso em: 26 mai. 2025.

PUGAS, Alba L. (org.). **De Alambari a Cambará: um resgate histórico**. Ed. Iara Artes Gráficas LTDA: Cambará, 2002.

ROQUETTE, José Inácio. **Código do bom-tom: ou regras de civilidade e bem viver no século XIX**. Organização de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SÁFARO. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/s%C3%A1faro%20/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.

SALLES, Cecília A. **Crítica genética: uma (nova) introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

SANTOS, Caroline N. N. dos Santos; FERREIRA, José Luiz; BATISTA, Ray M. de M. Cartas: registros de amizade e vida intelectual. In: ARAÚJO, Humberto H. de. (Org.). **Cartas de escritores: vida literária em epistolografia “modernista”**. Natal: EDUFRN, 2019, p. 88-110.

SHIMAKAWA, Plínio. Otávio Rodrigues Ferreira – um dos grandes pioneiros e desbravadores de Cambará. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 16-17, 27 set. 1973. Suplemento Especial.

SILVA, Brenda. Preço da liberdade é a eterna vigilância, diz Sarney sobre redemocratização. **CNN Brasil**, Brasília, 13 mar. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/preco-da-liberdade-e-a-eterna-vigilancia-diz-sarney-sobre-redemocratizacao/>. Acesso em: 24 set. 2025.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. **Lenguaje y contexto**. Tradução de Carla Solar. Barcelona: Grijalbo, 1970.

SPITZER, Leo. **Études de style**. Paris: Gallimard, 2011.

TELEGRAMAS. **Cidade de Cambará**, Cambará, ano II, n. 28, p. 2, 20 ago. 1950.

TÔMBOLA. In: **MICHAELIS – Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., c2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/t%C3%B4mbola/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

TOZONI-REIS, Marília F. C. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ. **Resultado de eleições municipais TRE-PR**. TRE-PR, Curitiba, 16 nov. 1947. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 6 out. 2025.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ. **Relação dos candidatos eleitos a senador, suplente de senador, deputados federais e deputados estaduais, nas eleições de 3 de outubro de 1954**. TRE-PR, Curitiba, 3 out. 1954. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 6 out. 2025.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ. **Resultado de eleições municipais TRE-PR**. TRE-PR, Curitiba, 4 out. 1959. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 6 out. 2025.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ. **Eleições anteriores**. TRE-PR, Curitiba, c2025. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/eleicoes-ant anteriores/eleicoes-ant anteriores?tab=ancora-3>. Acesso em: 6 out. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Há 80 anos mulheres conquistaram o direito de votar e ser votadas**. TSE. Brasília/DF, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2013/Marco/ha-80-anos-mulheres-conquistaram-o-direito-de-votar-e-ser-votadas>. Acesso em: 3 out. 2025.

TUNGUE. **Biodieselbr**. Curitiba, 9 nov. 2011. Disponível em: <https://www.biodieselbr.com/plantas/tungue/tungue>. Acesso em: 8 out. 2025.

UNIÃO Democrática Nacional – Reunião da Comissão Executiva. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 536, p. 3, 12 ago. 1947. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&pesq=%22Otavio%20R>

odrigues%20Ferreira%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4313. Acesso em: 18 mai. 2025.

UNIAO Democratica Nacional – Prefeitos eleitos pela U. D. N. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano III, n. 617, p. 5, 21 nov. 1947. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=4967>. Acesso em: 26 mai. 2025.

VARGA, Aron K. **Rhétorique et littérature**. Paris: Didier, 1970.

VARGAS, Getulio. [Carta]. Destinatário:Brasileiros. São Borja, 25 nov. 1945. 1 carta.

VENCENDO em Cambará, e ganhando terreno em Sertanópolis. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano III, n. 622, p. 5, 27 nov. 1947. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171433&Pesq=%22Otavio%20Rodrigues%20Ferreira%22&pagfis=5003>. Acesso em: 4 abr. 2025.

WEBER, Max. **The methodology of the social sciences**. Tradução de Edward A Shils e Henry A. Finch. Illinois: The Free Press of Glengloe, 1949.

**ANEXOS**

## ANEXO A

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Leiva Castro Moraes

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

[Redacted]

meio deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese antes a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

Curitiba, 14 de abril de 2023

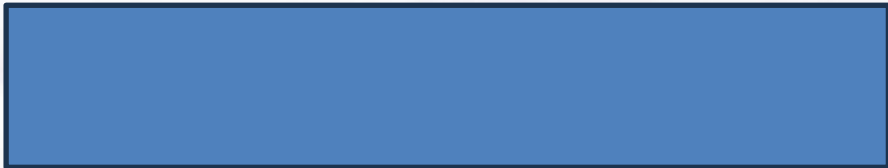
[Redacted]

Entrevistado(a): [Redacted]

## ANEXO B

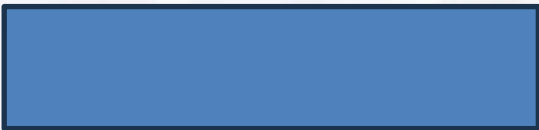
TCLE – Regina Toledo Barros Gaspar

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



por meio deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

Cunha de 4/2 de 2025



## ANEXO C

TCLE – Vilma Lúcia Rodrigues Ferreira Amadei

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **Vilma Lúcia Rodrigues Ferreira Amadei**, brasileira, **casada**, portadora do [REDACTED] residente e domiciliada à [REDACTED] termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

Ourinhos 04, de fevereiro de 2025

[REDACTED]


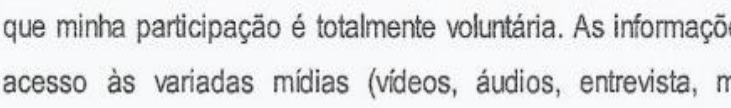
---

Entrevistado(a):

## ANEXO D

TCLE – Otávio Rodrigues Ferreira Neto

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, OTÁVIO RODRIGUES FERREIRA NETO, brasileiro, portadora do RG n.  residente e domiciliada  no deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

BAURU, 10, de fevereiro de 2025



## ANEXO E

TCLE – Virginia Alice C. R. Fernades de Oliveira

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, VIRGINIA ALICE CARVALHO RODRIGUES FERNANDES DE OLIVEIRA,

– Pr., por meio deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

Curitiba, 11 de fevereiro de 2025

## ANEXO F

TCLE – Carlos Alberto Rodrigues Ferreira

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

[REDACTED]

por meio deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

Tucumã 14 de Junho de 2025


[REDACTED]

Entr

## ANEXO G

TCLE – José Octávio Haggi Rodrigues Ferreira

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



por meio deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

19, de fevereiro de 2025



## ANEXO H

TCLE – Maria Helena Sales Rodrigues Maia

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

[Redacted]

por meio deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

20, de 02 de 2025

[Redacted]

Entrevistado(a):

## ANEXO I

## TCLE – Fábio Rodrigues Ferreira

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **FABIO RODRIGUES FERREIRA**, brasileiro, Engenheiro Agrônomo, portador do [REDACTED] residente e domiciliada à [REDACTED] deste termo, declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.


21, de fevereiro de 2025

[REDACTED]

## ANEXO J

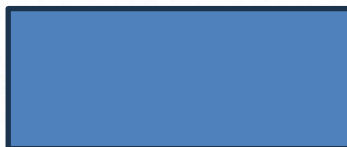
TCLE – Gabriela Rodrigues Ferreira Fantinelli

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



declaro que minha participação é totalmente voluntária. As informações cedidas por meio de acesso às variadas mídias (vídeos, áudios, entrevista, manuscritos, diários de anotações, fotos, dentre outros) bem como todo e qualquer material no qual se verifique a assinatura pessoal poderão ser utilizados para o bom e fiel cumprimento das atribuições acadêmicas da autora, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode, assim como para a confecção de artigos decorrentes da pesquisa. Também me declaro ciente que todos os dados pessoais e materiais serão tratados com sigilo e confidencialidade, até o momento das publicações. Esta autorização não concede à autorizada a posse ou propriedade de quaisquer obras acima delimitadas, apenas concede o direito à reprodução pelos meios que se fizerem necessários dentro da pesquisa. Igualmente, me declaro informado de que terei livre acesso ao conteúdo dos artigos e da tese, a qualquer tempo, bem como serei informado previamente sobre as publicações.

21 de fev. de 2025



---

## ANEXO K

Transcrição da entrevista com Leiva Castro Moraes (LCM), realizada em 14 de abril de 2023

**Conte-me sobre a sua família e, principalmente, sobre a figura do senhor Benigno Bittencour Moraes (profissional, pai, esposo, amigo).**

LCM – Só que eu não me lembro direito a cidade que era. Eu acho que era interior de São Paulo, não sei qual era a cidade. Eu sei dizer que acho que foi lá o primeiro encontro deles. Depois o seu Octavio foi pra Cambará e o papai ficou ainda um tempo lá ou vice versa... minha cabeça já tá meia (sic) falhando... Ou o papai foi antes pra Cambará e depois foi o seu Octavio.

**Estamos falando de que ano? A senhora se lembra?**

LCM – Ah, meu bem... não sei, é muito antigo isso. Papai era recém-casado provavelmente, eu não faço a mínima, não me lembro, sinceramente. Eu sei dizer que era uma cidade do interior do Paraná, qual será? A Maria Helena é capaz que saiba qual era o nome desta cidade. Eu sei te dizer que os dois se conheceram lá<sup>31</sup>. Depois um deles foi para Cambará e o outro ficou. Mais tarde, por coincidência, o outro foi, e parece que foi o seu Octavio que foi o segundo, se não me engano. E foi interessante que quando o papai chegou nessa primeira cidade<sup>32</sup>, um recebeu o outro. Eles eram portugueses, meus avós eram portugueses; então, sempre tinha uma relação. Eles se conheceram, assim, não sei como, mas se conheceram. Então aquele que chegou pela segunda vez foi acolhido pelo primeiro. Meu bem, meu bem... 94 anos, quase 95...

Quando eles se reencontraram em Cambará, o outro foi que acolheu. Foi muito legal!

Agora, o meu pai e minha mãe, não dá nem pra falar.... (se emociona) Maravilha, maravilha... Muita emoção, muita emoção... Pais maravilhosos! Pode ter igual, mas superior não tem não, viu. Porque foram muito carinho, dedicação. O papai parece que era tratado pelos funcionários dele “Pai dos Pretos”, me parece. Papai se dava com todo mundo, sempre acolheu muito bem, então...

**Ele era um bom amigo?**

LCM – Maravilhoso.

---

<sup>31</sup> Dona Leiva confunde Paraná com São Paulo. Maria Helena é a falecida filha de Octávio e Verginia, anos antes desta entrevista acontecer. Provavelmente estivesse se referindo a Regina, filha de Maria Helena, responsável por passar o contato de Dona Leiva à pesquisadora.

<sup>32</sup> Ao consultar outras fontes, é possível entender que estava se referindo à Itápolis, município do interior de São Paulo.

**Um ótimo pai?**

LCM – Um ótimo pai, trabalhador. Teve um revés na vida, coitado! Passou um bocado bem difícil, mas todo mundo junto, todo mundo unido.

**A senhora nasceu em Cambará?**

LCM – Não, eu nasci em Ourinhos. O papai, antes de ir para Cambará, ele foi para Ourinhos. Eu sou paulista. Eu fui pra Cambará, eu era nenezinha ainda. Tanto que de Ourinhos eu nem me lembro, só o nascimento mesmo. Porque antes de eu ter nascido, nasceu um irmãozinho meu nasceu um irmãozinho meu que faleceu lá em Ourinhos. E isso foi até uma vez nós fomos até para a fazenda da Dona Verginia, o seu Octavio era falecido. E a mamãe queria ver a campa do meu irmãozinho, sabe, porque ela ficava muitos anos. Então nós até ficamos lá na fazenda com a dona Verginia, ela era um amor de pessoa, meu Deus do céu. E a campa dele ficava assim, deve ficar ainda, perto do cruzeiro, era uma campa e tinha um anjinho em cima, sabe, e uma tampa de granito, qualquer coisa assim, não me lembro bem, mas era assim altinha, pequenininha e quando nós fomos lá, embaixo estava cheio de velas. Eu acho que o pessoal pedia as coisas para ele e viam que era um anjinho.

**Ele era pequenininho, Dona Leiva?**

LCM – Ele faleceu com meses.

**A senhora sabe o motivo?**

LCM – Nem se sabe o motivo, porque ele estava na cama e, de repente, quando a mamãe foi lá ele tinha falecido. Não sabe se foi a poeira que entrava pela janela que sufocou [...] Foi uma loucura. Encontrar ele ou falecido ou quase falecido [...]. Tentaram ressuscitar, tentaram fazer tudo e não conseguiram, mas acho que ele foi sufocado ou então o leite também [...] ficou meio no ar. Não faziam autópsia para ver o que era [...]. Primeiro filho. A inexperiência.

**Seus pais eram novos quando tiveram ele?**

LCM – Novos, eram novos. Foi um golpe. Nossa Senhora! As minhas outras tias, irmãs da mamãe, foram para lá para dar um apoio, entende? Eu não sei nem se foi isso que fez com que o papai fosse para Cambará, não sei.

**A senhora morava ao lado do Clube Guairacá?**

LCM – Não sei se nessa época, mas a gente morou um tempo ao lado do Guairacá, depois é

que nós mudamos, mas era grudado ao Guairacá. Naquela época diziam que o Guairacá era da UDN e o outro clube que tinha lá, que fizeram depois, eu não me lembro como é que chama, era do outro partido. Tinha essa rivalidade.

**Como era a vida de vocês lá em Cambará, Dona Leiva? A senhora tinha bastante amizade com o pessoal? Participava bastante de eventos sociais?**

LCM – Ah, tinha! A gente só passava as férias.

**Qual era o grau de amizade estabelecido entre o senhor Benigno e o senhor Octavio Rodrigues Ferreira? Percebo, em uma carta, o tratamento por compadre, comadre. Vocês iam à Fazenda do Vô Octavio nas férias?**

LCM – Muito! Tem um negócio da fazenda que é muito interessante. A gente era garota ainda e naquele tempo secava o café ali no terreiro de cimento. Éramos bem crianças ainda nesta época. Acontecia o seguinte: quem achasse o “filipe”, que eram dois grãos secos de café grudadinhos, ganhava um presente. Então a criançada toda ficava não sei quanto tempo procurando. A gente [sic] acho que ganhava bala ou moedinha, ganhava alguma coisa. Toda a criançada ficava quase que a tarde inteira catando os “filipes”. Eu não me lembro quem é que dava pra gente o presente, mas acho que devia ser o Seu Octavio.

**O Vô Octavio e o seu pai se pareciam em alguma coisa? No jeito, no jeito de falar, na postura?**

LCM – Eu acho que sim. Eles se davam tanto, eram tão amigos, eram tão queridos. O seu Octavio era tudo para o papai, e eu acho que vice-versa. A última vez que eu me lembro do seu Octavio foi quando o papai ficou muito doente, sofreu muito, entende? Vivia na UTI, sabe? E o seu Octavio ia visitá-lo.

**Aqui em Curitiba já?**

LCM – Aqui em Curitiba. (diz algo incompreensível) Santa Cruz, mas era não onde é o Santa Cruz, era mais no centro da cidade, e o seu Octavio entrou na UTI para falar com o papai. Engraçado que fazia muitos anos que eu não via o seu Octavio. E o seu Octavio também esteve doente. E eu achei o seu Octavio triste, sabe, porque ele não era assim. Eu conheci o seu Octavio, nossa, era brincalhão. Nessa última vez que eu estive com ele, eu notei que ele estava triste, quieto, ele não era o mesmo seu Octavio que eu conheci. Papai estava ruim, mas ele também estava doente.

**Depois que vocês vieram para Curitiba, continuou a amizade deles? Da sua mãe e da Dona Verginia também?**

LCM – Sim, continuou. Tanto que eu te falei que nós ficamos acho que um fim de semana lá na Fazenda para ver a campa do Wilsinho, Antônio Wilson o nome dele, pra ir pra Ourinhos. Eu me lembro tão bem da Dona Verginia. De manhã, sentada na mesa, e eu ficava admirada de ver como ela comia devagarzinho, o jeitinho dela. Aquela calma. Essa é a imagem que eu me lembro dela. Ela era muito querida, muito querida. E os meninos também, porque um era afilhado do papai.

**Provavelmente o meu avô, José?**

LCM – Foi o Zezinho. Agora me lembro. Acho que é o mais novo, não é? E daqui o seu Octavio e a Dona Verginia foram da Cleyde, que também já é falecida.

**Os jornais retratam anúncios publicitários sobre o comércio de cereais do senhor Benigno. Ele sempre foi comerciante? Ele exerceu outra profissão?**

LCM – Ele sempre foi comerciante, mas ele teve uma fazendinha também. Tinha uma máquina de café. Ele trabalhou, coitadinho! Não foi brincadeira não a vida do papai.

**Ele era comerciante de grãos? A fazenda produzia café?**

LCM – É, principalmente café. A máquina refinava café... Beneficiava, desculpa. Máquina de beneficiar café.

**Vocês moravam perto da Santana?**

LCM – O seu Octavio morava na Fazenda. O papai morava na cidade. Olha, eu me lembro, eu era pequena ainda, garota... Todo dia a gente jantava e ia tomar cafezinho na Fazenda com o seu Octavio. Todo dia!

**A senhora se lembra o que fazia lá na Fazenda? Como era chegar lá?**

LCM – Me lembro muito bem. Tanto a Dona Verginia como o seu Octavio sempre atenderam a gente a maior maravilha. Até teve um acidente meu na fazenda.

**O que aconteceu?**

LCM – Sabe o que foi? Alguém falou o negócio de uma vaca, assim, e eu pus a minha cabeça na janela, e alguém levantou a janela e tinha um prego. Saiu bastante sangue. Foi o nariz.

**A senhora se lembra se a casa tinha bastante movimento?**

LCM – Tinha bastante movimento. Sempre estava, sempre. Eles sempre foram um casal muito querido, muito respeitado e muito bons. Faziam muita caridade.

**A senhora se lembra de algum episódio com relação à Santa Casa de Cambará? Eu li que o seu pai e o Vô Octavio eram benfeitores.**

LCM – Eu me lembro muito bem, pelo menos de um baile eu me lembro muito bem. Eu era gurria. Acho que era até para angariar fundos.

**Em 1944, entre os dias 10 de junho a 9 de julho, aconteceu uma grande quermesse a fim de atender às necessidades (manutenção) da Santa Casa. Seu pai participou da organização do evento na comissão de donativos e na localização das barracas. A senhora participou deste evento? Tem memórias sobre o lado benfeitor/filantropo de seu pai? Ele ajudava outras instituições da cidade?**

LCM – De vez em quando tinha. Isso sempre faziam.

**Quais foram os ganhos que a cidade de Cambará obteve por influência desta amizade? Li que ele foi presidente da Câmara? Há alguns telegramas neste jornal que comprovam isso. Por quantas gestões ele legislou?**

LCM – Eu me lembro que ele foi o vereador mais votado. Porque ele era muito querido também na cidade.

**Ele tinha um lado político? Ele gostava?**

LCM – Bastante, bastante. Era UDN. Era muito ligado com a cúpula da UDN aqui de Curitiba. Ele tinha muito contato, então conseguia muita coisa para a cidade.

**A senhora se lembra se ele e o Vô Octavio vinham juntos para Curitiba?**

LCM – Vinha, vinham, acho que de vez em quando eles vinham juntos, sim.

**Ah! Deixa eu contar uma coisa da Fazenda.**

LCM – A sua tia, Maria Helena... olha! Eu nunca vi pessoa tão maravilhosa, religiosa, bondosa.

Sabe o que ela fazia? Porque, naquela ocasião, mulher não dirigia quase, era difícil. Eu acho que ela nem dirigiu, acho que ela nem aprendeu. O seu Octavio tinha, lógico que tinha carro. Ela atravessava o pasto todo dia e ia lecionar para as crianças pobres de uma favela, e ela não era professora nomeada, não ganhava nada.

**Era por caridade mesmo?**

LCM – Caridade, mesmo! Eu dizia: – “Maria Helena, mas você não tem medo de atravessar esse pasto aí sozinha? E se um animal te...? Ela dizia: – “Não, não tenho”. Ela ia e voltava, todo dia como professora. Você calcula fazer um negócio desse! Isso não existe! Sem ganhar nada! Fazia simplesmente por caridade. Então é uma pessoa que a gente tem que respeitar muito.

**O Jornal Cidade de Cambará – órgão de defesa dos interesses do município, datado de 20 de agosto de 1950, registra vários envios de telegrama enquanto seu pai era presidente da Câmara. A senhora sabe dizer por quanto tempo ele foi Presidente?**

LCM – Eu não me lembro, mas parece que foi uma. Ele foi presidente do Rotary.

**Qual era a relação, então, com o Rotary?**

LCM – Era bem grande. Inclusive o Rotary Ibaiti foi criado por intermédio do papai. Ele tinha muita relação com o Rotary.

**E o Vô Octavio também? Eles participavam destes mesmos ambientes, destas mesmas atividades?**

LCM – Também, também!

**O Jornal Jacarezinho, Estado do Paraná – Órgão dedicado aos interesses regionais, datado de 13 de dezembro de 1953, traz em uma de suas páginas o Edital que apresenta “a venda dos bens da “massa falida”, em hasta pública, em segunda praça, com o abatimento de 20% e não havendo licitantes, em seguida ditos Bens serão vendidos pelos melhores preços alcançados”. A senhora sabe dizer o motivo da falência de Benigno Bittencourt Moraes?**

LCM – Isso foi um pedaço difícil, nós passamos mesmo necessidade. Não foi brincadeira, não! Todas trabalhando, ajudando, sabe? Não foi fácil!

**Ele tinha um comércio em Cambará, como a senhora falou. Era um armazém?**

LCM – Era um armazém. Acho que até uma das fotografias a porta que aparece ali é do armazém. Eu acho que é do armazém mesmo.

**Ele tinha muitos funcionários, Dona Leiva? Era um armazém grande ? A senhora tem lembrança desta época?**

LCM – Era um armazém grande. Trabalhava junto com o papai, trabalhou por um tempo dois irmãos dele: Tio Antonio e o Tio Gilberto. Os dois trabalharam um tempo com o papai. O tio Gilberto era irmão por parte só do pai. O vovô era viúvo e casou, entende? Mas a segunda esposa também foi muito boa. Mamãe gostava muito dela, se davam muito bem, graças a Deus.

**A senhora sabe o que pode ter acontecido? O seu pai era uma pessoa que conversava sobre esses assuntos?**

LCM – Isso eu não sei, isso eu não sei. Isso eu nem gosto de falar, fora de brincadeira porque era uma época muito triste. Ele sofreu muito.

**E ele recorreu ao Vô Octavio nesta época?**

LCM – Não sei, mas o seu Octavio estava sempre junto com ele. Inclusive o seu Octavio, quando nós já morávamos aqui em Curitiba (porque depois a gente veio morar aqui e passamos um período muito difícil, muito difícil). Eu ia pra faculdade a pé porque não dava pra ficar gastando de ônibus.

**A senhora veio para Curitiba quando?**

LCM – Eu não me lembro! Fui nomeada... a nomeação... foi um udenista até que conseguiu, um amigo lá do papai. Fui nomeada em Cambará como professora, mas eu não queria ser professora, eu não gosto! Aí foi pouco tempo que eu fiquei lá, depois eu voltei pra cá. Aqui eu fiz concurso pra bibliotecária porque eu tinha também diploma de bibliotecária. Então eu fui trabalhar na Biblioteca Pública. Eu trabalhava e, nesse período aí que eu resolvi fazer Direito porque eu tinha... Foi até engraçado porque quando eu era... até na casa de uns amigos do papai, o filho deles disse: Porque você não vai fazer Direito, não vai estudar em Curitiba? Eu nem conhecia Curitiba, nem conhecia. E o papai no dia seguinte viria pra cá. Eu falei: – Ah! Então, papai, faz a minha inscrição lá. Eu vou fazer o vestibular. Porque eu sempre estudei em São Paulo, mas eu estava cansada de viver longe da família. Eu falei: – Não quero mais saber disso. Aí o papai fez a minha inscrição, eu fiz o vestibular e passei. Aí vim estudar aqui. Fiquei na faculdade até só a Páscoa. Aí falei: – Não, não volto mais! Eu estou cansada de viver longe da

família, eu vou ficar por lá mesmo! Depois, passaram alguns anos, mas até a Páscoa eu frequentei, tanto que eu tenho uma turminha dessa época. Quando nós voltamos, depois de muito anos, acho que uns quatro anos depois, eu falei: – Ah! Agora eu vou recomeçar minha faculdade. Tanto que a minha turma era toda de pessoas de menor idade. Eu me dava mais com a minha turma que eu fiz o vestibular, que estava saindo da faculdade, e eu estava entrando. Ô aninho danado! Difícil aquele ano! Eu via a minha turma indo embora e eu começando, entende? Não foi fácil! Mas depois me adaptei, adoro a minha turma. A gente se reúne todo ano, pelo menos uma vez. Até antes da pandemia. Nos reuníamos todo ano para um almoço ou para um jantar. Antigamente era para jantar, era mais festivo. Depois o pessoal foi ficando velhinho, era almoço mesmo, sabe! Mas mais da metade já foi embora.

**Em outra edição do Cambará Jornal, a manchete principal trazia como título “O banquete ao snr. Otavio Rodrigues Ferreira”. A lide era a seguinte: “Ultrapassou todas as expectativas o banquete que foi oferecido ao prestigioso político e presidente da UDN de Cambará. Na lista de presentes consta o nome de seu pai. A senhora tem memórias desse evento? Lembra da reação de seu pai? A senhora também esteve presente?”**

LCM – Eu não sei se eu estava lá nessa ocasião, porque a gente estudava em São Paulo. Eu me lembro, foi muito comentado, muito falado, mas eu não estava presente. Acho que foi num hotel, se não me engano, será que não foi?

**Então a família da senhora esteve presente nesta festividade?**

LCM – Com certeza, com certeza! Nossa! A UDN era um filho para ele, vamos dizer.

**A senhora se lembra da UDN em Cambará?**

LCM – Me lembro, me lembro muito bem! Inclusive (pior que eu não me lembro das pessoas daqui de Curitiba) uma das vezes que eles foram para comício, porque tinha muito comício, eles faziam muito comício, ele ficou hospedado em casa, lá em Cambará. Eu não me lembro qual foi desses udenistas. E quando ele viu no meu quarto, eu tinha um diploma de bibliotecária. Então ele ofereceu pra mim vir lecionar na faculdade. Eu falei: –Não! Muito obrigada! Isso eu não quero. Professora não é o meu ramo, não tenho vontade disso, não! Mas eu não pedi nada. Ele viu o diploma... devia estar no começo aqui a criação da faculdade. Eu fiz Biblioteconomia em São Paulo.

**A senhora estudou em São Paulo? Fez o Ensino Fundamental?**

LCM – Tudo, tudo! Eu cheguei até a ser interna uma vez lá no Sacré-Couer de Marie. Ei fui interna, eu e a minha irmã.

**Então a senhora ficou em Cambará por pouco tempo?**

LCM – A gente ia para as férias, todo tempo. A gente vivia lá. Eu me lembro, é lógico. E nas férias quase todos os primos da gente ia para lá também. Os primos da nossa idade, a turma estava toda lá. E a Maria Helena estava junto.

**A senhora se lembra dos outros irmãos, dos outros filho do Vô Octavio?**

LCM – O Joaquim é o mais velho. Lembro, lembro, lembro.

**A senhora tinha contato com eles, também?**

LCM – Tinha. Depois com os filhos deles, aí eu já não estava mais lá.

**A senhora é filha única, tirando esse irmãozinho que faleceu, ou a senhora tem mais irmãos? Eles não são de Cambará? Qual é o nome deles?**

LCM – Tenho três irmãs, duas já falecidas. Todas nascidas em Cambará, só eu que sou de Ourinhos. Cleyde de Castro Moraes, Leila de Castro Moraes e Maria Cecília de Castro Moraes. Eu estou falando os nomes de solteira, porque depois elas casaram. Depois tem o Ormeneze, porque a Leila e a Cecília casaram com dois irmãos. Os dois irmãos são Ormeneze.

**Então vocês eram cinco?**

LCM – Quatro.

**Com o bebezinho que faleceu...**

LCM – É. Foi um anjinho que olha pela gente lá. Não tenho a menor dúvida.

**E o seu pai era paciente, tranquilo com as quatro meninas?**

LCM – Nossa Senhora! Vixe Maria! Ela era... E os sobrinhos adoravam ele. Nossa Senhora! Vixe Maria! Meu Deus do céu! Todo mundo adorava o papai, sabe.

**Quando ele era presidente da Câmara, tem uma troca de telegramas que fala das condições precárias do fornecimento de energia elétrica...**

LCM – É, mas isso aí eu já não lembro. Nessa época eu estudava em São Paulo. Eu estudei no

Sacré-Couer e estudei no (indecifrável), quando eu fiz Biblioteconomia. Estudei também no Bandeirantes, que eu fiz o curso , antigamente era o Clássico. Agora mudou tudo.

**Então a senhora saiu de Cambará bem novinha para morar fora e estudar?**

LCM – Sempre, sempre eu estudei lá em... Eu estudei, no comecinho da vida, eu estudei um pouco no colégio em Jacarezinho, das irmãs. Eu não lembro o nome dele.

**Cristo Rei? Imaculada Conceição?**

LCM – Imaculada Conceição, exatamente, me lembro muito bem. Me lembro muito bem da irmã Maria. Ela bordava que era uma maravilha!

**A senhora se lembra das irmãs do Colégio Nossa Senhora das Graças de Cambará? Tem alguma memória com elas?**

LCM – Disso eu não me lembro.

## ANEXO L

Reprodução da entrevista com Otávio Rodrigues Ferreira Neto (ORFN), realizada em 9 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** Otávio Rodrigues Ferreira Neto

**Nome completo do pai:** Joaquim Rodrigues Ferreira

**Nome completo da mãe:** Alice Rodrigues

**Data do casamento dos seus pais:** 14 de julho de 1949

**Como foi a infância/adolescência do seu pai na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

ORFN – Meu pai começou a trabalhar com meu avô na Fazenda Santana muito jovem, assumindo muitas responsabilidades. Ele sempre respeitou os funcionários, sendo uma referência para seus irmãos, e era muito querido pela família devido ao seu jeito de ser.

**Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

ORFN – Sempre dizia que meu avô Octavio era uma pessoa exigente com os filhos e empregados. Ele era muito comprometido com a política e bastante generoso quando se tratava de doações beneficentes.

**Que curso superior o seu pai fez? Houve apoio de seu avô?**

ORFN – Meu pai não fez curso superior, pois preferiu trabalhar com meu avô, desde jovem.

**Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

ORFN – Foram muitos os momentos de lembranças: Páscoa, Natal, aniversários de meus avós, churrascos e muitas outras reuniões de família com os tios, primos e netos nos dias de comemoração a Santa Ana.

**Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações**

**sobre o período/vínculos políticos.**

ORFN – Não, pois nessa época eu estava com 1 ano de idade.

**Como era Octavio enquanto avô?**

ORFN – Convivi bastante com ele na fazenda nas épocas de colheitas de café e feijão, no trabalho com gado e com caminhadas a cavalo.

**O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?**

ORFN – Meu pai sempre dizia que meu avô foi um homem de visão comercial e trabalhador. Fez muitos investimentos com terras e em empresas, sempre contando com a parceria de seus filhos.

## ANEXO M

Reprodução da entrevista com Regina Toledo Barros Gaspar (RTBG), realizada em 11 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** Regina Toledo Barros Gaspar

**Nome completo do pai:** Luiz Carlos Toledo Barros

**Nome completo da mãe:** Maria Helena Rodrigues Toledo Barros

**Data do casamento dos seus pais:** 17 de dezembro de 1955

**Como foi a infância/adolescência da sua mãe na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

RTBG – A adolescência da minha mãe foi sempre servindo e ajudando a família, pois a Vó Vergínia tinha saúde fragilizada.

**Como a sua mãe descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

RTBG – Descrevia como pessoa de personalidade forte, arrojado, honesto e de bom coração. Minha mãe tinha personalidade também forte – destemida e pronta para ajudar.

**Que curso superior a sua mãe fez? Houve apoio de seu avô?**

RTBG – Não fez curso superior. Estudou no Colégio Nossa Senhora de Sion, em São Paulo e curso Magistério. Morou em São Paulo na casa do Vô Leal, pai da Vó Vergínia. Quando retornou para Cambará, em 1945, deu aula (sem bonificação) no Colégio Nossa Senhora das Graças.

**Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

RTBG – Lembro das missas no aniversário da Vó Vergínia, das férias que passava dois meses na Fazenda – muita brincadeira no terreirão, churrasco. Felizes lembranças na Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais. Aniversário da Vó, do Vô, Natal, Ano Novo. Dia de Santa Ana (as festas para comemorar esse dia). Esses momentos fortaleceram o elo familiar com muito amor, carinho e amizade e de estarmos na companhia dos avós, tios e sobrinhos.

**Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos.**

RTBG – Não lembro da data que foi prefeito. Eu nasci em novembro de 1956. Acho que já tinha sido prefeito. Eu era bem pequenininha.

**Como era Octavio enquanto avô?**

RTBG – Já estava doente quando eu era criança/adolescente.

**O que a sua mãe te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?**

RTBG – Antes de ficar doente (poucos anos antes), me lembro vagamente, na casa ao lado do Estádio Sant’Ana, passava o dia no Panema, na fazenda. Chegava para o jantar e todos os dias, mesmo estando o maior calor, era sopa de mandioca. Logo já ia se deitar. Não tinha muito contato – conversa normal de vó e neta.

## ANEXO N

Reprodução da entrevista com Carlos Alberto Rodrigues Ferreira (CARF), realizada em 13 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** Carlos Alberto Rodrigues Ferreira

**Nome completo do pai:** Joaquim Rodrigues Ferreira

**Nome completo da mãe:** Alice Antonio Rodrigues

**Data do casamento dos seus pais:** 14 de julho de 1949

**Como foi a infância/adolescência do seu pai na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

CARF – Meu pai contava que perto do meu avô, todo mundo trabalhava. Ele e os irmãos passaram parte da infância e adolescência em Botucatu (SP), pois estudavam. Por volta dos 12 anos, meu pai retornou para Cambará.

**Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

CARF – Um homem muito honesto, trabalhador e correto. Um homem de muita visão, como eu digo hoje, ele enxergava atrás dos morros.

**Que curso superior o seu pai fez? Houve apoio de seu avô?**

CARF – Meu pai não tinha curso superior. Ele fez até o segundo ginásial.

**Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

CARF – As melhores possíveis. Era só alegria. Meu pai e seus irmãos tinham aquelas reuniões festivas como a maior bênção de Deus.

**Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos.**

CARF – Não, pois meu nascimento coincide com seu mandato. Tenho comigo que o vô Octavio foi o melhor prefeito que Cambará já teve. Praticamente tudo o que Cambará tem ou teve tem

a ver com o vô Octavio. Exemplo: Santa Casa, Matadouro, Colégio das Irmãs, Igreja Matriz, Estádio Municipal Operário, entre outras obras.

Ele era da UDN, sempre muito honesto e correto, vinham políticos de várias partes do Paraná pedir seu apoio. Me lembro do Paulo Pimentel e do Ney Braga lá na Fazenda Santana. Na política municipal, ele tentou a reeleição e perdeu. Na minha opinião, o povo não gosta de gente honesta, pois tornam impossíveis as falcatruas.

### **Como era Octavio enquanto avô?**

CARF – Um homem muito sério, meio carrancudo, mas com os netos era uma pessoa espetacular. Foi ele que me ensinou a dirigir em um jipe Willis 1951. Eu tinha 9 anos de idade. A primeira lição, eu fui da Fazenda Santana até a olaria da Fazenda Panema. Muito bom instrutor! Quanto mais barbeiragem eu fazia, mais ele me elogiava e dizia: – Você está aprendendo muito rápido, vai ser bom motorista!

Quando na fazenda estava secando café no terreirão, eu passava no terreirão de cima para ele não me ver, pois ele, quando me via gritava: – Ô "fio", vem aqui! Aí dava serviço para gente do tipo buscar tição para ele acender o cigarro de palha.

Quando era a hora de amontoar o café nas meias-luas, isso se fazia com as vaquinhas que eram puxadas pelas mulas, Tesoura, e a outra esqueci o nome. Ele me colocava em cima da mula e eu comandava a mula para fazer os montes de café. Eu fazia muitas refeições com ele e com a Vó Verginia, pois eu morava no fundo do terreirão. Não me esqueço que ele gostava de pimenta na comida e sua sobremesa era um copo de água com açúcar. Ele comia rapidinho, e a vó Verginia demorava muito. Sua sobremesa, na época de manga, era a manga manteiga. Em outras épocas era banana nanica cozida com casca; depois ela descascava e punha açúcar e canela em pó.

### **O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?**

CARF – Meu pai falava que o vô Octavio era muito bom nos negócios que fazia. Nunca tirou proveito das pessoas, mas tinha uma visão do que ia acontecer, ou seja, ele enxergava muito à frente das pessoas de sua época. Muito me lembro que ele dizia: quanto mais eles tentam me enganar, mais eu ganho. Ele gostava de ajudar o próximo.

Tem uma passagem do vô que meu pai contou: o vô trabalhou para a família Almeida Prado e, nessa época, ele amansou 12 muares, sendo recomendado que duas mulas tinham que ser bem mansas, pois eram para mulheres cavalgar, e isso foi feito. Quando foi entregar os animais, ele não quis cobrar pelo serviço realizado. Então, o dono dos muares perguntou a ele qual era o

melhor animal para ele andar. Quando o vô lhe mostrou o animal, o Sr. Almeida Prado tirou da tropa e deu ao vô como presente.

## ANEXO O

Reprodução da entrevista com Virginia Alice Carvalho Fernandes de Oliveira (VACRFO), realizada em 14 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** Virginia Alice Carvalho Fernandes de Oliveira

**Nome completo do pai:** Lorivaldo Rodrigues Ferreira

**Nome completo da mãe:** Alice Aparecida Carvalho Rodrigues

**Data do casamento dos seus pais:** 20 de abril de 1954

**Como foi a infância/adolescência do seu pai na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

VACRFO – O vô Octavio, antes de comprar a Fazenda Santana, tinha uma fazenda onde residia, que se chamava Fazenda Santa Cornélia. Que incrível! Você perguntando sobre isso, me dou conta de que não perguntávamos sobre datas. Penso que (preciso checar) o vovô e a vovó continuaram morando na Santa Cornélia por um tempo; depois, mudaram para a Santana. Só depois que o vô vendeu a Fazenda Santa Cornélia é que ele foi morar na Santana. Não sei quantos anos meu pai tinha nesta época.

Acho que quando chegou o tempo das crianças irem para a escola, o vovô comprou uma casa em Botucatu. A tia Tereza, irmã dele, viúva do tio Pedro — que morreu no incidente com o pai dele, vô Joaquim — morava com as crianças em Botucatu, no período escolar. Eles vinham para a fazenda nas férias. O tio Dito e o tio Zé, pequenininhos, ficavam em Cambará, até completar a idade escolar.

A infância do meu pai foi na fazenda, nas férias, e em Botucatu, durante o ano letivo, mas não sei precisar datas. Nunca perguntei, infelizmente. Desde que me lembro, o Vô tinha a Fazenda Santana. Sei que moraram numa casa grande de madeira que foi desmanchada para ser construída a que está lá hoje. Enquanto a casa era construída, o vô e a vó moraram na cidade, numa casa do lado do Campo da Cambaraense<sup>33</sup>.

Quanto ao meu pai, sei histórias dele pequeno na fazenda, mas não sei bem se na Santa Cornélia ou na Santana. Uma das histórias que ele contava de quando menino, é que , acredito num Natal,

---

<sup>33</sup>O nome original é Clube Recreativo Esportivo Operário (CREO).

o vô comprou uma bicicleta para todos eles. Ganharam ela de manhã. Quando chegou a tarde, tinham brincado tanto com ela, que ela estava dividida em várias partes.

Também falava que havia um chiqueiro bem grande, e que neste chiqueiro, além dos porcos, havia carneiros e um “bodão”. Eles entravam no chiqueiro e corriam um monte para conseguir pegar o bode. Era super difícil! Quando conseguiam pegar, o soltavam e a brincadeira começava de novo. Coitado do bode!

Nós gostávamos muito das histórias. Ríamos muito. Ele contava muitas vezes a mesma história a nosso pedido. Contava que a tia Tereza sentava na mesa de almoço com todos eles e uma régua bem grande. Quando eles se comportavam de forma errada, colocando o braço sobre a mesa, pegando errado o garfo ou a faca, com maus modos, ela, do lugar dela, com a régua comprida, dava uma reguadinha no braço do mal-educado. A tia Maria Helena falava dela mocinha na Santa Cornélia. A minha mãe também falava de ir para Cambará antes de casar e falava sobre a vovó morar na Santa Cornélia. Daí fico meio confusa sobre datas.

Tio Quim (Joaquim) morava naquela casa do fundo do terreirão. Acho que ele foi para lá quando casou.

O que posso lhe contar sobre a Santana é que a casa era um coração de mãe, recebia todo mundo. A casa estava sempre cheia de parentes do vovô, os irmãos e sobrinhos dele — os Rodrigues Ferreira — e da vovó, irmãs e sobrinhos dela, os Leal, além de amigos.

Minha mãe morreu em maio de 1987 e o vô Octavio em julho, do mesmo ano. Um domingo, meu pai convidou a Vó Verginia para almoçar na casa dele (o vovô tinha falecido). A vovó disse: - Esta é a primeira vez que saio de casa, fecho a casa e trago a chave. Até hoje, sempre tinha alguém lá quando eu saía.

### **Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

VACRFO – Era um homem honesto, não gostava de injustiça, não era muito falante, mas um homem de ações. Não reclamava de nada. Procurava sempre encontrar uma solução para os problemas. Não deixava de atender ninguém que viesse à sua casa para visitá-lo, pedir algum conselho ou alguma coisa. Na sua casa recebia desde políticos até andarilhos da estrada, os bêbados lendários da cidade (Osório, Passarinho, Ana Loca, Celestina), todos com respeito e humanidade.

### **Que curso superior o seu pai fez? Houve apoio de seu avô?**

VACRFO – Meu pai não fez curso superior, acho que porque não quis. Fez contabilidade, nível

médio, e voltou para Cambará para trabalhar. Acredito que o vovô apoiava, pois comprou a casa em Botucatu para que eles tivessem uma boa educação, mas não era de obrigar. Ele era mais voltado para valorizar o trabalho. Nisso ele era categórico. Tinha um olhar muito preocupado com a comunidade. Ajudava Deus e o mundo! Acho que essa preocupação o encaminhou para a política.

### **Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

VACRFO – Foram muitos. Antes da fazenda, tenho lembranças na casa da cidade. Nós nos reuníamos lá muitos finais de tarde, nos domingos e nas datas festivas: Natal, Páscoa, Ano Novo, Dia de Santa Ana, aniversário da vó Verginia e do vô Octavio, aniversário de casamento deles. A minha família se dividia nos Natais, Páscoas e Ano Novo, porque meus avós maternos moravam em São Paulo.

Depois, quando a vó e o vô mudaram para a Santana na casa nova (eu acredito que tinha uns 10 anos), além das datas festivas, passávamos muitas tardes no período de férias — em especial em julho — no salão, lá em cima, com os primos, primas, amigas e amigos. Tinha uma mesa de pingue-pongue deliciosa. No meio da tarde, tia Maria Helena, minha mãe, tia Alice e tia Luiza — irmã do Vô Octavio, morava em Assis, tinha filhas da nossa idade e também vinha nas férias —, nos chamavam para tomar café na copa. Aquela mesa ficava cheia de criança. Era uma delícia.

Outras tardes, vínhamos para visitar a vovó, quando a tia Maria Helena estava ou não. Sempre, além das brincadeiras no terreirão, bordávamos as iniciais do nome do vovô (OR) em panos de prato e rezávamos o terço com a vovó.

Tinha brincadeira no terreirão durante a colheita de café. O terreirão cheio de trabalhadores na lida com o café. O vovô Octavio sempre junto, de chapéu e terno de brim cáqui, fumando um cigarrinho de palha, dando ordens, observando para que tudo acontecesse a contento.

Brincávamos também na sacaria (sacos cheios de café empilhados prontos para serem vendidos), que ficava num galpão que existia no fundo do terreirão perto da casa onde morava o Tio Quim. Mais tarde, construíram os estábulos; daí a brincadeira era ir observar os búfalos andando por uma passarela mais alta que ficava no meio, entre as duas carreiras de animais: primeiro, os búfalos, e depois as vacas comuns, tudo com muito cuidado, sem estrepolia.

### **Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos.**

VACRFO – Eu não me lembro, eu era muito pequena e nem soube que meu avô era prefeito.

Mais tarde, ouvi de muitas pessoas que ele era um homem muito justo e trabalhador, não era de muitos discursos, comícios, e não gostava de coisa errada. Até por isso acho que ele não foi reeleito, pois quem estivesse com ele tinha que “pular miudinho”.

Ele construiu a Santa Casa, e foi provedor muitos anos. Construiu o Matadouro, levou o cemitério para fora do centro da cidade, instituiu a importância de plantar árvores nas ruas e foi o primeiro a arborizar a cidade. Era muito preocupado em deixar as estradas em condições para que todos pudessem transitar. Tinha muitos amigos. Era muito respeitado e respeitador. Era da UDN e era rotariano.

Prefeito ou não, ele sempre estava, de alguma forma, assim como os tios e suas esposas, envolvidos com projetos da comunidade. Fazia parte da organização, trabalhava nos eventos angariando fundos para as causas filantrópicas: igrejas, Lions, Rotary, Maçonaria, festa nas escolas —instituições que se preocupavam com as necessidades da comunidade.

### **Como era Octavio enquanto avô?**

VACRFO – Não era de muita conversa, mas tinha sempre um sorriso pra gente. Ficava sentado na varanda, às vezes, fazendo seu cigarro de palha. Era uma honra ir buscar para ele uma brasa no fogão, que trazíamos cuidadosamente numa colher de sopa. Nunca parecia cansado ou desanimado. Gostava que jantássemos com ele e comêssemos bastante. Tomava sopa de mandioca todo dia, que era uma delícia! Ele parecia tão forte, tão sereno, tão seguro, que achávamos que ele viveria para sempre; então, quase não perguntávamos nada para ele. Teve uma festa linda na Santana quando ele fez 70 anos, mas ele já não estava bem, já estava esquecido, mas eu nem sabia.

### **O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?**

VACRFO – Meu pai falava que ele dizia que um bom negócio precisava ser bom para os dois lados. Quando se tratava de parentes e amigos, não era negócio, era uma forma de dividir o que ele conquistou. Infelizmente este olhar e talvez a doença dele não permitiram que ele visse que estava fazendo um mau negócio quando comprou, com dois irmãos da vó Verginia, umas terras na divisa de São Paulo e Paraná, próximo à cidade de Registro. Fez um mau negócio e arcou com todas as consequências junto de seus filhos. Quase perdeu tudo o que conquistou. Seus filhos honraram seu nome e fizeram tudo para que seu nome não ficasse sujo. Depois de muita luta, trabalharam muito, conseguiram deixar o nome Rodrigues Ferreira honrado, sem nenhuma pendência jurídica ou dívida. Foram-se os anéis, mas ficaram os exemplos de honradez, respeito, amor pela família, pelo próximo e pela valorização da justiça.

## ANEXO P

Reprodução da entrevista com Maria Helena Sales Rodrigues Ferreira (MHSRF), realizada em 19 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** Maria Helena Sales Rodrigues Ferreira

**Nome completo do pai:** Octávio Rodrigues Ferreira Filho

**Nome completo da mãe:** Amelia Sales Rodrigues

**Data do casamento dos seus pais:** 23 de julho de 1953

**Como foi a infância/adolescência do seu pai na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

MHSRF – Mariana, meu pai nunca se sentou com a gente para falar da infância e adolescência dele.

**Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

MHSRF – Eu só sei dizer sobre o que eu vi na forma do vó tratar o pai . O vó tratava o meu pai como se fosse o pião dele e com certa distância. O mais importante para o vó era a família da vó, mesmo sendo eles o cupim do vó. Pra mim, era muito triste a forma como o meu pai era tratado, nem gosto de lembrar disto.

**Que curso superior o seu pai fez? Houve apoio de seu avô?**

MHSRF – O meu pai não tem curso superior, mas sei que ele foi estudar em Botucatu, quando jovem.

**Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

MHSRF – As minhas melhores lembranças era quando a família dos meus tios se reunia e as minhas primas iam pra lá. Era uma delícia o quanto nós brincávamos no terreirão.

**Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos.**

MHSRF – Não tenho a mínima lembrança dessa época, talvez eu nem existisse ainda.

**Como era Octavio enquanto avô?**

MHSRF – O vô era muito na dele, mas tinha momentos em que ele chegava perto de mim e apertava meu joelho. Era uma forma de brincar comigo, pois ele sabia que eu ficava brava. Tenho comigo que o vô nos amava muito, pois sentia, às vezes, em seu semblante que ele estava contente com a gente na casa dele.

**O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?**

MHSRF – Nunca se referiu a isso, pois o vô era muito trabalhador e se dedicava muito às fazendas junto com alguns filhos (os primeiros filhos). O vô nunca teve essa característica de comerciante; talvez, por esse motivo, nunca tenhamos ouvido falar sobre isso.

## ANEXO Q

Reprodução da entrevista com José Octávio Haggi Rodrigues Ferreira (JOHRF), realizada em 21 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** José Octávio Haggi Rodrigues Ferreira

**Nome completo do pai:** David Rodrigues Ferreira

**Nome completo da mãe:** Darcy Haggi Rodrigues

**Data do casamento dos seus pais:** 25 de janeiro de 1951

**Como foi a infância/adolescência do seu pai na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

JOHRF – Foi como a de todo menino daquela época. Só que, às vezes, os pais pegam mais no pé de um do que do outro, e a história que me marcou muito foi a que só ele tinha que buscar couve todos os dias na horta, e ele ia cantando: “Só eu que como couve! Só eu que como couve!”. O resto era família normal da década de 1930, começo da década de 1940. Quando voltavam da escola, descalços, atrás de estilingue. Vida normal daquela época.

**Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

JOHRF – Era uma pessoa extremamente honesta, extremamente rigorosa com os filhos, muito rígido, educador, porém, com os amigos ele era bastante “mão aberta”, tranquilo, não era tão rígido como com os filhos. Por isso que talvez meu pai tenha saído de Cambará; não porque ele fosse um homem rebelde, muito pelo contrário, meu pai era um anjo, mas ele talvez tivesse um pouquinho mais de estopim curto e, então, ele preferiu vir pra Maringá junto com a irmã do vô Octavio, a tia Aninha (Ana), casada com Domingos Salgueiro, para colocar uma loja de secos e molhados, na época.

Ele veio em 1946. Tinha 20 anos de idade, recém-completados 20 anos, porque ele é de março de 1926. Ele veio em 1946 para Maringá, e Maringá nem tinha sido fundada como cidade ainda, era distrito de Mandaguari. Maringá foi fundada em 10 de maio de 1947, e ele já estava aqui, solteiro, sozinho, sozinho não, morava com a tia Aninha, com as primas, com o tio.

**Que curso superior o seu pai fez? Houve apoio de seu avô?**

JOHRF – Ele só fez o ginásio, não fez curso superior. O único que fez foi o tio Dito.

**Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

JOHRF – Isso é uma coisa maravilhosa! Os casamentos dos tios eram uma festa de arromba. Faziam vários buracos no terreirão, matavam boi, o caminhão carregado Ford F-600, que tinha na fazenda Santana e fazia o serviço todo das fazendas, trazia do Panema os espetos de madeira, colocavam uma cobertura de encerado e a festa ia longe, uma maravilha. Fora as brincadeiras que a gente tinha: andar a cavalo com o Tavico — que era da minha idade —, com o Carlão, andávamos por tudo na Santanta, brigávamos, no bom sentido, para irmos ao Panema para ficar lá uns dias, que era uma maravilha, andar a cavalo, que a gente adorava.

O tio Quim, uma época, morou na casa do fundo do terreirão, que ao lado, não sei, ainda deve ter, com certeza, uma árvore enorme (me fugiu o nome dela agora), com as raízes salientes. A gente brincando de carrinho ali, não tinha carrinho pra todo mundo. – Ô, Carlos! Você é o dono do posto. A gente fazia as estradinhas com os carrinhos e parávamos no posto para abastecer, e o Carlos falava: – Eu também quero! Essas coisas de criança, maravilhoso!

Depois, quando mais mocinhos, Cambará fervia nas férias. A gente ficava andando de carro, todos menores de 18 anos, mas a gente andava com o carro do tio Quim, com o carro do meu pai. A gente ia desde quase a rodovia — BR 369 — até a pracinha da Vila Rubim. Ia e voltava, ia e voltava, a noite inteira. Sem contar que todas as noites tinha festa na casa de alguém, boliche. Nossa Senhora! Foi uma infância maravilhosa em Cambará, maravilhosa!

Todo os primos pensavam igual, tudo gente séria. Não éramos de fazer muitas malandragens, nada que prejudicasse alguém.

**Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos.**

JOHRF – Eu era criança, não me lembro absolutamente de nada. Sei que ele tinha uma certa influência política na cidade, tanto é que ele foi prefeito. Ele que praticamente iniciou a construção da Santa Casa. Ele foi um prefeito maravilhoso, honesto.

**Como era Octavio enquanto avô?**

JOHRF – Era um cara carinhoso, mas duro. Eu me lembro que ele só andava de paletó cáqui, de brim, trocava meia dúzia de paletós e camisas por dia no meio do terreirão, molhado, molhado, os paletós de uma lado cheio de palha e, do outro, fumo com o canivete. Ele enfiava

a mão no bolso dele e saía com as unhas pretas de fumo, de tanto que ele fumava. Ficava o dia inteiro fazendo cigarro, trabalhando pesado, juntando café, cobrindo café, no outro dia, esparramando café de novo. A gente passava escondido, porque se ele visse a gente, chamava: – Vem cá! Vamos ajudar, vamos trabalhar! E a gente, então, fugia um pouco dele, que ele não dava moleza para a gente não. No fundo, no fundo, ele tinha um coração de mãe, um coração santo.

**O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Otávio?**

JOHRF – O meu pai falava que ele era extremamente rigoroso com os filhos, mas com os amigos ele não era tanto assim. Ele tinha uma visão absurdamente empresarial, tanto é que ele começou como peão e terminou como o homem mais rico de Cambará, na época. Ele tinha uma visão muito boa, muito grande.

Meu avô foi um cara espetacular, não tenho o que corrigir nele, a não ser essa rigidez grande com os filhos que, talvez, tenha deixado-os um tanto quanto submissos demais. Eles eram muito bonzinhos, coitados, mas isso também é um pouco da índole da minha avó Vergínia. Minha avó Vergínia era uma santa, coitada. Não existia um ser na terra que não amasse a vó Vergínia. E meu avô também, porque, apesar de rigoroso, nossa senhora! Estou até emocionado! Fazia fila para pegar leite, café, enfim.

## ANEXO R

Reprodução da entrevista com Fábio Rodrigues Ferreira (FRF), realizada em 21 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** Fábio Rodrigues Ferreira

**Nome completo do pai:** Benedito Rodrigues Ferreira

**Nome completo da mãe:** Ana Aparecida Senhorini Rodrigues Ferreira

**Data do casamento dos seus pais:** 31 de janeiro de 1967

**Como foi a infância/adolescência do seu pai na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

FRF – Eu lembro das histórias do meu pai dizendo que eles viveram uma vida de criança e adolescência muito boa, com muita simplicidade, mas bastante divertida. Uma história que eu lembro deles é que quando eles eram mais novos — o tio Quim era mais velho que eles um bocado —, eles tinham um “poço” na estrada que ia para Cambará. Eles iam nesse poço e ficavam pelados lá dentro, brincando. O tio Quim era mais velho e não gostava disso, porque passava mulheres e viam eles pelados ali. Ele não concordava com isso, mas mesmo assim eles insistiam em ir. Eles tiravam a roupa, deixavam no cantinho e pulavam nesse poço.

Um dia, eles deixaram a roupa e o tio Quim tinha insistido com eles para eles não fazerem isso. O tio Quim foi lá e roubou a roupa deles. Deixou eles pelados lá, e eles tiveram que voltar para casa pelados. Depois disso, nunca mais pularam no poço pelados. Essa é uma história de infância do meu pai.

Eles não tinham mais lugar para estudar aqui no Paraná, lugares melhores. O vô Octavio construiu uma casa em Botucatu, e mandou os filhos para Botucatu para estudarem. Nesta época, a vó Verginia tinha problema de tuberculose (acho que ela teve alguma coisa no pulmão), e ela foi obrigada a ser internada em São José dos Campos. Ficou muito tempo internada lá. Quem foi cuidar dos filhos do vô Octavio e da vó Verginia em Botucatu foi a “mãe” Tereza, uma irmã do vô Octavio. Ela era rígida com eles. Passaram muito “aperto” nessa época em Botucatu, mas todos eles estudaram lá. Meu pai, tio David e tio Tavinho fizeram Tiro de Guerra em Botucatu. Tio Tavinho era “do peru”. Ele era “da pá virada”, e o meu pai era o queridinho da “mãe” Tereza, que sempre protegia ele. Ele era mais novinho, antes do tio Zé (era mais

novinho ainda). Mas meu pai era mais bonitinho, mais gordinho, e a “mãe” Tereza protegia ele. Ele dizia que foi uma juventude muito boa lá em Botucatu, eles puderam estudar bastante lá.

**Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

FRF – Eu lembro do meu pai descrevendo o meu vô Octavio: o vô Octavio era uma pessoa muito honesta, muito correta e engraçada. Ele tinha o perfil mais ou menos do tio Tavinho, pelo que eu consigo entender. Ele era engraçado. Minha mãe dizia que, quando ele chegava num ambiente, ele tomava conta. Ele atraía as pessoas, era muito carismático, muito rígido, queria as coisas muito corretas, queria fazer todo mundo trabalhar, não aceitava mentira e era muito direto nas conversas dele. Tinha um tino comercial muito bom, tanto é que conseguiu com o 4º ano primário crescer do jeito que ele cresceu. Não foi fácil não.

Ele obedecia muito a vó Verginia, dava muita atenção para as coisas que ela fazia (de pensar que a vó Verginia teve esse monte de filho e ficou um monte de tempo internada lá em São José dos Campos), não deve ter sido fácil para ele também não.

Meu pai contou, também, que ele dava muita atenção para os outros e dava pouca atenção para os filhos, que os filhos passavam apertado na mão dele, mas eu acho que tem que ser assim mesmo. Os filhos tem que... não pode ter muita moleza não. Tem que ser meio “cabresto curto” mesmo. Sempre a geração mais nova vai reclamar da mais velha, neste sentido. O vô Octavio era um homem de muito brio.

**Que curso superior o seu pai fez? Houve apoio de seu avô?**

FRF – Meu pai fez Agronomia na Escola Superior de Agronomia Luis de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq-USP), em Piracicaba. Apoio total do Vô Octavio.

**Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

FRF – São vários momentos, difícil de te elencar um momento ou alguns, mas vamos lá. Eu vou elencar dois que são bem marcantes para mim: um era o café da manhã que a gente tinha com os tios. Todo dia, 6h, 6h30 da manhã, levantava com o meu pai — o sol nem tinha nascido ainda — ia para lá (Fazenda Santana). No começo, o seu Lampio fazia o café, ele preparava o café lá, e a gente tomava café de manhãzinha, às vezes colocava a mesa, às vezes a mesa já estava posta... Era uma diversão para gente até montar a mesa... E ali esperava e começava a chegar: chegava o tio Zé, tio Lorivaldo, tio Tavinho, tio Quim, tio David — era mais difícil de estar aí —, tia Maria Helena (quando estava), meu pai (ê, tio Dito). Ai, ai... juntava todo mundo

ali e ali a gente ficava batendo papo, conversando, tomando café... Chegava o Paçoca com o pão... Paçoca levava o pão, de primeiro, depois cada um que começou a levar, uma vez por semana. Paçoca cobrava o pão... acho que passava uns 4 ou 5 anos para pagar o Paçoca. É coisa de Rodrigues Ferreira, né, tudo sossegado. E ali, aquele café da manhã era um em que a gente trocava informação, batia um papo... aí, se alguém estava mais liberado, — Ah! Vamos comigo fazer tal coisa? Vamos mexer com boi? Vamos dar uma olhada na lavoura? Ó! Tô com dúvida em tal coisa... Ali, algumas vezes iam pessoas da parte comercial, uma ou outra pessoa chegava lá, mas tinha que entrar na nossa linha, respeitar, tomar o café certinho ali. Nunca naquela mesa tinha discussão. Era a mesa santa. Os netos que apareciam ali, frequentavam... Homerinho ia de vez em quando lá, a Vera ia, a Estela ia de vez em quando, o Zezo, o Renato ia também, o Carlão quando estava aí, o Tavico quando estava ia lá também, poxa, eu e o Fabiano sempre estávamos ali. Era uma delícia. Era os tios ali, brincando... O Renato passava a mão no cabelo do tio Lorivaldo, espalhava o cabelo do tio Lorivaldo, o tio Lorivaldo ficava bravo com ele... Olha, era muito bom! Então, para mim, a maior lembrança que eu tenho era deste café<sup>34</sup>. Deixou muita saudade!

**Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos.**

FRF – Nós não vivemos isso, porque ele foi prefeito de 48 a 52, acho que foi isso, mas a gente sabe de algumas histórias. Na época, eu lembro que ele tinha a equipe, os apoiadores dele — seu Manuel Teixeira — tinha uma turma boa do lado dele, eu não vou saber lembrar quem é. Mas o vô Octavio era uma pessoa muito iluminada. O que a gente ouve dele, por exemplo, se ele chegava num ambiente, a gente sabia que ele estava lá. Ele chamava a atenção, monopolizava a atenção, tinha perfil de líder. Isso é nato. Quarto ano de escolaridade, isso não é aprendido, isso nasceu com ele. Ele era uma... a gente ouve que a hora em que ele chegava, todo mundo já sabia que era ele, todo mundo estava querendo ficar com ele, todo mundo queria ouvir o que ele tinha para dizer. O velho Octavio não era fácil, não!

Mas devia ser também uma pessoa difícil de se lidar, porque ele tinha as convicções dele fortes; então os filhos deviam sofrer um pouquinho na mão dele, mas era o jeito dele. Ele era bruto. Era uma pedra bruta. Eu imagino o perfil do vô Octavio uma mistura bem boa do que é o tio Tavinho — acho que mais próximo do tio Tavinho, do tio Zé, misturado com a paciência do tio Lorivaldo, do meu pai, do do tio Quim. Eu acho que ele era um uma misturamba dessa desses

---

<sup>34</sup> Fábio se emociona e relata apenas um dos episódios.

aí, viu? E... bom, é... ele era uma pessoa única. O vô Octavio não foi fácil não. O homem era peitudo.

Bom, aí das coisas que eu lembro da política, eu lembro uma vez que era muita estrada de terra aqui. Tinha caído uma ponte (essa ponte acho que chegava em Cambará, onde vai ali para a Yoki). Eles estavam arrumando a ponte. O vô Octavio desceu lá e junto com o povo, junto com os funcionários, estava ali junto, dando ordem: — Faz isso aqui! Chegaram uns caminhoneiros e falaram assim: — Essa merda dessa ponte aí não fica pronta, isso aqui não tem não tem quem mande aqui! Tinha dado uma chuva muito grande que tinha levado a ponte. Não era culpa de ninguém, né? E aí os caras falaram assim: — Ah é, não tem quem mande? Olha lá, ó, aquele é o prefeito. Ele está lá junto, de braço dado com a sua equipe, ajudando. Aqui tem quem manda, sim. É que aconteceu o que não devia acontecer. Então, o vô Octavio, esteve sempre ombro a ombro com o pessoal que estava trabalhando com ele. Essa foi uma passagem.

A outra passagem que é que ele foi provedor da Santa Casa, e fez de tudo pra que ela se tornasse ainda o que ela é hoje, e estamos muito pertinho de revitalizar a Santa Casa, agora, com a política que entrou agora, um pouco mais favorável. Mas eu lembro o que eles disseram, certo? Eu também ouvi, não lembro... Os paralelepípedos não chegavam até no centro da cidade, não chegavam até a Santa Casa. A prefeitura não tinha mais dinheiro. Aí ele falou: — Não, pode botar aí que eu pago isso daí. Então o último calçamento para chegar até na Santa Casa — pelo que eu ouvi — foi bancado pelo vô Octavio ou talvez o vô Octavio e o pessoal que ajudava ele, que apoiava ele. Essas duas aí que eu lembro da Prefeitura, me contaram.

### **Como era Octavio enquanto avô?**

FRF – Quando nós conhecemos o vô Octavio, ele já estava com Alzheimer, ou demência, ou arterosclerose (como chamavam); então, eu não vivi a parte consciente dele, só vivi ele daquele jeitão, meio sentadão ou andando no terreirão, mas já sem muita consciência do que estava falando. Eu sei que dos que viviam com ele, o seguinte: passava perto dele, a gente cortava a volta, porque se ele via, ele falava: — Opa! Pega a vassoura aqui, vem aqui no terreirão varrer o café. Ele queria mandar, ele queria botar todo mundo para trabalhar. Ele não gostava de ninguém parado do lado dele, não. Se era trabalhador, estava do lado dele; se não era trabalhador, ele expulsava mesmo. Não serve vagabundo perto de mim, não! Ele era boca dura. Nisso ele era parecido com o tio Tavinho, não poupava muito a boca, não. Era o jeitão dele. Eu lembro muito bem que ele tinha uma unha quebrada na mão, aí ele fazia como se fosse uma pinça no dedão e nhoc! nhoc! nhoc!, assim, brincando com os netos, tentando brincar com as crianças, como quem faz uma cosquinha. Eu lembro muito bem disso. Então, tinha um coração

bom também. Eh, vô Octavio! Eu lembro que tinha os montes de café e ele não gostava que a gente ficasse subindo. Eles arrumavam os montes de café todos, colocavam lona e a gente subia, escorregava, espalhava o café. Só faziam cagada os netos, também. Aí tomava café junto com ele lá na Santana, mas também ele já não batia muito bem. Perdemos de conviver com ele. Agora a turma mais velha já teve mais oportunidade de ver. Eu fui... O Henrique foi o último homem que nasceu. Depois, foi oito anos de diferença. Do Henrique para a frente, podem falar um pouco melhor do vô Octavio como avô.

### **O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?**

FRF – Ele falava que meu vô tinha o quarto ano primário, era um carroceiro, veio para cá (Cambará), e fez esse império que ele fez, na época dele. Um carroceiro comprar a Santana e comprar as terras daqui até na beira do Panema, não é para qualquer um não. Ele foi iluminado, mesmo. O vô tinha uma visão muito boa, comercial, tinha tino comercial, líder, ele sabia fazer, ele tinha intuição. O vô teve Massey Ferguson aqui em Cambará (era sócio), era sócio da Volkswagen, foi sócio (acho) que da Chevrolet; aí montou um curtume de couro... Você olha curtume de couro... imagine só! Curtume... hoje só tem um curtume lá em Rolândia, no Paraná inteirinho. Naquela época, o vô Octavio já tinha um curtume aqui. Montou olaria para fazer tijolos; então, os tijolos das suas construções eram feitas com tijolos produzidos por ele, porque era um material primordial, até hoje é um material para levantar uma casa, para levantar qualquer coisa, tijolo. Naquela época, ele já tinha olaria.

Tinha seus cafezais, tinha um viveiro de mudas (quem tem viveiro de muda aqui, hoje, de café?); ele já tinha naquela época. Ajudei a encher muito saquinho de terra para plantar café. Tinha organização total das fazendas. Ele tinha um ditado que não podia deixar um saco de café dormindo no campo; ele puxava todo o café, todo dia, todo dia o café tinha que estar no terreirão, debaixo do olhar dele. Isso eu aprendi muito com ele: “o olho do dono que engorda a boiada”.

Cada vez ia se modernizando, cada vez tentando se adaptar às gerações. Hoje já está um pouco diferente; mas não deixa de ter o princípio dele, que a gente tem que estar em cima dos nossos negócios, sabendo o que quer e peitando um pouco as coisas. Me espelhei muito nele para chegar onde estou hoje. O vô era um símbolo de um cara arrojado. Ele não pensava muito, não. Ele achava que dava, ele metia o pau.

O meu vô também era muito positivo. Eu acho que uma das qualidades do vô Octavio, pelo que meu pai falava para mim, era o otimismo e acreditar no que ele estava fazendo. Ele acreditava e pregava o chumbo. Eu olho muito isso nas minhas coisas; se eu acredito numa coisa, tento

fazer o máximo possível para dar certo e acho que não tem outra posição, não.

Outra coisa também, o vô como empresário. Na realidade, ele foi o grande empresário da família dele. Ele soube manter a família junto, até o dia da sua morte. O grande trunfo, a grande conquista dele, foi isso daí. Não tinha batuque, não. Família ficou junta, os filhos juntos até o final. Família de sete irmãos, todos os irmãos se falaram, todos os netos se falaram, todo mundo... nunca teve briga, racha. As divisões das propriedades sempre foram feitas na lisura e sem discussão, com o aceite de todos. Esse é um outro capítulo aí que um dia a gente até podia conversar.

Todos os tios são um exemplo (da árvore do vô Octavio); todos honestos, todos trabalhadores, todos conscientes de tudo o que tinha que ser feito. Eu acho que o grande legado como empresário do vô Octavio, foi a criação dos filhos e da filha, tia Maria Helena.

## ANEXO S

Reprodução da entrevista com Gabriela Rodrigues Ferreira Fantinelli (GRFF), realizada em 21 de fevereiro de 2025

**Seu nome completo:** Gabriela Rodrigues Ferreira Fantinelli

**Nome completo do pai:** José Rodrigues Ferreira

**Nome completo da mãe:** Helena Mussalam Rodrigues Ferreira

**Data do casamento dos seus pais:** 26 de maio de 1964

**Como foi a infância/adolescência do seu pai na Fazenda Santana? Que histórias você se lembra que podem ser contadas?**

GRFF – Meu pai era o filho mais novo, o “caçula”; então, como ele mesmo nos contava, teve uma infância muito feliz. Era um filho obediente e tinha muitas regras a cumprir. Na adolescência, foi estudar em um internato com seus irmãos em outra cidade, mas, sempre sob os olhos dos pais, era um filho educado e gentil. Só não tirava muitas notas boas na escola, pois tive a oportunidade de ver um de seus boletins escolares e me espantei muito ao ver notas baixas (risos).

**Como o seu pai descrevia o seu avô Octavio? Eles tinham características/personalidade semelhantes?**

GRFF – Meu pai amava e tinha grande admiração por seu pai. Falava dele com grande respeito e, em suas palavras, quando se referia ao pai, havia um tom de muita ternura e consideração. Os olhos do meu pai brilhavam quando se lembrava dos feitos e do jeito de seu pai. Dizia que era um homem corajoso, empreendedor e também rígido na educação dos filhos, mas tudo com grande amor. Meu pai dizia que meu avô respeitava e amava muito a sua esposa, Verginia. Quando ela dava uma ordem a quem quer que fosse, na fazenda, todos deveriam acatar, pois o que ela dizia era lei!

Quanto à semelhança, meu pai tinha mais as características físicas de minha avó, a personalidade e o jeito de ser muito religioso dela, também.

**Que curso superior o seu pai fez? Houve apoio de seu avô?**

GRFF – Meu pai não fez curso superior porque não houve interesse da parte dele, pois meu avô nunca negou dar essa oportunidade a nenhum de seus filhos.

**Quais são as suas lembranças dos momentos em família na Fazenda Santana?**

GRFF – As mais vastas e belas lembranças que guardo comigo são as festas de família que aconteciam na fazenda Santana e principalmente as festas de Natal, onde todos se reuniam. Nunca vi sequer uma só briga ou voz alterada nesses encontros. Eram momentos únicos onde meus avós, tios, tias, primos estavam juntos para desfrutar da companhia familiar.

**Você se lembra do período em que seu avô foi prefeito de Cambará? Relate informações sobre o período/vínculos políticos.**

GRFF – Não me lembro, pois ainda não era nascida, mas os familiares e as pessoas em geral, sempre me relatam (até hoje!) que ele foi um ótimo prefeito e uma pessoa de extrema idoneidade em sua carreira política, contribuindo para o crescimento e sucesso do município .

**Como era Octavio enquanto avô?**

GRFF – Como avô de muitos netos, e eu uma das netas que nasceu por último, tenho lembranças de um avô não muito presente no cotidiano, mas quando eu estava lá na fazenda (o que não era raro), meu avô me pegava no colo e era muito carinhoso e bondoso comigo. Lembro-me dele descascando o fumo e colocando na palha seca do milho. Enrolava o cigarro de palha calmamente e eu reparava que ele tinha uma das unhas do mão que era cortada por causa de um acidente de trabalho. Nunca tive oportunidade de conversar muito com ele, pois me lembro de ele ter adoecido em minha adolescência.

**O que o seu pai te contou sobre o lado comerciante de seu avô Octavio?**

GRFF – Meu pai dizia que ele era um homem empreendedor, muito organizado em seu trabalho e que, além de dar as ordens aos seus colaboradores, também trabalhava muito.